

A romantic couple embracing on a bridge with a cityscape in the background.

HARLAN COBEN

60 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

QUE FALTA VOCÊ ME FAZ

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*



Resgatar um amor do passado nem sempre é a melhor das ideias



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



QUE FALTA VOCÊ ME FAZ



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

**HARLAN
COBEN
QUE FALTA
VOCÊ ME FAZ**



Título original: *Missing you*
Copyright © 2014 por Harlan Coben
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes
preparo de originais: Gabriel Machado
revisão: José Tedin e Marlon Magno
projeto gráfico e diagramação: Abreu's System
capa: Raul Fernandes
imagens de capa: © Mark Owen / Trevillion Images
adaptação para ebook: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C586q

Coben, Harlan, 1962-

Que falta você me faz [recurso eletrônico] / Harlan Coben [tradução de Marcelo Mendes];
São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: *Missing you*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-404-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

15-20649

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

capítulo 1

KAT DONOVAN GIROU NO banco que fora ocupado por seu pai e se levantou; preparava-se para deixar o pub O'Malley's quando Stacy disse:

– Você não vai gostar de saber o que eu fiz.

Kat imediatamente parou no meio de uma passada ao ouvir o tom de voz.

– O quê?

O O'Malley's costumava ser um típico bar de policiais, desses das antigas. O avô de Kat havia sido um freguês do lugar, assim como o pai e os colegas de ambos na polícia de Nova York. Mas agora havia se transformado num antro de mauricinhos, yuppies, farsantes e babacas de toda espécie, e o que mais se via por ali eram impecáveis camisas brancas sob ternos pretos, além de muitas barbas por fazer, dessas que foram aparadas para dar a impressão de que estavam dois dias à espera de uma gilete. Era uma gente que sorria muito, metrossexuais que esculpiam os cabelos com gel, que tomavam vodca holandesa só porque alguma agência de publicidade havia resolvido que essa era a bebida que homens de verdade tomavam.

Stacy agora passeava os olhos pelo pub. Esquivando-se. Kat não estava gostando nada daquilo.

– O que foi que você fez?

– Uau! – exclamou Stacy.

– Uau o quê?

– DVB à sua esquerda.

Kat virou o rosto para olhar.

– Localizou? – perguntou Stacy.

– Ah, sim, estou vendo.

Do ponto de vista da decoração, o bar não havia mudado muito ao longo dos anos. Claro, a velha televisão de tubo havia sido substituída por uma infinidade de aparelhos de tela plana que exibiam uma variedade talvez exagerada demais de esportes e partidas – quem realmente queria ver o jogo dos Edmonton Oilers no campeonato estadual de hóquei no gelo? –, mas, fora isso, ainda havia ali aquela vibe charmosa de bar de policiais, resquícios de uma falsa autenticidade que tinha atraído as hordas de mauricinhos e expulsado os frequentadores originais para transformar o antigo O'Malley's numa versão Epcot Center daquilo que fora um dia.

Kat era a única policial que ainda frequentava o lugar. Os outros voltavam direto para casa depois do turno ou seguiam para algum encontro dos Alcoólicos Anônimos. Mas ela ainda gostava de dar uma passada pelo pub e ocupar o antigo banco do pai com todos os fantasmas que rondavam por perto, especialmente presentes naquela noite, uma vez que o assassinato de seu pai havia voltado a assombrá-la. O que ela queria era apenas estar ali, sentindo a presença do velho e se fortalecendo com ela, por mais cafona que isso pudesse parecer.

Mas os babacas não a deixavam em paz. Era pedir demais.

O homem em questão estava usando óculos escuros às onze da noite na penumbra de um bar mal iluminado. Kat e Stacy chamavam de DVB, ou “Dá Vontade de Bater”, os infelizes que cometiam infrações de estilo e comportamento. Coisas do tipo: lenços na cabeça, gigantescos relógios brancos, carteiras presas às calças com correntes, camisas de seda desabotoadas no peito, excesso de tatuagens – sobretudo de tribais – e plaquetas de identificação militar em pessoas que nunca haviam servido.

O de óculos escuros abriu um sorriso largo para Kat e Stacy, depois ergueu seu copo à guisa de cumprimento.

– Ele gostou da gente – comentou Stacy.

– Deixe de enrolação. O que você fez que eu não vou gostar?

Quando Stacy se virou para ela, Kat pôde ver o esgar de decepção que se formou no rosto do DVB, brilhante de tanta loção supercara. Já vira isso um milhão de vezes. Os homens gostavam de Stacy. “Gostar” talvez fosse pouco, pois Stacy era uma mulher deslumbrante, dessas que deixam os homens de joelhos bambos, que metem medo de tão bonitas que são, tão quentes que derretem dentes, ossos, metal. Perto dela, os homens não só perdiam o prumo como também ficavam burros – muito, muito burros.

Por isso talvez fosse um erro andar com alguém como Stacy: os caras ficavam pensando que não tinham a menor chance com uma mulher tão bonita assim. Muita areia para o caminhão de qualquer um.

Kat, em comparação, tinha uma beleza bem menos intimidadora.

O DVB foi direto até ela, pronto para dar seu bote. Mais do que andando, parecia estar patinando na própria baba.

Stacy conteve uma risadinha.

– Isso vai ser divertido.

Na esperança de desencorajá-lo, Kat lançou para o homem um olhar de enfado e desdém. Em vão, pois o DVB prosseguiu inabalável, movendo-se ao ritmo de um *bebop* que aparentemente só ele ouvia.

– E aí, gata, por acaso seu nome é Wi-Fi?

Kat não se deu o trabalho de responder e ele continuou:

– Porque estou sentindo uma conexão entre a gente...

Stacy soltou uma gargalhada.

Kat apenas encarou o sujeito, que disse ainda:

– Eu me amarro nas miudinhas. Você é uma delícia, sabia? Deve ser daquelas bem safadinhas. Sabe o que ficaria bem em você? Eu.

– Você já conseguiu pegar alguém com *isso*? – questionou Kat.

– Ainda não terminei.

O DVB tossiu na mão fechada em punho, sacou seu iPhone e o ergueu diante de Kat.

– Parabéns, gata. Você acabou de pular para o primeiro lugar na minha lista de coisas para fazer.

Stacy adorou.

– Qual é o seu nome?

O homem arqueou as sobrancelhas.

– Pode me chamar do que quiser, gata.

– Que tal Pastel de Vento? – perguntou Kat, e afastou o blazer para mostrar a coronha da arma que trazia na cintura. – Dê o fora, senão vou ser obrigada a usar isto aqui.

– Poxa, gata, olha só o que você fez comigo. – Ele apontou para a virilha. – Agora também estou armado.

– Dê o fora, eu já disse.

– Minha atração por você é que nem diarreia. Difícil de segurar.

Kat o encarou, horrorizada.

– Fui longe demais?

– Cara, isso foi nojento.

– Aposto que essa você nunca tinha ouvido antes.

Aposta ganha.

– Se manda. *Já*.

– Tem certeza?

Faltava pouco para que Stacy caísse no chão de tanto rir.

O homem já ia saindo quando parou de repente.

– Espere um instante. Você está me testando? Pastel de Vento... Isso é um elogio, não é?

– Vaza.

Ele deu de ombros, depois se virou para Stacy. Perdido por um, perdido por mil, certamente foi o que pensou. Olhando-a de cima a baixo, falou:

– Essas pernas são compridas demais para serem de verdade. Depois falam que mentira tem perna curta... Deixe esse orgulho de lado, gata, e vem ser feliz comigo.

Stacy ainda se divertia à beça.

– Vem, Pastel, me come. Quero dar para você. Aqui. Agora.

– *Verdade?*

– Não.

O Pastel olhou novamente para Kat, que pôs a mão na coronha da arma. Resignado, o homem ergueu os braços e se afastou.

– Stacy? – chamou Kat.
– Hum.
– Por que esses caras sempre acham que podem se dar bem comigo?
– Porque você é linda e espevitada.
– Eu não sou “espevitada”.
– Não é, mas parece.
– Sêrio. Será que tenho mesmo esse ar de biscate?
– Você tem o ar de uma pessoa emocionalmente vulnerável. E isso exala no ar como se fosse... sei lá, uma espécie de feromônio ao qual os babacas não conseguem resistir.

Ambas tomaram um gole dos seus respectivos drinques.

– Mas e aí? – voltou a insistir Kat. – Do que eu não vou gostar?

Stacy olhou de volta para o Pastel.

– Me sinto mal por ele agora... De repente até merece uma rapidinha.

– Não começa.

– Por que não? – Stacy cruzou as pernas impossivelmente longas e sorriu para o Pastel, que a essa altura tinha todo o aspecto de um cachorro abandonado. – Você acha que esta saia é curta demais?

– Saia? Achei que isso aí fosse um cinto.

Stacy riu com gosto. Adorava ser o centro das atenções. Adorava seduzir os homens, pois tinha plena convicção de que, para eles, uma noite passada com ela era nada menos que um divisor de águas. Seduzir também fazia parte do seu trabalho. Stacy era proprietária de uma agência de investigações particulares com outras duas mulheres tão bonitas quanto ela. A especialidade da casa? Flagrantes em maridos infiéis. Flagrantes, não: armadilhas.

– Stacy?

– Hum?

– O que foi que você aprontou?

– Isto aqui.

Ainda flertando com o Pastel, Stacy passou a Kat um pedaço de papel. Kat franziu a testa.

KD8115

SexoSelvagem

– O que é isso?

– KD8115 é seu nome de usuário. – As iniciais de Kat e o número de sua inscrição na polícia. – E SexoSelvagem é a sua senha. Atenção às maiúsculas.

– Senha para quê?

– Um site. VocêFazMeuTipo.com.

– Ahn?

– Um site de relacionamentos.

Kat fez uma careta.

– Isso é uma piada.

– É um site sofisticado.

– Tem muita boate de striptease “sofisticada” por aí.

– Fiz uma assinatura para você. De um ano.

– Você só pode estar brincando.

– Eu não brinco. Faço uns trabalhos aí para essa empresa. Eles são muito bons. Além disso... verdade seja dita: você está precisando de alguém. Você *quer* alguém. Mas não será aqui, nesta espelunca, que vai encontrar.

Kat suspirou, levantou-se e meneou a cabeça para Pete, o barman, que tinha toda a pinta de um daqueles atores sempre escalados para interpretar o barman irlandês – o que ele realmente era. Ele fez o mesmo gesto, confirmando que colocaria os drinques na conta de Kat.

– Quem sabe você não acaba encontrando seu Príncipe Encantado nesse site? – arriscou Stacy.

Já se dirigindo para a porta, Kat respondeu:

– É mais provável que eu encontre outro Pastel de Vento.

Abrindo o VocêFazMeuTipo.com, Kat digitou o nome de usuário e informou a apimentada senha escolhida por Stacy. Franziu a testa ao ver, no topo de seu perfil, o apelido que a amiga também havia tomado a iniciativa de escolher por ela: Linda e Espevitada!

– Esqueceu de “vulnerável” – resmungou para si mesma.

Já passava da meia-noite, mas Kat era dessas pessoas que não precisavam de muitas horas de sono. Morava num endereço bem mais chique do que deveria: Rua 67 Oeste, pertinho do Central Park, no Atelier. Cem anos antes, o prédio e seus vizinhos, incluindo o famoso Hotel des Artistes, haviam abrigado um sem-número de escritores, pintores, intelectuais e artistas de toda sorte. Os espaçosos apartamentos de arquitetura antiga davam para a rua; os menores, os ateliês, ficavam nos fundos e, pouco a pouco, tinham sido transformados em residências de um quarto só. O pai de Kat, vendo os amigos enriquecerem sem fazer nada, apenas investindo em imóveis, rapidamente tratara de imitá-los, comprando por um ótimo preço o apartamento que lhe oferecera um sujeito cuja vida ele tinha salvado.

Kat ainda fazia seu bacharelado quando se mudou para lá, valendo-se de uma bolsa de estudos da Polícia de Nova York para custear as despesas na prestigiosa e caríssima Universidade Colúmbia. Segundo os planos que havia traçado para si mesma, o passo seguinte seria emendar numa especialização em direito, formar-se com louvor e trabalhar numa das principais bancas de advocacia da cidade, enfim quebrando a maldição familiar que ameaçava empurrá-la para a carreira policial.

Infelizmente, a realidade fora outra.

Uma taça de vinho tinto estava ao lado do teclado. Kat bebia muito. Sabia que se tratava de um clichê, mas às vezes os clichês tinham lá sua razão de ser. Era uma boa profissional.

Jamais bebia em serviço. Até então a bebida não havia afetado sua vida de nenhuma maneira visível, mas, se precisava dar um telefonema ou tomar alguma decisão, costumava acontecer um, bem, desastre. Com o tempo, no entanto, acabara aprendendo a desligar o celular e a ficar longe dos e-mails após as dez.

Apesar disso, lá estava ela agora, pesquisando perfis aleatoriamente num site de relacionamentos.

Seu próprio perfil contava com quatro fotos postadas por Stacy. A que encimava a página era apenas uma cabeça recortada de uma fotografia tirada no ano anterior durante um casamento em que ela havia sido madrinha. Olhando para a imagem, Kat tentou fazer uma avaliação objetiva do que estava vendo, mas não conseguiu. Detestava aquela foto. A mulher que via ali era uma pessoa insegura, de sorriso amarelo; dava a impressão de que esperava levar um tapa na cara a qualquer momento. Seguiu no torturante ritual de analisar todas as fotos e percebeu que as demais também haviam sido recortadas de outras, e em todas elas o que se via era uma mulher desconcertada, nem um pouco à vontade na própria pele.

Muito bem, chega de ver seu próprio perfil.

No trabalho, os únicos possíveis candidatos eram policiais. Ela não queria um policial. Policiais eram ótimas pessoas e péssimos maridos. Disso ela sabia muito bem. Quando sua avó entrou em estado terminal, o marido, incapaz de lidar com aquilo, fugiu, voltando apenas quando... bem, quando já era tarde demais. Jamais se perdoara pelo que havia feito. Ou pelo menos era isso que Kat pensava. Embora tivesse sido um herói para muita gente, o velho se acovardara diante da pessoa que mais amava na vida. Como conviver com uma lembrança dessas? O revólver que ele usava no trabalho se achava no mesmo lugar de sempre, escondido num dos armários da cozinha. Certa noite, não aguentando mais, ele pegara a arma da prateleira, sentara à mesa da cozinha e...

Fim de linha.

O pai de Kat também tinha o hábito de sumir no mapa de tempos em tempos. Sua mãe ficava radiante sempre que isso acontecia, o que tornava a situação ainda mais escabrosa. Ora ela inventava que o marido estava numa missão secreta, ora ignorava por completo o sumiço, certa de que dali a alguns dias, no máximo uma semana, ele daria as caras de novo, perfeitamente barbeado, com um sorriso estampado no rosto, um buquê de rosas vermelhas nas mãos, e todos agiriam como se nada tivesse acontecido.

VocêFazMeuTipo.com. Ela, a linda e espevitada Kat Donovan, estava navegando num site de relacionamentos. Puxa vida. Não era bem esse o seu plano nos tempos de faculdade. Pegou a taça de vinho, ergueu-a num brinde ao computador e tomou um copioso gole da bebida.

Era triste que o mundo atual não fosse mais propício ao encontro de um parceiro de vida. Sexo? Isso, sim, era fácil. Sexo era o que no fundo as pessoas buscavam nos encontros, um assunto não discutido, mas obviamente de grande importância. Kat apreciava os prazeres da carne tanto quanto qualquer outra mulher de sua idade, mas sabia que, indo com alguém para a cama cedo demais, a despeito da qualidade do sexo, as chances de um relacionamento de

longo prazo ficavam irremediavelmente prejudicadas. Não se tratava de um julgamento moral. As coisas eram assim e ponto final.

O computador apitou e uma mensagem pipocou na tela:

Encontramos alguns perfis compatíveis com o seu! Clique aqui para conhecer alguém que pode ser perfeito para você!

Kat terminou o vinho. Cogitou servir-se de uma segunda taça, mas achou que já estava de bom tamanho. Fazendo um rápido exame de consciência, admitiu que queria, sim, uma pessoa na sua vida. Precisava ter coragem para admitir isso para si mesma. Por mais que apreciasse a própria independência, ela queria um homem a seu lado, um companheiro, alguém na cama todas as noites. Não ficava se lamentando, tampouco forçava a barra para encontrar alguém. Mas sabia que não era talhada para ficar sozinha.

Ela começou a examinar os perfis. Quem não arrisca não petisca, certo?

Patético.

Bastava uma rápida olhada na foto para que alguns dos candidatos fossem eliminados de cara, literalmente. Pensando bem, talvez não houvesse nada mais importante do que uma boa foto de perfil. A imagem que cada um daqueles homens havia selecionado com tanto critério era responsável pela primeira impressão que se tinha deles. Valia mais que mil palavras.

Se o cara se mostrava usando um chapéu, estava automaticamente fora de cogitação. Sem camisa, por mais malhado que fosse, descartado também. Se tinha um fone Bluetooth no ouvido – “Uau, como eu sou importante!” –, fora também. Se tinha um tufo de pelos sob o lábio inferior, se vestia um colete, se piscava, se fazia gestos, se usava uma camisa cor de laranja – preconceito pessoal –, se estava com óculos escuros no alto da cabeça... fora, fora, fora, automaticamente fora. Se o apelido escolhido era alguma coisa como BondCama, SorrisoSexy, RicoBoaPinta, MetralhadoradeMulheres... Aí, então, nem pensar.

Kat examinou alguns dos perfis em que os caras pareciam... razoáveis. Lendo as pequenas biografias, constatou que apresentavam uma deprimente semelhança. Todos naquele site pareciam gostar de caminhadas na praia, restaurantes, academia, viagens para destinos exóticos, vinhos, teatro, museus, vida ativa, riscos e aventuras. Mas também gostavam de ficar em casa tomando café, lendo um bom livro, vendo bom filme na TV, jogando conversa fora, cozinhando e curtindo os prazeres simples da vida. Todos diziam que a principal qualidade que buscavam numa mulher era o senso de humor – ah, claro –, de tal modo que, em dado momento, Kat chegou a pensar se “senso de humor” era um novo eufemismo para “peitos grandes”. E, óbvio, todos escolhiam como tipo físico preferido as magras, atléticas e curvilíneas.

Isso era bem mais próximo da verdade e, por isso mesmo, até mais aceitável.

A maioria dos perfis era pura ficção. Em vez de apresentarem as pessoas como elas realmente eram, refletiam o que elas *pensavam ser* ou o tipo de parceiro que *acreditavam ser*.

O mais provável, no entanto, era que fossem uma imagem daquilo que elas *queriam ser* – um prato cheio para qualquer psicanalista.

As frases de efeito também estavam por toda parte. Se ela tivesse que usar uma palavra para resumi-las, seria “melosas”. Coisas como “Todas as manhãs, a vida é uma tela em branco esperando para ser pintada”. Também havia aqueles que, em busca de uma pessoa honesta, alardeavam quase histericamente a própria honestidade. Outros fingiam sinceridade. Outros tantos eram pretensiosos, fanfarrões, inseguros ou carentes. Assim como na vida real, refletiu Kat. A maioria forçava uma barra. O fedor do desespero praticamente se desprendia da tela do computador em sucessivas baforadas de perfume barato. A constante ladainha da “carametade” era, na melhor das hipóteses, desanimadora. Na vida real, Kat pensou ainda, encontrar uma pessoa com quem queríamos sair mais de uma vez era quase o mesmo que ganhar na loteria, mas, por algum motivo, as pessoas acreditavam que, num site como Você Faz Meu Tipo, era possível achar a pessoa com a qual gostariam de dividir uma vida inteira.

Delírio? Ou a esperança era mesmo a última a morrer?

Esse era o lado B das coisas. Era muito fácil resvalar para o cinismo e a zombaria, mas bastava recuar um pouco para que se tivesse uma visão que lhe dava uma pontada no coração: cada um daqueles perfis era uma vida. Algo óbvio, mas a verdade era que, do outro lado de todo aquele amontoado de clichês, de todas aquelas súplicas de afeto e admiração, havia outro ser humano essencialmente idêntico, com seus sonhos, desejos e aspirações. Aquelas pessoas não se cadastraram no site, pagaram uma taxa e preencheram os perfis só porque não tinham nada melhor para fazer. Eram pessoas solitárias que, a cada noite, digitavam sua senha e iam clicando em perfis na esperança de que, daquela vez, fosse diferente, de que enfim encontrassem, por mais ínfimas que fossem as chances, a pessoa mais importante de suas vidas.

Uau, pensou Kat, e se deu alguns minutos para digerir a ideia.

Dali a pouco, ainda um tanto perdida nos próprios pensamentos, ela seguiu clicando nos diversos perfis, mas com displicência e excessiva rapidez, as fotos se misturando num mesmo e indistinto borrão, até que vislumbrou a foto *dele*.

Por um segundo, talvez dois, seu cérebro teve dificuldade para acreditar no que os olhos tinham visto. Outro segundo foi preciso para que o dedo parasse de clicar no mouse, e mais outro para que as fotos de perfil parassem gradualmente de rolar na tela.

Kat respirou fundo. Não podia ser.

Ela vinha navegando tão depressa, pensando nos homens que existiam do outro lado das imagens, na vida deles, nas carências e esperanças. A cabeça vinha funcionando a mil por hora, divagando, atentando apenas superficialmente para o que se passava na tela, mas ainda assim tendo uma visão panorâmica. Como policial, essa visão lateral das coisas era ao mesmo tempo uma vantagem e um fraqueza. Permitia que ela enxergasse todo o leque de possibilidades, de rotas de fuga, de cenários alternativos, bem como a realidade que se escondia atrás dos obstáculos, dos subterfúgios e das ambiguidades.

Mas havia momentos em que essa mesma capacidade lhe impedia de enxergar o óbvio.

Lentamente, ela foi clicando na seta de voltar, retornando aos perfis anteriores.

Não, não podia ser ele.

A imagem não passara de um vislumbre. Depois de toda aquela ruminação sobre o amor verdadeiro, a cara-metade, a pessoa com quem ela gostaria de passar o resto da vida... nada mais natural que a imaginação lhe pregasse semelhante peça. Dezoito anos já haviam se passado. Por vezes, quase sempre estimulada pelo álcool, ela tinha pesquisado o nome dele no Google, mas não encontrara nada além de algumas matérias mais antigas que ele havia escrito. Nada mais recente. Isso a deixava com a pulga atrás da orelha, pois Jeff era um ótimo jornalista. No entanto, o que mais ela poderia fazer? Certa vez, ficara tentada a fazer uma investigação mais profunda. Não seria difícil levantar a ficha dele, mas também não seria correto abusar de sua posição para fins pessoais. Também poderia ter recorrido aos serviços de Stacy, mas... para quê, afinal?

Jeff era passado.

Investigar a vida de um ex-caso, ainda que fosse com uma simples pesquisa no Google, era o que havia de mais patético. Tudo bem, Jeff era mais do que um ex-caso. Muito mais. Inconscientemente, Kat tocou o anular da mão direita. Sem aliança. Mas nem sempre fora assim. Jeff tinha cumprido à risca todo o ritual de um pedido de casamento. Consultara o sogro antes de qualquer outra coisa. Ajoelhara-se diante dela, mas sem nenhum espalhafato adicional. Nada de alianças escondidas em sobremesas ou mensagens no placar eletrônico do Madison Square Garden. Fizera um pedido classudo, romântico e tradicional, pois sabia que essa era a vontade dela.

Os olhos dela começaram a marejar.

Kat seguiu voltando os perfis, naquele pot-pourri de rostos e estilos de cabelo, naquela ONU de possíveis candidatos a marido. Mas parou de repente e ficou olhando para a tela como se receasse prosseguir, mal conseguindo respirar.

Um gemido lhe escapou dos lábios.

Todo o sofrimento do passado voltou à tona num piscar de olhos e ela agora sentia no peito as mesmas pontadas de dezoito anos antes, como se Jeff tivesse acabado de sair pela porta às suas costas. Kat ergueu a mão trêmula e tocou o rosto dele na tela.

Jeff.

Ainda tão lindo, o filho da puta. Tinha envelhecido um pouco, os cabelos ficando grisalhos nas têmporas, mas, puxa, como lhe caíam bem aquelas mechas. O que não chegava a ser nenhuma surpresa. Kat sempre tivera a convicção de que Jeff era daqueles que ficariam cada vez mais bonitos com a idade. Ela acariciou o rosto dele, uma lágrima já escorrendo.

Caramba.

Achou que precisava se recompor, recuar um passo e ver as coisas com um pouco mais de perspectiva, mas as paredes rodavam à sua volta e não havia nada que ela pudesse fazer a

respeito. Voltando a mão ainda trêmula para o mouse, clicou sobre a foto de perfil para ampliá-la.

Jeff usava uma camisa de flanela com as mãos enterradas nos bolsos da calça jeans, os olhos de tal modo azuis que alguém poderia procurar em vão pelos contornos de um par de lentes. Tão lindo, tão absurdamente lindo. Estava em plena forma física. Ao constatar isso, Kat sentiu mais uma pontada nas profundezas de seu ser. Arriscou uma olhadela na direção do quarto. Já morava naquele apartamento à época de Jeff. Outros homens haviam passado por sua cama depois dele, mas nenhum tinha conseguido lhe dar o mesmo prazer que o noivo, nem chegaram perto disso. Ela sabia que isso não soava bem, mas é que, com Jeff, todas as partes de seu corpo pareciam cantarolar de alegria. Não se tratava de uma técnica especial, tampouco de tamanho. O que fazia a diferença no sexo com Jeff era a confiança, por menos erótico que isso pudesse parecer. Era a confiança que tinha nele que fazia a cama incendiar. Kat se sentia segura nos braços do noivo. Sentia-se uma mulher bonita, resoluta, corajosa, livre. Às vezes, ele gostava de brincar com ela, tentava controlá-la, impunha sua vontade, mas jamais fazia com que Kat se sentisse vulnerável ou insegura.

Ela nunca mais havia conseguido se entregar a outro homem da mesma maneira.

Kat engoliu em seco e abriu o resto do perfil. Sua mensagem pessoal era curta e perfeita: Vamos ver no que vai dar.

Nenhuma pressão, nenhum plano grandioso. Nenhuma pré-condição, nenhuma garantia, nenhuma expectativa absurda.

Vamos ver no que vai dar.

Automaticamente, ela correu os olhos para o campo de estado civil. Ao longo dos últimos dezoito anos, perguntara-se um milhão de vezes o que teria sido feito de Jeff, portanto a primeira dúvida era a mais natural de todas: se ele agora estava frequentando um site de relacionamentos, o que teria acontecido à sua vida sentimental?

Pensando bem, o que teria acontecido à vida *dela*?

Estado civil: Viúvo.

De novo, uau.

Ela tentou imaginar a sequência dos fatos: Jeff levando uma mulher para o altar, construindo uma vida com ela, amando-a e, a certa altura, perdendo-a para a morte. Difícil de digerir. Pelo menos por enquanto. Sua mente bloqueava. Tudo bem. Vamos lá, então. De nada adiantava ficar ruminando aquilo.

Outro susto logo em seguida: Um filho.

Não informava a idade ou o sexo do filho, mas isso não fazia a menor diferença. Cada revelação, cada fato novo a respeito do homem por quem ela fora profundamente apaixonada abalava seu mundo. Jeff tinha vivido toda uma vida sem ela. Mas por que ela estava surpresa? Queria o quê? O término da relação entre eles havia sido ao mesmo tempo repentino e inevitável. Ele é que fora embora, mas a culpa tinha sido dela. De um segundo a outro, ele não estava mais lá, assim como a vida e o futuro que ela carinhosamente planejava.

Mas agora ele estava de volta, um entre os cem, talvez duzentos homens cujos perfis ela havia aberto até então.

A pergunta era: o que ela ia fazer?

capítulo 2

FALTAVAM POUCAS HORAS PARA que Gerard Remington pedisse Vanessa Moreau em casamento quando o mundo mergulhou na escuridão.

Como tudo em sua vida, o pedido havia sido meticulosamente planejado.

Primeiro passo: após uma extensa pesquisa, ele tinha comprado o anel de noivado – 2,93 quilates, lapidação francesa, nível VVS1 de pureza, cor F, aro de platina, um halo de pedras menores em torno do diamante central – das mãos de um renomado joalheiro do Distrito dos Diamantes de Manhattan, na Rua 47 Oeste, não naquelas lojas maiores, de preços exorbitantes, mas num simples balcão de fundos numa esquina da Sexta Avenida.

Segundo passo: o voo 267 da JetBlue sairia às 7h30 da manhã do aeroporto Logan de Boston e pousaria às 11h31 em St. Maarten, onde ele e Vanessa tomariam um teco-teco para chegar à ilha de Anguilla às 12h45.

Terceiro passo, quarto passo, etc.: eles se instalariam num dos chalés de dois andares do Viceroy, com vista para a baía de Meads, depois dariam um mergulho na piscina de borda infinita, fariam amor, tomariam um banho e se vestiriam para jantar no Blanchards. A reserva já estava feita para as 19h e Gerard havia telefonado de antemão para garantir que eles tivessem na casa o vinho preferido de Vanessa: um Château Haut-Bailly Grand Cru Classé 2005, um bordeaux da appelação Pessac-Léognan. Consultara o calendário de fases e sabia que a lua estaria praticamente cheia naquela noite. A uns 200 metros mais adiante na praia – ele tinha pedido que medissem a distância –, havia um abrigo de telhado de palha que, durante o dia, era usado para o aluguel de snorkels e esquis. À noite, não ficava ninguém ali. Um florista local fora incumbido de decorar a varanda dianteira com 21 copos-de-leite brancos – a flor preferida de Vanessa na quantidade de semanas desde que eles haviam se conhecido. Um quarteto de cordas tocaria “Somewhere Only We Know”, da banda Keane, a música dele e de Vanessa. Por fim, como ambos eram apegados às tradições, Gerard se ajoelharia e faria o pedido. Ele podia imaginar com nítida clareza a reação de Vanessa. Ela ofegaria, surpresa. Os olhos se encheriam de água. Ela levaria as mãos ao rosto, ao mesmo tempo perplexa e radiante.

“Você entrou no meu mundo para mudá-lo definitivamente”, diria Gerard. “Como o mais eficiente dos catalisadores, você pegou esse naco amorfo de argila e o transformou em algo muito mais forte, muito mais feliz, muito mais cheio de vida do que eu jamais havia julgado possível. Eu te amo. Eu te amo com todas as forças do meu ser. Tudo em você me encanta. Seu

sorriso trouxe cor e textura para a minha vida. Neste mundo não existe mulher mais linda e mais apaixonante do que você. Vanessa, você aceita me fazer o homem mais feliz do mundo e se casar comigo?”

Gerard ainda vinha lapidando o texto – queria que ficasse perfeito – quando tudo aconteceu. Mas cada palavra daquele esboço era verdadeira. Ele realmente amava Vanessa. Era louco por ela. Nunca havia sido um homem romântico. Ao longo de sua vida, as pessoas tinham o hábito de desapontá-lo. A ciência, não. A bem da verdade, contentava-se com a solidão, lutando contra micróbios e micro-organismos, desenvolvendo novos remédios e contra-agentes que pudessem vencer aquelas batalhas. Adorava quando ficava sozinho em seu laboratório na Benesti Pharmaceuticals, debatendo-se com alguma equação ou fórmula no quadro-negro. Era um cientista *old school*, como diziam os amigos. Gostava dos quadros-negros. Achava que o ajudavam a pensar. O cheiro de giz, a poeira, a sujeira nos dedos, a facilidade de apagar as coisas... Porque, na ciência, quase nada era permanente. Era nesses momentos de solidão que Gerard se sentia mais contente.

Contente, mas não feliz.

Vanessa havia sido o primeiro acontecimento em sua vida que o deixara de fato feliz.

Ele abriu os olhos e pensou nela. Tudo se elevava à décima potência com Vanessa. Nenhuma outra mulher tivera sobre ele o mesmo efeito, nem mental nem emocionalmente. E muito menos fisicamente. Nenhuma outra mulher chegava aos pés da sua Vanessa.

Diante daquela escuridão, achou que ainda estivesse em casa, mas o frio era demais. Ele sempre mantinha o termostato ajustado nos 22,5 graus. Sempre. Vanessa costumava zombar dele por causa do excesso de precisão. Ao longo da sua vida, alguns viam naquela necessidade de ordem um tipo de fixação anal ou até mesmo um pouco de TOC. Vanessa, no entanto, o compreendia. Admirava o jeito dele, achava até que se tratava de um bônus. “É isso que faz de você um cientista tão brilhante e um homem tão carinhoso.” Ela expôs sua tese: “As pessoas que hoje colocamos no panteão das artes, da ciência e da literatura eram os malucos da sua época. Mas agora, com todos esses diagnósticos e medicações que surgem a cada dia, as pessoas são dopadas de volta à uniformidade, ficam todas iguais umas às outras. A genialidade vem daquilo que é incomum.”

“E você me acha incomum?”, ele havia perguntado.

“Da melhor maneira possível, meu amor.”

No entanto, por mais que se regaliasse com aquela lembrança, Gerard não pôde deixar de estranhar o cheiro à sua volta. Um bolor, uma umidade que lembrava...

Terra. Terra fresca.

Subitamente, foi tomado pelo pânico. Ainda no breu total, tentou erguer as mãos para o rosto, mas não conseguiu. Algo prendia seus pulsos. Uma corda. Não, algo mais fino que uma corda. Um arame, talvez. Tentou mover as pernas. Elas também estavam amarradas. Contraíndo os músculos do abdômen, conseguiu lançar as pernas para o alto, mas elas atingiram alguma coisa. De madeira. Logo acima dele. Como se ele estivesse...

Gerard estremeceu de medo.

Onde ele estava? Onde estava Vanessa?

– Tem alguém aí? – berrou. – *Tem alguém aí?*

Tentou se sentar, mas o peito estava imobilizado por um cinto. Não havia como se mexer. Tentou esperar que os olhos se acostumassem ao breu, mas não teve paciência.

– Alguém me ajuda! Socorro!

De repente, ouviu alguma coisa. Logo acima dele. Um arranhar, arrastar... Seriam passos?

Alguém parecia estar caminhado acima dele.

Gerard começou a raciocinar. Escuridão. Cheiro de terra. A resposta era evidente, embora não fizesse nenhum sentido.

Estou debaixo da terra, concluiu. Enterrado ou soterrado.

Foi aí que ele realmente começou a gritar.

capítulo 3

KAT NÃO ADORMECEU. Ela apagou.

Na manhã seguinte, assim como em todos os outros dias úteis da semana, foi despertada às seis horas por uma música aleatoriamente escolhida por seu iPod: naquele dia, “Bulletproof Weeks”, de Matt Nathanson. Não passava despercebido o fato de que ela ainda dormia na mesma cama que havia dividido com Jeff durante todos aqueles anos. O quarto ainda tinha a *boiserie* da época. O ex-proprietário, um violinista da Filarmônica de Nova York, decidira transformar os 60 metros quadrados do apartamento num arremedo de barco, forrando as paredes de madeira escura e colocando escotilhas no lugar das janelas. Ela e Jeff costumavam rir daquilo, volta e meia fazendo alguma piadinha ridícula do tipo “É hoje que esse barco vai virar!” ou “Cadê o bote salva-vidas?”.

O amor torna algo entediante em relativamente palatável.

– Este lugar... – costumava dizer Jeff. – Não tem nada a ver com você.

Naturalmente, ele via a noiva universitária como uma pessoa bem mais alegre e solar do que a escuridão deprimente daquele pseudobarco, mas agora, dezoito anos depois, quem visse o tal apartamento acharia que ele encaixava muito bem com ela. Dizem que marido e mulher acabam ficando parecidos ao longo de um longo casamento; da mesma forma, Kat dava a impressão de que havia mimetizado seu triste entorno.

Ela cogitou contar mais alguns carneirinhos na cama, mas a aula começaria em quinze minutos. Aqua, o diminuto e esquizofrênico travesti que fazia as vezes de professor, jamais perdoava faltas que não se justificassem com um atestado de óbito. Além disso, era bem provável que Stacy estivesse por lá, e ela não via a hora de colocar a amiga a par dos últimos acontecimentos.

Kat vestiu sua malha de ioga, pegou uma garrafinha de água e já saía na direção da porta quando viu o computador esquecido sobre a mesa.

Que mal haveria em dar uma rápida espiada?

O Você Faz Meu Tipo continuava aberto, mas ela já havia sido automaticamente desconectada em razão do longo período de inatividade. Eles anunciavam uma “excelente oferta introdutória” para “novos usuários” – quem mais faria jus a uma oferta introdutória? –: um mês de acesso ilimitado – fosse lá o que isso significasse – por apenas 5,74 dólares “discretamente debitados em seu cartão de crédito” (ahn?). Por sorte, Stacy já tinha pago um ano inteiro. Oba.

Kat entrou de novo no site. Deparou com as mensagens de alguns pretendentes, mas ignorou-as por completo. Foi direto para a página de Jeff, que, claro, ela havia incluído na sua lista de favoritos.

Apertou o botão de ENVIAR MENSAGEM. Os dedos permaneceram imóveis sobre o teclado.

O que ela poderia dizer?

Nada. Pelo menos não naquele momento. Precisava pensar e o tempo estava se esgotando. A aula já ia começar. Ela balançou a cabeça, levantou-se e desceu para a rua. Como fazia todas as segundas, quartas e sextas, foi correndo pela Rua 72 e entrou no Central Park. O prefeito do Strawberry Fields – como era conhecido o artista performático que, quase todo dia, fazia arranjos florais sobre o mosaico de John Lennon e vivia das gorjetas dos turistas – já começava o novo trabalho do dia. Estava ali quase sempre, mas nunca tão cedo.

– Bom dia, Kat – cumprimentou ele, e lhe entregou uma rosa.

– Bom dia, Gary – disse Kat, recebendo a flor.

Apressando-se, seguiu pelo terraço de Bethesda. O Lago ainda estava tranquilo – nenhum barco à vista –, mas, no centro, a fonte cintilava feito uma cortina de contas de cristal. Kat tomou o caminho à sua esquerda e alcançou a gigantesca estátua de Hans Christian Andersen. Tyrell e Billy, os mesmos dois sem-teto que se sentavam ali todas as manhãs – se é que realmente não tivessem um teto, pois nada impedia que morassem no San Remo e se vestissem assim apenas por vontade própria –, estavam, como sempre, jogando seu poquerzinho.

– A bunda está ótima hoje, hein? – comentou Tyrell.

– A sua também – retrucou Kat.

Adorando a brincadeira, Tyrell ficou de pé, rebolou de forma provocativa e deixou as cartas caírem quando resolveu bater a mão espalmada na mão de Billy. O companheiro o repreendeu:

– Recolhe isso aí, anda!

– Calma, meu amigo – disse Tyrell, e acrescentou para Kat: – Indo para a aula?

– Sim. Quantas pessoas hoje?

– Oito.

– A Stacy já passou por aqui?

Bastou a menção do nome de Stacy para que os dois homens tirassem o chapéu para levar ao peito num gesto de reverência.

– Deus misericordioso... – resmungou Billy.

Kat franziu a testa para ele e Tyrell enfim respondeu:

– Até agora, não.

Dobrando à direita, Kat circundou o Conservatory Water. Havia corridas de nautimodelismo já cedo. Do outro lado da casa de barcos, ela encontrou Aqua sentado de pernas cruzadas no chão. Ele estava de olhos fechados. Filho de pai afro-americano e mãe judia, gostava de descrever seu tom de pele como “*mocha latte* com um pouco de chantilly”.

Tinha um corpo miúdo, superflexível, e estava completamente imóvel, algo inimaginável para o garoto hiperativo que Kat havia conhecido muitos anos antes.

– Você está atrasada – comentou ele sem abrir os olhos.

– Como é que você faz isso?

– Isso o quê? Ver você com os olhos fechados?

– É.

– Um truque secreto dos mestres de ioga. Chama-se “espiar”. Vai, senta aí logo.

Kat obedeceu. Stacy apareceu dali a um minuto, mas Aqua não lhe disse absolutamente nada. As aulas costumavam ocorrer no amplo gramado central do parque, mas, quando Stacy se integrou ao grupo e começou a demonstrar sua flexibilidade em público, os homens ficaram bastante interessados na ioga ao ar livre. Aqua não havia gostado nada disso e decretara que as aulas matinais eram exclusivamente para mulheres, passando a dá-las do outro lado da casa de barcos. O “lugar cativo” de Stacy ficava bem rente à parede, a fim de obstruir o campo de visão de qualquer marmanjo a distância.

Aqua foi conduzindo as duas por uma série de ássanas. Todas as manhãs, fizesse sol, chuva ou neve, ele dava sua aula naquele mesmo lugar. Não cobrava uma taxa fixa; as pessoas lhe davam o que julgavam ser uma quantia justa. Era um excelente professor: didático, gentil, estimulante, sincero, engraçado. Corrigia uma postura Adho Mukha ou Guerreiro 2 com o mais sutil dos toques e tudo se endireitava por dentro.

Na maioria das vezes, Kat se entregava por completo aos exercícios. O corpo trabalhava duro. A respiração ficava mais lenta. A mente se aquietava. No dia a dia, ela comia mal, bebia regularmente e fumava seu charuto de vez em quando. O trabalho podia ser um pico de toxina. Mas ali, com a voz suave de Aqua, tudo se diluía num profundo oceano de paz e tranquilidade.

Não naquele dia.

Ela tentava se entregar ao momento, perder-se naquela cantilena zen que ficava ridícula na boca de qualquer outra pessoa que não fosse Aqua, mas o rosto de Jeff – aquele rosto que ela conhecia tão bem e que voltara a ver havia tão pouco – insistia em assombrá-la. Aqua já tinha percebido que ela estava distraída. Observando-a com atenção, postara-se ao lado dela e ali ficara apenas para corrigir as poses, em silêncio.

Ao fim das aulas, com as alunas na postura do relaxamento, Aqua as enfeitiçava com suas instruções. Cada parte do corpo delas ia obedecendo às palavras dele, a cabeça vagando pelo nada. Em seguida, ele lhes desejava um dia especialmente abençoado. As alunas ainda continuavam ali por algum tempo, respirando fundo, reanimando devagar os músculos formigantes. Quando abriam os olhos, tal como Kat fazia agora, Aqua já não estava mais lá.

Voltando à vida, as alunas foram se levantando aos poucos para recolher seus tapetinhos, incapacitadas até de falar. Stacy foi ao encontro de Kat e elas seguiram juntas para uma caminhada em torno do lago de nautimodelismo.

– Lembra daquele cara com quem eu estava mais ou menos saindo? – perguntou Stacy.

– Patrick?

- Ele mesmo.
- Parecia um cara bacana.
- É, mas... tive que botar para correr. Descobri uma coisa gravíssima a respeito dele.
- O quê?
- O cara faz spinning.

Kat revirou os olhos.

- Poxa, Kat, o cara faz *spinning*. Daqui a pouco vai fazer o quê? Exercícios de fortalecimento vaginal?

Era divertido caminhar com Stacy. Depois de um tempo, nem se notavam mais os olhares indiscretos e os assobios dos homens que iam passando por ela. Não que fosse preciso fazer um esforço deliberado para ignorá-los. Eles simplesmente deixavam de existir. Caminhar ao lado de Stacy era o mais próximo que Kat chegaria de um exercício de camuflagem.

- Kat?
- Oi.
- Você não vai me dizer o que está acontecendo?

Nesse momento, um grandalhão de academia, desses que têm as veias estufadas e os cabelos emplastrados de gel, parou diante de Stacy e baixou os olhos para os peitos dela.

- Isso, sim, é um para-choque de resposta.
- Stacy parou também e baixou os olhos para a virilha dele.
- Isso, sim, é uma mala pequena.
- E cada um foi para seu lado.

Ok, a verdade era que nem todos deixavam de existir. Stacy reagia de maneiras diferentes a cada tipo de abordagem. Detestava os atirados, os cafonas e os grosseiros de modo geral. Mas os tímidos, os que simplesmente admiravam o que estavam vendo, bem, para esses ela sempre dava uma colher de chá. Ora sorria de volta, ora acenava, do mesmo modo que fazem as celebridades quando querem ser simpáticas com os fãs.

- Ontem à noite entrei naquele site – enfim revelou Kat.
- Stacy sorriu.
- Já?
 - Pois é.
 - Uau. Você foi rápida no gatilho. Então, encontrou alguém?
 - Não exatamente.
 - O que aconteceu?
 - Encontrei meu ex-noivo.

Stacy estacou e arregalou os olhos.

- *Como é que é?*
- O nome dele é Jeff Raynes.
- Você já teve *um noivo*?
- Muito tempo atrás.

– Mas... noivo? Você? Tipo aliança e tudo?
– Por que tanta surpresa?
– Sei lá. Quer dizer, quanto tempo faz que a gente se conhece?
– Uns dez anos.
– Pois é. Nunca vi você minimamente interessada por ninguém, como se tivesse alergia ao amor.

Kat meio que deu de ombros
– Eu tinha 22 anos.
– Caramba. Nem sei o que dizer. Você. Noiva.
– Será que dá pra gente pular essa parte?
– Tudo bem, desculpa. Quer dizer então que ontem à noite você viu o perfil do cara naquele site?

– Exatamente.
– E disse o quê?
– Disse o quê para quem?
– Para o tal do Jeff, ora!
– Nada.
– Nem um alô?
– Não.
– Por que não?
– Ele me largou.
– Um noivo... – Stacy balançou a cabeça. – Por que você nunca me falou desse cara antes? Sei lá, estou me sentindo meio traída.

– Traída por quê?
– Não sei. Quer dizer... Sempre achei que, nessa questão de amor, você fosse tão cínica quanto eu.

Kat retomou a caminhada.

– Como você acha que eu me tornei cínica?
– *Touché*.

Elas ocuparam uma mesa no Le Pain Quotidien do Central Park, mais ou menos na altura da Rua 69 Oeste, e pediram café.

– Desculpa, de verdade – disse Stacy.

Kat abanou a mão, como se não se importasse.

– Inscrevi você naquele site porque queria que desse uma trepada. Só Deus sabe quanto você anda precisando de uma. Você e a maioria das mulheres que eu conheço.

– É isso que você entende por um pedido de desculpas? – questionou Kat.

– Minha intenção não era trazer de volta lembranças ruins.

– Não se preocupe. Estou bem.

Stacy fitou-a com ceticismo.

– Quer se abrir comigo? Claro que quer! Além do mais, eu estou morrendo de curiosidade. Me conte tudo.

Kat desfiou toda a história de Jeff. Contou como eles tinham se conhecido na Universidade Colúmbia, como haviam se apaixonado, falou sobre a certeza de que aquele amor seria para sempre, já que tudo era fácil entre eles, tudo era certo, depois o pedido de casamento, a reviravolta causada pelo assassinato do pai dela, a necessidade de isolamento, o término da relação quando Jeff fora embora, a fragilidade e, talvez, o orgulho que a impediram de correr atrás do noivo.

Terminado o relatório, Stacy disse:

– Uau.

Kat tomou um gole de café.

– E agora, quase vinte anos depois, você reencontra o cara num site de relacionamentos...

– Pois é.

– Solteiro?

Kat franziu a testa.

– São pouquíssimos os casados nesse site.

– Claro, claro. Então, qual é a dele? Divorciado? Ele fica sentado em casa se remoendo que nem você?

– Eu não fico me remoendo – retrucou Kat, e acrescentou: – Ele é viúvo.

– Uau.

– Pare de falar “uau”. Quantos anos você tem? Sete?

Stacy ignorou o rompante.

– O nome dele é Jeff, certo?

– Certo.

– Então, quando esse Jeff se mandou, você ainda era apaixonada por ele?

Kat engoliu em seco.

– Era, claro.

– Você acha que ele ainda amava você também?

– Pelo que tudo indica, não.

– Pare com isso, mulher. Pense bem. Esquece, só por um segundo, que o cara deu um pé na sua bunda.

– Sei não, acho que não vai dar. Sou daquelas para quem “os gestos falam mais do que mil palavras”.

Inclinando-se na direção dela, Stacy disse:

– São poucas as pessoas neste mundo que conhecem o lado B do amor e do casamento melhor do que esta que vos fala. Você sabe disso, certo?

– É, eu sei.

– A gente aprende muita coisa sobre os relacionamentos quando o nosso trabalho é, de certo modo, acabar com eles. Mas a verdade é que quase todos os relacionamentos têm os

seus pontos fracos. Todos têm as suas fissuras, as suas rachaduras. Isso não quer dizer que eles sejam um mau negócio, uma perda de tempo, nada disso. A gente já viveu o bastante para saber que tudo na vida é complexo. Não existe preto nem branco, mas um monte de tons de cinza. Apesar disso, a gente sempre espera que o relacionamento seja qualquer outra coisa, menos complexo.

– Tudo isso é verdade. Mas ainda não entendi aonde você quer chegar.

Stacy se aproximou ainda mais.

– Quando você e o Jeff terminaram, ele ainda era apaixonado por você? E não me venha com essa história de gestos que falam mais alto. Ele ainda a amava?

Foi então que, praticamente sem refletir, Kat respondeu:

– Sim.

Stacy encarou a amiga por alguns segundos.

– Kat?

– O que foi?

– Você está careca de saber que não sou uma pessoa religiosa, mas isso está parecendo sabe o quê? Essas coisas de destino, de carma, sei lá.

Kat tomou mais um gole do café.

– Você e o Jeff são solteiros. Ambos estão livres. Têm até uma ferida em comum.

– “Emocionalmente vulnerável”... – lembrou Kat.

Stacy refletiu um instante.

– Não, não foi isso que eu quis... Quer dizer, foi, sim. Pelo menos em parte. “Vulnerável” não é bem a palavra certa. “Realista” talvez seja melhor. – Stacy sorriu e olhou para longe. – Caramba...

– O que foi?

Ainda sorrindo, Stacy virou-se para Kat.

– Isso até podia ser um conto de fadas.

Kat ficou em silêncio.

– Só que melhor. Você e o Jeff se amaram no passado, não foi?

Kat permaneceu muda.

– Você não está vendo? Vocês podem mergulhar nisso com os olhos bem abertos. Até podem construir um conto de fadas, mas com um pé na realidade, entende? Enxergando as fissuras da relação, os pontos fracos. Já com uma bagagem de vida nas costas. Com mais experiência. Com expectativas mais realistas. Uma perspectiva sobre os erros cometidos no passado. Kat, preste atenção. – Stacy tomou as mãos da amiga entre as suas quando viu que ela chorava. – Desta vez pode ser bom. Muito bom.

Kat ainda não conseguia dizer uma palavra sequer; não confiava na própria voz. Não queria pensar naquilo. No entanto, entendia perfeitamente o que Stacy tinha dito.

– Kat?

– Quando chegar em casa, vou mandar uma mensagem para ele.

capítulo 4

SOB A DUCHA DO chuveiro, Kat ficou pensando no que escrever em sua mensagem para Jeff. Ruminou uma dezena de possibilidades, cada uma pior que a outra. Detestava sentir-se assim. Detestava preocupar-se com o que escrever para um homem, como se ainda estivesse no colégio e quisesse deixar um bilhete no armário de um gatinho. Argh. A gente nunca supera isso?

Um conto de fadas, dissera Stacy. Só que real.

Ela vestiu o jeans e o blazer do uniforme policial, depois calçou os sapatos. Prendeu os cabelos num rabo de cavalo. Até então, não havia tido coragem de cortar os cabelos bem curtos, mas gostava de prendê-los para afastá-los do rosto. Era assim que Jeff também gostava. A maioria dos homens preferia vê-la de cabelos soltos; Jeff, não. “Adoro o seu rosto: as maçãs salientes, os olhos...”

Kat afugentou os pensamentos.

Precisava se apressar para o trabalho. Mais tarde voltaria a se preocupar com a maldita mensagem.

Ao passar pelo computador, no entanto, teve a impressão de que ele sorria ironicamente, como se a desafiasse a sair de casa sem entrar na internet, o protetor de tela fazendo sua incessante coreografia de linhas. Ela se deteve e conferiu as horas no relógio.

Fique livre disso logo, falou consigo mesma.

Sentou-se diante do computador, reabriu o Você Faz Meu Tipo e constatou que tinha outros tantos “candidatos compatíveis sensacionais”. Não se deu o trabalho de examiná-los. Foi direto para o perfil de Jeff, clicou na foto dele, mais uma vez leu a mensagem pessoal que ele havia escolhido: Vamos ver no que vai dar.

Kat ficou se perguntando: quanto tempo ele teria levado para chegar a algo assim tão simples, tão neutro, tão casual e tão cativante? Um convite, nada mais que isso. Nenhuma pressão. Ela clicou no ícone para enviar uma mensagem direta. Uma janela se abriu com um cursor que piscava impacientemente.

Isso, vamos ver no que vai dar, escreveu.

– Humpf – bufou, e logo apagou sua primeira tentativa.

Depois, fez mais algumas: “Adivinha quem é?”; “Puxa, quanto tempo”; “E aí, Jeff, como você está?”; “Que bom ver você por aqui”. Não, não, não e não. Cada uma mais ridícula que a

outra. Talvez fosse essa a natureza dessas coisas, pensou. Era difícil escrever de um modo ao mesmo tempo seguro e descontraído quando se estava num site à procura do amor da sua vida.

Uma súbita lembrança a fez abrir um sorriso melancólico. Jeff tinha certa queda pela cafonice dos cliques dos anos 1980. À época, ainda não havia um YouTube que permitisse encontrar todo e qualquer vídeo num piscar de olhos. Era preciso descobrir em que dia e a que horas algum canal pretendia exibir um programa especial ou qualquer coisa parecida. De repente, Kat imaginou que, naquele exato momento, Jeff poderia estar plantado diante de seu próprio computador, pesquisando algum vídeo das antigas, algo do Tears for Fears, do Spandau Ballet, do Paul Young, do John Waite...

Isso, John Waite.

Waite havia emplacado um grande sucesso logo nos primórdios da MTV, uma canção pop, quase *new wave*, que costumava deixar Kat comovida, mesmo atualmente, nas vezes em que esbarrava com ela no rádio ou num bar qualquer que tocava hits da década de 1980. Sempre que ouvia “Missing You”, revia mentalmente o clipe em toda a sua gloriosa breiguice: John caminhando sozinho nas ruas, repetindo um milhão de vezes que não sente nem um pouco a falta da ex – “I ain’t missing you at all” –, mas com tamanho sofrimento na voz que o verso seguinte, “I can lie to myself”, chega a ser redundante, desnecessariamente explicativo, pois é óbvio que ele é capaz de mentir para si mesmo. De repente, John entra num bar e vai afogando na bebida sua evidente tristeza, recordando os bons momentos passados ao lado da mulher amada, mas sem abrir mão do insistente refrão que não engana ninguém. A mentira vai se repetindo em cada um dos seus passos até que, lá pelo fim do vídeo, ele volta para casa e coloca os fones de ouvido para curar sua dor de cotovelo com música. É aí que se dá uma tragédia de proporções shakespearianas e roupagem de novela mexicana: sua amada volta, bate à porta, mas ele não pode ouvir porque está com os fones. Resignada, a mulher se manda outra vez e deixa John Waite tão infeliz quanto antes, jurando que não sente falta de ninguém, mentindo eternamente para si mesmo.

Irônico, não?

Esse vídeo havia se tornado uma espécie de piada recorrente entre ela e Jeff. Quando precisavam se separar, ainda que por pouco tempo, ele mandava recados dizendo “I ain’t missing you at all” e às vezes ela respondia “I can lie to myself”.

O amor e suas gracinhas.

Mas, quando Jeff queria ser mais sério, assinava seus bilhetes com o título da música, o mesmo que Kat, quase subconscientemente, agora digitava no site: MISSING YOU.

Por alguns segundos, ficou olhando para a mensagem, hesitando em mandá-la.

Não. Pesado demais. Ele lá, todo casual e sutil com seu maravilhoso “Vamos ver no que vai dar”, e ela vinha de “MISSING YOU”. Não, não dava. Mais uma vez, apagou o que havia escrito e substituiu pelo refrão da música: I ain’t missing you at all.

Não. Esquisito demais. Mais uma tentativa fracassada.

Ok, chega.

Foi então que uma ideia lhe ocorreu do nada. Abrindo uma segunda janela no navegador, encontrou um link para o velho clipe de John Waite. Fazia uns vinte anos que ela não via aquilo, mas o vídeo ainda tinha o mesmo charme meloso de antes. Perfeito, pensou, e copiou o link para o campo de texto do site. Uma imagem da cena do bar imediatamente pipocou na janela.

Dessa vez, ela preferiu não ruminar e apertou o botão de enviar. Logo se levantou da mesa e, quase correndo, saiu para a rua.

Kat morava na Rua 67, no Upper West Side. O 19º Distrito Policial, onde trabalhava, ficava na sua rua, mas do lado leste, não muito distante do Hunter College. Ir para o trabalho significava atravessar a pé o Central Park, e para Kat não poderia haver itinerário melhor. A delegacia ficava no terceiro andar de um prédio histórico dos anos 1880, cuja arquitetura, segundo alguém lhe dissera, era no estilo neorrenascentista. Nos seriados, os detetives geralmente têm alguma especialização, como em homicídios, mas, na vida real, essas subdivisões já haviam caído em desuso. No ano em que o pai de Kat fora morto, os assassinatos na cidade beiravam quatrocentos casos, mas, naquele ano, pelo menos até então, não haviam passado de doze. Os grupos dedicados exclusivamente aos homicídios já tinham ficado obsoletos.

Assim que ela passou pela recepção da delegacia, Keith Inchierca, o sargento de plantão, avisou:

– O capitão quer falar com você imediatamente.

Ele apontou o polegar gorducho na direção das escadas, como se Kat não soubesse onde ficava a sala do capitão.

Saltando os degraus de dois em dois, ela foi até o segundo andar. Embora tivesse uma ótima relação com o capitão Stagger, raramente era convocada à sala dele.

Bateu de leve à porta.

– Entre.

A sala de Stagger era pequena e tinha as paredes pintadas de um tom claro de cinza. Ele se achava debruçado sobre sua mesa, a cabeça abaixada. Imediatamente, Kat sentiu a boca secar ao se lembrar do dia, dezoito anos antes, em que Stagger batera à sua porta com aquela mesma postura. De início, ela não compreendera. Sempre achara que saberia prever o momento em que receberia semelhante visita, que teria algum tipo de premonição. Já havia imaginado a cena um milhão de vezes em sua cabeça: seria tarde da noite e choveria forte quando esmurrassem sua porta, e ela já saberia o que estava por vir ao atendê-la. Fitaria o policial diretamente nos olhos, sacudiria a cabeça enquanto ele assentia de forma solene, depois cairia de joelhos, berrando “Não!”.

Quando Stagger apareceu para dar a notícia divisora de águas da sua vida, que a fez ser outra pessoa, o sol brilhava sem nenhum pudor no horizonte. Ela já estava de saída para tomar o trem da linha C até a biblioteca do campus, onde precisava fazer uma pesquisa sobre o

Plano Marshall. Ainda se lembrava disso. O maldito Plano Marshall. Então, abriu a porta e lá estava Stagger, parado à sua frente com a cabeça abaixada, exatamente como agora, e ela nem suspeitava de nada. Ele não conseguia encará-la. Para ela, a insólita e vergonhosa realidade era que Stagger estava ali para vê-la. Já fazia algum tempo que Kat vinha desconfiando de uma quedinha. Os policiais mais jovens, sobretudo aqueles que tinham seu pai como uma figura paterna, frequentemente se apaixonavam por ela. Portanto, ao deparar com Stagger à sua porta, foi isto que Kat pensou: mesmo sabendo que ela era noiva de Jeff, o cara estava prestes a fazer uma sutil investida. Nada de exageros ou grosserias. Stagger – o primeiro nome dele era Thomas, mas ninguém o chamava assim – não fazia esse tipo. Sem dúvida teria algo doce para dizer.

Ao perceber o sangue que sujava a camisa dele, Kat estranhou, mas ainda assim não suspeitou de nada. Foi então que Stagger disse as palavras que detonaram em seu peito feito uma bomba, reduzindo a pó o mundo que ela conhecia antes:

– A notícia não é nada boa, Kat.

Stagger agora beirava os 50 anos, era casado e tinha quatro filhos, todos homens. Fotografias se espalhavam por sua mesa. Numa delas, ele aparecia ao lado de seu falecido parceiro, o detetive de homicídios Henry Donovan, pai dela. Assim eram as coisas. As pessoas morriam no exercício do trabalho e fotos delas estavam por toda parte. Para uns, uma singela homenagem; para outros, uma dolorosa lembrança. Na parede atrás de Stagger, havia um pôster do filho mais velho dele, de 16 anos, jogando lacrosse. Ele e a mulher tinham uma casa no Brooklyn. Uma vida boa, supunha Kat.

– Queria falar comigo, capitão?

Fora do DP, Kat o chamava de Stagger, mas nunca no trabalho. Não dava mesmo. Ele ergueu um rosto avermelhado e ela automaticamente recuou um passo, receando ouvir as mesmas palavras do passado, mas, dessa vez, adiantou-se.

– O que foi?

– Monte Leburne.

Foi como se o nome tivesse sugado todo o ar da sala. Ao cabo de uma vida essencialmente inútil, dedicada apenas à destruição, Monte Leburne vinha cumprindo sua pena vitalícia pelo assassinato de Henry Donovan.

– O que tem ele?

– Está morrendo.

Kat apenas meneou a cabeça. Precisou de alguns segundos para reorganizar os pensamentos, depois perguntou:

– Morrendo do quê?

– Câncer no pâncreas.

– Desde quando?

– Não sei.

– E por que só agora você está me contando isso?

Sua voz saiu mais áspera do que ela pretendia. Stagger a encarou e ela fez um gesto como se pedisse desculpas.

- Acabei de descobrir.
- Venho tentando visitá-lo.
- É, eu sei.
- Antes ele permitia, mas, nos últimos tempos...
- Também estou sabendo.

Silêncio.

- Ele ainda está no Clinton? – perguntou Kat.

Clinton era um presídio de segurança máxima no norte do estado de Nova York, próximo à fronteira com o Canadá, aparentemente o lugar mais frio, isolado e inóspito do planeta. Ficava a umas seis horas de carro de Manhattan. Kat já havia feito aquela deprimente viagem com demasiada frequência.

- Não. Foi transferido para Fishkill.
- Ótimo. Muito mais perto. Chegava-se lá em noventa minutos.
- Quanto tempo ele ainda tem?
- Não muito.

Stagger se levantou e foi contornando sua mesa, talvez para oferecer um abraço de consolo, mas parou a meio caminho.

- Isso é bom, Kat. Esse cara merece morrer. Aliás, merece coisa pior.

Ela balançou a cabeça.

- Não.
- Kat...
- Preciso falar com ele mais uma vez.

Stagger assentiu devagar.

- Eu já esperava por isso.

– E aí?

- Já fiz a solicitação, mas Leburne não quer falar com você.

– Que pena. Sou uma policial. Ele é um assassino condenado, prestes a morrer, com um grande segredo.

– Kat.

- O que foi?

– Mesmo que agora você consiga fazê-lo falar... e você sabe que não vai conseguir... ele não vai viver o bastante para ser julgado.

- Podemos fazer uma gravação. Uma confissão de leito de morte.

Stagger a encarou com um olhar cético.

- Preciso pelo menos tentar – alegou Kat.
- Ele não vai receber você.
- Posso pegar uma viatura emprestada?

Stagger fechou os olhos.

– Por favor, Stagger.

Agora não dava para chamá-lo só de capitão.

– Seu parceiro vai dar conta do recado sozinho?

– Vai. – Ela mentiu. – Claro que vai.

– Parece que não tenho muita escolha – disse Stagger, e soltou um suspiro de resignação. –
Tudo bem, pode ir.

capítulo 5

GERARD REMINGTON FINALMENTE viu a luz do dia.

Não fazia a menor ideia de quanto tempo havia ficado na escuridão. A claridade explodira diante de seus olhos com a intensidade de uma supernova, ofuscando-o. Ele fechou os olhos, depois cogitou bloquear a luz com uma das mãos, mas lembrou que elas estavam amarradas. Restava-lhe piscá-los para aliviar o incômodo e secar as lágrimas.

Alguém o fitava do alto.

– Não se mexe – disse uma voz masculina.

Imóvel, Gerard ouviu algo se arrebentar e se deu conta de que o homem estava cortando suas amarras. Por um breve instante, ficou esperançoso. Talvez aquele homem estivesse ali para salvá-lo.

– Levante-se – ordenou o sujeito. Tinha um leve sotaque, alguma coisa do Caribe ou da América do Sul. – Estou armado. Se tentar alguma besteira, a gente mata você e enterra aqui mesmo. Está me ouvindo?

Apesar da secura na boca, Gerard conseguiu responder “Sim”.

O homem saltou para fora do... da... como chamar aquilo? Uma caixa? Pela primeira vez, Gerard pôde ver onde havia passado todas aquelas... horas? A tal caixa era algo entre uma cova e um cubículo, com mais ou menos 1,5 metro de largura e de profundidade, e mais outros 2,5 de comprimento. Ao ficar de pé, Gerard constatou que se encontrava no meio de uma mata cerrada. O cubículo estava enterrado no chão, uma espécie de bunker. Talvez algo para servir de abrigo durante uma tempestade ou um contêiner para o estoque de grãos. Difícil dizer.

– Agora saia.

Gerard estreitou os olhos para enxergá-lo melhor. O que viu não foi exatamente um homem, mas um adolescente alto e muito parrudo. Pensou ter notado um traço de português no sotaque dele, talvez fosse brasileiro, mas sabia que não era um conhecedor de línguas para afirmar o que quer que fosse. O rapaz tinha cabelos curtos e crespos. Vestia jeans e uma camiseta muito justa cujas mangas quase tinham o efeito de torniquetes, de tanto que apertavam os bíceps inchados.

E de fato estava armado.

Gerard saiu da caixa para a mata. A distância, viu um cachorro correndo ao longo de uma trilha, talvez um labrador cor de chocolate. O bunker praticamente sumiu quando o rapaz

voltou a fechá-lo. De fora, viam-se apenas dois grandes aros de metal, uma corrente e um cadeado, tudo isso na tampa camuflada.

Zonzo, Gerard perguntou:

– Que lugar é este?

– Você está fedendo – comentou o rapaz. – Tem uma mangueira do outro lado daquela árvore ali. Vá se lavar, fazer as suas necessidades, depois vista isto aqui.

Ele entregou a Gerard um macacão de camuflagem.

– Não estou entendendo nada.

O parrudo armado se adiantou, parou à frente dele e começou a flexionar os tríceps e os músculos do peitoral.

– Está a fim de levar porrada?

– Não.

– Então faça o que estou mandando.

Gerard tentou engolir um pouco de saliva, mas a boca era um deserto de tão árida. Ele olhou na direção da mangueira. Banho? Que nada. O que ele mais queria naquele momento era matar a sede. Saiu correndo rumo à tal árvore, mas os joelhos bambearam e, por pouco, não o derrubaram. Tempo demais dentro daquela cova. Forçou-se a ficar de pé pelos menos até chegar à mangueira. Abriu a torneira e foi sorvendo avidamente a água que saía dela. Tinha gosto de... bem, mangueira velha, mas ele não se importou.

Esperava que, a qualquer momento, o parrudo começasse a ladrar novamente e estranhou quando percebeu a súbita paciência dele. Por algum motivo, isso o preocupava. Correu os olhos à sua volta, esquadrinhando a área à procura de alguma clareira, estrada ou algo assim. Mas não havia nada. Que lugar seria aquele?

Aguçou os ouvidos à procura de algum barulho revelador. De novo, nada.

E Vanessa, onde estaria ela? Esperando por ele no aeroporto? Confusa, porém segura?

Ou teria sido sequestrada também?

Foi para o outro lado da árvore e despiu as roupas imundas. O rapaz ainda o observava de longe. Gerard ficou se perguntando quando havia ficado pelado na frente de outro homem pela última vez. Nas aulas de educação física do colégio, imaginou. Um sentimento estranho naquelas circunstâncias: timidez.

Onde estaria Vanessa? Estaria bem?

Não havia como saber. Ele não sabia de nada. Não sabia onde estava, não sabia quem era aquele rapaz, não sabia por que eles estavam ali. Gerard tentou organizar as ideias, pensar racionalmente no que poderia fazer. Teria que cooperar e fazer o possível para não perder as faculdades mentais. Era um homem inteligente, lembrou a si mesmo, e se sentiu mais confiante logo em seguida.

Além da inteligência, tinha uma noiva adorável, um ótimo emprego e um futuro brilhante à sua espera. O brutamontes estava armado, tudo bem, mas isso não chegava a ser páreo para o intelecto de Gerard.

O rapaz enfim disse alguma coisa:

– Depressa.

Gerard se limpou, depois perguntou:

– Você tem uma toalha?

– Não.

Molhado, vestiu o macacão camuflado. Agora estava tremendo. Começava a sentir os efeitos daquela combinação de medo, cansaço, privação e confusão mental.

– Está vendo aquela trilha? – indagou o brutamontes, apontando para o mesmo caminho em que Gerard tinha avistado o cachorro.

– Estou.

– Vá seguindo por ela até o fim. Se der um passo para o lado, leva bala.

Gerard achou por bem obedecer. Fugir não era uma opção. Mesmo que ele não levasse uma bala nas costas, para onde iria? Talvez pudesse se embrenhar na mata até ficar a salvo, mas, depois disso, que direção tomar? Não haveria como saber se estaria indo para uma estrada ou se afundando ainda mais no matagal.

Fugir seria uma grande tolice, quanto a isso não havia dúvida.

Além do mais, se a intenção daquelas pessoas era matá-lo – supunha que havia mais alguém além do rapaz, pois ele dissera “a gente” –, àquela altura ele já estaria morto. Portanto, só havia uma coisa a fazer: manter a lucidez e a atenção.

Ficar vivo para encontrar Vanessa.

Gerard sabia que sua passada media aproximadamente 81 centímetros. Vinha contando os passos. Ao completar duzentos, o que equivalia a 162 metros, ele avistou uma interrupção no caminho e, para além dela, um descampado. Bastaram apenas mais doze passos para que se visse fora da mata cerrada. Não muito longe, ficava uma casa branca, dessas de fazenda. Podia ver que as janelas do pavimento superior tinham cortinas verde-escuras. Procurou pelos fios de uma rede elétrica, mas não encontrou.

Interessante.

Um homem se achava na varanda da casa, displicentemente recostado a um dos pilares com os braços cruzados sobre o peito, as mangas da camisa enroladas até a altura dos cotovelos. Estava usando óculos escuros e botas de trabalho. Os cabelos eram de um louro sujo e roçavam os ombros. Assim que o avistou, sinalizou para que se aproximasse, depois sumiu no interior da casa.

Gerard irrompeu na direção da varanda. Mais uma vez, notou as cortinas verdes. À sua direita havia um celeiro, diante do qual o cachorro esperava com paciência, deitado. Sim, era um labrador cor de chocolate. Nas imediações dele estava uma carroça cinzenta, mas sem cavalo. Humm. Gerard também avistou um moinho de vento, o que fazia todo sentido. Essas eram suas pistas. Ainda não sabia o que fazer com elas – ou talvez soubesse e isso apenas tornasse a situação ainda mais confusa –, mas, por ora, achou melhor não tirar conclusões.

Por fim, subiu os dois degraus da varanda. Hesitou um instante diante da porta aberta,

respirou fundo e passou ao hall da casa. A sala ficava à sua esquerda. O homem de cabelos compridos ocupava uma poltrona grande. Havia retirado os óculos, deixando à mostra os olhos castanhos injetados. Tatuagens cobriam os antebraços. Gerard examinou-as na esperança de encontrar alguma pista de quem era o sujeito, mas elas não lhe disseram nada.

– Meu nome é Titus. – Notava-se na voz dele uma certa cadência, uma qualidade metálica, uma delicadeza que beirava a fragilidade. – Por favor, sente-se.

Gerard entrou na sala sob o olhar fixo do tal Titus. Mal havia se sentado quando outro homem se juntou a eles. Um hippie, a julgar pelas roupas: bata africana multicolorida, boina de tricô, óculos cor-de-rosa. Ele foi para uma mesa próxima e abriu um MacBook Air. Todos os MacBook Air são idênticos, claro, por isso Gerard havia diferenciado o seu com um pequeno pedaço de fita adesiva preta.

Lá estava ela, a fita adesiva preta.

Gerard franziu a testa.

– O que está acontecendo aqui? Cadê a Vanessa?

– Sshh – fez Titus.

O chiado dele cortou o ar como a foice de um lavrador.

Titus virou-se para o hippie, que meneou a cabeça e disse:

– Tudo pronto.

Por pouco Gerard não perguntou “Pronto para quê?”, mas ainda estava sob o impacto do comando de silêncio.

Titus abriu o sorriso mais apavorante que Gerard Remington já tinha visto na vida.

– Temos umas perguntinhas para fazer, Gerard.

capítulo 6

O NOME ORIGINAL DO PRESÍDIO de Fishkill era Hospital Estadual para Criminosos Insanos. Isso havia sido nos anos 1890, mas, em muitos aspectos, o lugar ainda tinha funcionado como hospital para doentes mentais até a década de 1970, quando as leis tornaram bem mais difícil a internação em tempo integral como resultado do diagnóstico de alguma psicopatia. Agora, Fishkill era um presídio de segurança mediana, embora abrigasse um pouco de tudo, desde prisioneiros em regime semiaberto até aqueles do Bloco S, tal como eram chamadas as alas de segurança máxima.

Localizada em Beacon, Nova York, pitorescamente aninhada entre o rio Hudson e as serras de Fishkill, a edificação de tijolos aparentes ainda era quase a mesma do passado, mas o estado geral de abandono e as cercas de arame farpado agora davam ao lugar uma atmosfera híbrida, algo entre o campus centenário de uma universidade qualquer e um campo de concentração à la Auschwitz.

Kat recorreu à lábia profissional e a seu distintivo dourado para atravessar a maioria das barreiras de segurança. Em Nova York, policiais de rua e investigadores eram diferenciados pela cor do distintivo: prata para os primeiros, ouro para os segundos. O de Kat tinha o número de inscrição 8.115, o mesmo que havia pertencido a seu pai.

Uma enfermeira mais idosa, vestida inteiramente de branco e com uma anacrônica touca na cabeça, parou-a à entrada da ala hospitalar. Sua maquiagem era uma atração à parte: sombra turquesa nos olhos, batom vermelho-neon nos lábios. Tinha-se a impressão de que alguém derreteria lápis de cera sobre as faces da mulher. Com um sorriso exageradamente doce, que deixava à mostra os dentes sujos de batom, ela avisou:

– O Sr. Leburne não está recebendo visitas.

Mais uma vez, Kat brandiu seu distintivo.

– Não pretendo me demorar... Sra. Steiner – disse ela, lendo o nome no crachá da enfermeira: SYLVIA STEINER, ENFERMEIRA REGISTRADA.

A mulher tomou o distintivo em suas mãos, inspecionou-o sem nenhuma pressa, depois ergueu o rosto para avaliar o de Kat, que manteve a expressão mais neutra possível.

– Não estou entendendo... O que você quer com o Sr. Leburne?

– Ele matou meu pai.

– Ah. Então você veio para vê-lo sofrer.

Não havia nenhuma recriminação no tom de voz dela. Era como se aquilo fosse a coisa

mais natural do mundo.

– Não, não. Só quero fazer algumas perguntas a ele.

Sylvia Steiner conferiu o distintivo uma última vez e o devolveu.

– Venha comigo, coração.

A enfermeira tinha um jeito melódico e angelical de falar que chegava a provocar arrepios.

Kat foi conduzida até uma cela com quatro leitos, mas apenas um se encontrava ocupado. Monte Leburne estava deitado de olhos fechados no último deles, junto à parede da direita. Nos áureos tempos, ele fora um homem de proporções titânicas, algo que vinha a calhar sempre que algum crime demandava muita violência física e pouco cérebro. Ex-pugilista dos pesos pesados, certamente havia levado uma boa dose de pancadas na cabeça, mas tinha os punhos certos para usar na intimidação, na extorsão, na agiotagem, nas guerras de território, no desbaratamento de greves sindicais e no diabo a quatro. Mas nem por isso havia sido capaz de se defender de um espancamento especialmente brutal por parte de uma família rival. Após o incidente, seus chefões – que sabiam apreciar uma fidelidade que por muito pouco não descansava para a estupidez – lhe deram uma arma e a missão fisicamente bem menos onerosa de matar seus inimigos.

Em outras palavras, Monte Leburne se transformara num matador de aluguel de nível intermediário. Não era lá muito inteligente, mas, no fim das contas, não era preciso muito tutano para apertar um gatilho e matar alguém.

– Ele acorda e apaga, acorda e apaga – explicou a Sra. Steiner.

Kat se aproximou da cama. A enfermeira ficou parada alguns passos atrás.

– A senhora poderia nos deixar sozinhos por um instante?

Sorriso doce. Voz angelical e arrepiante:

– Não, coração, infelizmente, não.

Kat olhou para Leburne e, por um momento, procurou na própria alma algum indício de compaixão pelo homem que matara seu pai. Se compaixão havia, estava muito bem escondida. De modo geral, o que ela sentia pelo infeliz era um ódio ardente, mas, por vezes, percebia que odiar Leburne era o mesmo que odiar a arma do crime. Leburne era a arma do crime, não mais que isso.

Mas as armas também deviam ser eliminadas, certo?

Kat sacudiu de leve o ombro do homem e os olhos dele foram se abrindo aos poucos.

– Olá, Monte.

Leburne levou um tempo para reconhecer quem o olhava do alto e se retesou assim que a ficha caiu.

– Você não devia estar aqui, Kat.

Ela tirou uma fotografia do bolso.

– Ele era o meu pai.

Leburne já tinha visto aquela foto inúmeras vezes. Kat a levava consigo sempre que o

visitava. Não sabia muito bem por quê. Talvez porque quisesse comovê-lo, mas homens que executam outros não são lá muito propensos a comoção. O mais provável era que fizesse isso em benefício próprio, como se a foto fosse o pai em carne e osso, dando-lhe coragem e proteção.

– Quem foi que encomendou a morte dele? Foi o Cozone, certo?

Sem erguer a cabeça do travesseiro, Leburne questionou:

– Por que você insiste em fazer as mesmas perguntas?

– Porque você nunca responde.

Leburne abriu seu sorriso de dentes podres. Mesmo a distância, podia sentir o mau hálito.

– E hoje você veio para quê? Para tirar de mim uma confissão de leito de morte?

– Você não tem mais motivo para continuar escondendo a verdade, Monte.

– Claro que tenho.

Ele estava se referindo à própria família. Era esse o trato: você fica de bico fechado e a gente cuida da sua família para o resto da vida; mas, se der com a língua nos dentes, todo mundo morre, não sobra ninguém para contar a história.

O velho toma lá dá cá do crime organizado.

Esse era o grande problema de Kat: não tinha nada para oferecer como moeda de troca.

Não era preciso ser médico para saber que os dias de Leburne estavam contados. A morte já havia se aninhado em algum cantinho confortável do corpo dele para carcomer seu caminho até a inelutável vitória. Leburne já estava meio esquelético, dava a impressão de que, a qualquer momento, se desmancharia em pó. A mão direita, a que ele usava para matar, estriava-se de veias gordas e salientes que mais lembravam mangueiras de jardim. Logo acima do pulso se espetava o acesso do soro intravenoso.

Em meio a uma súbita crise de dor, contorcendo o rosto numa careta, ele mandou:

– Vá embora.

– Não. – Kat via sua última chance escorrer pelos dedos. – Por favor. – Ela procurava apagar da voz o tom de súplica. – Eu preciso saber.

– Vá embora.

Kat se inclinou na direção dele.

– Preste atenção, Monte. Estou fazendo isso por mim mesma. Já se foram dezoito anos. Preciso saber da verdade, só isso. Para jogar uma pá de cal nessa história e tocar minha vida. Por que o Cozone queria a morte do meu pai?

– Me deixe em paz...

– Posso dizer que você contou tudo.

– *O quê?*

– Isso mesmo que você ouviu – disse Kat com firmeza. – Assim que você bater as botas, coloco o filho da puta na cadeia, falando que você abriu o bico, que me fez uma confissão completa.

Leburne sorriu novamente.

– Fala sério.
– Acha que estou blefando?
– Não sei se está blefando. Só sei que ninguém vai acreditar em você. – Olhando para a Sra. Steiner, acrescentou: – Além disso, tenho uma testemunha. Não tenho, Sylvia?

– Estou bem aqui, Monte.

Outra crise de dor fez com que ele se retorcesse na cama.

– Estou muito cansado, Sylvia. Essa merda só está piorando.

A Sra. Steiner rapidamente se aproximou da cama.

– Estou bem aqui, Monte – repetiu, e tomou a mão dele.

Em razão da maquiagem espalhafatosa, seu sorriso se assemelhava muito com o de um palhaço.

– Tire essa mulher daqui, Sylvia, por favor.

– Ela já está de saída. – A essa altura, a enfermeira já bombeava a cânula do soro, injetando algum tipo de narcótico no organismo de Leburne. – Agora procure descansar, ok?

– Não deixe ela ficar aqui.

– Sshh, você vai ficar aqui. – A enfermeira olhou torto para Kat. – Ela já está com um pé na rua.

Kat já ia protestando quando viu a mulher apertar alguns botões no controle do soro. Não havia mais nada que ela pudesse fazer ali. Como previsto, Leburne pestanejou um instante e apagou por completo.

Uma perda de tempo.

Mas que diabos ela estava esperando? Até mesmo o moribundo tinha caçoado da ideia de uma confissão de leito de morte. Cozone sabia muito bem como calar seus assecclas. Não havia nenhum incentivo para que Leburne falasse. Não havia antes, e agora muito menos.

Kat já ia voltando para o carro quando ouviu às suas costas a mesma voz melosa de antes:

– Você conduziu muito mal aquela conversa lá dentro, coração.

Kat se virou para a enfermeira de filme de terror com a touquinha branca e sua maquiagem de capeta.

– A senhora também não ajudou muito.

– Você quer a minha ajuda?

– Como?

– Aquele lá não sabe o que é remorso, minha filha. Remorso de verdade. Na frente do padre, ele diz todas as palavras certas, mas é tudo da boca para fora. Só está tentando comprar seu lugarzinho no céu. Acontece que Deus não é burro, não se deixa enganar assim tão facilmente. – Mais um sorriso de dentes sujos. – Monte matou muita gente, foi?

– Confessou ter matado três. Só que foram mais.

– Incluindo seu pai?

– Sim.

– E seu pai era da polícia, assim como você?

– Era.

A Sra. Steiner fez um muxoxo de empatia.

– Sinto muito.

Kat ficou em silêncio. A enfermeira hesitou alguns segundos.

– Venha comigo – disse por fim.

– O quê?

– Você está querendo informações, não está?

– Sim.

– Então fique de longe e deixe que eu cuide de tudo.

A Sra. Steiner girou e foi voltando para a enfermaria. Kat precisou apertar o passo para alcançá-la.

– Espere, o que a senhora pretende fazer?

– Por acaso já ouviu falar do “sono crepuscular”?

– Não, acho que não.

– Comecei minha carreira na enfermagem como assistente de um obstetra. Naquele tempo, a gente usava morfina e escopolamina como anestésicos. Essas substâncias deixavam as parturientes num estado de semiconsciência: elas permaneciam conscientes, mas depois não se lembravam de nada. Alguns diziam que elas não sentiam dor nenhuma. Pode até ser, mas tenho cá minhas dúvidas. Para mim, o mais provável era que sentissem as dores, sim, mas depois se esqueciam delas. – A enfermeira inclinou a cabeça feito um cachorro ao ouvir um ruído estranho. – Será que existe dor quando a gente não se lembra dela?

Kat achou que se tratava de uma pergunta retórica, mas a mulher parou onde estava e ficou ali, esperando por uma resposta.

– Não sei.

– Pense bem. Isso vale para qualquer experiência, tanto as boas quanto as ruins. Se você não se lembra de nada depois, será que não é o mesmo que nada ter acontecido?

Novamente ela ficou esperando por uma resposta.

– Não sei – repetiu Kat.

– Nem eu. Mas a questão é interessante, você não acha?

Aonde diabos ela pretendia chegar com aquela história?, pensou Kat, e respondeu:

– É verdade.

– Todo mundo só quer saber de viver o presente. Até entendo. Mas, se depois você não se lembra desse presente, será que ele aconteceu mesmo? Sei lá. Foram os alemães que começaram com o tal do sono crepuscular, achando que com isso estavam tornando o parto mais suportável para as mães. Mas estavam enganados. Depois de um tempo, essa prática foi proibida, claro. Os bebês nasciam drogados. Pelo menos era isso que os médicos alegavam. – Ela se inclinou na direção de Kat como se quisesse confidenciar algo. – Mas, cá entre nós, acho que o motivo era bem outro.

– O quê, então?

– O problema não era o que acontecia com os bebês. – A Sra. Steiner parou diante da porta da enfermaria. – O problema eram as mães.

– Como assim?

– Elas também não gostavam do procedimento. Ficavam livres da dor, tudo bem, mas também não viviam a experiência do parto. Entravam numa sala e depois, quando davam por si, já estavam com um bebê no colo. Sentiam-se emocionalmente desconectadas, alheias ao nascimento dos próprios filhos. Era desconcertante. Carregavam um bebê na barriga por nove meses, entravam em trabalho de parto e depois... *puf!* – A enfermeira estalou os dedos a título de ênfase.

– Ficavam se perguntando se aquilo tudo tinha mesmo acontecido – concluiu Kat.

– Exatamente.

– Mas o que isso tem a ver com Monte Leburne?

A Sra. Steiner abriu um sorriso maroto.

– Você sabe, aposto.

Kat não sabia. Ou talvez soubesse, sim.

– A senhora acha que pode colocá-lo nesse estado de... sono crepuscular?

– Claro que posso.

– E depois o quê? Acha que posso tirar as informações que preciso e ele não vai se lembrar de nada?

– Mas a morfina não é lá muito diferente do tiopentato de sódio. Você sabe o que é tiopentato de sódio, certo?

Kat sabia, muito embora a substância fosse mais conhecida como tiopental. Trocando em miúdos: soro da verdade.

– A coisa não funciona como a gente vê no cinema – prosseguiu a enfermeira. – Mas, quando as pessoas estão sob o efeito... Bem, as mães costumavam tagarelar... Às vezes até confessavam coisas. Mais de uma vez, com o marido andando de um lado para outro na sala de espera, confidenciavam que o filho não era deles. Ninguém perguntava nada, claro. Elas deixavam escapar o seu segredo e a gente fingia que não tinha ouvido. Mas, com o tempo, comecei a perceber que era possível conduzir uma conversa, fazer perguntas e descobrir um monte de coisas. Depois, claro, elas não se lembravam de patavina.

A Sra. Steiner cravou os olhos nos de Kat, que sentiu calafrios na espinha. A enfermeira abriu a porta à sua frente.

– Só tem um problema: não dá para acreditar em tudo o que as pessoas dizem quando estão sob o efeito da morfina. Já vi acontecer um milhão de vezes. O paciente fala com absoluta convicção alguma coisa que simplesmente não pode ser verdade. O último que morreu nesta enfermaria, por exemplo... Ele jurava que, toda vez que ficava sozinho, alguém aparecia para sequestrá-lo e levá-lo para o enterro de diferentes gatos. Não estava mentindo. Tinha certeza de que era isso mesmo que acontecia, entende?

– Entendo.

– Então eu lhe pergunto: vamos em frente com isso?

Kat não estava de todo convencida. Criada numa família de policiais, tinha plena consciência dos riscos de infringir as regras.

Por outro lado, que escolha tinha?

– Detetive?

– Tudo bem, vamos em frente.

O sorriso se alargou nos lábios da Sra. Steiner.

– Se ouvir sua voz, Monte vai travar a língua. Deixe que eu conduza a conversa. Quem sabe não conseguimos tirar dele alguma coisa de útil para você?

– Tudo bem.

– Vou precisar de mais detalhes sobre o assassinato do seu pai.

Bastaram vinte minutos para que a Sra. Steiner acrescentasse escopolamina à morfina que Leburne já vinha recebendo, depois conferisse os sinais vitais dele e fizesse os ajustes necessários. Parecia ter tanta prática que Kat chegou a cogitar se seria a primeira vez que a mulher fazia aquilo por motivos que não eram exatamente medicinais. Aos olhos dela, não escapava o potencial que havia ali para todo tipo de abuso. O argumento oferecido pela enfermeira – “Se você não se lembra de nada depois, será que não é o mesmo que nada ter acontecido?” – lhe parecia demasiadamente simplista.

Mas a Sra. Steiner prosseguia agindo sem nenhuma hesitação e não seria Kat quem a impediria naquele momento. Acomodou-se num canto, fora do caminho da enfermeira.

Monte Leburne havia despertado de novo, a cabeça pesando inerte sobre o travesseiro. No lugar da Sra. Steiner, ele via Cassie, sua irmã que morrera aos 8 anos. Falava do quanto queria revê-la quando ele próprio morresse também. Kat se espantou ao ver a enfermeira se aproveitar da situação para conduzir a conversa no sentido que desejava.

– Fique tranquilo, Monte, porque a gente vai se encontrar. Vou esperar por você do outro lado. A menos que... Bem, a menos que haja algum problema por conta das pessoas que você matou.

– Homens – ele disse.

– O quê?

– Só matei homens. Nunca mataria uma mulher. Jamais. Nem mulher nem criança, Cassie. Só matei homens. Homens do mal.

A Sra. Steiner olhou de relance para Kat, depois se voltou para Leburne.

– Mas você matou um policial.

– Esses são os piores.

– Como assim?

– Os policiais. São os piores de todos. Mas tanto faz.

– Não estou entendendo, Monte. Explique para mim.

– Nunca matei policial nenhum, Cassie. Você sabe disso.

Kat gelou. Não, aquilo não estava certo.

A Sra. Steiner pigarreou.

– Mas, Monte...

– Cassie... Desculpa por eu não ter defendido você. – Leburne começou a chorar. – Deixei que machucassem você, não fiz nada para ajudar.

– Não tem problema, Monte.

– Tem, sim. Protegi todo mundo, por que não a minha própria irmã?

– Águas passadas. Agora estou num lugar muito melhor. Quero que você venha para cá também, para ficar comigo.

– Agora estou protegendo minha família também. Aprendi a lição. Papai não prestava...

– Eu sei. Mas, Monte, você disse que não matou policial nenhum.

– Você sabe que não matei.

– Mas... e o detetive Henry Donovan?

– Sshh.

– O que foi?

– Sshh. Eles vão ouvir. Foi fácil. De qualquer modo, eu estava ferrado.

– Como assim?

– Eu já estava ferrado por causa do Lazlow e do Greene. Fui pego com a boca na botija. Ia pegar prisão perpétua. Que diferença faria incluir mais um? Ainda mais se isso adiantava o meu lado, entende?

Foi como se uma mão gelada tivesse se fechado sobre o coração de Kat, apertando-o. Até mesmo a enfermeira estava com dificuldade para manter a calma.

– Explique isso direito, Monte. Por que você matou o detetive Donovan?

– É isso que você acha, é? Que eu matei o detetive? Eu só assumi a culpa. Já estava ferrado, será que você não entende?

– Quer dizer então que você não atirou no detetive?

Nenhuma resposta.

– Monte?

Silêncio. Ela já começava a perdê-lo.

– Monte, se não foi você que matou o detetive, então quem foi?

Com uma voz distante, ele resmungou:

– Quem o quê?

– Quem matou o detetive Henry Donovan?

– Como é que eu vou saber? Eles vieram me ver. No dia seguinte à minha prisão. Falaram para eu embolsar o dinheiro e assumir a culpa.

– Eles quem?

Monte fechou os olhos.

– Estou com tanto sono...

– Monte, quem mandou você assumir a culpa?

– Eu nunca devia ter poupado o papai, Cassie. Depois de tudo o que ele fez com você. Eu sabia. A mamãe sabia. E a gente não fez nada. Me perdoe...

– Monte?

– Tão cansado...

– Quem mandou você assumir a culpa? – insistiu a Sra. Steiner.

Mas Monte Leburne já havia apagado outra vez.

capítulo 7

KAT APERTAVA AMBAS AS mãos no volante, concentrada no trânsito à sua volta. Talvez concentrada demais, mas essa era a única maneira de aquietar os pensamentos. Seu mundo havia saído do eixo. A Sra. Steiner a alertara mais uma vez, dizendo que Monte Leburne estava desorientado pelas drogas, que não era prudente dar muito crédito ao que ele tinha dito. Tudo bem. Nada daquilo chegava a ser novidade, mas, na sua experiência de policial, ela já aprendera uma coisa: a verdade tem lá o seu cheirinho particular.

Naquele momento, era esse o cheiro que tinham as palavras de Monte Leburne.

Ela ligou o rádio e sintonizou num desses programas em que os comentaristas estão sempre cuspiendo fogo, mas sempre com uma solução fácil para os problemas do mundo. Kat se irritava com essa simplificação excessiva das coisas, mas era exatamente por isso que gostava desse tipo de programa: distraía-se com eles. Na sua opinião, estavam invariavelmente errados todos aqueles, da direita ou da esquerda, que tivessem alguma resposta fácil para dar ao que quer que fosse. O mundo era um lugar complexo. Não havia nada que se encaixasse em tudo.

Voltando ao 19º Distrito, Kat foi direto para a sala do capitão Stagger. Não o encontrou por lá. Poderia perguntar quando ele retornaria, mas não queria chamar muita atenção para si mesma, pelo menos por enquanto. Resignou-se a mandar uma curta mensagem de texto: Preciso conversar.

Não recebeu uma resposta imediata, mas também não esperava receber. Tomando a escada para o andar de cima, imediatamente avistou seu atual parceiro, Charles Faircloth, também conhecido por Chaz, conversando num canto com outros três policiais.

– Olha só quem chegou... – disse ele, alongando as palavras. Conseguia infundir sarcasmo até mesmo nas palavras mais triviais. E, como gostava de ser engraçado, acrescentou: – Então, qual é a *kat*-ástrofe do dia?

Infelizmente, os homens que estavam com ele riram também.

– Essa foi boa – comentou Kat sem nenhum ânimo.

– Obrigado. Tenho trabalhado no meu timing.

– Logo se vê.

Ela não estava com a menor paciência para o cara naquele momento.

Chaz usava um terno visivelmente caro, de corte perfeito e tecido bom, desses que têm certo brilho, parecem molhados. O nó inglês da gravata só podia ter sido dado por alguém que

tinha tempo de sobra. Os sapatos Ferragamo traziam à lembrança aquele velho adágio segundo o qual os homens bons podiam ser identificados pelo brilho dos sapatos. Mentira pura. Homens que viviam engraxando os sapatos eram babacas autocentrados que, via de regra, davam mais importância às aparências do que à substância.

Chaz tinha a boa-pinta engomada e o carisma quase sobrenatural do sociopata que, aos olhos de Kat, ele realmente era. Envergava um sobrenome importante, Faircloth, mais um daquela família de endinheirados cujos membros gostavam de brincar de polícia porque isso contava pontos no momento em que se candidatavam a algum cargo público. Ainda a espiando de longe, ele sussurrou mais uma de suas piadinhas infames aos companheiros, provavelmente às custas dela. Eles riram, depois cada um voltou a seus afazeres.

Chaz se aproximou e disse:

– Você está atrasada.

– Estava trabalhando num caso para o capitão.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– É assim que estão chamando hoje em dia?

Babaca.

Com Chaz, tudo resvalava para um duplo sentido que tinha um pé, senão dois, no assédio sexual. Não que ele vivesse cantando as mulheres. O problema estava na personalidade como um todo, no modo de agir. Alguns homens são assim: falam com as mulheres como se tivessem acabado de conhecê-las num bar de solteiros. Chaz não era capaz de contar o que havia comido no café da manhã sem dar a isso uma conotação pejorativa, como se fosse você quem tivesse preparado esse café depois de uma longa noite de sexo selvagem com ele.

– Então, no que estamos trabalhando? – perguntou Kat.

– Fique tranquila. Já estou cuidando de tudo.

– Ah, claro, muita gentileza sua. Mas, se não se importa, você pode me dizer o que é?

Chaz apontou para a mesa dela, deixando à mostra as abotoaduras de esmeralda.

– Os arquivos estão todos aí, divirta-se. – Conferiu as horas no seu Rolex enorme e brilhante demais. – Preciso vazar.

Em seguida, saiu caminhando, empertigado, assobiando a pseudomelodia de algum funk obscuro. Kat já havia conversado com Stephen Singer, seu superior imediato, sobre a possibilidade de trocar de parceiro. Chaz ficara chocado ao saber da solicitação, nem tanto porque gostava dela, mas sobretudo porque na sua cabeça era difícil, senão impossível, que alguma mulher ficasse imune a seus encantos. Sua reação fora aumentar a dose de charme, na certeza de que não havia no mundo mulher que ele não conseguisse fazer dobrar-se à sua vontade.

Ainda de costas, ele deu um adeusinho.

– A gente se vê mais tarde, *baby*.

Kat achou que não valia a pena comprar a briga. Tinha coisas mais importantes a tratar. Por exemplo: seria possível que Monte Leburne estivesse mesmo falando a verdade? Seria

possível que eles tivessem se enganado durante todo esse tempo e que o assassino de seu pai ainda andasse à solta?

A hipótese era quase absurda demais para ser considerada. Ela precisava desabafar, conversar com alguém que conhecesse todos os envolvidos, todas as circunstâncias, e o primeiro nome que lhe veio à cabeça foi o do... meu Deus... do ex-noivo Jeff Raynes.

Ela olhou para o computador à sua frente na mesa.

Começar por onde? Pelo começo, ora. Levantou todos os arquivos sobre Monte Leburne e o assassinato do detetive Henry Donovan. Havia uma tonelada de material. Tudo bem, ela poderia ler os arquivos quando chegasse em casa. Já os lera mais de cem vezes, claro, mas nunca levando em conta a hipótese de que Leburne fosse apenas um bode expiatório. Iria rever tudo com outros olhos.

De repente, viu-se pensando mais uma vez em Jeff, cogitando se ele tinha respondido à mensagem deixada no Você Faz Meu Tipo.

As mesas a seu lado estavam vazias. Às suas costas também não havia ninguém. Ótimo. Se os caras do departamento a vissem consultando um site de relacionamentos, as piadas não teriam mais fim. Deu uma segunda olhadela ao redor: barra limpa. Abriu o navegador e digitou o endereço do site no campo de busca.

Site bloqueado. Para acessar, solicite a senha a seu superior imediato.

Que droga. Para aumentar a produtividade, a Polícia vinha copiando diversas medidas do setor privado, entre elas a proibição da navegação em sites pessoais e em redes sociais durante o expediente.

Kat pensou em fazer sua consulta pelo aplicativo do celular, mas de repente achou que seria desespero demais. Aquilo teria que ficar para mais tarde. Paciência.

Restava-lhe, portanto, atender os casos do dia. Um taxista registrara queixa contra uma socialite que havia se recusado a pagar a corrida. Uma mulher denunciara a vizinha que estava plantando maconha em vasos. Nada de muito importante. Volta e meia, ela conferia o celular. Nenhuma resposta de Stagger. Sem saber o que fazer, decidiu enviar uma segunda mensagem: Preciso mesmo falar com vc.

Estava prestes a guardar o telefone quando sentiu o aparelho vibrar. Enfim, uma resposta do capitão: Imagino que tenha a ver com a visita.

Confirmou. A nova resposta demorou a chegar: Ocupado até as 8. Posso passar na sua casa mais tarde ou deixamos pra amanhã. Kat respondeu de imediato: PASSA LÁ EM CASA.

Kat não via sentido em mentir para si mesma, dizendo que não estava ansiosa para saber se Jeff havia respondido.

Ao término do expediente, vestiu um moletom de academia, atravessou o parque correndo, passou pelo porteiro do prédio com um sorriso e um aceno de cabeça, subiu a escada para o apartamento – saltando os degraus de dois em dois, pois o elevador às vezes demorava muito – e, por fim, entrou em casa.

O computador se achava em modo de repouso. Ela mexeu no mouse e esperou. A pequena

ampulheta surgiu na tela e ficou rodando. Caramba, pensou, já era mais que hora de comprar um computador novo. A corrida a deixara com sede e ela já ia se levantando para buscar um copo d'água quando a ampulheta parou.

Reabriu o Você Faz Meu Tipo. Já fazia algum tempo desde sua última visita, portanto o site a havia desconectado. Digitou o nome de usuário e a senha e clicou em CONTINUAR. A página de boas-vindas a recebeu com palavras em letras grandes e verdes: UMA RESPOSTA ESPERANDO NO SEU INBOX!

Imediatamente, seu coração começou a retumbar no peito em marteladas lentas e regulares, tão fortes que deviam fazer tremer o tecido do moletom. Clicou sobre as letras verdes e seu inbox surgiu na tela com uma foto de Jeff.

Era agora ou nunca.

O campo de assunto estava vazio. Kat abriu o e-mail.

Esse vídeo é uma gracinha! Sempre gostei dele. Todo homem diz que adora uma mulher com senso de humor, eu sei, mas você realmente encontrou um modo original e engraçado de se apresentar. Também fui atraído por suas fotos. Você é linda, claro, mas... não é só isso. Tem alguma coisa a mais na sua expressão. Muito prazer em te conhecer!

Só isso. Nenhuma assinatura. Nenhum nome.

Nada.

Opa, espere aí.

A verdade a esbofeteou no rosto: Jeff não havia se lembrado dela.

Como assim? Ele não se lembrava da sua ex-noiva?! Calma, não vamos nos precipitar. Kat respirou fundo e procurou organizar as ideias. Jeff não devia tê-la reconhecido. Seria possível que ela tivesse mudado tanto assim? Sim, as mudanças tinham sido grandes. Os cabelos estavam mais curtos e mais escuros. Ela envelhecera. O tempo era bem mais generoso com os homens, isso não era novidade para ninguém. O grisalho nas têmporas deixava Jeff ainda mais bonito. Objetivamente falando, os anos haviam sido bem mais duros com ela. Simples assim. Kat se levantou da mesa, perambulou pela sala, olhou-se no espelho. As pessoas não notam o próprio envelhecimento, claro. Ninguém se assusta com as mudanças que o tempo se encarrega de trazer todos os dias. Vasculhando as gavetas, enfim encontrou uma foto sua em que os cabelos eram ruins, as faces eram mais rechonchudas, a pele ainda tinha aquele viço típico da pouca idade. Foi então que a ficha caiu: ela ainda era uma jovem de 22 anos, cintilante porém devastada, quando Jeff a vira pela última vez. Agora tinha 40. Uma grande diferença. Seu perfil no site não incluía nenhuma informação pessoal. Não dizia onde ela morava, onde havia estudado, nada que ajudasse na sua identificação.

Portanto, nada mais natural que Jeff não a tivesse reconhecido.

No entanto, bastava pensar mais um pouquinho para que toda essa argumentação viesse abaixo, ou pelo menos começasse a se esfacelar. Eles haviam sido apaixonados um pelo outro. Havia sido noivos. Aquela canção, a do vídeo, fora bem mais do que “original e engraçada” no passado deles, algo bem mais significativo do que uma simples e esquecível bobagem...

Subitamente, percebeu algo no computador.

Aproximando-se, viu que um ícone de coração piscava ao lado da fotografia de perfil de Jeff. Segundo informava o site, isso significava que ele estava on-line, apto para receber mensagens diretas das pessoas que o haviam “contatado previamente”.

Ela se sentou de novo, abriu a caixa de mensagens diretas e escreveu: Aqui é a Kat.

Receando mudar de ideia caso hesitasse muito, logo apertou a tecla ENTER. O cursor agora piscava com impaciência. Ela ficou ali, esperando por uma resposta. Percebeu que a perna direita tremia freneticamente, pisoteando o chão. Nunca fora diagnosticada com a síndrome das pernas inquietas, mas, pelo visto, faltava pouco para que isso acontecesse. Seu pai também costumava tremer uma das pernas. Muito. Sem tirar os olhos do computador, pousou a mão sobre o joelho e procurou aquietar os espasmos.

O cursor piscante sumiu de repente e, no lugar dele surgiu, uma nuvenzinha. Isso significava que Jeff estava escrevendo sua resposta. Dali a alguns segundos, ela chegou: Nada de nomes. Pelo menos por enquanto.

Kat franziu a testa. Que diabos significava aquilo? Lá do fundo da memória, pescou uma informação que havia lido durante o “tutorial” fornecido pelo site, uma advertência para que os usuários não informassem o nome verdadeiro antes de terem absoluta certeza de que queriam se encontrar pessoalmente com o interlocutor virtual.

Jeff ainda estava na dúvida? O que estaria acontecendo?

Ela voltou as mãos para o teclado e digitou: Jeff? É você? Sou eu, a Kat.

O cursor piscou exatamente doze vezes – ela contou – e o ícone de coração desapareceu.

Jeff não estava mais on-line.

capítulo 8

SE É QUE ERA mesmo Jeff.

Essa foi a outra hipótese que subitamente lhe ocorreu. Talvez o viúvo daquele perfil não fosse Jeff. Talvez fosse alguém muito parecido com ele. As fotos, agora que ela as examinava melhor, eram granuladas. Quase todas haviam sido tiradas a céu aberto, mais ou menos de longe. Uma num bosque, outra numa praia deserta com uma cerca quebrada, outra no que parecia ser um campo de golfe. Em algumas ele estava de boné; noutras, de óculos escuros – mas nunca em ambientes fechados, graças a Deus. Assim como nas próprias fotografias de Kat, o Talvez-Jeff não parecia muito à vontade: ora dava a impressão de que se escondia, ora parecia se evadir de um fotógrafo que insistia em incluí-lo.

Na qualidade de policial, ela conhecia de perto o poder da persuasão e das carências, bem como a pouca confiabilidade dos olhos quando eles eram devidamente sugestionados. Já vira testemunhas serem submetidas a um paredão de possíveis suspeitos e apontarem para aquele que a própria polícia as induzira a apontar. Bastavam alguns truques sutis para que o cérebro humano se deixasse ludibriar.

Mas era diante das carências que ele ficava bastante vulnerável.

Na noite anterior, Kat passara horas examinando apenas superficialmente o perfil de uma centena de candidatos num site de relacionamentos procurando por sua cara-metade. Nada mais natural que acabasse enxergando num deles a imagem do homem que ela mais tinha amado em toda a sua vida.

Era nisso que ela pensava quando ouviu o interfone tocar.

– Pois não, Frank – falou ao porteiro.

– Seu capitão está aqui.

– Pode mandar subir.

Kat deixou a porta aberta para que Stagger entrasse sem bater – a última coisa que ela queria no momento era reviver aquele dia dezoito anos antes. Rapidamente, fechou o site e, apenas por segurança, apagou o histórico de navegação.

Stagger emanava exaustão da cabeça aos pés. Os olhos estavam vermelhos e fundos. A barba por fazer desenhava em seu rosto uma mancha bem mais escura que a habitual. Os ombros caídos lembravam os de uma ave de rapina, cansada demais para sair no encalço da sua presa.

– Você está bem? – perguntou Kat.

– Um dia longo, só isso.

– Quer beber alguma coisa?

Ele fez que não com a cabeça.

– Então, o que é que houve?

Kat decidiu ir direto ao ponto:

– Você tem certeza absoluta de que foi Monte Leburne quem matou meu pai?

Stagger jamais poderia ter se antecipado à pergunta, por mais que tivesse tentado imaginar o motivo de um chamado tão urgente por parte de Kat.

– Você está falando sério?

– Estou.

– Imagino que você tenha conseguido falar com ele hoje.

– É, falei.

– Mas, e aí? De repente ele resolveu negar que matou o Henry?

– Não exatamente.

– Então o quê?

Kat sabia que precisava pisar em ovos. Stagger não era apenas um policial que rezava pela cartilha: era a cartilha em si. Capa, lombada, miolo, tudo. Se ficasse sabendo o que ela e Sylvia Steiner haviam feito, teria uma síncope e soltaria os cachorros para cima dela.

– Vamos lá, quero que você me ouça por um segundo. Mas vai ter que abrir a cabeça, ok?

– Kat, não estou no clima para rodeios.

– É, estou vendo.

– Então diga: o que é que está acontecendo?

– Eu vou dizer, mas você vai ter que ser um pouquinho paciente. Vamos voltar lá para o início.

– Kat...

Ela o interrompeu:

– Lá está o Monte Leburne, certo? Os federais o pegam como autor de duas mortes encomendadas. Tentam convencê-lo a entregar o Cozone, mas ele não diz nada. Não faz o tipo. Talvez porque seja burro demais. Ou porque receie alguma represália para cima da família dele. Seja como for, ele fecha o bico. – Estranhando que o capitão ainda não tivesse tentado apressá-la, prosseguiu: – Nesse meio-tempo, vocês estão procurando pelo assassino do meu pai, certo? Não têm muitas pistas, apenas alguns boatos e umas pontas soltas, e de uma hora para outra, *voilà*, Leburne confessa tudo.

– Não foi bem assim – retrucou Stagger.

– Foi, sim.

– A gente tinha pistas.

– Nada de concreto. Então me diga: por que diabos o Leburne resolveu confessar do nada?

Com uma careta de impaciência, Stagger respondeu:

– Você sabe por quê. O cara matou um policial. A operação Cozone estava pegando fogo.

Ele tinha que nos dar alguma coisa.

– Exatamente. Então ele assume a culpa e o Cozone sai ileso de toda a história. Muito conveniente, você não acha? O sujeito já tinha duas penas perpétuas nas costas, que diferença faria pegar mais uma?

– Por muitos anos nós tentamos pegar o Cozone por causa disso. Você sabe muito bem.

– Mas não conseguimos. Você não está vendo? Não conseguimos ligar o Cozone com o Leburne naquele caso. Sabe por quê?

Stagger suspirou.

– Você não está pensando em virar um desses malucos com mania de conspiração, está?

– Não.

– O motivo pelo qual não conseguimos ligar um ao outro é muito simples: é assim que o mundo funciona, o sistema nunca é perfeito.

– Ou talvez... – disse Kat, procurando manter a calma – talvez a gente não tenha conseguido ligar um ao outro porque não foi Monte Leburne quem matou meu pai. Conseguimos ligá-lo a outros dois assassinatos independentes, mas nunca conseguimos fazer a mesma coisa no caso do meu pai. Por quê? E aquelas digitais que a gente nunca pôde identificar? Você não fica se perguntando quem mais estava na cena do crime?

Encarando-a, Stagger perguntou:

– O que aconteceu lá naquele presídio?

Kat sabia que precisava responder com cautela.

– Ele está muito mal.

– O Leburne?

– É. Não deve passar de uma semana, no máximo duas.

– Quer dizer então que você chegou lá e ele imediatamente concordou em receber você...

– Mais ou menos.

Stagger a olhou com dureza.

– Como assim, mais ou menos?

– Ele estava na enfermaria. Fui levando as pessoas na conversa. Nada de grave. Mostrava meu distintivo, falava pouco.

– Tudo bem. E depois?

– Quando enfim consegui entrar na enfermaria, encontrei o Leburne estirado na cama, visivelmente mal. Estava sedado com uma dose cavalgar de analgésicos. Morfina, eu acho.

Stagger estreitou os olhos.

– E depois?

– Ele começou a balbuciar coisas. Nem cheguei a interrogá-lo. Ele já estava apagado quando cheguei. Mas de repente começou a alucinar, sei lá. Confundi a enfermeira com uma irmã falecida chamada Cassie. Pedi desculpas por não ter feito nada quando o pai abusou da menina. Começou a chorar, falando que faltava pouco para que eles se reencontrassem. Coisas assim.

Stagger ainda a encarava com seriedade. Talvez não estivesse comprando a história, pensou Kat. Ou talvez fosse ela que não estivesse se esforçando o bastante para vendê-la.

– Continue.

– A certa altura, ele disse que nunca tinha matado um policial.

Os olhos de Stagger, antes fundos, agora se esbugalharam. O que Kat falara não era exatamente a verdade, mas o que havia de mais próximo dela nas circunstâncias.

– Ele disse que era inocente.

– De tudo? – questionou Stagger, incrédulo.

– Não, pelo contrário. Falou que já estava ferrado por conta de dois assassinatos, que tinha sido pego com a boca na botija, então... que mal faria confessar mais um se isso adiantava o lado dele?

– Adiantava o lado dele?

– Foi a expressão que ele usou.

Stagger balançou a cabeça.

– Isso é um absurdo. Você sabe disso, certo?

– Absurdo nenhum. Pelo contrário, faz todo sentido. Pense bem: você já está condenado à prisão perpétua. Que diferença faz mais uma sentença de homicídio? – Kat deu um passo à frente, se aproximando. – Digamos que faltassem apenas alguns dias, horas talvez, para que vocês enfim juntassem uma coisa com outra. De repente, um cara que já estava ferrado para o resto da vida confessa tudo. Você não enxerga?

– E quem armaria uma coisa dessas?

– Sei lá. Provavelmente Cozone.

– Você acha que ele usaria um de seus próprios homens?

– Um homem que jamais abriria o bico. Cozone sabia disso, e a polícia também. Claro que ele usaria um dos seus, por que não?

– Temos a arma do crime, lembra?

– Sim.

– A arma que matou seu pai. Foi encontrada exatamente no lugar onde Leburne disse que ela estaria.

– Claro que o Leburne sabia onde ela estava. O assassino verdadeiro contou para ele. Pense, Stagger. Desde quando um matador de aluguel feito Monte Leburne guarda as armas dos crimes que comete? No caso dos outros dois assassinatos, as armas nunca foram encontradas, lembra? De uma hora para outra, depois de matar um policial, o sujeito resolve guardar a arma para quê? Para ter uma lembrancinha? E não é só isso. Tem também aquelas digitais. Será que ele tinha um cúmplice? Será que agiu sozinho? A gente não sabe!

Stagger pôs as mãos nos ombros dela.

– Kat, preste atenção.

Ela sabia muito bem o que estava por vir. Aquilo fazia parte do jogo e não havia outra coisa a fazer senão jogar.

– Você falou que o Leburne estava drogado, certo? Que ele estava sob o efeito da morfina?
– Isso.
– Então o homem estava alucinando. Foi você mesma quem disse. Ele estava imaginando coisas, falando bobagens. É só isso.

– Não me subestime, Stagger.

– Não estou subestimando.

– Está, sim. Você sabe que eu não acredito nessa história de “aceitação” – disse Kat, fazendo aspas com os dedos. – Acho tudo isso uma grande besteira. Mesmo que a gente consiga pegar todos os envolvidos no assassinato do meu pai, ele vai continuar morto. Isso não vai mudar nunca. Portanto, “aceitação” é quase um insulto à memória dele, você entende?

Ele assentiu e Kat prosseguiu:

– Essa prisão do Leburne... Nunca engoli essa história direito. Sempre achei que havia mais alguma coisa ali.

– E agora essa “alguma coisa” é isso.

– O quê?

– Kat, caia na real! É de Monte Leburne que estamos falando. Por acaso você acha que ele não sabia que você estava lá? O homem está manipulando você. Ele sempre soube dessas suas dúvidas. Você queria ver algo que não estava lá. E então foi isso que ele deu.

Kat abriu a boca para protestar, mas se lembrou do “Talvez-Jeff” que havia encontrado no site. Carências podem deformar as percepções. Seria esse o caso, ainda que parcialmente? Seria possível que ela desejasse tanto assim a famigerada “aceitação” a ponto de fabricar uma solução para o caso do assassinato de seu pai?

– Não é isso – retrucou ela, mas sem a convicção de antes.

– Tem certeza?

– Você tem que entender, Stagger. Não posso apenas relevar.

– Eu entendo.

– Também não precisa ser condescendente...

Stagger abriu um sorriso cansado.

– Monte Leburne matou seu pai, Kat. As provas não são exatamente cabais. Mas elas nunca são, e você sabe disso. As dúvidas que ainda restam, dúvidas normais que sempre rondam qualquer investigação, estão corroendo você por dentro. Mas vai chegar uma hora em que você vai ter que relevar. Senão vai acabar enlouquecendo. Se você não reagir, Kat, vai acabar se entregando à depressão e...

– Como o meu avô?

– Não foi isso que eu disse.

– Nem precisava.

Stagger buscou os olhos dela e os fitou por um segundo.

– Aposto que o seu pai, seja lá onde ele estiver, quer que você toque a sua vida.

Kat ficou em silêncio.

- Você sabe que estou falando a verdade, não sabe? – arrematou Stagger.
- É, eu sei.
- Mas...?
- Mas eu não consigo. E o meu pai deve saber disso também.

Kat se serviu de mais um shot de Jack Daniel's, depois começou a imprimir o velho dossiê do assassinato de seu pai.

Não se tratava do dossiê oficial da polícia, o qual ela já lera um milhão de vezes. Esse era de sua própria autoria, recheado de informações colhidas na papelada oficial – os investigadores que haviam dado o caso por encerrado eram amigos da família – e enriquecido de todo o resto que ela conseguira, inclusive os boatos que haviam circulado à época. O caso tinha fundamentos bastante sólidos, dois em especial: a confissão do próprio Leburne e a arma que haviam encontrado na casa dele, escondida. As pontas soltas tinham sido devidamente aparadas, à exceção daquela que desde sempre assombrara Kat: as impressões digitais não identificadas na cena do crime. Os peritos haviam colhido um datilograma absolutamente nítido na fivela do cinto do pai dela, mas não localizaram nenhuma compatibilidade na base de dados da polícia.

Kat nunca ficara inteiramente satisfeita com a explicação oficial, mas suas dúvidas haviam sido atribuídas por todo mundo, inclusive por ela própria, à relação pessoal que tinha com a vítima. Aquela colocara o dedo na ferida ao dizer certa vez, num de seus dias de maior lucidez, que ela “estava correndo atrás de algo que jamais seria capaz de encontrar”.

Aqua. Que figura.

Kat sabia muito bem que poderia conversar com Stacy sobre os seus problemas, mas a amiga não conhecera seu pai, tampouco a velha Kat, a “Kat de antes”, aquela que havia namorado Jeff, que tinha o riso solto e que morrera com o pai. Só havia uma pessoa capaz de entender perfeitamente o que estava se passando com ela naquele exato momento, e essa pessoa, por ironia do destino, era ninguém menos do que Jeff Raynes.

A ideia não era lá muito boa, era?

Não, não era. Ou melhor: não *seria*, às dez da noite ou às seis da manhã. Mas, às três da madrugada, e ao cabo de três *shots* de Jack Daniel's, não havia no mundo uma ideia melhor do que aquela. Kat olhou pela janela do apartamento. Dizem que Nova York é a cidade que nunca dorme. Bobagem. Ela conhecia cidades bem menores, como St. Louis e Indianápolis, em que as pessoas ficavam acordadas até muito mais tarde, talvez até por uma questão de desforra mais do que qualquer outra coisa. Já que não estamos em Nova York, vamos cair na farra, só para compensar. Alguma coisa nesse sentido.

Em Nova York, no entanto, as ruas eram um cemitério às três da madrugada.

Kat cambaleou na direção do computador. Em razão dos dedos molengas, por causa do álcool, precisou fazer três tentativas antes de conseguir se conectar ao Você Faz Meu Tipo.

Com alguma sorte, Jeff estaria on-line. Ela verificou, mas não, ele não estava on-line. Bom, não era de todo ruim. Clicou no link para lhe enviar uma mensagem direta.

Jeff,

Será que a gente podia conversar? Aconteceram umas coisas aí e eu adoraria trocar uma ideia com você.

Kat

Uma parte remota de seu cérebro tinha plena consciência de que aquilo fora uma péssima ideia. Com a cabeça encharcada de álcool, nunca é uma boa ideia telefonar para alguém ou enviar mensagens. Nunca, nunca, nunca.

Tarde demais. A besteira já havia sido feita.

A certa altura, ela apagou. Quando foi despertada às seis da manhã, já odiava a si mesma, o seu eu deplorável, antes mesmo de a cabeça começar a latejar de ressaca.

Foi para o computador e verificou suas mensagens. Nada de Jeff. Ou Talvez-Jeff. Ela já não tinha concluído em algum momento da véspera que o dono daquele perfil talvez não fosse Jeff, mas alguém muito parecido com ele? Dane-se. Onde é que estava o Tylenol Extraforte.

Cogitou ir para a aula de ioga de Aqua, mas rapidamente mudou de ideia. Ioga? Impossível no estado em que ela se achava. Além disso, ela já havia feito uma aula no dia anterior, não precisaria ir outra vez.

No entanto...

Foi então que lhe ocorreu uma ideia. Ainda no computador, entrou no perfil de Jeff. Além de Stagger, a única pessoa que ela conservara de seu passado, a única que convivera com Jeff e com o pai dela, a única que conhecia aquela Kat das antigas, era Aqua. Aqua e Jeff haviam se conhecido por intermédio dela e, com o tempo, tinham ficado muito próximos, o bastante para dividir uma espelunca de dois quartos na Rua 178. Kat imprimiu o que queria, aprontou-se para sair e correu para o lado leste do parque. Como de hábito, chegou quando todos os demais alunos já meditavam de olhos fechados.

– Atrasada – disse Aqua.

– Desculpe.

Aqua franziu a testa e abriu um dos olhos, surpreso. Kat nunca havia se desculpado antes; ele sabia que ali tinha coisa.

Duas décadas antes, Aqua e Kat haviam sido colegas de turma na Universidade Colúmbia. Ainda estavam no primeiro ano, os dois. Aqua era sem dúvida alguma a pessoa mais inteligente que Kat já conhecera na vida. Suas notas eram sempre as maiores. A cabeça era turbinada, funcionava rápido, e ele precisava apenas de alguns minutos para terminar os trabalhos de casa que a maioria das pessoas levava a noite inteira para fazer. Aqua devorava conhecimento da mesma maneira que alguns devoram fast-food. Fazia matérias adicionais, tinha dois empregos, treinava atletismo. Apesar disso, não havia nada que ele pudesse fazer para evitar a doença que o acometeria depois de um tempo.

A máquina dele entrou em combustão, tal como Kat gostava de dizer. Aqua simplesmente

pirou. Adoeceu da cabeça, o que não era lá muito diferente de adoecer do resto do corpo, de ter um lúpus, um câncer ou qualquer coisa parecida. Foi internado diversas vezes ao longo dos anos. Os médicos fizeram de tudo para tentar curá-lo, mas a doença dele, se não terminal, era crônica. Kat não sabia ao certo onde ele morava agora. Em algum lugar daquele parque, talvez. Havia dias em que ela o encontrava acidentalmente depois da aula, via que ele estava mais ou menos fora de si, coisas de sua condição. Algumas vezes, Aqua se vestia de homem. Outras vezes – ok, a maioria –, ele se vestia de mulher. Outras tantas, nem reconhecia Kat.

Ao término da aula, quando todos já se espichavam no chão para o relaxamento final, Kat sentou-se e ficou olhando para Aqua. Ele – ou ela, as coisas podiam ficar meio confusas no caso dos travestis – a encarou com um esgar de censura no rosto. Havia regras naquela aula. E Kat estava infringindo uma delas.

– Vamos relaxar os músculos do rosto... – orientou Aqua, na mais suave das vozes. – Relaxem os olhos, deixem que eles se afundem nas órbitas... Relaxem a boca...

Ele ia dando suas instruções, sem jamais tirar os olhos de Kat. A certa altura, aquiesceu e saiu de uma posição de lótus com a agilidade de um gato, levantando-se. Kat ficou de pé também e foi seguindo na esteira dele por uma trilha que ia para o norte do parque.

– Então é para cá que você vem depois das aulas – comentou ela.

– Não.

– Não?

– Não vou dizer para onde eu vou. O que você quer comigo?

– Preciso de um favor.

Sem interromper a caminhada, Aqua disse:

– Não faço favores. Dou aulas de ioga.

– Eu sei.

– Então por que está me importunando? – retrucou ele, as mãos fechadas em punho feito as de uma criança birrenta. – A ioga é uma rotina. E eu preciso das rotinas. Me tirar da aula assim, como você acabou de fazer... Isso não faz parte da rotina. Não faz bem para mim sair da rotina.

– Preciso da sua ajuda.

– Já ajudo você com a ioga.

– Eu sei.

– Sou um bom professor, não sou?

– O melhor de todos.

– Então deixe que eu faça meu trabalho. É assim que eu ajudo as pessoas. É assim que eu mantenho o meu equilíbrio. É assim que eu contribuo com a sociedade.

Kat se sentiu subitamente atordoada. Fazia anos que eles eram amigos. Ótimos amigos. Amigos íntimos. Nos tempos da universidade, vez ou outra eles se encontravam na biblioteca do campus e ficavam conversando sobre uma infinidade de coisas, as horas voando. Aqua era esse tipo de amigo.

Ela lhe contara tudo logo depois de seu primeiro encontro com Jeff. E Aqua havia compreendido na mesma hora. Também ficara próximo de Jeff, mudando-se com ele para um apartamento fora do campus, muito embora Jeff passasse quase todas as noites no apartamento dela.

Percebendo o olhar confuso que o amigo exibia agora, Kat mais uma vez se deu conta do quanto tinha perdido na vida. Perdera o pai. Óbvio. Perdera o noivo. Óbvio também. O que talvez não fosse tão óbvio era o que ela perdera com a doença de Aqua, isto é, a relação verdadeira e profunda que eles haviam tido até então.

– Puxa, como eu sinto a sua falta.

Aqua apertou o passo.

– Isso não vai ajudar em nada.

– Eu sei. Desculpe.

– Agora preciso ir. Tenho coisas para fazer.

Kat o segurou pelo braço para que ele reduzisse o ritmo da caminhada.

– Será que você podia dar uma olhada nisto antes?

Aqua franziu a testa, mas seguiu no mesmo ritmo de antes. Kat entregou-lhe o perfil de Jeff que ela havia impresso em casa.

– O que é isto?– perguntou ele.

– Você é quem vai me dizer.

Aqua não estava gostando nada daquilo. Kat percebia claramente que aquela interrupção na rotina o deixava agitado. Não havia sido essa a sua intenção, mesmo sabendo que era arriscado perturbá-lo assim.

– Aqua... Só uma olhadinha rápida, pode ser?

Ele enfim cedeu e examinou os papéis enquanto Kat tentava decifrar sua expressão. Não parecia haver nenhuma mudança em seu rosto, exceto pelos olhos, que traíam algo de muito sutil.

– Então...? – perguntou Kat.

Com um traço de medo na voz, Aqua perguntou:

– Por que você está me mostrando isto aqui?

– Ele parece com alguém que você conhece?

– Não.

Kat sentiu o coração se partir. De um segundo a outro, Aqua irrompeu numa corrida.

– Esse aí não parece com o Jeff, Kat. Ele é o Jeff.

capítulo 9

KAT HAVIA ACABADO DE desligar o telefone, lembrando pela enésima vez as palavras de Monte Leburne, quando o computador apitou com uma solicitação de mensagem direta no Você Faz Meu Tipo.

A solicitação, tal como indicava a foto minúscula que a acompanhava, era de Jeff. Por um instante, ela ficou inerte, amedrontada. Aquela conexão era de tal modo frágil, de tal modo tênue, que qualquer ato impensado por parte dela poderia romper irremediavelmente aquele fio já esgarçado.

O ícone de coração que vinha ao lado da foto de perfil trazia um ponto de interrogação no interior, esperando que a outra parte desse início à conversa. Fazia três horas que Kat vinha trabalhando no caso do pai. Não havia encontrado nenhuma novidade em seu dossiê, apenas os mesmos problemas de sempre. Henry Donovan fora morto com um tiro no peito, à queima-roupa, disparado de uma pequena Smith & Wesson. Isso era outra coisa que sempre a intrigara. Por que não haviam atirado na cabeça? Por que não haviam se aproximado por trás e atirado duas vezes na nuca? Esse era o *modus operandi* de Monte Leburne. Por que a súbita mudança? Por que disparar no peito?

As coisas não se encaixavam.

Outra curiosidade era o que Leburne respondera sobre quem havia matado Henry Donovan: “Como é que eu vou saber? Eles vieram me ver. No dia seguinte à minha prisão. Falaram para eu embolsar o dinheiro e assumir a culpa.”

Pergunta óbvia: quem eram “eles”?

Talvez a resposta estivesse na própria pergunta. “Eles”, fossem lá quem fossem, tinham visitado Leburne na prisão. Um dia após o encarceramento.

Humm.

Pensando nisso, Kat havia telefonado para um velho amigo, Chris Harrop, que trabalhava no Departamento Penitenciário de Nova York.

– Kat, que surpresa! E aí, o que você manda?

– Preciso de um favor.

– Que surpresa! Achei que você ia me chamar para fazer sexo sujo com você.

– Fica para a próxima, Chris. Será que você consegue para mim o histórico de visitas de um detento?

– Molinho. Quem é o detento e onde ele está cumprindo pena?

- Monte Leburne. Estava em Clinton.
- Qual é a data do histórico que você quer?
- Humm... 27 de março.
- Ok, vou dar uma olhada, espere aí.
- De dezoito anos atrás.
- Hein?
- Preciso de um histórico de visitas de dezoito anos atrás.
- Você está brincando, não está?
- Não.
- Uau.
- Pois é.
- Olhe, nesse caso vou precisar de um tempo. A digitalização dos arquivos só começou em 2004. Todos os dados antes disso estão arquivados em Albany. Essa informação é muito importante para você?
- Tão importante quanto sexo sujo.
- Então deixe comigo.

Foi depois desse telefonema que o computador apitou sobre a mesa. Com a mão trêmula, Kat clicou no ponto de interrogação, digitou um simples “oi” e, após uma pequena demora, recebeu o texto de Jeff: Oi, Kat. Recebi sua mensagem. Como você está?

Seu coração parou.

Ela releu a mensagem mais duas vezes, talvez três. Não sabia ao certo o que responder. Via o coração que pulsava ao lado do nome de Jeff, o que significava que ele estava on-line, esperando por sua resposta. Hesitante, ela enfim digitou: “Oi, Jeff”...

Parou em seguida, pensando o que acrescentar. Decidiu então pelo que lhe veio à cabeça: Oi, Jeff. Você não tinha me reconhecido, não é?

Esperou pela resposta, sem dúvida uma desculpa esfarrapada como “Você está ainda mais bonita” ou “Os cabelos mais curtos ficaram ótimos”. Que diferença isso fazia? Por que ela havia levantado essa questão irrelevante? Idiotice.

Mais uma vez, Jeff a surpreendeu ao responder: Não. Reconheci você na mesma hora.

O coração ao lado da foto seguia batendo. Kat refletiu um instante sobre aquele pequeno ícone, avatar ou fosse lá que nome tivesse aquilo. Um pulsante coração vermelho, símbolo do romance e do amor – se Jeff desistisse da conversa naquele momento, caso se desconectasse, o coração pararia de bater e sumiria da tela. Ninguém gosta de ver um coração parar de bater.

Kat escreveu: Então por que não disse nada?

Mais coração piscando. Você sabe por quê.

Kat ruminou por alguns segundos, depois digitou: Na verdade, não sei, não. Pensou mais um pouco antes de acrescentar: Por que você não disse nada sobre o clipe do “Missing You”?

Coração piscando, coração piscando, coração piscando...

É que agora sou viúvo.

Uau. O que dizer agora?

Eu tinha lido isso. Desculpe.

A vontade de Kat era fazer um milhão de perguntas – onde ele morava, como era a filha dele, quando e como havia perdido a mulher, se ele ainda pensava nela, Kat –, mas apenas ficou parada, quase paralisada, esperando a resposta seguinte.

Ele prosseguiu: Estar aqui é meio esquisito para mim.

Para mim também.

Por causa disso, fiquei mais cauteloso, na defensiva. Isso faz algum sentido para você?

Parte dela queria responder “Claro que faz”. Mas outra parte, bem maior que a primeira, queria digitar “Cauteloso comigo? Na defensiva comigo?”.

Mas o que ela finalmente escreveu foi: É, eu entendo.

O coração que não parava de piscar começava a hipnotizá-la, pulsando quase ao mesmo compasso que o outro, o que vivia em seu peito. Ela seguia esperando. Dessa vez, Jeff estava demorando demais para responder.

Mas enfim disse: Não sei se é uma boa ideia a gente continuar se falando.

As palavras atingiram Kat feito uma onda que derruba a pessoa de surpresa na praia.

Ele continuou: Retomar o passado me parece um equívoco. Preciso de um novo começo, entende?

Por um momento, Kat odiou Stacy por se meter na vida dela e inscrevê-la naquele maldito site. Mas depois caiu em si, lembrando que tudo não havia passado de uma fantasia ridícula por parte dela, que Jeff já a abandonara uma vez, que já tinha partido seu coração, e que seria uma consumada burrice lhe dar a oportunidade de fazer o mesmo outra vez.

Tudo bem, eu entendo.

Se cuida, Kat.

Coração piscando, coração piscando, coração piscando...

Uma lágrima escapou dos olhos dela e rolou face abaixo. Por favor, não vá embora, pensou enquanto digitava: Você também.

O coração na tela parou de bater. Desbotou-se do vermelho para o cinza, do cinza para o branco, e sumiu de vez.

capítulo 10

FALTAVA POUCO PARA QUE Gerard Remington perdesse a cabeça.

Àquela altura, ele quase podia sentir o tecido cerebral se romper sob o efeito de uma bizarra força centrífuga. Ficava no escuro boa parte do tempo, sozinho com suas dores, mas, no meio desse torpor, uma extraordinária clareza lhe viera. “Clareza” talvez não fosse a palavra certa. “Foco” seria melhor.

O parrudo de sotaque estrangeiro apontou para a trilha na mata.

– Você já conhece o caminho.

De fato. Aquela seria a quarta viagem de Gerard até a casa da fazenda. Sabia que Titus estaria à sua espera. Mais uma vez cogitou fugir, mas tinha plena consciência de que não iria longe. Vinha comendo apenas o pouco que lhe davam para mantê-lo vivo. Embora não fizesse nada o dia todo, trancado naquela maldita caixa subterrânea, sentia-se exausto e fraco. A caminhada pela trilha consumiria toda a energia que ainda lhe restava. Não sobraria nada.

Inútil, concluiu.

Mesmo assim, Gerard ainda esperava alguma espécie de milagre que o tirasse dali. O corpo, sim, o havia deixado na mão. Mas a cabeça... aí já era outra história. Sempre de olhos abertos quando estava fora da caixa, ele já conseguira juntar algumas peças do quebra-cabeça de sua localização.

Eles estavam numa região rural da Pensilvânia a umas seis horas do aeroporto internacional de Boston, onde o haviam sequestrado.

Como ele sabia disso?

A arquitetura singela da casa, a ausência de rede elétrica – Titus tinha seu próprio gerador –, o moinho antigo, a carroça, as cortinas verde-musgo, tudo isso levava a crer que se tratava de uma propriedade amish. Além disso, Gerard sabia que, na cultura amish, a cor das carroças variava de acordo com os diferentes territórios da comunidade. O cinza, por exemplo, geralmente estava associado ao condado de Lancaster, na Pensilvânia. Bastara ligar os pontos.

Mas nada daquilo fazia sentido. Ou talvez fizesse.

Os raios de sol passavam pelas copas das árvores. O céu era de um azul que apenas uma deidade seria capaz de conceber. A beleza sempre encontrava refúgio na feiura. A bem da verdade, o belo dificilmente existiria sem o feio. Como identificar a luz se não houvesse escuridão?

Gerard já estava próximo da clareira quando ouviu o ronco de uma caminhonete.

Por um instante, permitiu-se acreditar que alguém estava chegando para resgatá-lo. As viaturas viriam a seguir. Ele ouviria as sirenes. O Parrudo sacaria sua arma, mas um policial o abateria a tempo. Quase podia ver à sua frente toda a ação: Titus sendo preso, os policiais passando um pente-fino no local, todo o pesadelo sendo exposto para que o mundo visse, mesmo sem compreender.

Porque nem mesmo Gerard compreendia inteiramente o que estava acontecendo.

De onde estava, podia vislumbrar uma mulher na carroceria da caminhonete. Ela trajava um vestido amarelo-vivo, pelo menos isso ele podia afirmar. A alegria solar daquela roupa era tão disparatada diante do horror das circunstâncias que Gerard chegou a ficar de olhos marejados. Imaginou sua Vanessa colocando um vestido semelhante, depois virando-se para ele com um sorriso luminoso de acelerar o coração. Bastara imaginá-la assim para que pensasse no que lhe era mais querido. Pensou em Vermont, onde crescera. Pensou no amor do pai, que costumava levá-lo ainda pequeno para pescar nos lagos gelados durante o inverno, que morrera quando ele tinha apenas 8 anos. Pensou nas mudanças que essa tragédia provocou, principalmente em como ela havia destruído a vida de sua mãe. Lembrou-se dos namorados imundos e repulsivos que ela passara a receber em casa, homens que sempre o viam como um bicho esquisito ou coisa pior. Na escola, as coisas não eram muito melhores: ele era o alvo preferido de todas as brincadeiras violentas, de todas as humilhações, sempre o último a ser escolhido pelos times de beisebol. O quartinho em que ele dormia no porão de casa tinha se transformado numa espécie de refúgio, sobretudo quando ele apagava a luz e ficava deitado no escuro, algo não muito diferente de permanecer naquela caixa subterrânea. Com o passar dos anos, encontrara um novo refúgio no laboratório da escola e, àquela altura, a mãe já começava a perder os encantos da juventude, junto com os namorados que, depois de um tempo, sumiram por completo. Foi então que ela se mudou para o apartamento dele, passando a cozinhar para ele, a paparicá-lo de todas as formas possíveis, cavando no coração do filho um lugar ainda maior. Fazia apenas dois anos que ela havia morrido, deixando-o completamente sozinho no mundo, mas, por sorte, Vanessa tinha chegado para devolver a beleza a sua vida, uma beleza tão vívida quanto à daquele vestido amarelo, uma beleza da qual estava sendo privado cedo demais.

A caminhonete não parou na casa, mas seguiu adiante até sumir numa nuvem de poeira.

– Gerard?

Titus jamais elevava a voz. Jamais perdia a calma ou fazia ameaças de violência. Não precisava disso. Gerard conhecia pessoas que infundiam respeito, que entravam numa sala e imediatamente se apoderavam dela. Titus era assim. Seu tom de voz uniforme valia mais que uma sacudida nas lapelas para que seus interlocutores se dispusessem a obedecê-lo.

Gerard virou-se para ele.

– Entre – ordenou o homem, e sumiu no interior da casa. Gerard foi atrás.

Dali a mais ou menos uma hora, Gerard voltou pela mesma trilha na mata. Sentia as pernas bambas e, em certo momento, começou a tremer. Não queria voltar para a maldita cova.

Promessas haviam sido feitas, claro. Bastaria cooperar, dissera Titus, para que ele fosse devolvido à sua adorada Vanessa. Porém, ele não sabia mais no que podia acreditar ou não; no entanto, que diferença isso fazia afinal?

De novo pensou na possibilidade de fugir e de novo constatou o disparate da ideia.

Passada a clareira, o Parrudo parou de brincar com o labrador e, numa língua que, aos ouvidos de Gerard, soou como português, berrou uma ordem para o cachorro, que disparou trilha afora e sumiu de vista. Em seguida, apontou a arma para Gerard. O procedimento era o mesmo de sempre: ele mantinha a arma apontada, esperava-o entrar na cova, baixava a tampa, fechava o cadeado.

E Gerard se via naquela escuridão sufocante.

Mas, dessa vez, parecia haver algo de diferente. Gerard percebia isso nos olhos do homem.

– Vanessa... – murmurou para si mesmo.

Adquirira o hábito de repetir o nome da noiva para se acalmar, quase como um mantra, assim como sua mãe, já no final da vida, costumava fazer com o rosário.

– Por aqui – mandou o Parrudo, e apontou a arma para a direita.

– Para onde a gente está indo?

– Por aqui.

– Para onde a gente está indo? – repetiu Gerard.

O Parrudo se aproximou e pressionou o cano da arma na cabeça dele.

– Por aqui.

Gerard tomou o caminho da direita. Já havia estado ali antes, o mesmo lugar em que se limpava com a mangueira e vestira o macacão.

– Continue andando.

– Vanessa...

– Isso. Continue andando.

Gerard passou pela mangueira. O Parrudo seguia dois passos atrás com a arma apontada para as costas dele.

– Não pare. Estamos quase chegando.

Mais adiante, Gerard avistou uma segunda clareira, menor que a primeira. Estranhando o que via nela, deu apenas mais um passo e parou.

– Ande, continue.

Ele permaneceu onde estava. Imóvel. Não piscava nem respirava.

À sua esquerda, à sombra de um carvalho, havia uma pilha de roupas. Muitas roupas, como se estivessem ali para serem lavadas. Difícil dizer quantas peças. Dez, talvez mais. Entre elas se achava o terno cinza que Gerard tinha vestido para tomar o avião no aeroporto de Boston.

Quantos são?, pensou.

No entanto, o que mais chamava sua atenção não era a quantidade de roupas, muito menos

a presença do terno. Não fora isso que o havia paralisado, tampouco o que fizera a verdade cair feito um raio na sua cabeça. Não, não era o volume das roupas. Era apenas uma das peças, a que jazia no topo da pilha feito a cereja de um bolo, a que tinha pulverizado seu mundo num milhão de estilhaços.

Um alegre vestido amarelo.

Gerard fechou os olhos e de fato viu sua vida passar diante deles: a vida que tivera, a outra que poderia ter tido. Foi então que um disparo o lançou de volta na escuridão, dessa vez para sempre.

capítulo 11

DUAS SEMANAS DEPOIS, KAT terminava de pôr em dia sua papelada no distrito quando Stacy irrompeu no segundo andar como um furacão. Cabeças se viraram. Bocas se abriram. Boa parte da atividade cerebral masculina foi interrompida. Nada melhor para baixar o QI de um homem do que as curvas salientes de uma mulher. Chaz Faircloth, que infelizmente ainda era o parceiro de Kat, endireitou o nó já perfeito da gravata e cravou os olhos na recém-chegada, mas recebeu de volta um olhar gélido que o fez recuar um passo.

– Almoço no Carlyle – anunciou Kat. – Por minha conta.

– Só se for agora.

Kat foi fechando as janelas de seu computador.

– Então, como foi o encontro de ontem? – quis saber Stacy.

– Eu te odeio.

– Mesmo assim, vai almoçar comigo.

– Só porque é você quem vai pagar.

Os três primeiros pretendentes que Kat havia encontrado no Você Faz Meu Tipo tinham se revelado muito bem-educados, muito bem-vestidos, etc., etc. Mas só isso. Nenhuma centelha de paixão, nenhum frio na barriga. Na noite anterior, ela saíra com mais um – o quarto nas duas semanas que haviam se passado desde o segundo pé na bunda de Jeff – e, de início, ela ficara bastante entusiasmada. Ela e Stan Não-Sei-das-Quantas – nenhum motivo para guardar o sobrenome antes de alcançar o estágio até então inalcançado do segundo encontro – haviam caminhado juntos pela Rua 69 até o restaurante Telepan, diante do qual ele perguntara:

– Você gosta do Woody Allen?

Kat logo se animou: adorava Woody Allen.

– Muito.

– Viu *Noivo neurótico, noiva nervosa*?

– Claro que vi!

Esse era um dos filmes de que ela mais gostava.

Stan riu e parou onde estava.

– Lembra aquela cena em que o Alvy está com a Annie no primeiro encontro deles, daí ele sugere que eles se beijem logo, só para ficarem livres daquilo, para que eles possam relaxar?

Kat só faltou desmaiar. Lembrava-se perfeitamente da tal cena. Woody Allen para na calçada antes que ele e Diane Keaton cheguem ao restaurante, mais ou menos como Stan

acabara de fazer, depois diz: “Ei, me dá um beijo.” Diane Keaton responde: “Jura?” Woody Allen pergunta: “Por que não? A gente vai voltar para a porta da sua casa depois, não vai? Aí vai rolar aquela ansiedade toda, a gente nunca se beijou antes, e eu vou ficar todo constrangido, sem saber o que fazer... Então é melhor a gente se beijar logo de uma vez e dar esse assunto por encerrado. Depois a gente janta. Aposto que a nossa digestão vai ser bem mais fácil.”

Puxa, como ela gostava dessa cena. Sorriu e ficou esperando até que Stan, numa sofrível imitação de Woody Allen, propôs:

– Ei, que tal a gente ir para a cama antes de jantar?

Kat pestanejou.

– Como é que é?

– Tudo bem, sei que não é isso que o Woody Allen diz no filme, mas raciocine comigo. Não vou saber direito a hora certa de partir para cima, então a gente vai ter que se encontrar mais não sei quantas vezes antes de finalmente ir para a cama. Pense bem, é muito melhor a gente se pegar logo porque... se a cama não for boa, não rola, entendeu?

Kat olhou para Stan e irrompeu numa súbita gargalhada. Vendo que ele não estava rindo, perguntou:

– Espere aí, você estava falando sério?

– Claro que estava. Nossa digestão vai ficar muito mais fácil, não é isso que a gente quer?

– Depois dessa, senti até um refluxo do meu almoço.

Durante o jantar, ela tentou permanecer no tópico relativamente seguro dos filmes de Woody Allen. Logo ficou claro que Stan não era fã do cineasta. Tinha visto *Noivo neurótico, noiva nervosa*, e só. Ele acabaria confessando num sussurro:

– Eu faço o seguinte: procuro no site aquelas mulheres que dizem adorar esse filme, depois dou minha cartada. Não deu certo com você, mas a maioria das fãs de Woody Allen acaba abrindo as pernas.

Fantástico.

Stacy vinha ouvindo a história com atenção, fazendo o possível para não rir.

– Uau, que babaca.

– Pois é.

– Mas ainda acho que você está sendo seletiva demais. O tal cara do segundo encontro... Esse me pareceu bem bacana.

– É verdade. Pelo menos não conseguiu arruinar nenhum dos meus filmes favoritos.

– Mas...

– Mas ele pediu uma Dasani. Não água. Pediu uma Dasani.

– Então é um babaca de marca maior – brincou Stacy.

Kat soltou um grunhido alto.

– Você está escolhendo demais – insistiu Stacy.

– Acho que preciso de um pouco mais de tempo.

– Para se curar do Jeff?

Kat não disse nada.

– Para se curar de um cara que abandonou você, sei lá, vinte anos atrás?

– Dá um tempo, Stacy – falou Kat, e acrescentou: – São dezoito anos, aliás.

Elas já iam saindo quando alguém atrás chamou por Kat. Ambas pararam e se viraram. Chaz.

– Posso falar com você por um segundo?

– Estou indo almoçar.

Sem jamais tirar os olhos de Stacy, Chaz sinalizou para que Kat se aproximasse. Ela suspirou e foi ao encontro do parceiro.

– Quem é esse avião supersônico que resolveu pousar por aqui hoje? – Ele apontava discretamente para Stacy.

– Não é para o seu bico.

– Por que não?

– Ela tem um cérebro.

– Ahn?

– O que você quer, Chaz?

– Tem uma pessoa aí querendo falar com você.

– Estou no meu horário de almoço.

– Foi o que eu falei para o garoto, mas ele disse que prefere esperar.

– Garoto? Que garoto?

– Está achando o quê? Que eu sou seu secretário? Vá lá e pergunte você mesma. Ele está na sua mesa.

Kat sinalizou para que Stacy esperasse um instante. Voltando para seu cubículo, deparou com um adolescente sentado numa das cadeiras junto à mesa. Sentado não era bem a palavra, pois o garoto se esparramava para os lados como se não tivesse ossos no corpo, bem à maneira dos adolescentes. Apoiava o braço no espaldar como se não lhe pertencesse. Os cabelos eram compridos demais, provavelmente para que se parecessem com os de um membro de *boy band*, só que lembravam mais uma cortina com borlas.

– Posso ajudá-lo em alguma coisa? – perguntou Kat.

Ele se empertigou na cadeira e varreu a cortina do rosto.

– Você é a detetive Donovan.

Foi mais uma afirmação que uma pergunta.

– Isso mesmo. O que posso fazer por você?

– Meu nome é Brandon. – Ele estendeu a mão para Kat. – Brandon Phelps.

Apertando a mão dele, Kat disse:

– Muito prazer, Brandon.

– O prazer é meu.

– Em que posso ajudá-lo? – insistiu Kat.

- Tem a ver com a minha mãe.
- O que tem a sua mãe?
- Ela sumiu.

Kat cancelou o almoço com Stacy, voltou para sua mesa e se acomodou diante de Brandon Phelps. Fez a primeira pergunta que lhe veio à cabeça:

- Por que eu?

Brandon engoliu em seco.

- O quê?

– Por que você veio falar comigo especificamente? Meu parceiro disse que você queria esperar por mim.

- Isso.

- Por quê?

O olhar de Brandon era inquieto, sem se fixar em nenhum lugar.

- Ouvi dizer que você é a melhor.

Uma mentira.

- Quem falou isso?

Brandon deu de ombros ao modo dos adolescentes, um misto de preguiça e melodrama.

- Que diferença faz? Prefiro falar com você do que com aquele cara.

- Não é assim que as coisas funcionam. Não é você que escolhe o seu investigador.

Subitamente, ele pareceu que ia cair em prantos.

- Você não vai me ajudar?

– Não foi isso que eu disse. – Kat não sabia ao certo o que estava se passando ali, mas suspeitava que havia algo de errado. – Por que você não me conta o que houve?

- É a minha mãe.

- Certo.

- Ela sumiu.

– Tudo bem. Vamos começar pelo começo. – Kat pegou uma caneta e uma folha de papel. – Seu nome é Brandon Phelps, certo?

- Isso.

- E o da sua mãe?

- Dana.

- Phelps?

- Sim.

- Ela é casada?

- Não. – Ele começou a roer a unha. – Meu pai morreu há três anos.

– Sinto muito – disse ela, porque... bem, isso é o que se diz nessas ocasiões. – Você tem irmãos?

- Não.

- Então são só você e a sua mãe?
- Isso.
- Quantos anos você tem, Brandon?
- Dezenove.
- Onde você mora?
- Terceira Avenida, 1.279.
- Número do apartamento?
- Ahn, 8J.
- Telefone?

Ele passou seu número de celular. Kat colheu mais alguns dados e, depois, percebendo a impaciência do garoto, perguntou:

- Então o problema é...?
 - Ela sumiu.
 - Quando você diz que sua mãe *sumiu*, não sei exatamente o que você está querendo dizer. Brandon arqueou as sobrancelhas.
 - Você não sabe o que é “sumir”?
 - Não, quer dizer... – Ela balançou a cabeça. – Ok, vamos começar por isto: há quanto tempo ela está desaparecida?
 - Três dias.
 - Por que você não me diz o que aconteceu?
 - Ela falou que ia fazer uma viagem com o namorado dela.
 - Certo.
 - Mas acho que não viajou. Liguei para o celular dela e ela não atendeu. Kat procurou conter a impaciência. Por isso ela havia perdido um almoço no Carlyle?
 - Para onde eles estavam indo?
 - Algum lugar no Caribe.
 - Onde?
 - Ela falou que ia ser uma surpresa.
 - Talvez ela estivesse sem sinal.
 - Acho que não.
 - Ou talvez estivesse ocupada.
 - Ela disse que, no mínimo, ia mandar um torpedo todo dia. – Vendo a expressão no rosto de Kat, ele acrescentou: – Normalmente a gente não faz isso. Mas essa ia ser a primeira vez que ela viajava sozinha desde a morte do papai.
 - Você tentou ligar para o hotel?
 - Já disse: ela não falou para onde estava indo.
 - E você nem teve a curiosidade de perguntar?
- Novamente, ele deu de ombros.
- Achei que a gente fosse trocar mensagens, alguma coisa assim.

– Você tentou falar com o namorado dela?

– Não.

– Por que não?

– Não o conheço. Estava fora, na universidade, quando eles começaram a namorar.

– Onde você estuda?

– Na Universidade de Connecticut. Que diferença isso faz?

Ele tinha razão.

– Só estou tentando ter uma visão geral das coisas, ok? Quando foi que sua mãe começou a namorar esse cara?

– Também não sei. A gente não conversa sobre essas coisas.

– Mas ela disse que ia viajar com ele?

– Disse.

– Quando?

– Você quer saber quando foi que ela disse que ia viajar?

– Sim.

– Sei lá. Uma semana atrás, mais ou menos. Olha... Você vai procurar a minha mãe, não vai? Por favor...

Kat o encarou por alguns segundos e ele baixou os olhos.

– Brandon?

– Hum.

– O que está acontecendo aqui?

A resposta dele foi uma surpresa:

– Será que você não entendeu ainda?

– Não.

Brandon a fitou com um esgar de ceticismo.

– Donovan?

Kat se virou para trás, já sabendo quem a estava chamando. Stagger estava no pé da escada.

– Na minha sala, por favor.

– É que eu estou no meio de uma...

– É jogo rápido. – O tom de voz não deixava margem para réplicas.

Kat disse a Brandon:

– Espere aqui um minuto, ok?

O garoto desviou o olhar e assentiu.

Levantando-se, Kat viu que o capitão não a havia esperado. Tratou de se apressar e saiu no calcanhar dele, rumo ao segundo andar. Stagger esperou que ela entrasse na sala, fechou a porta e, ali mesmo, foi logo falando:

– Monte Leburne morreu esta manhã.

Kat se apoiou na parede.

– Merda...

– Bom, essa não foi bem minha reação. De qualquer modo, achei que devia avisar.

Ao longo das últimas duas semanas, Kat tinha feito novas tentativas de se aproximar de Leburne, mas sem nenhum sucesso. Agora não havia mais nada que fazer.

– Obrigada, capitão.

Por um momento, os dois ficaram ali, ambos mudos e ligeiramente constrangidos com o próprio silêncio.

– Mais alguma coisa? – perguntou Kat.

– Não. Só achei que você ia querer saber.

– De novo, obrigada.

– Imagino que você esteja investigando aquilo que ele disse.

– É, estou.

– E...?

– Nada, capitão. Ainda não descobri nada.

Stagger aquiesceu lentamente.

– Tudo bem. Pode ir.

De súbito, Kat perguntou:

– Sabe se vai haver um funeral?

– Para quem? Para o Leburne?

– Sim.

– Não, não sei. Por quê?

– Por nada.

No entanto, Kat tinha os seus motivos para perguntar. Leburne tinha uma família. Eles haviam mudado de nome e deixaram o estado, mas talvez aparecessem para o enterro. Talvez soubessem de alguma coisa. Agora que o querido Monte batera as botas, talvez quisessem provar a inocência dele, pelo menos numa das acusações.

Uma chance em um milhão.

Kat deixou a sala do capitão e, examinando os próprios sentimentos, encontrou neles um certo desânimo. Eram muitas as pontas soltas em sua vida. Policiais gostam de casos solucionados. As merdas acontecem, eles vão lá, descobrem o culpado e o motivo que ele teve para fazê-las. Nem sempre obtinham todas as respostas, mas quase sempre.

De uma hora para outra, no entanto, sua vida se tornara um gigantesco caso em aberto e ela detestava isso.

Paciência. Ela deixaria a festinha de autopiedade para mais tarde. Agora precisava se concentrar em Brandon e no caso da mãe desaparecida. Voltando à sua mesa, no entanto, deparou com uma cadeira vazia. Deduziu que o garoto tivesse ido ao banheiro ou coisa parecida, mas então avistou um bilhete:

Tive que ir embora. Por favor, encontra a minha mãe. Se quiser falar comigo, você tem o

Kat releu o texto. Intuíra algo de muito errado naquela história: o sumiço da mãe, a insistência do garoto em falar só com ela... enfim, tudo. Alguma coisa não batia. Ela reexaminou suas anotações.

Dana Phelps.

Que mal havia em fazer uma rápida pesquisa do nome?

Nesse momento, o telefone à sua frente tocou.

– Kat Donovan – atendeu ela.

– Oi, Kat. – Era Chris Harrop, do Departamento Penitenciário. – Desculpe ter demorado tanto para dar um retorno, mas, como eu disse antes, os arquivos mais antigos não foram digitalizados ainda e eu precisei mandar um funcionário até o depósito de Albany. E depois... Bem, depois precisei esperar.

– Esperar o quê?

– Seu amigo Monte Leburne morrer. É meio complicado, mas, em poucas palavras, mostrar esses arquivos para você configuraria uma violação dos direitos dele, a menos que ele desse uma autorização expressa ou que você obtivesse uma ordem judicial ou que... blá, blá, blá, blá. Sabe como é. Mas, agora que o homem morreu...

– Você conseguiu a lista?

– Consegui.

– Pode me mandar por fax?

– Fax? A gente está o quê, em 1996? Que tal um Telex? Está tudo no e-mail que acabei de mandar, Kat. Seja como for, não há nada nele que vá ajudar.

– Como assim?

– No dia que você especificou, a única pessoa que visitou Monte Leburne na prisão foi o advogado dele, um tal de Alex Khowaylo.

– Só ele?

– Sim. E mais dois caras do FBI. O nome deles está no e-mail. Ah, tem também um cara da Polícia de Nova York, Thomas Stagger.

capítulo 12

STAGGER NÃO ESTAVA em sua sala.

Ainda à porta do escritório dele, Kat digitou uma mensagem de texto dizendo que precisava vê-lo imediatamente. Seus dedos tremiam, mas ela conseguiu apertar o botão de enviar. Por dois minutos, ela ficou olhando para o visor do próprio telefone.

Não houve resposta.

Aquilo não fazia o menor sentido. Monte Leburne fora detido pelo FBI, mais especificamente os agentes responsáveis por combater o crime organizado. A Polícia de Nova York não tivera qualquer envolvimento na operação. Leburne era acusado de matar dois membros de uma família rival e, alguns dias depois de sua prisão, também fora apontado pelos federais como autor do assassinato de Henry Donovan.

Assim, por que diabos Stagger teria visitado Leburne antes disso, logo no dia seguinte à prisão?

Kat se deu conta de que estava precisando de um pouco de ar. Uma pontada no estômago a fez lembrar que ainda não havia almoçado. Sabia que não trabalhava direito quando pulava as refeições. Perdia o foco, ficava azeda. Então, desceu rapidamente para a recepção e pediu a Keith Inchierca que lhe telefonasse assim que Stagger voltasse.

– Por acaso tenho cara de secretário?

– Essa é boa.

– O quê?

– Por favor, Keith. É importante, ok?

O recepcionista gesticulou para que ela fosse embora logo.

Kat encontrou uma carrocinha de falafel na Terceira Avenida e, lembrando-se do endereço de Brandon Phelps, pensou: já que estou aqui... Seguiu caminhando na direção norte até alcançar, sete quadras depois, um prédio residencial de aspecto bastante comum. Ao nível da rua, havia uma farmácia Duane Reade e uma loja chamada Scoop, que de início ela pensou ser uma sorveteria, já que o nome significava “bola de sorvete”, mas que na verdade era uma boutique moderninha. A entrada do prédio ficava na Rua 74. Kat brandiu seu distintivo para o porteiro, dizendo:

– Preciso subir ao apartamento 8J, de Dana Phelps.

O porteiro conferiu o distintivo.

– Prédio errado.

- Tem alguma Dana Phelps aqui?
- Não tem nenhuma Dana Phelps. Também não tem apartamento 8J. Nenhum dos apartamentos aqui tem letra. Os do oitavo andar vão de 801 a 816.

Kat guardou o distintivo.

- Este aqui não é o número 1.279 da Terceira Avenida?

- Não, aqui é o 200 da Rua 74 Leste.

- Mas o prédio está na esquina com a Terceira Avenida.

O porteiro a encarou por alguns instantes.

- Sim, e daí?

- Na outra fachada tem uma placa com o número 1.279.

Com uma careta de insatisfação, o homem retrucou:

- Por acaso a senhora acha que eu estou mentindo sobre o endereço?

- Não é isso.

- Se quiser subir para procurar o apartamento 8J, fique à vontade. Não sou eu quem vai impedir.

Ah, os nova-iorquinos...

- Olhe, estou tentando achar o apartamento 8J de um prédio que fica na Terceira Avenida, número 1.279.

- Não tenho como ajudar.

Kat voltou à calçada. O toldo sobre a portaria de fato trazia o endereço informado pelo porteiro: Rua 74 Leste, 200. Ela dobrou a esquina e voltou para a Terceira Avenida. Na verdade, o número 1.279 ficava sobre a entrada da Duane Reade. Que porcaria era aquela? Ela entrou na farmácia, chamou o gerente e perguntou:

- Por acaso tem algum apartamento acima da loja?

- Ahn, nós somos uma farmácia.

Os nova-iorquinos.

- Eu sei, mas... Como é que eu faço para chegar aos apartamentos que ficam aqui em cima?

- Por acaso a senhora conhece alguém que precisa atravessar uma farmácia para chegar em casa? A entrada do prédio fica na Rua 74.

Kat não se deu o trabalho de argumentar. A resposta agora estava clara: Brandon Phelps, se é que ele se chamava assim, dera o endereço errado ou, mais provavelmente, um endereço falso.

De volta à delegacia, Kat encontrou no Google algumas respostas, mas elas não esclareciam muita coisa.

De fato havia uma Dana Phelps com um filho chamado Brandon. Eles não moravam em Manhattan, mas num bairro bem chique de Greenwich, Connecticut. O pai do garoto fora o gestor de um fundo de investimento bastante vultoso. Grana preta. Ele tinha morrido aos 40

anos, mas o obituário não informava a causa da morte. Kat fez uma rápida pesquisa das instituições de caridade – os moribundos geralmente pediam doações para causas ligadas às cardiopatias, ao câncer ou qualquer que fosse a doença que os acometia –, mas não encontrou nada.

Por que o garoto tinha procurado uma policial específica em Nova York?

Ela pesquisou outros imóveis que os Phelps pudessem ter. Nada mais natural que uma família endinheirada de Greenwich tivesse um apartamento no Upper East Side, mas não havia nada no nome deles em Manhattan. Kat também verificou no sistema o celular informado por Brandon. Espantou-se ao ver que se tratava de um pré-pago, algo incomum para um garoto rico de qualquer cidade. Cartões pré-pagos eram usados por quem tinha o nome sujo na praça ou não queria ser rastreado. Claro, poucos sabiam como era fácil rastrear telefones descartáveis. Havia muito tempo que a Justiça americana abolira a necessidade de ordens judiciais para o uso de ferramentas de rastreamento. De qualquer modo, Kat não precisaria ir tão longe, pelo menos por enquanto.

Ela ainda preferia seguir seu faro. Sabendo que todas as vendas de pré-pagos eram registradas num banco de dados, digitou o número de Brandon e descobriu exatamente onde ele havia comprado seu aparelho. Não chegou a ficar surpresa com a resposta: a farmácia Duane Reade, isso mesmo, aquela que ficava no número 1.279 da Terceira Avenida.

Talvez isso explicasse por que ele dera esse endereço.

Tudo bem, mas não explicava muito mais que isso.

Havia outros caminhos a serem explorados, mas levariam mais tempo. Brandon Phelps tinha um perfil no Facebook, mas de acesso restrito. Provavelmente não seria necessário mais que um ou dois telefonemas para descobrir do que morrera o pai, mas, pensando bem, que relevância poderia ter essa informação? O garoto a procurara porque a mãe tinha viajado com um fulano qualquer.

Também havia a possibilidade de que tudo não passasse de uma brincadeira de mau gosto. Por que ela estava perdendo tempo com aquela história sem sentido, afinal? Não havia nada melhor para fazer? A bem da verdade, o expediente estava uma calmaria naquela tarde em particular, e investigar o caso de Brandon Phelps até que seria uma boa maneira de passar o tempo até Stagger voltar.

Muito bem, então. Vamos lá. Digamos que seja realmente uma brincadeira. Nesse caso, seria algo patético e deprimente: nem um pouco divertido ou inteligente. Onde estaria a piada? O que Brandon Phelps ganharia com uma bobagem dessas? Não, isso não fazia nenhum sentido. Não conseguia entender.

De modo geral, os policiais gostam de acreditar no mito de que eles têm um talento especial para “ler” as pessoas, de que são detectores de mentira ambulantes, de que são capazes de distinguir entre verdades e mentiras numa simples inflexão da voz ou num simples movimento do corpo. Kat sabia que tudo isso não passava de um grande delírio. Pior, um delírio que muitas vezes produzia consequências desastrosas.

A menos que fosse um sociopata nato ou um ator recém-formado no método de Lee Strasberg, o jovem Brandon realmente parecia atordado com alguma coisa.

A pergunta era: o quê?

A resposta: telefonar para ele e descobrir.

Kat discou o número que Brandon lhe passara, meio que esperando que o garoto não atendesse, que já tivesse desistido de seu joguinho infantil, que já tivesse tomado juízo e voltado para Greenwich, para a Universidade de Connecticut ou para o buraco de onde nunca deveria ter saído. Mas ele atendeu logo na segunda chamada.

– Alô?

– Brandon?

– Detetive Donovan...

– Eu mesma.

– Aposto que ainda não encontrou a minha mãe.

Kat decidiu que não havia motivo para pisar em ovos.

– Não, não encontrei, mas fiz uma visitinha à Duane Reade da Terceira Avenida.

Silêncio.

– Brandon?

– Hum.

– Que tal você abrir o jogo logo de uma vez?

– Pergunta errada, detetive – respondeu ele, agora com uma ponta de agressividade.

– Do que você está falando?

– A pergunta é: que tal *you* abrir o jogo logo de uma vez?

Kat passou o telefone da orelha direita para a esquerda: queria fazer anotações.

– Do que você está falando, Brandon?

– Encontre a minha mãe.

– Você está falando dessa mãe que mora em Greenwich, Connecticut, não é?

– Sim.

– Sou da Polícia de Nova York, Brandon. Você vai ter que procurar uma delegacia em Greenwich.

– Já fiz isso. Falei com um tal detetive Schwartz.

– E...?

– E ele não acreditou em mim.

– E o que faz você pensar que *eu* vou acreditar? Por que veio me procurar? E por que essas mentiras todas?

– Você é a Kat, não é?

– Hein?

– Quer dizer, é assim que as pessoas chamam você. Kat.

– Como você sabe disso?

Brandon desligou.

Kat ficou olhando para o telefone, ainda pensando como o garoto poderia ter aquela informação. Talvez ele tivesse ouvido alguém chamá-la de Kat na delegacia. Talvez. No entanto, Brandon dava a impressão de que sabia muito mais a respeito dela do que estava disposto a admitir. Afinal, havia procurado especificamente por ela no distrito, um garoto de Greenwich em busca da mãe desaparecida. Se é que Dana Phelps era mesmo a mãe dele. Se é que ele realmente era Brandon Phelps. Ela ainda não havia encontrado fotos deles na internet.

Nada daquilo tinha sentido. Então, o que fazer?

Ligar de volta para o garoto. Melhor ainda, rastrear a localização dele. Detê-lo.

Detê-lo por conta do quê?

Falso testemunho, talvez. Mentir para a polícia. Talvez ele fosse um maluco qualquer. Talvez tivesse feito alguma coisa com a própria mãe, com Dana Phelps ou...

Kat pensava nas possibilidades quando seu telefone de mesa tocou.

– Aqui é seu secretário particular, detetive. – Era o sargento Inchierca. – Você queria saber quando o capitão estaria de volta, não queria?

– Sim.

– Pois bem, ele acabou de chegar.

– Obrigada, Keith.

De um segundo a outro, apagaram-se de sua cabeça todas as preocupações que tinham a ver com Brandon Phelps e sua mãe supostamente desaparecida. Sem pensar duas vezes, ela disparou para o segundo andar. Ao chegar lá, avistou Stagger entrando em sua sala na companhia de outros dois policiais. O primeiro era o supervisor direto dela, Stephen Singer, um sujeito tão magro que poderia se esconder atrás de uma barra. O segundo era David Karp, supervisor do contingente uniformizado que trabalhava nas ruas.

Stagger já ia fechando a porta, mas Kat o alcançou a tempo, bloqueando-a com a mão. Forçou um sorriso e disse:

– Capitão?

Stagger olhou torto para a mão que bloqueava sua porta, parecendo ofendido.

– Recebeu meu recado? – perguntou Kat.

– Agora estou ocupado.

– Não vai dar para esperar.

– Vai ter que dar. Tenho uma reunião com...

– Consegui o histórico de visitas a Monte Leburne no dia seguinte à prisão dele – ela foi logo falando, fitando-o diretamente nos olhos à procura de alguma revelação. No fim das contas, não era lá muito diferente dos outros policiais que se fiavam na leitura de sinais. Apenas não ficava delirando. – Estou precisando da sua ajuda de verdade.

Os sinais que ela procurava ler do capitão foram tão gritantes quanto um daqueles letreiros de neon que abundam em Las Vegas. As mãos dele se retesaram, o rosto enrubescceu. Todos haviam notado, inclusive o supervisor de Kat, visivelmente insatisfeito com o comportamento dela.

– Inspetora... – disse Stagger entre dentes.

– Sim.

– Já disse que estou ocupado.

Os dois supervisores, sobretudo Singer, que ela admirava e respeitava, a olhavam duro, num claro sinal de censura àquele ato de insubordinação. Um tanto desconcertada, ela automaticamente recuou para que Stagger fechasse a porta à sua frente.

A mensagem chegou dez minutos depois; era do pré-pago de Brandon: Desculpa.

Aquilo já havia ido longe demais. Kat ligou de volta para o garoto, que atendeu imediatamente.

– Kat? – disse ele, hesitante.

– Que diabos está acontecendo, Brandon?

– Estou na livraria da esquina. Você pode me encontrar aqui?

– Não vou admitir ser manipulada mais uma vez, garoto.

– Vou explicar tudo, prometo.

Kat suspirou.

– Estou descendo.

Brandon estava sentado num banco nas imediações da esquina com a Park Avenue, perto da livraria do Hunter College. Encaixava-se perfeitamente naquela paisagem de universitários que iam e vinham com mochilas nas costas, moletons de capuz, caras de cansaço. Estava encolhido como se estivesse com frio. Parecia mais novo do que era, amedrontado e frágil.

Kat se acomodou ao lado dele. Não disse nada, apenas o fitou de relance. Ele é que havia ligado, ele é que devia iniciar a conversa. Por um tempo razoavelmente longo, Brandon ficou encarando as próprias mãos. Kat aguentou firme.

– Papai morreu de câncer... – começou ele. – Foi um processo lento, ele foi definhando aos poucos. Mamãe nunca saiu do lado dele. Os dois estavam juntos desde o colégio... Eram um casal de verdade, entende? Quando vou na casa dos meus amigos, fico reparando nos pais deles, cada um para o seu lado na casa, sem falar com o outro. Meus pais não eram assim. Quando papai morreu, fiquei arrasado, claro. Mas não como a minha mãe. Foi como se um pedaço dela tivesse morrido também.

Kat abriu a boca e fechou-a sem falar nada. Tinha um milhão de perguntas na ponta da língua, mas elas teriam que esperar.

– Mamãe sempre liga. Sei que parece estranho, mas é assim mesmo. Ela *sempre* liga. Foi isso que me deixou desconfiado. É que... a gente só tem um ao outro, sabe? E ela, tadinha, tem pavor de perder mais alguém na vida. Por isso está sempre ligando, só para ter certeza que eu ainda estou vivo.

Ele desviou o olhar e Kat enfim quebrou seu silêncio:

– Sem dúvida ela vinha se sentindo sozinha, Brandon.

– Eu sei.

– E agora ela está com outro homem. Você entende isso, não entende?

Brandon ficou calado.

– Esse cara é o primeiro namorado dela desde que...?

– Não, não é. Mas é a primeira vez que ela viaja com alguém.

– Então talvez seja isso, Brandon.

– Isso o quê?

– Talvez ela esteja com medo da sua reação.

Brandon balançou a cabeça.

– Quero que a minha mãe encontre outra pessoa, ela sabe disso.

– Quer mesmo? Você acabou de dizer que vocês só têm um ao outro. Talvez isso seja verdade. Mas talvez as coisas estejam mudando agora. Tente se colocar no lugar da sua mãe, Brandon. Quem sabe ela estava precisando se afastar um pouco.

– Não é isso – insistiu ele. – Ela sempre liga.

– É, você já disse. Mas, de repente, ela teve os seus motivos para não ligar desta vez. Você acha que ela está apaixonada?

– Mamãe? Provavelmente. – Uma pausa. – É claro que ela está apaixonada por esse cara. Não teria viajado com ele se não estivesse.

– A paixão deixa a gente meio avoado, Brandon. Os apaixonados sempre ficam assim, meio autocentrados.

– Também não é isso. Olhe, esse cara... Esse cara não quer nada com a minha mãe, só está brincando com ela. Mas ela não enxerga isso.

– Brincando com sua mãe? – Kat sorriu, talvez entendendo um pouco o lado dele. Brandon estava querendo proteger a mãe e isso tinha lá a sua graça. – Até pode ser que esse namorado parta o coração da sua mãe, mas e daí? Ela não é mais uma criança.

Brandon balançou a cabeça de novo.

– Você não está entendendo.

– O que aconteceu exatamente quando você procurou a delegacia de Greenwich?

– O que você acha? Falaram a mesma coisa que você.

– Então por que você me procurou? É isso que até agora eu não consigo entender. Ele deu de ombros.

– Achei que você fosse entender.

– Mas por que *eu*? Quer dizer, como você ficou sabendo da minha existência? Como soube que me chamam de Kat? – Ela tentou fisgar o olhar dele. – Brandon? – Ele não se virou. – Por que você acha que posso ajudar?

Silêncio.

– Brandon?

– Vai dizer que você não sabe.

– Claro que não.

Mais silêncio.

- Brandon, diz logo o que está acontecendo, pelo amor de Deus.
- Eles se conheceram na internet.
- Muita gente se conhece assim.
- É, eu sei, mas... – Brandon se calou de repente, depois murmurou: – Linda e espevitada. Kat arregalou os olhos.
- O que foi que você disse?
- Nada.

Imediatamente, ela se lembrou da mensagem pessoal que Stacy havia escolhido para ela.

– Por acaso você está... – Kat sentiu um frio na espinha. – Por acaso você está me bisbilhotando na internet?

- O quê? – Brandon se endireitou no banco. – Não! Você ainda não sacou?
- Saquei o quê?

Ele tirou um papel do bolso.

- Este é o cara com quem minha mãe viajou. Esta é uma das fotos do site.

Kat pegou a foto e sentiu o coração despencar num fosso interminável e escuro.

Era Jeff.

capítulo 13

LÁ ATRÁS, NO INÍCIO de tudo, era assim que Titus encontrava suas garotas: Ele vestia terno e gravata. A concorrência que ficasse com seus moletons e jeans caídos. Sempre levava consigo uma maleta de executivo, um par de óculos de aro de tartaruga. Os cabelos eram sempre curtos e muito bem-cortados.

Ia para a estação rodoviária da Rua 42, subia para o mezanino e sentava sempre no mesmo banco. O mendigo que estivesse dormindo ali, ao vê-lo chegando, não pensava duas vezes antes de ceder seu lugar. Titus não precisava falar nada. Os locais já o conheciam o suficiente para saber que era melhor não comprar nenhuma briga. Aquele banco pertencia a Titus e ponto final. De lá, ele tinha uma visão panorâmica de boa parte do terminal abaixo, do portão 226 até o 234. Podia ver os passageiros desembarcando, mas eles não podiam vê-lo.

Era um predador e tinha plena consciência disso.

Observava as moças descendo do ônibus, um leão à espera de sua gazela coxa.

Paciência era fundamental.

Titus não queria moças das cidades grandes. Esperava pelos ônibus que vinham de Tulsa ou de Topeka, talvez até de Des Moines. Boston não servia. Tampouco Kansas City e Saint Louis. As melhores eram aquelas que vinham fugidas do Cinturão da Bíblia, do fanatismo religioso. Chegavam com um misto de esperança e rebeldia no olhar. Quanto mais rebeldes, quanto mais quisessem ver o pai pastor pelas costas, tanto melhor. Nova York era a cidade grande onde sonhos se tornavam realidade.

As moças vinham em busca de mudanças e diversão. Alguma coisa *tinha* que acontecer na vida delas. No entanto, chegavam com fome e medo, já cansadas, arrastando uma mala grande demais, pesada demais. Se possuísem um violão também, melhor ainda.

Titus não sabia explicar, mas suas chances de sucesso sempre eram maiores quando havia um violão.

Ele jamais forçava a barra.

Se as condições não fossem ideais, se a moça não fosse a presa perfeita, ele ficava na dele. Este era o segredo: paciência. Bastava jogar a tarrafa um número suficiente de vezes para que nela caíssem os peixes de que precisava. Eram muitos ônibus, não precisava ter pressa.

Portanto, Titus ficava à espreita em seu banco e, ao avistar uma boa candidata, entrava em ação. Na maioria das vezes, não dava certo. Mas tudo bem. Ele tinha uma boa lábia. Havia

sido muito bem-treinado por Louis Castman, o cafetão casca-grossa que lhe servira de mentor. Bastava falar educadamente. Solicitar e sugerir em vez de ordenar e exigir. Manipular as garotas ao fazê-las pensar que tinham as rédeas da situação.

A beleza era um bônus, não um pré-requisito.

Quase sempre ele usava a carreira de modelo como isca. Mandara fazer cartões de visita no melhor papel; nada de produto vagabundo. Coisa de bacana. Alto relevo e tudo mais. Neles vinham escritos o nome de sua agência, Elitism Model Agency, em uma fonte elegante, seu próprio nome e três números de telefone – comercial, residencial e celular, os dois primeiros redirecionados para o último. O endereço na Quinta Avenida realmente existia e, se as moças confundissem Elitism com a famosa agência Elite, bem, nesse caso, fazer o quê?

Titus nunca as pressionava. Dizia que estava vindo de sua casa em Montclair, um abastado subúrbio de Nova Jersey, e que as vira acidentalmente. Em seguida, sugeria que elas podiam fazer uma bela carreira como modelo e oferecia seu cartão, dizendo: “Caso você ainda não tenha uma agência...” Achava importante deixar claro que não era daqueles que costumavam passar a perna na concorrência. No fim das contas, as moças acreditavam no que queriam acreditar. O que ajudava bastante. Com certeza já tinham ouvido histórias sobre modelos e atrizes que haviam sido descobertas no shopping, no supermercado ou no emprego de garçoneiro.

Por que não numa estação rodoviária?

Titus dizia que elas precisariam de um portfólio e as convidava para uma sessão de fotos com um dos melhores fotógrafos de moda. Era aí que algumas ficavam desconfiadas, as que já tinham ouvido histórias semelhantes. Queriam saber quanto custava aquilo. Titus geralmente ria, depois falava: “Vou lhe dar um conselho de graça: no caso das agências legítimas, são elas que pagam para você; não é você que paga para elas.”

Sempre que as moças se revelavam desconfiadas demais, preocupadas demais, ele as deixava ir e voltava para seu banco. Era preciso saber jogar a toalha nas horas certas. Esse era o segredo. Por exemplo, quando as moças não estavam fugindo de algo ou alguém, quando estavam na cidade apenas para um passeio de poucos dias, quando mantinham contato regular com algum parente... em todos esses casos, ele tirava o time de campo.

Quanto àquelas que passavam pelo crivo, bem, cada caso era diferente.

Louis Castman gostava de torturá-las. Titus, não. Não que o recriasse – poderia seguir esse caminho a qualquer momento –, mas, para ele, havia outros métodos seguramente mais lucrativos. Mesmo assim, seguia os demais métodos do mentor: Castman convidava as moças para serem fotografadas; tirava algumas fotos – até que levava certo jeito para a coisa –, depois as atacava. Simples assim. Encostava uma faca no pescoço delas. Confiscava telefone e documentos. Algemava-as à cama. Por vezes as estuprava.

E sempre as drogava.

O procedimento podia se estender por muitos dias. Certa vez, com uma moça particularmente bonita e destemida, eles haviam consumido duas semanas inteiras.

As drogas eram caras – heroína era a preferida de Titus –, mas isso não passava de um custo operacional. Cedo ou tarde as moças se viciavam. Geralmente cedo. Com a heroína era assim: bastava deixar o gênio sair da garrafa para que ele nunca mais quisesse voltar. Para Titus, isso era o suficiente. Castman, por sua vez, gostava de filmar os estupros; depois editava os filmes para que o sexo parecesse consensual e, apenas para limar a última ponta de esperança que suas vítimas pudessem ter, ameaçava enviar uma cópia para os pais delas, pessoas geralmente muito conservadoras e muito religiosas.

Em muitos aspectos, a operação era perfeita. Bastava encontrar garotas que já trouxessem consigo alguma cicatriz na alma, que já estivessem fugindo de algo, de problemas sérios com o papai, talvez de uma situação de abuso. Essas eram como gazelas feridas. Bastava cravar os dentes e sugar todo o sangue que ainda restava nelas. Aterrorizá-las. Machucá-las. Viciá-las numa droga qualquer. Por fim, quando toda a esperança já tivesse se esvaído, bastava apresentar-lhes um salvador da pátria.

Ele.

A certa altura, as moças desistiam de tudo, dispostas a fazer o que fosse para agradá-lo, e esse era o momento certo de botá-las para trabalhar nas ruas ou num bordel de alto nível – Titus operava em ambas as frentes. Uma ou outra fugia para casa, não muitas, mas isso também não passava de uma simples despesa. Duas conseguiram ir até a polícia, apenas com a própria palavra para contrapor à dele, sem prova alguma. Quem iria acreditar na palavra de uma puta viciada em crack ou heroína? Quem iria se importar com elas?

Para Titus, tudo isso eram águas passadas.

Ele agora terminava de dar sua caminhada vespertina. Gostava desse momento em que podia ficar sozinho, zanzando nas imediações do celeiro, cercado apenas pelo verde luxuriante da mata, pelo azul profundo do céu. Essas coisas sempre o surpreendiam. Ele tinha crescido no Bronx, dez quarteirões ao norte do Yankee Stadium. Na juventude, o mais próximo que havia de espaço ao ar livre em sua vida era a escada de incêndio do prédio. O jovem Titus não conhecia mais do que a balbúrdia da cidade grande, acreditava que aquilo fazia parte de sua própria essência, acreditava que não podia viver sem tijolos, argamassa e concreto. Era apenas um dos oito irmãos que dividiam uma mesma espelunca de dois quartos na Jerome Avenue. Não tinha um único momento de privacidade, silêncio e paz do qual pudesse se lembrar com carinho mais tarde. Tampouco desejava paz, uma vez que não é possível desejar aquilo que não se conhece.

Ao pisar pela primeira vez naquela fazenda, chegara a pensar que nunca seria capaz de viver em meio a tanta calmaria, mas, agora, nada lhe dava mais prazer do que a solidão.

Ele se viu na clareira menor, onde Reynaldo, seu fiel e musculoso escudeiro, montava guarda. O rapaz brincava com o cachorro, arremessando gravetos para que ele buscasse, e cumprimentou Titus com um aceno da cabeça. O chefe retribuiu o cumprimento. Por ali ficavam os silos subterrâneos que o ex-proprietário amish havia construído para proteger os alimentos em períodos de temperaturas mais baixas. Na realidade, não passavam de buracos

cavados a pá com uma porta à guisa de tampa. Eram quase invisíveis para quem não estivesse prestando muita atenção.

Ao todo, havia catorze silos na propriedade.

Titus passou pelo monturo de roupas ainda encimado pelo vestido amarelo.

– Como ela está?

Reynaldo deu de ombros.

– Normal.

– Acha que já está pronta?

Uma pergunta idiota: Reynaldo não tinha como saber. Nem se deu o trabalho de responder. Titus o conhecera seis anos antes no Queens. À época, Reynaldo era um adolescente magricela que vendia o próprio corpo no circuito gay para ganhar a vida. Pelo menos duas vezes por semana era espancado por alguém. Titus não dava mais que um mês de sobrevida para o garoto. A única coisa que mais se assemelhava a uma família ou a um amigo era Bo, o labrador que havia encontrado abandonado lá pelas bandas do East River.

Portanto, Titus decidira “salvar” o garoto. Dera-lhe drogas. Dera-lhe autoestima. Tornara-o uma pessoa útil.

O relacionamento tinha começado como mais uma arapuca por parte de Titus, não muito diferente das usadas com as moças. Reynaldo tornara-se seu mais obediente laçao e capanga. Mas algo havia mudado com o tempo. Uma evolução, por assim dizer. Contrariando todas as expectativas, Titus passara a nutrir certo carinho pelo garoto. Não, não essa espécie de carinho.

Ele o via como alguém da família.

– Traga a mulher para mim hoje à noite – ordenou Titus. – Lá pelas dez horas.

– Tarde assim?

– Algum problema?

– Não, problema nenhum.

Olhando para o vestido amarelo, Titus disse:

– Ah, essa pilha de roupas... Pode botar fogo em tudo.

capítulo 14

FOI COMO SE, DE REPENTE, Kat estivesse numa redoma no meio da Park Avenue.

Com a visão periférica, Kat ainda podia ver os universitários que passavam por perto, ainda ouvia uma ou outra risada, uma ou outra buzina de carro, mas tudo soava abafado, como se acontecesse a muitos quilômetros de distância.

Ela examinava a fotografia em suas mãos. Era uma imagem de Jeff na praia com uma cerca quebrada às costas, a arrebenção ao longe. Talvez por sugestionamento, tinha a impressão de que estava com duas conchas apertadas contra as orelhas, de que vagava ao léu com a foto do ex-noivo à sua frente, fitando-a como se, a qualquer momento, fosse encontrar nela todas as explicações que vinha buscando.

Brandon se levantou. Por um átimo, receando que ele fugisse e a deixasse ali com aquele maldito retrato nas mãos e milhões de perguntas, Kat segurou-o pelo pulso. Apenas uma medida de segurança. Apenas para que ele não sumisse.

– Você o conhece, certo? – perguntou o garoto.

– Que diabos está acontecendo, Brandon?

– Você é da polícia.

– Sim, sou.

– Então, antes de eu dizer o que for, você vai ter que me dar... sei lá, algum tipo de imunidade.

– Como assim?

– É por isso que eu não contei nada ainda. Por isso não contei o que eu fiz. Tipo... a Quinta Emenda da Constituição. Não quero me incriminar.

– Quando você me procurou... não foi uma coincidência.

– Não, não foi.

– Como você me achou?

– Essa é a parte que eu acho que não posso contar. A menos que role uma Quinta Emenda, alguma coisa assim.

– Brandon?

– O quê?

– Pare de me enrolar. Quero saber o que está acontecendo. Agora.

– E se... – ele foi dizendo aos poucos – o jeito que encontrei você... fosse... ilegal?

– Tanto faz.

– Hein?

Kat fuzilou-o com os olhos.

– Brandon, estou a um passo de sacar minha arma e enfiá-la na sua goela se você não me disser imediatamente o que está acontecendo!

– Só me diga uma coisa primeiro. – Brandon apontou para a foto. – Você o conhece, certo?

Kat baixou os olhos para o retrato em suas mãos.

– Conheci.

– Então me diga: quem é ele?

– Um ex-namorado – respondeu ela baixinho.

– É, eu sei. Mas o que eu estou falando é...

– Por enquanto você não falou nada, garoto! – Kat voltou a encará-lo, mais uma vez tentou encontrar no rosto dele alguma pista. Como ele a havia encontrado? Como poderia saber que Jeff era um ex-namorado? Como...? Foi então que lhe ocorreu: – Por acaso você andou dando uma de hacker?

Imediatamente, ela pôde ver nos olhos dele que tinha acertado na mosca. Tudo agora se encaixava. Brandon não queria procurar a polícia e dizer que infringira a lei. Por isso tinha inventado a tal história sobre ouvir que ela era uma boa investigadora.

– Fique tranquilo, Brandon, não estou preocupada com isso.

– Não está?

Kat balançou a cabeça.

– Só quero saber o que está acontecendo, ok?

– Promete que não vai contar para ninguém?

– Prometo.

Brandon respirou fundo. Seus olhos começavam a marejar.

– Lá na Universidade de Connecticut, eu estudo Ciência da Computação. Eu e um monte de amigos. A gente manda bem com programação, códigos e paradas do tipo. Então não foi difícil. Afinal, era só um site de relacionamentos. Os sites mais importantes têm um nível de segurança bem mais alto. Firewalls de última geração, esse tipo de coisa. Num site de relacionamentos, o máximo que você pode conseguir é um número de cartão de crédito. Isso, sim, é bem protegido, mas o resto... nem tanto.

– Você invadiu o Você Faz Meu Tipo?

Brandon assentiu e continuou:

– Como eu disse, não as informações de crédito. Isso levaria uma eternidade. Mas as outras páginas... A gente não levou mais que duas horas para conseguir entrar. Os arquivos mantêm um registro de tudo: em quem você clicou, com quem falou, quantas vezes, para quem você mandou mensagens... Até mesmo as mensagens instantâneas. O site mantêm um histórico de tudo isso.

– E você leu meu histórico com Jeff, foi isso?

– É.

– Foi assim que você descobriu meu nome. Nas mensagens que a gente trocou.

Brandon permaneceu calado. Mas agora tudo fazia sentido para Kat. Ela devolveu a foto, dizendo:

– Acho que você devia voltar para casa, Brandon.

– O quê?

– Jeff é um cara legal. Ou pelo menos era. Eles encontraram um ao outro. Sua mãe é viúva. Ele é viúvo. Talvez seja para valer. Talvez eles estejam mesmo apaixonados. Seja como for, sua mãe é uma mulher adulta. Você não devia ficar bisbilhotando a vida dela.

– Não bisbilhotei ninguém! – retrucou ele, ofendido. – Quer dizer, não de início. Mas depois, como ela não telefonou...

– Sua mãe está viajando com um cara. Por isso não telefonou. Vê se cresce, garoto.

– Mas ele não a ama.

– Como é que você pode saber?

– Ele se apresentou como Jack. Por que fez isso, se o nome dele é Jeff?

– É muito comum as pessoas usarem apelidos on-line. Isso não significa nada.

– Além disso, ele conversou com um monte de mulher.

– E daí? É exatamente para isso que serve aquele site. Você vai conversando com um monte de possíveis parceiros. É como procurar uma agulha no palheiro.

Inclusive, Jeff conversou comigo, pensou Kat. Com certeza ele não havia tido coragem de dizer que já encontrara outra pessoa. Por isso dera aquela desculpa esfarrapada, dizendo que não queria reviver o passado, que estava buscando um novo começo.

Por que não dizer a verdade?

– Olhe – insistiu Brandon –, eu só preciso saber o nome verdadeiro dele e o endereço. Só isso.

– Não vou poder ajudar, garoto.

– Por que não?

– Porque nada disso é da minha conta. – Ela balançou a cabeça. – Você não imagina mesmo o tanto que isso não é da minha conta.

Nesse mesmo instante, seu celular vibrou com uma nova mensagem de texto. Era de Stagger: Fonte de Bethesda. 10 min.

Kat se levantou.

– Preciso ir.

– Para onde?

– Também não é da sua conta. Acabou, Brandon. Volte para casa.

– Só me diga o nome e o endereço do cara, por favor. Que mal tem nisso? Só o nome.

Kat tinha plena consciência de que seria errado passar as informações ao menino; por outro lado, ainda não havia engolido direito o toco que levava. Dane-se tudo. O pivete tinha todo o direito de saber com quem a mãe vinha trepando.

– Jeff Raynes – respondeu ela por fim, e soletrou o sobrenome para que não houvesse

dúvida. – Quanto ao endereço, vou ficar devendo. Não faço ideia de onde ele mora.

A fonte de Bethesda era o coração pulsante do Central Park. O anjo empoleirado no alto segurava lírios com uma das mãos enquanto usava a outra para abençoar as águas que o cercavam. Seu rosto pétreo era de tal modo sereno que beirava o enfado. As águas que ele eternamente abençoava eram conhecidas apenas como o Lago. Um nome que Kat adorava desde sempre. O Lago. Nenhuma firula. Uma descrição e pronto.

Abaixo do anjo, ficavam quatro querubins representando a Temperança, a Pureza, a Saúde e a Paz. Aquela fonte estava lá desde 1873. Nos anos 1960, os hippies a ocupavam dia e noite. A primeira cena de *Godspell* havia sido filmada nela, bem como uma cena importante de *Hair*. Na década de 1970, a área ao redor, conhecida como Terraço, tornara-se um antro de drogas e prostituição. O pai de Kat costumava dizer que, na época, até mesmo os policiais tinham medo de circular por ali. Difícil imaginar o paraíso em que ela se transformaria anos depois, sobretudo num dia de verão como aquele.

Stagger ocupava um dos bancos voltados para o Lago. Turistas falavam todas as línguas imagináveis enquanto passavam diante dele de barco, pelejando com os remos até deixá-los de lado para se abandonar à corrente quase inexistente. À direita, uma pequena multidão havia se formado em torno de um grupo de artistas de rua – ou seriam artistas de parque? – que atendiam pelo nome de Afrobats, adolescentes negros que faziam um misto de dança, acrobacia e comédia. Outro performista zanzava de um lado a outro com uma placa que dizia: \$1 A PIADA. GARGALHADAS GARANTIDAS. Estátuas vivas pontilhavam a paisagem. Um sujeito de aspecto absolutamente comum, desses que lembram um tio querido, tocava um *ukulele* com entusiasmo. Outro, vestindo um roupão de banho bastante chinfrim, tentava se fazer passar por um bruxo de Hogwarts.

Com um boné preto, Stagger mais lembrava um garotão. Seus olhos passeavam pelas águas do lago junto com os barcos. Uma típica cena nova-iorquina: a pessoa que consegue se isolar em meio ao furacão de gente que a cerca. O capitão parecia confuso e Kat não sabia ao certo o que estava sentindo.

Ele nem virou o rosto quando ela se aproximou. Ainda de pé, Kat esperou um segundo, depois disse apenas:

– Oi.

– Que diabos deu em você? – questionou Stagger com os olhos fixos na água.

– Do que você está falando?

– Você não pode sair invadindo minha sala daquele jeito.

Ele enfim se virou para Kat. Se antes havia alguma calma no seu olhar, ela se fora.

– Minha intenção não foi desrespeitá-lo.

– Corta essa, Kat.

– É que eu tinha acabado de receber o histórico de visitas de Leburne.

– E aí? Você precisava desesperadamente de uma opinião minha, é isso?

– É.

– Não dava nem para esperar o término da reunião?

– Pensei que... – Atrás deles, a multidão gargalhou com uma piada autodepreciativa dos Afrobats, algo sobre performistas que roubam o público. – Você sabe como eu me sinto com relação a esse caso.

– Obcecada.

– É o meu pai, Stagger. Será que você não entende isso?

– Mais do que você imagina.

Ele voltou os olhos para a água.

– Stagger...

– O que foi?

– Você sabe o que eu descobri, não sabe?

Um sorriso foi se desenhando aos poucos nos lábios do capitão.

– É, eu sei.

– Então...

Stagger fitou um dos barcos e foi seguindo-o com o olhar.

– Por que você foi falar com Leburne um dia depois da prisão dele? – insistiu Kat.

Mais silêncio.

– Foi o FBI que conduziu a operação, não a Polícia de Nova York. Você não tinha nada a ver com a história. Não estava nem trabalhando no caso, já que era parceiro da vítima, tinha encontrado o corpo. Então, Stagger, o que você foi fazer naquela prisão?

Dando a impressão de que havia achado graça na pergunta, Stagger respondeu:

– Qual é a sua tese, Kat?

– Quer saber a verdade?

– De preferência.

– Não tenho tese nenhuma.

Stagger cravou os olhos nela.

– Você acha que tive alguma coisa a ver com o que aconteceu ao Henry?

– Não, claro que não.

– Então o que é?

– Não sei – disse Kat, querendo ter uma resposta melhor.

– Você acha que eu contratei o Leburne, é isso?

– Na minha opinião, Leburne não tinha nada a ver com nada. Era apenas um bode expiatório.

Stagger franziu a testa.

– Caramba, Kat. De novo com isso?

– O que você foi fazer lá?

– Repito: o que você acha? – Stagger fechou os olhos por um instante, respirou fundo,

depois voltou a encarar o Lago. – Não é à toa que uma investigação nunca é entregue a um policial que tenha uma relação pessoal com a vítima.

– O que você quer dizer com isso?

– Porque as pessoas perdem a objetividade. Mais que isso, perdem boa parte da lucidez.

– O que você foi fazer lá, Stagger?

Ele balançou a cabeça.

– Não podia ser mais óbvio.

– Não para mim.

– Exatamente. – Stagger agora observava os dois adolescentes que apanhavam dos remos, mal conseguindo sair do lugar. – Coloque a cabeça para funcionar, Kat. Na época do assassinato, seu pai estava prestes a pegar um dos maiores bandidos desta cidade.

– Cozone.

– Ele mesmo. E, de repente, o Henry é executado. Qual era a nossa tese na época?

– A tese *de vocês*, não a minha.

– Não vai aqui nenhuma ofensa, Kat, mas você nem era da polícia naquele tempo. Era uma universitariazinha cheia de ideias na cabeça. Mas então, qual era a tese oficial da polícia?

– A de que meu pai era uma ameaça para Cozone, por isso Cozone o eliminou.

– Exatamente.

– Mas Cozone não seria burro de matar um policial.

– Não se deixe enganar: bandidos não têm regras. Fazem aquilo que pensam ser o melhor para eles, para os próprios interesses, para sua sobrevivência. Seu pai era um obstáculo em ambos os casos.

– Eu sei: você acha que Cozone contratou Leburne para apagar meu pai. Mas isso ainda não explica o que você foi fazer naquela prisão.

– Claro que explica. Os federais tinham prendido um dos capangas mais ativos de Cozone. Claro que a gente precisava dar uma prensa nele. Como você não enxerga isso?

– Mas por que *você*?

– Como assim?

– Bobby Suggs e Mike Rinsky eram os cabeças da investigação. Por que *você* foi?

Stagger sorriu novamente, mas sem nenhuma alegria.

– Porque eu era como você.

– Como eu?

– Seu pai era meu parceiro. Você sabe como ele era importante para mim. – Silêncio. – Eu não estava a fim de ficar esperando enquanto a Polícia de Nova York e o FBI duelavam para ver quem eram os donos do território, para ver quem tinha a jurisdição do caso. Isso daria tempo para que o Leburne se armasse de um advogado ou sei lá o quê. Eu precisava fazer alguma coisa. Era um cara impetuoso. Então, liguei para um amigo que eu tinha no Bureau e pedi um favorzinho.

– Você foi lá para interrogar o Leburne?

– Em grande parte, sim. Eu era um policial verde e burro, tentando vingar a morte do seu mentor antes que fosse tarde demais.

– Como assim, tarde demais?

– Aquilo que eu disse antes: eu queria falar com o sujeito antes que ele pudesse se blindar com um advogado. Mais que isso, temia que ele fosse apagado por Cozone antes de ter a oportunidade de dar com a língua nos dentes.

– Então você falou com ele?

– Falei.

– E...?

Stagger deu de ombros, lembrando um adolescente. Aliado ao boné, o trejeito dava uma ideia de como ele teria sido na época da escola. Kat delicadamente pousou a mão no ombro dele, sem saber ao certo por quê. Talvez para lembrá-lo de que eles estavam do mesmo lado. Talvez para oferecer algum consolo. Stagger tinha verdadeira adoração por Henry Donovan, seu ex-parceiro. Claro, uma adoração diferente da que ela nutria pelo pai. A morte tem impactos diferentes sobre as pessoas. Amigos e colegas de trabalho digerem seu luto, depois viram a página. Parentes o carregam pelo resto da vida. Mas a angústia do capitão era genuína.

– Não cheguei a lugar nenhum – respondeu ele afinal.

– Leburne negou tudo?

– Não. Ficou me olhando e não disse nada.

– Mas depois confessou.

– Claro. O advogado dele fechou um acordo. Tirou da mesa a possibilidade de uma pena de morte.

Os Afrobats chegaram a seu *grand finale*, saltando sobre os espectadores que haviam se apresentado como voluntários. Os aplausos foram ruidosos. Kat e Stagger esperaram até que a aglomeração se dispersasse.

– Então foi isso – disse ela.

– Foi.

– Você nunca me contou essa história.

– É verdade.

– Por quê?

– Porque não havia nada para contar. Fui falar com um suspeito e voltei com as mãos abanando, só isso.

– Mesmo assim.

– Você era só uma jovem universitária prestes a se casar.

– E daí?

A réplica tinha saído com um pouco mais de agressividade do que Kat havia pretendido. Eles se entreolharam e algo transpareceu ali. Stagger desviou o olhar.

– Não gosto disso que você está sugerindo.

– Não estou sugerindo nada.

– Está, sim. – Ele ficou de pé. – Você não é mulher de meias palavras. Que tal a gente abrir o verbo um com o outro?

– Por mim, tudo bem.

– Leburne alegou até o fim que a decisão de matar o Henry tinha sido exclusivamente dele. Eu e você sabemos que isso é mentira. Nós dois sabemos que Cozone foi o mandante do crime e que Leburne só estava protegendo o chefe.

Kat não disse nada.

– Passamos anos tentando fazer o homem se retratar e contar a verdade – prosseguiu o capitão. – Mas ele fincou o pé. Foi para a cova sem dar o braço a torcer, e agora... bem, agora a gente não sabe direito o que fazer para fechar com justiça o caso do seu pai. Isso é muito frustrante, deixa a gente meio desesperado.

– A gente?

– É, a gente.

– Quem está falando por meias palavras agora é você.

– Por quê? Você acha que isso também não dói em mim?

– Acho. Mas você quer abrir o verbo, não quer? Então vamos lá. Sim, durante anos trabalhei com a hipótese de que Cozone era o mandante e Leburne, apenas o mandado. Mas nunca engoli essa história direito. Sempre achei que alguma coisa não batia. E, quando Leburne, sem nenhum motivo para mentir, falou para a tal enfermeira que era inocente no caso do meu pai, eu acreditei nele. Achei que ele finalmente estava sendo sincero. Então, sim, quero saber por que você foi falar com ele antes de todo mundo. Se é para abrir o verbo, aqui vai: não estou acreditando em você, Stagger.

Os olhos do capitão agora chamejavam. Ele procurou manter a calma na voz para falar:

– Então me diga você, Kat. O que é que eu fui fazer lá?

– Não sei. Adoraria que você me dissesse.

– Está me chamando de mentiroso?

– Só quero saber o que aconteceu.

– Já disse.

Stagger deu dois passos, depois se virou para falar mais alguma coisa. Em seus olhos, agora se via algo que ia além da fúria. Angústia. Talvez até um pouco de medo.

– Você tem uns dias de férias para tirar. Eu já verifiquei. Tire essas férias, Kat. Não quero ver você naquele distrito até que eu consiga a sua transferência.

capítulo 15

KAT BUSCOU SEU LAPTOP e foi para o pub O'Malley's. Como sempre, ocupou o banco que costumava ser de seu pai. Estava examinando a sola dos sapatos quando Pete, o barman, se aproximou.

- O que foi? – ele quis saber.
- Por acaso vocês erraram na dose de serragem no chão?
- O funcionário novo exagerou. E aí, o que vai ser hoje?
- Um cheeseburger ao ponto, fritas e uma Bud.
- Que tal um angiograma de sobremesa?
- Boa, Pete. Na próxima vez eu juro que experimento uma das suas entradas veganas sem glúten.

Entre os presentes, havia de tudo um pouco. Aqui e ali, executivos com pose de mestres do universo faziam seu happy hour. Lobos solitários, desses que se veem em todos os bares, bebiam cerveja com os ombros caídos, olhos fixos no copo, saboreando o torpor que encontravam apenas no líquido âmbar.

Kat sabia que pegara pesado com Stagger, mas, naquele caso, não havia espaço para sutilezas. Ainda assim, ela não sabia o que pensar do capitão. Do mesmo modo que não sabia o que pensar de Brandon. Do mesmo modo que não sabia o que pensar de Jeff.

E agora?

Vencida pela curiosidade, abriu o laptop e foi fazendo uma pesquisa, sobretudo nas redes sociais e nos bancos de imagem, sobre Dana Phelps, mãe de Brandon e nova namorada de Jeff. Dizia a si mesma que estava apenas fazendo o follow-up de praxe, fechando o caso como mandava o figurino, certificando-se de que Brandon realmente era quem dizia ser e não um golpista qualquer – uma preocupação mais do que legítima.

Apesar dos dez bancos ainda vazios diante do balcão, um sujeito de luzes nos cabelos e barbicha veio se sentar bem ao lado dela. Pigarreou e perguntou:

- E aí, mocinha?
- E aí – cuspiu ela de volta.

Encontrou a primeira foto de Dana Phelps num site de eventos de Connecticut, uma espécie de coluna social eletrônica em que eram publicadas fotos e comentários dos ricos locais e de suas festas chiques que eram chamadas de “bailes”, pessoas com uma vida tão plena que mal podiam esperar para abrir o tal site e ver se encontravam nele alguma foto sua.

No ano anterior, Dana havia organizado uma festa para angariar fundos para um abrigo de animais abandonados. Via-se claramente por que o filho era tão agarrado com ela.

Dana era estonteante.

Na foto, ela vestia um longo prata com drapeados discretos e um caimento que Kat jamais teria num vestido seu. A mulher transbordava classe. Era alta, era loira, era tudo aquilo que Kat jamais seria.

Cachorra.

Kat riu de si mesma e o Barbicha tomou isso como um convite.

– Alguma coisa engraçada?

– Sim, a sua cara.

Pete fez uma careta, reprovando de longe a pobreza da resposta. Kat apenas deu de ombros. A resposta era mesmo pobre, mas surtiu o efeito desejado. O Barbicha já tirava seu time de campo enquanto ela tomava mais um gole da cerveja, estampando no rosto aquele ar de “me deixa em paz” que também tinha lá o seu poder. Pesquisando imagens de Brandon Phelps, ela constatou: sim, ele realmente era o magricela cabeludo que a havia procurado na delegacia. Pena. Seria bem mais fácil se o garoto tivesse mentido sobre sua identidade ou algo assim.

Kat começou a sentir os efeitos do álcool, entrando naquele estágio inicial da embriaguez em que as pessoas mandam um torpedo para o ex-namorado para depois se arrependerem amargamente do que fizeram. Por sorte, ela não tinha o número de Jeff, mas ainda assim poderia recorrer à segunda melhor opção, que era bisbilhotar a vida dele na internet. Então, digitou o nome do ex-noivo em diversos mecanismos de busca, mas não encontrou nada a respeito dele. Absolutamente nada. Já sabia que isso iria acontecer – não era a primeira vez que investigava Jeff sob os efeitos da bebida –, mas, ainda assim, ficou intrigada. Alguns *pop-ups* ofereciam serviços para encontrá-lo ou, melhor ainda, pesquisar a existência de antecedentes criminais.

Não, muito obrigada.

Restava-lhe abrir de novo o perfil de Jeff no Você Faz Meu Tipo. O mais provável era que ele já tivesse fechado sua conta no site, pois já havia encontrado sua loira escultural e, naquele exato momento, estaria com ela numa praia paradisíaca qualquer, andando de mãos dadas junto à água, ela num belo biquíni prateado, a lua refletida no mar.

Cachorra.

Kat procurou pelo perfil de Jeff. Ele ainda estava lá. O status dizia: Muito a fim de encontrar alguém. Humm. Nada de mais. Provavelmente não havia se lembrado de apagar aquilo. Provavelmente estava tão ansioso para levar sua socialite loira para a cama que não tivera cabeça para gentilezas do tipo clicar um botão para informar outras possíveis pretendentes de que ele estava fora do mercado. Ou talvez o garanhão tivesse um plano B, caso a estonteante Dana não fosse tudo aquilo que ele imaginava – ou resolvesse não abrir as pernas como ele

imaginava. Isso. Era bem provável que o velho Jeff tivesse um balaio de opções à sua espera, apenas na eventualidade de que...

Por sorte, seu telefone tocou nesse instante, tirando-a do estupor. Ela nem examinou o identificador de chamadas antes de atender.

– Não existe nada.

A voz era a de Brandon.

– O quê?

– Nada sobre Jeff Raynes. Procurei e não encontrei rigorosamente nada.

– Ah. Isso eu poderia ter dito a você.

– Você também pesquisou?

– Bebi e joguei na internet.

– *Hein?*

Kat já começava a enrolar a língua.

– O que você quer, Brandon?

– Não tem nada sobre Jeff Raynes.

– Sim, eu sei. Não foi isso que eu disse antes?

– Mas como assim não tem nada? Sempre tem alguma coisa sobre todo mundo.

– Talvez ele prefira levar uma vida discreta.

– Procurei em todas as bases de dados. Existem três Jeff Raynes nos Estados Unidos. Um na Carolina do Norte, um no Texas e outro na Califórnia. Nenhum deles é o nosso Jeff Raynes.

– O que você está insinuando, Brandon? Milhares de pessoas preferem levar uma vida discreta.

– Mas nem tanto. Fala sério. Ninguém é tão discreto assim hoje em dia. Tem alguma coisa errada aí.

Nesse momento, a música “Oh Very Young”, de Cat Stevens, começou a tocar na jukebox do pub. A letra sempre a deixava deprimida. Cat, quase um xará, falava da vontade que todo mundo tem de que o pai viva para sempre, mesmo sabendo que um dia ele irá embora, esse homem que a gente tanto ama vai começar a desbotar como os jeans que ele próprio veste. Puxa, como aquilo era difícil de ouvir.

– Não sei como eu posso ajudar você, Brandon.

– Preciso de mais um favor.

Kat suspirou.

– Dei uma olhada nos cartões de crédito da minha mãe. Só tem uma entrada nos últimos quatro dias. Ela sacou dinheiro de um caixa automático no dia em que desapareceu.

– Sua mãe não desapareceu. Ela...

– Tudo bem, tudo bem. Mas esse caixa automático fica em Parkchester.

– E daí?

– Ela estava indo para o aeroporto pela Whitestone Bridge. A saída para Parkchester fica

a pelo menos umas duas saídas *depois* do aeroporto. Por que ela se desviaria só para sacar dinheiro?

– Sei lá. Vai ver que ela perdeu a saída certa. De repente resolveu parar numa lojinha de lingerie qualquer para comprar alguma coisa sexy antes da viagem.

– Loja de lingerie?

Kat balançou a cabeça, tentou clarear as ideias.

– Escute, Brandon, seja como for, eu não tenho jurisdição para investigar esse caso. Você vai ter que falar com o tal investigador de Greenwich. Como é mesmo o nome dele?

– Schwartz.

– Pois é.

– Mas... será que não dava para você me fazer esse último favor?

– O quê?

– Investigar esse saque que minha mãe fez no caixa eletrônico.

– O que você imagina que eu vá descobrir, Brandon?

– Mamãe nunca usa o cartão de débito. Tipo, *nunca*. Acho que ela nem sabe como usar. Sou eu que sempre saca dinheiro para ela. Será que você não podia, sei lá, dar uma olhada na câmera de segurança desse caixa em Parkchester?

– Já é tarde. – Kat se lembrou da velha regra que havia criado para si mesma, a de nunca pensar muito quando bebia. – Amanhã a gente volta a se falar, ok?

Ela desligou antes que o garoto pudesse responder. Em seguida, sinalizou para que Pete colocasse a conta no fiado e saiu à rua em busca de ar fresco. Kat adorava Nova York. Volta e meia algum amigo tentava fazê-la ver as delícias do mato ou da praia. Mato e praia? Talvez, mas só por alguns poucos dias. Caminhadas a entediavam. Plantas, árvores, bichos, tudo isso era muito interessante, mas o que poderia haver de mais interessante do que lojas, vitrines, sapatos, gente desconhecida por todos os lados?

Naquela noite, a lua era crescente. Kat parou e olhou para o alto. Na infância, tinha verdadeiro fascínio pela lua, por isso ficou de olhos marejados no momento em que uma lembrança surgiu de repente. Tinha 6 anos quando, certa noite, o pai a chamara para fora da casa, apontando para uma escada no quintal e dizendo que havia acabado de colocar uma lua no céu especialmente para ela. Ela acreditara que era assim que a lua se elevava e já era razoavelmente crescida quando enfim se deu conta da brincadeira.

Perdera o pai aos 22 anos. Cedo demais, claro, mas, Brandon Phelps o perdera aos 16. Não à toa o garoto era tão apegado à mãe.

Kat chegou em casa já tarde, mas, para as delegacias, não havia isso de cedo ou tarde. Ela descobriu o número da Polícia de Greenwich, ligou, informou suas credenciais e já ia se preparando para deixar um recado para o detetive Schwartz quando foi surpreendida pelo plantonista:

– Só um minuto. O Joe está aqui, vou passar a ligação.

Dois toques depois, ele atendeu:

– Joseph Schwartz falando. Em que posso ajudá-la?

Educado.

Kat disse seu nome, informou sua patente.

– Um rapaz chamado Brandon Phelps veio falar comigo hoje.

– Só um momento. Você não disse que era da Polícia de Nova York?

– Sim, disse.

– O Brandon foi procurar você em Nova York?

– Exatamente.

– Você é amiga da família ou algo assim?

– Não.

– Então não estou entendendo.

– Ele acha que a mãe dele desapareceu.

– É, eu sei.

– Pediu que eu investigasse o caso.

Schwartz suspirou.

– Por que diabos o Brandon foi procurar você?

– Você fala como se o conhecesse bem.

– Claro que conheço. Então você é da Polícia de Nova York, certo? Por que ele foi falar com você?

Kat não estava lá muito disposta a falar sobre as atividades ilegais do jovem hacker, muito menos sobre o fato de que vinha frequentando um site de relacionamentos.

– Não sei direito, mas ele disse que buscou sua ajuda antes. É isso mesmo?

– É.

– Olhe, sei que as suspeitas do garoto são infundadas, mas será que a gente não podia fazer algo para tranquilizá-lo?

– Detetive Donovan?

– Pode me chamar de Kat.

– Tudo bem, então me chame de Joe. Não sei direito como dizer isto, mas... – Uma pequena pausa. – Imagino que você não esteja a par da história toda.

– Qual é a história toda?

– Tenho uma ideia melhor, se não se importa. Por que você não dá uma passada aqui em Greenwich amanhã de manhã?

– É longe.

– São apenas quarenta minutos desde o centro de Manhattan. Acho que será melhor se nos falarmos pessoalmente. Estou aqui até o meio-dia.

Kat teria feito a viagem imediatamente se não tivesse bebido tanto. Dormiu mal durante a noite e, acordando cedo, preferiu esperar até mais tarde, pelo menos até que o trânsito melhorasse. Então foi para sua aula de ioga. Aqua era sempre o primeiro a chegar, mas ainda

não tinha aparecido. As demais alunas cochichavam umas com as outras, preocupadas. Uma delas, uma senhora mais velha, um tanto magra demais, tomou a iniciativa de substituí-lo, mas a ideia não colou. As pessoas foram saindo aos poucos. Kat aguardou mais alguns minutos na esperança de que Aqua enfim desse as caras, mas em vão.

Já eram nove e quinze quando ela alugou um carro e caiu na estrada. Joe Schwartz não havia mentido: em quarenta minutos ela chegou a Greenwich.

O lugar poderia muito bem servir de ilustração para o verbete “pomposo” de qualquer dicionário. A impressão que se tinha era a de que, por uma espécie de decreto tácito, quem tivesse um patrimônio superior a um bilhão de dólares era obrigado a morar em Greenwich, Connecticut. Ali havia mais bilionários por metro quadrado do que em qualquer outro lugar do país, e isso se refletia em tudo na cidade.

Joe Schwartz ofereceu uma Coca-Cola a Kat. Ela aceitou e se acomodou diante da mesa de fórmica dele, tão nova e cara quanto tudo mais que havia ao redor. Schwartz tinha bigodes ao estilo de Salvador Dalí, encerados nas pontas, e usava uma camisa social com suspensórios.

– Então me explique como é que você se envolveu nesse caso?

– Brandon me procurou. Pedindo ajuda.

– Ainda não entendi por quê.

Kat ainda não estava pronta para contar toda a verdade.

– Ele falou que já tinha procurado vocês, mas que ninguém tinha acreditado na história dele.

Schwartz fitou-a com o olhar cético dos policiais.

– Ele estava pensando o quê? Que uma policial qualquer de Nova York ia poder ajudá-lo?

Kat tratou de dar outro rumo à conversa:

– Ele realmente esteve aqui, certo?

– Sim.

– Quando nos falamos por telefone, você disse que já o conhecia...

– Sim, eu disse. – Inclinando-se na direção dela, Schwartz emendou: – Greenwich é uma cidade pequena, se é que você me entende. Quer dizer, não é exatamente pequena, mas é como se fosse.

– Você está pedindo que eu seja discreta, é isso?

– Isso.

– Fique tranquilo.

Schwartz se recostou na cadeira e espalmou ambas as mãos sobre a mesa.

– Brandon Phelps é bastante conhecido aqui nesta delegacia.

– Conhecido como?

– O que você acha?

– Eu chequei: ele não tem antecedentes criminais.

– Suponho que você não tenha entendido direito quando disse que isto aqui é uma cidade

pequena.

– Ah.

– Por acaso já viu *Chinatown*?

– Claro.

Schwartz pigarreou e, procurando imitar a voz de Joe Mantell, arriscou uma corruptela da frase que se tornara célebre na boca do ator:

– “Deixa pra lá, Jake, é Greenwich.” – Em seguida, disse: – Não me entenda mal. O garoto foi indiciado diversas vezes, mas só por bobagens. Excesso de velocidade, vandalismo, maconha, esse tipo de coisa. Para falar a verdade, nada disso acontecia quando o pai dele ainda era vivo. Todo mundo conhecia o homem, todo mundo gostava dele. E a mãe, Dana Phelps, também é gente finíssima. Vale ouro. Sempre disposta a ajudar os outros. Mas o moleque... sei não. Sempre achei que tinha alguma coisa errada ali.

– Errada como?

– Nada de muito importante. Tenho um filho da idade dele. Brandon teve dificuldade para se encaixar aqui, mas esta cidade também não é fácil.

– Mesmo assim, ele veio procurar você. Falando que estava preocupado com a mãe.

– Sim. – Schwartz pegou um clipe sobre a mesa e começou a vergá-lo de lá para cá. – Mas também disse algumas mentiras.

– O que exatamente?

– Como foi que ele explicou para você o suposto desaparecimento da mãe?

– Falou que ela tinha viajado com um sujeito que havia conhecido na internet e depois, contrariando seu hábito, não tinha dado notícia nenhuma.

– É, foi isso que ele nos contou também. Mas a verdade não é bem essa. – Ele largou o clipe e abriu uma de suas gavetas, de onde tirou uma barrinha de proteína. – Aceita? Tenho várias.

– Não, obrigada. Então, qual é a verdade?

Vasculhando uma pilha de papéis, ele respondeu:

– Botei aqui porque sabia que você... Opa, achei. O histórico de telefonemas de Brandon.

– Ele entregou os papéis a Kat. – Está vendo aí esses dois realces?

Kat examinou o papel, com duas chamadas realçadas, recebidas do mesmo número.

– Brandon recebeu duas mensagens de texto da mãe – explicou Schwartz. – Uma foi recebida duas noites atrás, e a outra, na manhã de ontem.

– Este número é o celular de Dana Phelps?

– É.

Kat sentiu as faces queimarem.

– Você sabe o que estava escrito nessas mensagens?

– Quando Brandon esteve aqui pela última vez, tínhamos apenas o registro da primeira chamada. Dei uma prensa no moleque e ele acabou me mostrando. Era alguma coisa como: “Cheguei bem, estou me divertindo, saudades...” Mais ou menos isso.

Sem tirar os olhos dos papéis que tinha nas mãos, Kat perguntou:

– Como foi que ele se explicou depois?

– Falou que a tal mensagem não tinha sido escrita pela mãe. Mas o número é dela, como você pode ver aí. Quanto a isso não há dúvida.

– Vocês já tentaram falar com Dana Phelps?

– Sim. Ninguém atendeu.

– Não acha isso estranho?

– Não. Olhe, falando muito sinceramente, o mais provável é que a mulher esteja numa ilha qualquer tirando um atraso de três anos na cama. Você não concorda?

– Concordo. Só estava fazendo o papel de advogada do diabo.

– Evidentemente, essa não é a única explicação possível.

– Como assim?

Schwartz deu de ombros.

– Nada impede que Dana Phelps tenha mesmo desaparecido.

Kat permaneceu muda, esperando que o investigador dissesse mais alguma coisa, porém Schwartz não tinha nada a acrescentar.

– Por acaso Brandon contou a vocês sobre o saque no caixa eletrônico?

– Sim. Por isso insisti que você viesse até aqui.

– Por quê?

– Tente se colocar no meu lugar. Um adolescente problemático vem me procurar. Alega que a mãe sumiu sem dar notícias. Diante das mensagens que recebeu, sabemos que está mentindo. Depois descobrimos que um saque foi feito num caixa eletrônico. Portanto, se existe alguma fraude aqui, quem seria o seu principal suspeito?

Kat assentiu.

– O adolescente problemático.

– Bingo.

A ideia já havia passado pela cabeça de Kat. Claro, ela não sabia nada a respeito do passado do garoto. Da mesma forma, Joe Schwartz não sabia que Brandon invadira o site, muito menos suspeitava da conexão que ela própria tinha com o caso. Mesmo assim, Brandon havia mentido a respeito da mensagem enviada pela mãe. Disso ela sabia agora. Que diabos ele estaria aprontando desta vez?

– Você pensou que Brandon talvez tenha feito algo contra a própria mãe? – perguntou ela.

– Não cheguei a ir tão longe. Mas também não achei que ela tivesse desaparecido. Então tive o cuidado de dar um passo adicional.

– E que passo foi esse?

– Solicitei as imagens da câmera de segurança do caixa eletrônico. Imaginei que você também gostaria de examiná-las.

Ele virou a tela do computador para que Kat pudesse vê-la, apertou algumas teclas e o arquivo logo se abriu: um vídeo bipartido com imagens de ângulos diferentes. Isso era o que

havia de mais recente na tecnologia de segurança. Não havia malfeitor que não soubesse da existência de uma câmera apontada para os caixas; bastava tampá-la com a mão. Portanto, a imagem da esquerda era exatamente isto: uma visão hemisférica do local. A imagem da direita era filmada de cima, não muito diferente daquilo que se vê quando alguém assalta uma loja de conveniência. Kat sabia que instalar uma câmera próximo ao teto era mais fácil, mas praticamente inútil. Os bandidos se escondiam sob a aba de um boné ou baixavam o rosto. O pulo do gato era filmar de baixo para cima, não o contrário.

As imagens eram em cores, algo que vinha se tornando cada vez mais comum. Schwartz pousou a mão sobre o mouse.

– Então, vamos lá?

Kat assentiu e ele clicou sobre o botão de PLAY.

Por alguns segundos, só o que se viu foi a máquina. De repente, uma mulher surgiu. Não havia dúvida: era Dana Phelps.

– Por acaso ela lhe parece em apuros, aflita com alguma coisa? – perguntou Schwartz.

Kat negou. Mesmo sob a lente de uma câmera de segurança, a mulher ficava excepcionalmente linda. Mais que isso, tinha todo o aspecto de alguém que estava prestes a viajar com o namorado novo, o que não deixou de provocar em Kat uma ponta de inveja. Dana dava a impressão de que havia acabado de arrumar os cabelos num salão. Quando ela levou a mão ao teclado da máquina, Kat viu que as unhas tinham sido feitas recentemente. O vestido parecia ideal para uma escapadela romântica no Caribe.

Um vestido de alcinha, num tom vívido de amarelo.

capítulo 16

AQUA ANDAVA DE UM lado para o outro diante do prédio de Kat: dois passos, meia-volta; dois passos, meia-volta.

Assim que o avistou, Kat parou na esquina e ficou observando-o. Viu que ele segurava algo, uma folha de papel com a qual parecia conversar ou, mais precisamente, discutir. Por vezes dava a impressão de que suplicava algo.

De modo geral, as pessoas evitavam Aqua, mas, como se tratava de Nova York, ninguém fazia escândalo. Kat caminhou ao encontro do amigo. Fazia mais de dez anos que ele a havia procurado pela última vez, então, por que agora? Aproximando-se, ela pôde ver o que era o tal papel que ele apertava nas mãos: a foto de Jeff que ela mesma lhe dera duas semanas atrás.

– Aqua?

Imediatamente, ele parou e se virou para Kat com os olhos arregalados, transparecendo certa sanidade mental. Ela já testemunhara o amigo falando sozinho ou surtando, mas nunca o vira tão agitado. Tão consternado.

– Por quê? – ele foi logo dizendo, brandindo a foto de Jeff.

– Por que o quê, Aqua?

– Eu adorava ele... – A voz de Aqua era o vagido de um animal machucado. – Você também o adorava.

– Sim, eu sei, a gente adorava o Jeff.

– Por quê?

Aqua caiu em prantos e os pedestres começaram a passar ao largo. Kat abriu os braços e ele se aproximou para seguir chorando com a cabeça apoiada no ombro dela.

– Está tudo bem... – disse Kat baixinho.

Aqua estremecia a cada soluço e ela se deu conta de que não deveria ter mostrado a tal foto. Ele era uma pessoa fragilíssima. Precisava de uma rotina, de padrões. Havia sido um grande equívoco lhe dar o retrato de uma pessoa pela qual ele tinha um afeto todo especial, alguém que não via fazia anos.

Opa. Como saber que Aqua nunca mais estivera com Jeff?

Dezoito anos antes, Jeff havia terminado o noivado com ela, mas isso não significava que cortara relações com todos os amigos e conhecidos em comum. Nada impedia que ele e Aqua ainda se falassem, que ainda fizessem tudo aquilo que amigos costumam fazer juntos: sair,

beber uma cerveja no fim de semana, assistir a jogos de futebol, etc. Só que... Bem, Aqua não era lá uma pessoa normal, dessas que têm endereço, telefone e computador.

Será que eles ainda mantinham algum tipo de contato?

Difícilmente.

Kat esperou que Aqua se acalmasse, o que levou algum tempo. Afagava-o nas costas enquanto procurava consolá-lo com palavras de carinho. Já fizera isso outras vezes, sobretudo após o término com Jeff, mas havia muito tempo mesmo. Na época, tinha ficado com pena dele, mas também com certa raiva; afinal, *ela é que* levava um pé na bunda, não ele. O mais natural seria que *ele* a consolasse, não o contrário.

Mas, puxa, como ela sentia falta desse vínculo. Ela já lamentava a perda daquele amigo tão especial, aceitando, em troca, o professor de ioga, conformada com o fato de que não faria sentido esperar por muito mais. Abraçando-o ali na calçada, ela mais uma vez reviveu todo o calvário pelo qual havia passado dezoito anos antes, todas as perdas que tinha sofrido.

– Está com fome? – perguntou ela.

Aqua ergueu o rosto e assentiu. As faces estavam ensopadas de lágrimas e muco nasal, assim como a blusa de Kat. Mas ela não se importou. Já tinha os olhos marejados não só pela perda daquilo que tivera um dia, tanto com Jeff quanto com Aqua, mas também pelo simples fato de estar fisicamente consolando um amigo querido. Fazia tempo que ela queria apertá-lo num abraço semelhante. Tempo demais.

– Um pouquinho, eu acho – respondeu ele.

– Que tal a gente comer alguma coisa?

– Preciso ir.

– Não, não, vamos comer uma coisinha qualquer, ok?

– Não vai dar, Kat.

– Ainda não entendi direito... Por que você veio me procurar, afinal?

– Amanhã dou aula. Preciso me preparar.

– Poxa, Aqua – disse ela, apertando a mão dele nas suas, tentando não demonstrar o tom de súplica na voz. – Fique comigo só mais um pouquinho.

Aqua não respondeu.

– Você falou que estava com fome, não falou?

– Sim.

– Então. Vamos comer qualquer coisa por aí, o que você acha?

Aqua enxugou o rosto com a manga da camisa.

– Tudo bem.

Eles seguiram de braços dados pela calçada. Um inusitado casal, pensou Kat, mas novamente se lembrou de que estavam em Nova York. Permaneceram mudos por um bom tempo. Aqua parou de chorar. Kat não queria pressioná-lo, mas não se conteve e perguntou:

– Você sente muitas saudades dele, não sente?

Aqua estreitou os olhos como se, com isso, pudesse apagar a pergunta que acabara de

ouvir.

– Pode falar – disse Kat –, eu entendo.

– Você não entende nada.

Kat não soube direito o que responder, mas logo veio com uma pergunta:

– Então por que você não me explica?

– Sim, eu sinto a falta dele. – Aqua parou e se virou para encará-la. O olhar amalucado de antes agora dava lugar a outro, carregado de algo que beirava a comiseração. – Mas não como você, Kat.

Ele começou a se afastar e Kat apertou o passo para alcançá-lo.

– Estou bem – garantiu ela.

– Era para ser.

– O que era para ser?

– Você e o Jeff. Era para ser.

– É, era, mas não foi.

– É como se vocês dois viajassem por duas estradas diferentes durante toda a vida, duas estradas que tinham por destino se tornar uma só. Não é possível que você não enxergue isso. Que vocês não enxerguem isso.

– Ele não enxergou, isso já está bem claro.

– A gente viaja nessas estradas da vida. Escolhe um destino, mas às vezes é obrigado a mudar de rota.

Kat não estava muito a fim de um papo iogue naquele momento.

– Aqua?

– Sim.

– Você voltou a ver o Jeff?

Ele parou novamente.

– Quer dizer, desde que ele me deixou... vocês voltaram a se ver depois disso?

Aqua segurou o braço dela e voltou a caminhar, arrastando-a consigo. Eles entraram na Columbus Avenue e foram seguindo na direção norte.

– Duas vezes – respondeu ele por fim.

– Você viu o Jeff duas vezes?

Aqua olhou para o céu, depois fechou os olhos. Kat não viu necessidade de apressá-lo. Na universidade, ele costumava fazer a mesma coisa, dizendo que o sol no rosto o deixava mais calmo, mais centrado. Por um instante, Kat teve a impressão de que o artifício havia funcionado. Mas aquele rosto já fora bastante castigado pelo tempo. O acúmulo de dificuldades e dissabores podia ser visto nas rugas que precocemente cercavam os olhos e a boca. A pele “*mocha latte*” já exibia aquela aspereza de couro, de quem passou boa parte da vida nas ruas.

– Jeff voltou para o quarto dele. Depois que terminou com você.

– Ah.

Não era exatamente o que ela esperava ouvir.

Por ser o que era, Aqua sempre tivera um quarto só para si no campus da universidade. Já haviam tentado fazê-lo coabitar com alguém, mas sem nenhum sucesso. Em geral, os colegas piravam com o travestismo, mas o problema maior era o fato de que Aqua nunca dormia. Ele estudava. Ele lia. Trabalhava num laboratório, trabalhava no bandeirão da escola e trabalhava mais ainda à noite, num clube de fetiches em Nova Jersey. Em algum momento do terceiro ano, ele perdera o direito a um quarto particular, coisa dos dirigentes dos dormitórios, que insistiram em colocá-lo com outros três estudantes. Não havia como aquilo dar certo. Na mesma época, Jeff tinha encontrado um apartamento de dois quartos na Rua 178. Uma “sincronicidade”, tal como ele chamara.

Aqua voltara a chorar.

– Jeff ficou arrasado, você sabe disso.

– Ah, muito obrigada. Ótimo saber disso dezoito anos depois.

– Não seja cínica.

Aqua era meio confuso das ideias, mas sabia identificar uma ironia.

– Então, quando foi que você o viu pela segunda vez? – perguntou Kat.

– No dia 21 de março.

– De que ano?

– Como assim, de que ano? *Deste* ano.

Kat estacou.

– Calma aí, você está dizendo que viu o Jeff seis meses atrás?

Aqua ficou subitamente inquieto.

– Aqua?

– Eu dou aula de ioga.

– É, eu sei.

– Sou um bom professor.

– O melhor que existe. Onde foi exatamente que você viu o Jeff?

– Você estava lá.

– Do que você está falando?

– Você estava na minha aula. No dia 21 de março. Você não é a minha melhor aluna, mas até que se esforça. É uma aluna consciente.

– Aqua, onde foi que você viu o Jeff?

– Na aula. No dia 21 de março.

– Deste ano?

– Sim.

– Você está dizendo que o Jeff fez uma aula sua seis meses atrás?

– Ele não fez a aula. Ficou escondido atrás de uma árvore. Observando você. Estava tão arrasado...

– Você falou com ele?

– Não. Eu estava dando aula. Pensei que ele tivesse falado com você.

– Não, não falou.

De repente, lembrando que a pessoa a seu lado não era exatamente a mais lúcida e confiável do mundo, Kat resolveu deixar pra lá. Não havia a mais remota possibilidade de que Jeff estivesse no Central Park seis meses antes espiando atrás de uma árvore. Aquilo não fazia o menor sentido.

– Sinto muito, Kat.

– Não tem importância. Procure se acalmar, ok?

– Tudo mudou de uma hora para outra. Eu não sabia que ia ser assim.

– Já passou, já passou...

A essa altura, eles já estavam a meia quadra do O'Malley's. Nos velhos tempos, eles também costumavam frequentar o pub: Kat, Jeff, Aqua e mais alguns amigos. Era de se esperar que, à época, aquele não fosse o lugar mais adequado para um mestiço que se vestia de mulher. E não era mesmo. No início, Aqua se vestia de homem para ir ao pub, mas nem assim ficava livre dos assobios e comentários maldosos. Sempre que o via, o pai de Kat apenas balançava a cabeça. Não era tão agressivo quanto os demais da vizinhança, mas também não tinha lá muita paciência com os “frutinhas”. Volta e meia dizia: “Você precisa parar de andar com esse tipo de gente. Isso não tá certo.” Kat revirava os olhos. Para ele e todos os seus congêneres.

Anos depois, muita gente passaria a se referir a esse tipo de policial como *old school*, nem sempre como um elogio. Eram policiais linha-dura, de mente estreita e valores ultrapassados. Até havia esse ou aquele atenuante, mas, no fim das contas, não passavam de um bando de preconceituosos. Adoráveis, todos eles, mas preconceituosos. Tratavam os gays com desprezo e sarcasmo, do mesmo modo que tratavam todas as demais minorias, ainda que em menor medida. Era costume da época. Quando alguém endurecia demais uma negociação, por exemplo, era chamado de “judeu”. Sempre havia alguma atividade que era tida como “coisa de viado”. No beisebol, sempre existia aquele “crioulo” que não sabia jogar. Kat não endossava nenhum desses pontos de vista, mas também não se deixava afetar por eles.

Quanto a Aqua, ele tinha o mérito – talvez a paciência? – de não se importar. “É disso que a gente precisa para evoluir”, ele costumava falar. Via a coisa como uma espécie de desafio. Entrava no pub como se estivesse entrando em casa, não ligando a mínima, ou pelo menos fingindo não ligar, para os risinhos e piadinhas de mau gosto. Gradualmente, no entanto, boa parte dos policiais que frequentavam o lugar foi se acostumando com a presença de Aqua por ali, não mais virando o rosto quando ele passava. O pai de Kat e os amigos dele procuravam manter certa distância.

Isso a deixava furiosa, sobretudo porque se tratava de seu pai, mas Aqua simplesmente dava de ombros e dizia: “Evolução.”

Chegando ao pub, Aqua empacou diante da porta e, mais uma vez, arregalou os olhos insanos.

- O que foi? – perguntou Kat.
- Tenho que dar aula.
- Sim, eu sei. Mas sua aula é amanhã.

Ele balançou a cabeça.

- Preciso me preparar. Sou um iogue. Um professor. Um instrutor.
- Um ótimo instrutor.

Ainda balançando a cabeça, mas com os olhos marejados, ele afirmou:

- Não posso voltar.
- Você não precisa ir a lugar nenhum.
- Ele te amava muito.

Kat não se deu o trabalho de perguntar quem.

- Está tudo bem, Aqua. A gente só vai comer uma coisinha qualquer, ok?
- Sou um bom professor, não sou?
- O melhor do mundo.

– Então me deixe fazer aquilo que eu sei fazer. É assim que eu ajudo as pessoas. É assim que eu contribuo para a sociedade. É assim que eu fico centrado.

- Você precisa comer – replicou Kat, já levando a mão à maçaneta para abrir a porta.

Aqua refletia nos olhos o vermelho do neon da Budweiser que havia à entrada do pub. Assim que viu a porta aberta à sua frente, ele gritou:

- Não posso voltar!

Kat largou a maçaneta.

- Tudo bem, já entendi. Vamos para outro lugar, então.
- Não! Me deixa em paz! Deixa *ele* em paz!
- Aqua?

Kat tentou acalmá-lo com um carinho no rosto, mas Aqua recuou.

- Deixa ele em paz! – repetiu, agora quase sussurrando.

Depois, irrompeu rua afora, tomando a direção do parque.

capítulo 17

STACY CHEGOU UMA HORA depois para encontrá-la. Kat contou-lhe toda a história e Stacy começou a balançar a cabeça.

– Puxa, eu só queria ajudar você a tirar o atraso.

– Eu sei disso.

– De boas intenções o inferno está cheio...

Stacy manteve os olhos fixos na cerveja que estava bebendo. De repente, começou a descolar o rótulo da garrafa.

– O que foi? – perguntou Kat.

– É que... Bem, tomei a liberdade de fazer uma investigação aí por minha conta.

– Sobre o quê?

– Tentei levantar a ficha do seu ex-noivo, Jeff Raynes.

Kat tomou um rápido gole da sua cerveja.

– E o que foi que descobriu?

– Não muito.

– Vai, desembucha.

– Depois que vocês terminaram, sabe para onde ele foi?

– Não.

– Você nem ficou curiosa para saber?

– Fiquei. Mas foi ele que me chutou, esqueceu?

– Hum, entendi.

– Então, para onde é que ele foi, afinal?

– Cincinnati.

– Faz sentido – comentou Kat, olhando para o nada à sua frente. – Ele era de lá. De Cincinnati.

– Certo. Cerca de três meses depois que vocês se separaram, ele se envolveu numa briga de bar.

– Jeff? Numa briga de bar?

– Isso mesmo.

– Em Cincinnati?

Stacy assentiu.

– Não sei dos detalhes. Sei que chamaram a polícia e ele foi levado para a delegacia.

Pagou uma multa e pronto.

– Depois disso...

– Depois disso, nada.

– Como assim?

– Não encontrei mais nada a respeito de Jeff Raynes. Nenhuma transação com cartão de crédito. Nenhum passaporte. Nenhuma conta bancária. Nada.

– Mas essa investigação foi só uma coisa preliminar, não foi?

Stacy balançou a cabeça.

– Não deixei pedra sobre pedra. O cara sumiu do mapa.

– Não pode ser. Ele está no Você Faz Meu Tipo.

– Mas seu amigo Brandon não disse que ele usou um nome diferente?

– Jack. Mas... quer saber? Não estou nem aí. Tudo isso é coisa do passado.

Stacy sorriu.

– Que bom. É assim que se fala.

– Já desenterrei um número suficiente de cadáveres para uma noite só.

– Vai, toca aqui.

Elas brindaram com suas respectivas garrafas de cerveja. Kat fez o que pôde para mudar de assunto, mas acabou comentando:

– No perfil estava escrito que ele é viúvo e tem uma filha.

– É, eu sei.

– Mas você não descobriu nada sobre isso.

– Não descobri nada, absolutamente nada, depois daquela briga de bar dezoito anos atrás.

– Vai entender.

– Mas você não está nem aí, não é?

– Exatamente – respondeu Kat com firmeza.

Stacy correu os olhos pelo pub.

– Será que o problema é comigo ou este lugar está especialmente caído hoje?

Kat logo percebeu que a intenção da amiga era distraí-la, mas não se importou. E não, o problema não era com Stacy. Naquela noite, o O'Malley's era uma espécie de Assembleia Geral dos Sem-Noção. Um sujeito com chapéu de caubói as cumprimentou com uma puxadinha na aba; em seguida, com um sotaque do Brooklyn – a coisa mais distante possível de um sotaque de caubói –, ele disse: “Boa noite, senhoritas.” Um solitário dançarino – todo bar tem aquele que arrisca uma coreografia de robô ou um *moonwalk* sob o incentivo dos pseudoamigos – sacudia os ossos diante da jukebox. Outro vestia uma camiseta de futebol americano, dessas de jérsei, um look que Kat reprovava nos homens mas execrava nas mulheres, sobretudo aquelas que torciam aos berros, esforçando-se demais para provar a legitimidade do seu interesse pelo esporte. Aos olhos de Kat, elas invariavelmente passavam recibo de desesperadas. Dois fortões bombados e depilados pavoneavam seus respectivos bíceps no centro do salão. Homens dessa tribo jamais procuravam os cantos mais escuros dos

lugares públicos; gostavam de ser vistos e usavam sempre o mesmo tamanho de camiseta: Pequeno Demais. Também havia aqueles dois ou três candidatos a *hipster* que exalavam uma maré de maconha. Um ou outro tinha o braço inteiramente coberto de tatuagens. Como não podia deixar de ser, um bêbado abraçava o primeiro desconhecido que encontrara pelo caminho, declarando que o amava muito, prometendo amizade eterna.

Um metido a motoqueiro, vestindo couro preto e ostentando uma bandana vermelha na cabeça – sempre uma mancada –, veio ter com Stacy e Kat. Trazia uma moeda na palma da mão.

– E aí, gata – disse ele, mas sem olhar diretamente para nenhuma das duas. Kat logo deduziu a intenção dele: “Pague uma cantada e leve duas para casa.” – Vou jogar essa moeda. Quem vai querer coroa?

Stacy olhou para Kat.

– Será que a gente vai ter que procurar outro lugar para conversar?

– Que tal o Telepan na Rua 69?

– Ótima ideia.

– A gente pode pedir o menu-degustação.

– Com harmonização de vinhos.

– Vamos para lá.

Elas já estavam na calçada, caminhando com passos enérgicos, quando o celular de Kat tocou. O número era de Brandon, o de seu aparelho normal – não havia mais necessidade de descartáveis. Kat cogitou não atender. Naquele momento, só o que ela queria era o menu-degustação e os vinhos harmonizados do Telepan. Mas acabou cedendo.

– Alô.

– Onde você está? A gente precisa conversar.

– Não tem mais conversa, garoto. Adivinha onde estive hoje?

– Hmm, onde?

– Na delegacia de Greenwich. Bati um papo com o nosso amigo Joe Schwartz e ele contou sobre umas mensagens aí que você recebeu.

– Não é o que você está pensando.

– Você mentiu.

– Não menti. Apenas não falei das mensagens. Mas posso explicar.

– Não precisa. Estou fora, Brandon. Foi um prazer conhecer você e blá-blá-blá. Boa sorte no futuro.

Kat estava prestes a desligar quando ouviu Brandon dizer:

– Descobri uma coisa sobre o Jeff.

Kat voltou com o aparelho para o ouvido.

– Descobriu que ele se envolveu numa briga de bar dezoito anos atrás?

– O quê? Não, não é nada disso. É bem mais recente.

– Olhe, isso realmente não é problema meu – replicou Kat, e acrescentou: – Ele está

mesmo com a sua mãe?

– Não é o que a gente estava pensando.

– *O que* não é o que a gente estava pensando?

– Tudo.

– Como assim?

– O Jeff, para início de conversa.

– O que tem o Jeff?

– Ele não é quem você pensa que ele é. A gente precisa conversar, Kat. Preciso mostrar tudo para você.

Reynaldo já tinha conferido se a loura estava bem – não havia necessidade de saber o nome de ninguém por ali – antes de tomar o caminho da casa. Era noite e ele se guiava com o auxílio de uma lanterna.

Precisara completar 19 anos e chegar àquele fim de mundo para descobrir que tinha medo do escuro. Do escuro real. Do breu. Na cidade não existia breu. Nas ruas sempre havia alguma luz acesa, nos postes, nas janelas ou nas vitrines. Jamais uma escuridão total. No mato, entretanto, não se enxergava um palmo diante do nariz quando escurecia. E qualquer coisa podia estar do lado de fora, à espreita.

Chegando à clareira, avistou as luzes da varanda e parou um instante para observar a quietude que o cercava. Jamais tinha visto semelhante paisagem na vida real antes de chegar ali. No cinema, sim. No entanto, acreditar que lugares assim realmente existiam era o mesmo que acreditar na Estrela da Morte de *Star Wars*. Tudo não passava de um grande faz de conta, essas fazendas em que as crianças tinham quilômetros de terra a seu dispor, em que passavam horas brincando na terra para depois voltar e cumprir com suas tarefas domésticas, sempre obedientes à mamãe, sempre respeitosas ao papai. Agora ele sabia que a paisagem era real. Quanto às histórias felizes, essas permaneciam só na imaginação.

Mesmo sabendo que era esperado na casa, passou pelo celeiro para ver como estava Bo, seu querido labrador. Foi recebido com a festa de sempre, como se tivesse ficado ausente durante meses. Sorrindo, afagou o cachorro atrás das orelhas, depois verificou se havia água na vasilha. Só então seguiu para a casa.

Entreabrindo a porta, viu que Titus estava acompanhado de Dmitry, o geniozinho nerd que assessorava o patrão com os computadores, sempre com uma camiseta de cores berrantes e um gorro de tricô na cabeça. Contemplou a sala. Titus havia optado por decorá-la à maneira dos amish. Reynaldo não entendia muito bem por quê. Os móveis eram todos de madeira boa, sólidos, pesados e rústicos. Nenhum adorno, nenhuma sofisticação. Mas davam a impressão de que durariam para todo o sempre.

Num dos quartos do andar superior, ficavam um banco de supino e um conjunto de halteres. De início, eles ficavam no porão, mas, com o passar do tempo, ninguém queria mais se ver debaixo da terra para fazer o que fosse e, por esse motivo, transferiram tudo para cima.

Reynaldo levantava pesos diariamente, fizesse sol ou chuva. Tinha todo um arsenal de suplementos na geladeira e nos armários da cozinha, além de um sem-número de drogas injetáveis que recebia de Titus e administrava com um pico no alto das coxas.

Seis anos antes, ele fora encontrado pelo chefe num lixão. Isso mesmo, um lixão. Fazendo ponto numa esquina do Queens, vinha furando os olhos dos outros garotos ao cobrar apenas 15 dólares pelo programa. Naquela noite em particular, não havia apanhado de um cliente, mas dos concorrentes, fartos que estavam da invasão de seu território. Ele mal havia descido do sexto carro da noite quando dois garotos o pegaram de surpresa, espancando-o sem piedade e abandonando-o inconsciente no tal lixão. Foi encontrado por Titus todo ensanguentado. Não sentia mais do que as lambidas do cachorro em seu rosto. Titus o acolhera. Cuidara dele. Ensinara-lhe a exercitar os músculos, a levantar pesos, a usar esteroides, a fortalecer o corpo de modo que nunca mais precisasse baixar a crista para ninguém.

Titus fizera mais do que salvar sua vida. Tinha dado a ele uma vida real.

Reynaldo já ia tomando o caminho da escada quando foi interrompido pelo chefe:

– Ainda não.

Dmitry mantinha os olhos grudados no computador, concentrado talvez um pouco demais no que estava fazendo.

– Algum problema, chefe? – perguntou Reynaldo.

– Nada que a gente não possa dar um jeito. – Titus se adiantou para entregar uma arma ao capanga. – Espere até eu dar um sinal.

– Certo.

Reynaldo enfiou a arma na cintura da bermuda e a cobriu com a camiseta. Titus inspecionou-o por um instante, aprovou o resultado, depois se virou para o computador.

– Dmitry?

O nerd hippie olhou por sobre o aro rosa dos óculos, espantado.

– Sim?

– Vá comer alguma coisa.

Titus não precisou repetir. Dmitry desapareceu num piscar de olhos, deixando os outros dois sozinhos na sala. Titus foi para a porta e ficou esperando ali até que viu o lume de uma lanterna despontar na escuridão. Um vulto atravessou a clareira e subiu à varanda. Era Claude, um dos dois funcionários que faziam os transportes de que ele precisava. Estava usando seu terno elegante de motorista.

– Boa noite, pessoal. Mandou me chamar? – perguntou ele, abrindo um largo sorriso. – Já está na hora de buscar mais algum pacote?

– Ainda não – respondeu Titus, com aquela serenidade que arrepiava até mesmo a nuca de Reynaldo. – Antes precisamos ter uma conversa.

O sorriso de Claude diminuiu um pouco.

– Algum problema?

– Tire o seu paletó.

– Perdão?

– Esse é um terno bom. Mas a noite está quente, você não está precisando dele. Pode tirar. Claude se esforçou para dar de ombros de forma casual.

– Claro, por que não?

Ele obedeceu.

– As calças também – acrescentou Titus.

– O quê?

– Tire as calças, Claude.

– O que está acontecendo? Não estou entendendo.

– Apenas faça, Claude. Tire as calças.

Claude olhou de relance para Reynaldo e viu que ele o encarava.

– Tudo bem, tudo bem – falou, tentando fingir que não havia nada de errado. – Afinal de contas, vocês dois estão de bermuda. Não tem problema se eu ficar de cueca, tem?

– Problema nenhum.

O motorista despiu as calças e as entregou ao patrão. Sem nenhuma pressa, Titus as pendurou no encosto de uma cadeira e se voltou para Claude, que esperava apenas de cuecas, camisa social e gravata.

– Precisamos conversar sobre sua última entrega.

O sorriso de Claude estremeceu, mas não se apagou.

– Conversar o quê, chefe? Correu tudo bem. Ela está aqui, certo?

Claude forçou uma risadinha. Espalmando as mãos num gesto de inocência, novamente olhou para Reynaldo em busca de algum apoio, mas Reynaldo permaneceu imóvel feito uma rocha, já sabendo no que daria aquilo tudo. Restava saber qual seria o caminho. Titus se aproximou até ficar a apenas alguns centímetros do motorista.

– Quero saber do caixa eletrônico.

– Do quê? – Claude logo viu que não era o caso de se fazer de bobo. – Ah, sim, o caixa eletrônico.

– Me conte.

– Tudo bem, não vou negar. Sei que você tem as suas regras, e eu não quebraria nenhuma delas a menos que fosse obrigado.

Titus não disse nada; seguiu ouvindo com toda a paciência do mundo.

– Então, o que aconteceu foi o seguinte: eu já tinha saído para fazer a entrega quando de repente me dei conta de que tinha feito uma burrice. Uma *grande* burrice. Tinha esquecido a carteira em casa. Dá para acreditar numa coisa dessas? Daí eu pensei: não dá para fazer uma viagem assim sem dinheiro nenhum no bolso. Sabe como é, né? Viagem longa e tal. Você entende, não entende, Titus?

Ele esperou por uma resposta que não veio. Então, prosseguiu:

– Pois é, foi isso. A gente parou num caixa eletrônico. Mas você não precisa se preocupar: a gente não tinha nem atravessado a fronteira do estado ainda. Devia estar, sei lá, a uns 40

quilômetros da casa dela. Nem precisei descer do carro. Se tinha uma câmera de segurança por perto, ela não me pegou. Apontei minha arma para a mulher e falei que, se ela fizesse alguma besteira, eu ia atrás do filho dela. A mulher tirou o dinheiro e...

– Quanto?

– Ahn?

Titus sorriu para ele.

– Quanto foi que você a obrigou a sacar?

– Hum... o máximo.

– E quanto foi isso, Claude?

Dessa vez o sorriso se apagou por completo.

– Mil dólares.

– É muito dinheiro para uma simples viagem.

– Poxa, pense bem. Ela ia sacar de qualquer jeito. Por que não pegar o máximo? Concorde comigo?

Titus não fez mais do que encará-lo.

– Ah, sim, burrice minha. Você deve estar se perguntando por que eu não contei nada. Eu ia contar, juro por Deus. Mas acabei esquecendo.

– Você anda muito esquecido ultimamente, Claude.

– Olhe, no quadro geral das coisas, mil dólares não é nada. É troco.

– Exatamente. Você colocou todo mundo em risco por causa de uma ninharia.

– Sinto muito. De verdade. Mas o dinheiro ainda está comigo. Lá no bolso da calça. Pode conferir. Pode ficar com ele também. Eu não devia ter feito uma besteira dessas. Mas não vai acontecer de novo, fique tranquilo.

Titus voltou à cadeira sobre a qual havia deixado as calças do motorista. De fato o dinheiro estava lá. Satisfeito, assentiu – era o sinal – e guardou as notas no próprio bolso.

– Tudo esclarecido agora, chefe? – perguntou Claude.

– Tudo.

– Ah, que bom. Posso, ahn, me vestir de novo?

– Não. Esse terno é muito caro. Não quero que ele se manche de sangue.

– De *sangue*?

A essa altura, Reynaldo já se achava às costas do motorista. Sem dizer uma palavra, pressionou o cano da arma na nuca do homem e apertou o gatilho.

capítulo 18

BRANDON ESPERAVA NUM DOS bancos do Strawberry Fields, próximo à Rua 72. Dois homens competiam pela atenção e pelas moedas dos passantes, tocando violão e cantando Beatles. O primeiro havia optado pelo mais óbvio, “Strawberry Fields Forever”, mas nem de longe era páreo para o outro, que, vestindo uma camiseta de Eggman – mais conhecido como Robotnik –, cantava “I Am the Walrus”.

– Vou mostrar a mensagem, aí você vai me dar razão – Brandon foi logo dizendo. – A mensagem que o Schwartz *acha* que foi a minha mãe que mandou.

Kat esperou que o garoto encontrasse a mensagem. Tinha levado Stacy consigo: achava que estava envolvida demais naquela história e queria a seu lado alguém que pudesse ver as coisas com mais distanciamento e objetividade.

– Pronto, aqui está – avisou Brandon. – Pode ler.

Kat pegou o telefone e leu: Oi. Cheguei bem. Superanimada. Saudades.

Ela passou o celular para Stacy, que depois devolveu o aparelho para Brandon.

– O número é o da sua mãe – disse Kat.

– Eu sei, mas não foi ela que escreveu isso aí.

– Por que você acha isso?

Brandon pareceu ofendido pela pergunta.

– Mamãe nunca escreve “Saudades”. Tipo, *nunca*. Sempre termina as mensagens com “Te amo”.

– Você só pode estar brincando...

– Sério.

– Brandon, quantas vezes sua mãe se ausentou numa viagem assim?

– Essa foi a primeira.

– Certo. Então, nada mais natural que ela tenha usado “Saudades”, você não acha?

– Não é só isso. Mamãe sempre terminava as mensagens dela com “bjs” ou com “Mamãe”. Era até engraçado. Ela sempre se apresentava antes de falar. Tipo, quando me telefonava. Mesmo sabendo que eu tinha um identificador de chamadas, mesmo sabendo que eu conhecia a voz dela melhor do que ninguém, ela sempre dizia: “Brandon, aqui é a mamãe.”

Kat olhou para Stacy, que encolheu um pouco os ombros. O garoto sempre tinha uma resposta na ponta da língua.

– Também vi as imagens da câmera de segurança – falou Kat.

– Que câmera de segurança?

– A do caixa eletrônico.

Ele arregalou os olhos.

– Uau! Viu mesmo? Como? Onde?

– O detetive Schwartz foi mais longe do que eu e conseguiu a gravação.

– E aí, o que é que vocês viram?

– O que você acha, Brandon?

– Sei lá. Minha mãe?

– Sim.

– Não acredito.

– Acha que estou mentindo?

– Que roupa ela estava usando?

– Um vestido de alça amarelo.

O rosto de Brandon ficou sombrio. O homem com a camiseta de Eggman terminou de cantar “I Am the Walrus”, curvou-se numa demorada mesura para receber meia dúzia de aplausos, depois se reergueu para repetir a música.

– Além disso, ela parecia tranquila – continuou Kat. – Sua mãe é muito bonita.

Brandon não deu ouvidos ao elogio; em vez disso, perguntou:

– Ela estava sozinha?

– Não há dúvida que sim. A gravação tinha imagens filmadas de dois ângulos diferentes: de cima para baixo e de baixo para cima. Sua mãe estava sozinha.

Brandon se recostou no banco.

– Não estou entendendo. Acho que você está mentindo. Está falando isso só para me fazer recuar. De repente ficou sabendo do vestido amarelo de outro jeito.

Stacy franziu a testa e finalmente interveio:

– Pense bem, garoto.

Brandon balançou a cabeça.

– Não pode ser.

Stacy deu um tapa nas costas dele.

– Você devia estar comemorando! Sua mãe está viva! Sua mãe está *bem*!

Brandon ainda balançou a cabeça mais algumas vezes antes de se levantar e andar de um lado para o outro sobre o mosaico Imagine. Um turista gritou irritado porque Brandon havia arruinado sua foto. Kat foi atrás do garoto.

– Brandon?

Ele se deteve.

– Você disse que tinha descoberto alguma coisa sobre o Jeff.

– O nome dele não é Jeff.

– Sim, você já disse que na internet ele usa o nome de Jack.

– Também não é esse o nome dele.

Kat olhou de relance para Stacy.

– Não estou entendendo.

Brandon tirou seu laptop da mochila e o abriu.

– Foi como eu disse antes. Busquei por ele na internet e não encontrei nada. Aliás, nem sei por que não pensei nisso antes.

– Nisso o quê?

– Você sabe o que é uma busca de imagens?

Kat estranhou a pergunta. Havia pouco tempo, dera uma busca semelhante sobre a mãe do garoto, mas não via motivo para contar isso a ele.

– É quando você busca as fotos de uma pessoa.

– Não, não é disso que estou falando – replicou ele, com uma ponta de impaciência na voz. – Essa busca aí é a mais comum, dessas que todo mundo faz. Você digita o nome da pessoa, depois clica em IMAGENS e pronto. Estou falando de uma parada bem mais sofisticada.

– Então não sei o que é – admitiu Kat.

– Em vez de digitar o nome de uma pessoa, você entra com uma foto dela. O mecanismo busca todas as outras incidências dessa mesma foto. Programas mais sofisticados conseguem até localizar o rosto da pessoa em outras fotos. Coisas assim.

– Você está dizendo que fez uma busca dessas com a foto do Jeff?

– Exatamente. Salvei as fotos do perfil dele naquele site, depois usei-as para fazer uma busca desse tipo que eu falei.

– Então, se uma dessas fotos estiver em algum outro lugar da internet...

– O mecanismo encontra.

– E o que foi que você encontrou, afinal?

– De início, nada. Zero de resultado. Mas aí é que está. A maioria dos mecanismos busca apenas o que está atualmente na internet. Sabe esse terror que os pais gostam de tocar para cima dos filhos, dizendo que, se uma foto cai na internet, fica lá para sempre?

– Sei.

– Pois é. É isso mesmo que acontece. A foto vira um arquivo de memória cache. Sei que é meio técnico, mas quando você deleta uma coisa, ela não evapora. É como a pintura de uma casa. Você pinta sobre a cor que já estava lá. A cor antiga permanece onde estava, depois basta raspar um pouquinho para que ela apareça de novo. – Ele refletiu um instante. – A analogia não é perfeita, mas acho que deu para você entender.

– Você raspou a tinta nova, é isso?

– Mais ou menos por aí. Descobri um jeito de pesquisar páginas deletadas. Foi um camarada meu, lá da universidade, que escreveu o programa. Ainda está na fase beta.

– E o que você descobriu?

Brandon virou o computador para que ela visse.

– Isto aqui.

Tratava-se de uma página do Facebook. A foto de perfil era a mesma que Jeff havia usado

no Você Faz Meu Tipo.

Mas o nome que aparecia no topo era outro: Ron Kochman.

Na página em si, nada de muito relevante. As mesmas fotografias tinham sido publicadas, mas não havia nenhuma postagem, nenhuma atividade real desde a criação do perfil quatro anos antes. O que significava que as fotos tinham a mesma idade. Bem, talvez isso explicasse por que Jeff/Jack/Ron parecia tão bonito, tão bem-conservado.

O mais provável, pensou Kat, era que nos últimos quatro anos ele tivesse se transformado num velhote encarquilhado.

Ou pelo menos era isso que ela queria.

Fosse como fosse, a grande pergunta agora era: quem seria esse tal de Ron Kochman?

– Posso arriscar uma hipótese? – perguntou Stacy.

– Claro.

– Você tem certeza de que esse aí é o seu ex-noivo mesmo e não alguém muito parecido com ele?

– É uma possibilidade – admitiu Kat.

– Não, não é – interveio Brandon. – Vocês conversaram no site, lembra? Ele conhecia você. Falou que estava precisando de um novo começo, que não queria retomar o passado.

– É, eu sei – concordou Kat. – E a minha amiga aqui também sabe mais do que você pensa, não é, Stacy?

– É.

– Como assim? – indagou Brandon.

Ignorando-o por um instante, Kat tentou ligar os pontos com sua amiga Stacy.

– Dezoito anos atrás, Jeff volta para Cincinnati e se envolve numa briga de bar. Depois, muda seu nome para Ron Kochman...

– Não – interrompeu Stacy.

– Por que não?

– Você deve achar que eu sou a detetive mais fuleira do planeta, não é? Pesquisei as bases de dados. Se Jeff trocou de nome, não passou pelos trâmites legais.

– Mas ninguém precisa de trâmites legais para mudar de nome. Qualquer um pode mudar de nome a hora que quiser.

– Mas se você quiser ter um cartão de crédito, uma conta bancária...

– Talvez ele não quisesse nada disso.

– Acho difícil. Você acha o quê? Que ele mudou o nome para Ron, casou, teve uma filha, ficou viúvo... depois entrou no Você Faz Meu Tipo para encontrar uma namorada nova?

– Sei lá. Pode ser.

Stacy refletiu um instante.

– Amanhã mesmo vou pesquisar tudo de novo, agora com o nome de Ron Kochman. Se ele foi casado e teve filhos, alguma coisa eu vou encontrar.

– Ótima ideia – aprovou Brandon. – Fiz uma pesquisa rápida com esse outro nome, mas

não encontrei muita coisa. Apenas alguns artigos que o tal Ron escreveu.

Kat sentiu o coração retumbar no peito.

– Artigos?

– É, parece que o cara é jornalista.

Kat passou as horas seguintes lendo os artigos. Poderia jurar que Ron Kochman era mesmo Jeff Raynes. O estilo era o mesmo. O vocabulário era o mesmo. “Ron” sempre começava as matérias com uma frase de impacto, depois ia costurando as informações aos poucos, sempre com muita clareza. Até mesmo os assuntos mais banais resultavam em textos interessantes. As matérias invariavelmente tinham lastro numa boa pesquisa junto a fontes independentes, selecionadas com critério. Ron trabalhava como freelancer. Assinava matérias em quase todas as publicações importantes, tanto na imprensa tradicional quanto na internet.

Algumas dessas publicações traziam fotografias dos colaboradores na página do editor, mas nenhuma delas era de Ron Kochman. Além disso, não havia nenhuma matéria sobre o próprio Ron, por mais que ela pesquisasse. Eventuais biografias traziam apenas uma lista de textos de sua autoria, sem nenhum dado mais pessoal como endereço, estado civil ou formação acadêmica; não forneciam nem suas credenciais como jornalista. Ron Kochman não tinha nenhum perfil ativo no Facebook, no Twitter ou em nenhuma dessas ferramentas promocionais de que qualquer jornalista faz uso.

Jeff havia mudado seu nome para Ron Kochman.

Por quê?

Brandon estava no apartamento de Kat, pesquisando febrilmente em seu laptop. Assim que a viu se levantar, perguntou:

– Então, você acha mesmo que o tal Ron é o seu ex-noivo Jeff?

– Acho.

– Dei uma olhada numas bases de dados aí, mas até agora não descobri quando, nem como, ele trocou de nome.

– Essas coisas não são fáceis de descobrir, Brandon. Não é ilegal mudar de nome. Deixe isso por conta da Stacy, ok?

Ele assentiu, os cabelos compridos caindo sobre o rosto.

– Detetive Donovan?

– Pode me chamar de Kat.

Ainda com os olhos cravados nos próprios tênis, Brandon falou:

– Você precisa entender uma coisa.

– Entender o quê?

– Minha mãe. Ela é muito guerreira. Não tem palavra melhor. Quando papai ficou doente, ele logo jogou a toalha. Mas a mamãe... Minha mãe é uma força da natureza. Era ela que botava o papai para cima. É o jeito dela.

Brandon ergueu o rosto, com os olhos marejados.

– Ano passado, eu e ela fizemos uma viagem para Maui. Entrei no mar e fui lá para o fundo. Já tinham me avisado das correntes, mas não liguei. Sou meio cabeça-dura, sabe? – Ele abriu um meio sorriso, depois balançou a cabeça. – Enfim, vi que estava preso numa corrente. Tentei nadar contra ela, mas, claro, não consegui. Estava ferrado, indo cada vez mais para o fundo. Só então percebi que minha mãe estava do meu lado. Ela tinha ficado por perto o tempo todo, sabe, vigiando, só por segurança. Não tinha falado nada. Esse é o jeito dela. Mamãe me pegou pelo braço, falou que era para eu aguentar firme. Só isso, mais nada. Quando vi que a corrente a estava levando também, fiquei apavorado, em pânico mesmo. Tentei me desvencilhar, mas ela apenas fechou os olhos e ficou agarrada comigo. Não me soltava por nada deste mundo. Depois de um tempo, conseguiu conduzir a gente até uma ilhota que tinha por perto.

Uma lágrima escapou dos olhos dele e rolou face abaixo.

– Ela salvou a minha vida. É isso que ela sempre faz. Não conheço ninguém mais forte do que minha mãe. Nunca teria me largado ali, nem que tivesse de ir comigo para o fundo do mar. E agora é a minha vez de fazer o mesmo por ela. Não posso abandoná-la, entende?

Kat aquiesceu lentamente.

– Entendo.

– Desculpe, Kat, por não ter mostrado as mensagens para você antes. É que, se eu tivesse mostrado, você nunca ia me dar ouvidos.

– Falando nisso...

– O que foi?

– Você só me mostrou uma das mensagens. Foram duas.

Brandon apertou alguns botões em seu telefone e passou o aparelho para Kat. A segunda mensagem dizia: Tô me divertindo à beça. Mal posso esperar pra te contar tudo. Tenho uma grande surpresa tb. O sinal aqui é péssimo. Saudades.

Kat devolveu o celular.

– “Grande surpresa”... Você faz ideia do que possa ser?

– Não, nenhuma.

Nesse instante, o telefone de Kat tocou. Não poderia ter tocado em momento pior. Era sua mãe que estava chamando.

– Já volto.

Ela escapuliu para o quarto, imaginando em quanto tempo sua mãe duraria numa correnteza em alto-mar.

– Oi, mãe.

– Aahh, detesto isso!

– Isso o quê, mãe?

– Isso de você saber que sou eu antes mesmo de atender – respondeu Hazel Donovan, com sua voz grave de fumante inveterada.

Ela e o pai de Kat costumavam chamar a si mesmos de H&H – Hazel e Henry –, e também

era assim que eles assinavam todas as correspondências, como se isso fosse a coisa mais inteligente do mundo.

– O telefone tem um identificador de chamadas, mãe. Já expliquei isso para a senhora um milhão de vezes.

– Eu sei, eu sei, mas continuo achando que algumas coisas neste mundo deviam permanecer um mistério. Será que a gente precisa mesmo saber de tudo?

Kat conseguiu reprimir um suspiro, mas permitiu-se revirar os olhos. Podia muito bem imaginar a mãe de pé em sua velha cozinha de piso de linóleo, falando ao telefone de parede igualmente velho e encardido. Com certeza estava prendendo o aparelho entre o rosto e o ombro enquanto empunhava uma taça de Chablis barato – a garrafa na geladeira para o vinho não esquentar. Sobre a mesa, uma toalha de plástico que imitava renda e um indefectível cinzeiro de cristal. O papel de parede já descascava aqui e ali, e muitas das flores da estampa também já haviam amarelado com o tempo. Na companhia dos fumantes, cedo ou tarde tudo começa a amarelar.

– Então, você vem ou não? – perguntou a Sra. Donovan.

Kat podia ouvir o álcool na voz da mãe. Estava acostumada com isso.

– Vem para onde, mãe?

Hazel não se deu o trabalho de conter um suspiro de exasperação.

– Para a festa de aposentadoria do Steve Schrader, ora.

– Ah, claro.

– Você pode pedir uma folga lá no distrito, sabia? Eles nunca negam um pedido desses.

A polícia jamais daria “uma folga” para que alguém fosse a uma festa, claro, mas Kat também já havia se acostumado às ideias estapafúrdias que a mãe tinha a respeito da vida policial, concebidas quase todas à época em que o marido ainda estava a seu lado. Portanto, preferiu não corrigi-la.

– Mãe, estou muito ocupada agora...

– Todo mundo vai estar lá. A vizinhança inteira. Vou com a Flo e com a Tessie.

A Santíssima Trindade das Viúvas de Policial.

– Estou trabalhando num caso complicado.

– Tim McNamara vai com o filho, que é médico, sabia?

– Quiroprático.

– E daí? Todo mundo o chama de doutor. E um quiroprático foi tão bom para o seu tio Al, já esqueceu?

– Não, não esqueci.

– O homem mal conseguia se mexer, lembra?

Sim, ela lembrava. Tio Al havia se aposentado por invalidez após um acidente de trabalho numa fábrica de colchões. Duas semanas depois, ficara completamente bom com a ajuda de um quiroprático. Algo milagroso.

– E o filho do Tim é tão bonito... Parece o apresentador daquele programa de perguntas.

– Obrigada pelo convite, mãe, mas desta vez não vai dar, ok?

Silêncio.

– Mãe?

Kat teve a impressão de que agora ouvia a mãe chorar baixinho. Esperou. Hazel telefonava apenas tarde da noite, quando já estava um tanto alterada pelo álcool, embolando a língua. As chamadas sempre tinham uma tônica diferente. Às vezes eram sarcásticas. Outras vezes eram amargas ou explosivas. Mas sempre havia nelas alguma alfinetada materna, dessas que têm por único objetivo despertar na filha um sentimento de culpa.

No entanto, Kat não se lembrava de tê-la ouvido chorar assim.

– Mamãe? – ela tentou novamente, agora com mais delicadeza.

– Ele morreu, não foi?

– Ele quem?

– Aquele homem. Aquele que arruinou as nossas vidas.

Monte Leburne.

– Como foi que a senhora ficou sabendo?

– Bobby Suggs me contou.

Suggs. Um dos dois principais investigadores do caso. Já havia se aposentado, morava relativamente perto da mãe dela. Mike Rinsky, o segundo investigador, tinha morrido três anos antes de um infarto súbito.

– Tomara que ele tenha sofrido bastante – prosseguiu Hazel.

– Imagino que tenha sofrido, sim. Tinha câncer.

– Kat?

– Fale, mãe.

– Você devia ter me contado.

A mãe tinha razão.

– Você está certa, mãe. Desculpa.

– Você devia ter vindo aqui e a gente teria conversado na mesa da cozinha como a gente sempre fez, inclusive naquele dia maldito. Seu pai teria gostado disso.

– Eu sei, eu sei. Desculpe. Assim que der, eu vou aí fazer uma visita.

Hazel Donovan desligou de repente. O que também fazia parte do seu show. Nada de despedidas. Apenas um telefone desligado sem aviso.

Não fora preciso mais que um ou dois dias sem notícias da mãe para que Brandon Phelps começasse a se preocupar. Kat agora se perguntava quantos dias poderia passar sem saber de Hazel até pensar na possibilidade de ter acontecido algo. Semanas, talvez. E não seria ela a primeira a saber. Seria Flo ou Tessie.

Antes de voltar à sala, deu um rápido telefonema para Joe Schwartz e lhe pediu que enviasse por e-mail o arquivo com as imagens do caixa eletrônico.

– Merda, acho que prefiro não me envolver mais nesse caso. Já levei um esporro do meu capitão por ter feito o que fiz.

– Preciso do vídeo, só isso. Acho que o Brandon vai se acalmar depois que vir a mãe.

Schwartz hesitou alguns segundos antes de responder:

– Tudo bem, então. Mas é só isso, ok? Em vez de mandar o arquivo direto por e-mail, vou enviar um link seguro, válido apenas por uma hora.

– Obrigada.

– Não importa.

Kat voltou para o lado de Brandon.

– Desculpe, mas precisei atender.

– Quem era?

Estava prestes a dizer que aquilo não era da conta dele quando decidiu tomar uma direção diferente.

– Quero mostrar uma coisa.

– O quê?

Kat sinalizou para que o garoto a acompanhasse até o computador, depois abriu sua caixa de entrada. Em dois segundos, recebeu a mensagem de Joe Schwartz. O campo de assunto dizia: Como solicitado. O campo de texto trazia apenas um link.

– O que é isso? – perguntou Brandon.

– O vídeo da sua mãe no caixa eletrônico.

Ela abriu o arquivo e apertou o PLAY, mas, em vez de acompanhar as imagens, preferiu observar a reação do garoto. Brandon agora olhava fixamente para a tela do computador. Nem piscava. O rosto estava petrificado.

Kat já vira psicopatas mentirem para a polícia com uma atuação digna de Daniel Day-Lewis. Portanto, poderia jurar que Brandon Phelps jamais poderia ter feito algo para prejudicar a própria mãe.

– O que você acha? – perguntou ela.

Brandon balançou a cabeça.

– O que foi?

– Ela está com medo de alguma coisa. Está pálida.

Kat voltou os olhos para o vídeo. Com medo? Pálida? Difícil dizer. Não havia quem não ficasse meio abatido sob as lentes de uma câmera de segurança. De modo geral, a qualidade das imagens era tão sofrível quanto a das fotos das carteiras de motorista. Além disso, a pessoa estava diante de uma máquina, tirando dinheiro, atenta ao que fazia. Circunstâncias assim dificilmente favoreciam a beleza de uma mulher.

Kat agora acompanhava o vídeo com atenção redobrada. De fato, Dana havia precisado digitar sua senha três vezes, mas isso não significava muita coisa. Tivera alguma dificuldade para recolher o dinheiro, mas isso também não chegava a ser estranho: muitas vezes as cédulas ficavam agarradas.

Dana já dera as costas para a máquina quando Kat enfim percebeu algo e pausou.

– O que foi? – indagou Brandon.

Talvez não fosse nada, mas, por outro lado, ninguém havia examinado aquele vídeo com o devido cuidado. Não fora necessário. Só o que eles queriam era confirmar que Dana Phelps estava mesmo sozinha ao sacar o dinheiro. Kat foi voltando as imagens em câmera lenta, fazendo com que Dana caminhasse de marcha a ré, afastando-se do caixa.

Ali.

Ela havia percebido um movimento no canto superior direito da tela. Algo, ou alguém, tinha se mexido mais adiante na rua, quase imperceptivelmente. Talvez fosse apenas uma coincidência banal, mas, se o que estava ali era mesmo uma pessoa, ela se movera em sincronia com Dana.

A imagem tinha resolução suficiente para que Kat desse um zoom naquela mancha, então ela foi clicando na lente de aumento até ver surgir na tela um vulto escuro.

Um homem de terno preto com um quepe na cabeça.

– Você sabe dizer como é que sua mãe foi para o aeroporto? – perguntou Kat.

Brandon apontou para o homem de terno.

– Não foi esse aí que a levou.

– Não foi isso que eu perguntei.

– A gente sempre usa o Bristol Car Service.

– Você tem o telefone deles?

– Tenho, espere aí. – Brandon foi pesquisando em seu telefone. – Eles já foram me buscar no campus algumas vezes, tipo, quando eu queria passar o fim de semana em casa. Mais fácil do que a mamãe ir lá me buscar. Pronto, aqui está.

Kat digitou no próprio celular o número passado por Brandon. Deparou com um menu eletrônico de duas opções: disque 1 para reservas, disque 2 para falar com um dos nossos atendentes. Assim que foi atendida por alguém de carne e osso, deu seu nome e se identificou como policial. Havia ocasiões em que, ouvindo isso, as pessoas se fechavam em copas e exigiam algum tipo de prova. O mais comum, no entanto, era que fossem logo abrindo as portas solicitadas. No duelo entre a precaução e a curiosidade, a última costumava levar a melhor.

– Eu gostaria de saber se uma cliente chamada Dana Phelps recentemente reservou um carro para um aeroporto internacional.

– Ah, sim, claro. Conheço a Sra. Phelps. É uma cliente regular. Ótima pessoa.

– Por acaso ela reservou algum carro recentemente?

– Sim, mais ou menos uma semana atrás. Para o JFK.

– Posso falar com o motorista?

– Ah.

– Ah?

– É que... Bem, a senhora perguntou se ela reservou um carro. Reservou, sim, mas não chegou a fazer a viagem para o JFK.

Kat passou o celular da mão esquerda para a direita.

- Como assim, não fez a viagem?
- A Sra. Phelps cancelou mais ou menos duas horas antes. Fui eu mesmo que atendi a chamada dela. Foi até um pouco engraçado...
- Engraçado? Como?
- Primeiro ela pediu desculpas porque estava cancelando em cima da hora, coisa e tal. Mas estava meio... como eu vou dizer... meio alegrinha, sabe como é?
- Alegrinha?
- É. Rindo à toa, meio falante, esse tipo de coisa.
- Ela explicou por que estava cancelando em cima da hora?
- Sim. Aliás, acho que é por isso que estava assim, tão alegre. Falou que o namorado tinha mandado uma limusine para pegá-la. Uma surpresa, sei lá.

capítulo 19

CONFIANDO QUE AS CABEÇAS já tivessem esfriado, e precisando fazer uma solicitação oficial em nome da Polícia de Nova York, Kat foi para o distrito na manhã seguinte disposta a trabalhar como se nada tivesse acontecido. Já havia se acomodado diante do computador quando seu ainda parceiro Chaz – *argh* – surgiu a seu lado e plantou as mãos na cintura como se estivesse surpreso com sua presença. Ele vestia um terno de tal modo cintilante que por pouco não era preciso usar óculos de sol.

– E aí, Kat, está precisando de alguma coisa?

– Não.

– O chefe disse que você tinha tirado uma licença.

– Mudei de ideia. Só preciso fazer uma coisa aqui, rapidinho, depois quero saber exatamente o que está acontecendo.

Na noite anterior, ela havia usado o Google Earth para descobrir outras câmeras de segurança que pudessem lhe dar uma visão mais ampla da rua em que ficava o caixa eletrônico usado por Dana Phelps. Sua esperança era ver o carro em que ela tinha entrado, talvez até descobrir o número da placa ou outra pista qualquer.

Espiando por sobre o ombro dela, Chaz perguntou:

– Isso tem a ver com aquele moleque que esteve aqui outro dia?

Kat o ignorou, solicitou as informações desejadas e o site pediu que ela digitasse seu nome de usuário e senha. Ela obedeceu e clicou em ENVIAR, recebendo uma mensagem de resposta: ACESSO NEGADO.

Tentou novamente e obteve o mesmo resultado. Então, virou-se para Chaz, que a observava com os braços cruzados junto ao peito.

– O que está acontecendo, Chaz?

– O chefe falou que você estava de licença.

– Ninguém bloqueia o acesso de uma pessoa simplesmente porque ela saiu de licença.

– Fazer o quê? – Chaz deu de ombros. – Foi você mesma que pediu, certo?

– Pedi o quê?

– Você não queria ser transferida? Então vai ser transferida, ué.

– Não pedi transferência nenhuma.

– Foi o próprio capitão que me disse. Você pediu um novo parceiro.

– Pedi um novo parceiro. Não pedi para ser transferida.

Parecendo magoado, Chaz comentou:

– Até agora não entendi por que você fez uma coisa dessas.

– Porque não gosto de você, Chaz. Você é grosseiro, é preguiçoso, não tem o menor interesse em fazer a coisa certa...

– Ora, tenho o meu jeito de trabalhar, só isso.

Kat não estava nem um pouco a fim de prosseguir com aquela conversa.

– Detetive Donovan?

Ela olhou para trás e viu Stephen Singer, seu superior imediato.

– Você está de licença.

– Não, não estou.

Singer se aproximou.

– Quando você sai de licença por iniciativa própria, isso é bem melhor em termos de folha corrida. Não aparece na sua ficha como, digamos... insubordinação com uma patente superior.

– Mas eu não...

Singer interrompeu-a com um gesto da mão. De olhos fechados, disse:

– Aproveite as suas férias, Kat. Você fez por merecê-las.

Ele lhe deu as costas e saiu.

Kat encarou Chaz, mas logo viu que ele não pretendia dizer nada. Tinha plena consciência do que Singer dissera nas entrelinhas: fique na sua, agunte o tranco, cedo ou tarde tudo voltará ao normal. Esse seria de fato o caminho mais inteligente a tomar. Talvez o único que lhe restasse.

Ela se levantou e já ia desligando o computador quando ouviu:

– Não.

– Ahn?

– Singer mandou você ir embora. Então vá. Agora.

Eles se entreolharam por um instante. Chaz pareceu fazer um movimento quase imperceptível de cabeça, assentindo para incentivá-la – não dava para saber direito. Deixando o computador como estava, Kat saiu para as escadas. Antes de descer à rua, no entanto, olhou rapidamente para o gabinete de Stagger no segundo andar. O que dera nele? Stagger não costumava transigir com normas e regulamentos, e ela poderia, sim, ter sido um pouco mais respeitosa com o capitão, mas ele havia reagido com exagero.

Consultou o relógio. De certa forma, tinha um dia livre pela frente. Então, foi para o metrô e, três baldeações depois, desceu na estação da Main Street de Flushing, no Queens.

O salão da Ordem dos Cavaleiros de Colombo estava inteiramente decorado com bandeiras nacionais, águias, estrelas e tudo mais que pudesse ser considerado um emblema de patriotismo. O barulho era grande, mas não maior que o dos muitos outros eventos que se davam por ali. Encontrar silêncio em qualquer um dos salões da ordem seria tão inusitado quanto encontrar silêncio num ginásio. Steve Schrader, que estava se aposentando na terra

idade de 53 anos, encontrava-se próximo a um barril de chope recebendo cumprimentos como se fosse o noivo numa festa de casamento.

Kat avistou Bobby Suggs mais ao fundo do salão, numa mesa atulhada de garrafinhas de Budweiser. Aposentado como o anfitrião, o detetive estava usando um blazer xadrez e calças de um poliéster tão óbvio que por muito pouco não provocou coceiras em Kat. No caminho até ele, havia um sem-número de rostos conhecidos, e não foram poucos os que foram ter com ela, uns para abraçá-la e desejar felicidades, outros para dizer, como sempre, que ela era a imagem “cuspida e escarrada” do falecido pai, “que Deus o tenha”. E sempre havia aquele que ia logo perguntando quando ela pretendia casar e ter filhos. Kat tentava assentir e sorrir para passar por tudo aquilo, mas não era fácil. De modo geral, falavam muito de perto para serem ouvidos em meio à barulheira e isso afligia Kat, sufocava-a, como se varizes e cicatrizes de varíola ameaçassem devorá-la por inteiro. Um quarteto de polca começou a tocar sob a liderança de uma tuba. O ambiente recendia a cerveja e suor.

– Kat? A gente está aqui, meu amor!

Imediatamente reconheceu a voz roufenha da mãe. Virando-se, viu que ela já estava um tanto vermelha em razão da bebida, acenando para que fosse se sentar a seu lado, com Flo e Tessie. As outras duas faziam o mesmo, para o caso de Kat não ter entendido o gesto de Hazel.

Encurralada, Kat foi ao encontro delas. Beijou a mãe no rosto e cumprimentou a dupla com um simples olá.

– O quê?! – protestou Flo. – Nenhum beijinho para as tias Flo e Tessie?

Ali não havia tia nenhuma: eram apenas amigas da família. Kat contornou a mesa para beijá-las também. Os cabelos de Flo eram mal tingidos com um vermelho que resvalava para o roxo; o grisalho de Tessie também tendia para o mesmo tom. Ambas exalavam o mesmo cheiro de aromatizante espargido em sofã velho. As duas tinham o hábito de apertar o rosto de quem beijavam, e Kat já pensava em maneiras de limpar discretamente a marca que decerto Flo havia deixado com seu batom vermelho.

Todas as três viúvas a inspecionaram da cabeça aos pés.

– Você está magrinha demais – comentou Flo.

– Deixe a garota em paz – interveio Tessie. – Não ligue para ela, boba. Você está ótima.

– Só falei por falar, ora. Afinal, todo homem gosta de um pouco de carne.

Sem o menor constrangimento, Flo reacomodou os peitos fartos para enfatizar o que acabara de dizer. Na verdade, isso era um hábito seu, como se os peitos fossem crianças levadas que se recusavam a parar quietas no lugar.

Hazel ainda examinava a filha, nem um pouco preocupada em disfarçar o olhar de censura.

– Você acha mesmo que esse corte de cabelo valoriza seu rosto?

Kat não fez mais do que encará-la.

– Puxa, você tem um rosto tão bonito...

– Você é muito linda – disse Tessie, a mais normal das três, talvez a mais rebelde também.

– E o seu cabelo está ótimo.

– Muito obrigada, tia Tessie.
– Então, você veio para ver o médico filho do Tim, foi? – perguntou Flo.
– Não.
– Ele ainda não chegou. Mas vai chegar.
– Você vai gostar dele – acrescentou Tessie. – É um pão!
– Parece aquele sujeito do *The Price is Right* – comentou Flo. – Parece ou não parece?
Hazel e Tessie concordaram com entusiasmo e Kat perguntou:
– Qual deles?
– Hein?
– O que apresenta o programa agora ou o que apresentava antes?
– Qual deles... Não interessa qual deles. Você acha o quê? Que um deles não é bonito o suficiente para você? – Flo reajustou os peitos novamente. – Qual deles...
– Pare com isso! – exclamou Tessie.
– Isso o quê?
– Isso de ficar mexendo nos peitos. Qualquer hora vai furar o olho de alguém com essas coisas aí!

Flo deu uma piscadela.

– Quem será o sortudo, hein?

Ela era uma mulher opulenta e ainda não havia desistido de fisgar um marido novo. Volta e meia aparecia com um namorado, sempre um fogo de palha. Era uma incorrigível romântica, apesar de uma vida inteira de experiências que diziam o contrário. Apaixonava-se em dois minutos, loucamente, mas todos podiam ver o desastre que estava por vir. Todos menos ela. Conhecia Hazel desde os tempos do St. Mary's, onde elas haviam sido colegas de primário e melhores amigas. Kat já era uma colegial quando as duas tiveram o primeiro desentendimento e, por uns seis meses, ficaram sem se falar, algo a ver com o hóspede de uma delas, mas, fora isso, Flo e Hazel eram unha e carne.

Flo tinha seis filhos e dezesseis netos; Tessie, oito filhos e nove netos. Havia tido uma vida difícil, criando a filharada sob a tutela de um marido que se envolvia pouco e uma igreja que se envolvia demais. Certa vez, aos 9 anos, Kat chegara mais cedo da escola e vira Tessie chorando à mesa da cozinha, Hazel segurando a mão dela, dizendo que sentia muito e procurando consolá-la. Tessie soluçava e balançava a cabeça. Kat ficara se perguntando que tragédia poderia ter se abatido sobre a família da tia: talvez algo tivesse acontecido à filha dela, Mary, que tinha lúpus; talvez o marido, tio Ed, tivesse perdido o emprego; talvez o filho malandro tivesse sido expulso da escola.

Mas o problema era bem outro.

Tessie estava chorando porque havia descoberto que estava grávida de novo. Debulhando-se em lágrimas, amassava os lenços de papel enquanto repetia um milhão de vezes que não teria forças para aguentar aquilo. Hazel ouvia o que ela dizia, acariciava a mão dela, e a choradeira foi geral quando Flo chegou também.

Os filhos de Tessie agora já eram crescidos. Até a morte do marido, seis anos antes, o lugar mais longe a que ela fora tinha sido um cassino em Atlantic City, mas, depois que enviuvara, passara a viajar compulsivamente. Fez sua primeira viagem, a Paris, com não mais do que três meses de viuvez. Fazia anos que estudava francês por conta própria, valendo-se das fitas didáticas que retirava da Biblioteca do Queens, e por fim tivera a oportunidade de colocar seus conhecimentos em prática. Guardava seus diários de viagem no escritório de casa. Jamais forçava alguém a lê-los, mal falava da existência deles, mas Kat adorava folheá-los.

Desde muito cedo, Kat fora alertada pelo próprio pai. Certo dia, olhando de relance para a esposa que estava na cozinha junto ao fogão, ele disse à filha: “Este lugar pode ser uma armadilha para as moças da sua idade...” Com efeito, as únicas meninas que haviam crescido com ela e tinham permanecido na vizinhança haviam engravidado ainda jovens. As outras, pelo bem ou pelo mal, tinham fugido de lá.

Kat virou-se na direção de Suggs e viu que ele a encarava. Em vez de desviar o olhar, Suggs ergueu sua garrafa de cerveja num brinde distante e melancólico. Kat respondeu com um simples meneio da cabeça e viu o ex-policial tomar um demorado gole da bebida, jogando a cabeça para trás, o pomo de adão subindo e descendo.

– Volto já – disse ela às mulheres, e foi para os fundos do salão.

Suggs imediatamente se levantou e foi ao encontro dela. Baixote e parrudo, caminhava com as pernas um tanto arqueadas, como se tivesse acabado de cavalgar. Àquela altura, o ar-condicionado fraco já não fazia frente à multidão de convidados, e as pessoas, inclusive Suggs e Kat, começavam a rebrilhar com uma fina camada de suor. Os dois se abraçaram em silêncio. Desvencilhando-se, Suggs disse:

– Imagino que você já saiba.

– Sobre Leburne? É, eu soube.

– Nem sei o que dizer, Kat. “Sinto muito” não me parece apropriado.

– Sei como é.

– De qualquer modo, fico feliz em vê-la por aqui. Estava mesmo pensando em você.

– Obrigada.

Suggs ergueu sua garrafa.

– Acho que você está precisando de uma cerveja.

– Achou certo.

Não havia um bufê de bebidas, apenas alguns barris de chope e *coolers* de cerveja espalhados pelo lugar. Sempre um cavalheiro, Suggs buscou uma cerveja para Kat, abriu-a com a aliança de casamento, e os dois brindaram. Por mais bonito que fosse o filho do Tim, o real motivo para a presença de Kat naquela festa era falar com Suggs. Só não sabia direito como começar.

Suggs ajudou-a:

– Fiquei sabendo que você esteve com Leburne antes de ele morrer.

– É, estive.

– E aí, como foi?

– Ele falou que não foi ele.

Suggs sorriu como tivesse acabado de ouvir uma piada sem nenhuma graça.

– Falou, é?

– Estava bem dopado.

– O bastante para contar essa última mentira.

– Pelo contrário. Essas drogas tinham o efeito de um soro da verdade. Ele confessou ter matado os outros dois, mas disse que só tinha assumido a culpa pelo assassinato do meu pai porque já ia pegar prisão perpétua.

Suggs bebeu da sua cerveja. Tinha lá os seus 60 e poucos anos. Ainda exibia uma farta cabeleira grisalha, mas, aos olhos de Kat, ou aos olhos de quase todo mundo, o que mais se destacava nele era o rosto generoso. Os traços não eram especialmente bonitos, mas tinham esse ar generoso, só isso. Impossível não gostar de um homem com um rosto desses. Impossível não confiar num rosto desses.

Era preciso lembrar que se tratava apenas de um rosto.

– Encontrei a arma, Kat.

– Eu sei.

– Estava escondida na casa dele. Num fundo falso na cama.

– É, eu também sei. Mas você nunca achou isso estranho? Leburne era um homem extremamente cuidadoso. Usava uma arma e se livrava dela. Mas, de uma hora para outra, a polícia encontra a arma do crime num esconderijo dentro de casa, junto com as outras que ele ainda não tinha usado.

Com um meio sorriso, Suggs disse:

– Você lembra muito o seu pai.

– É o que todo mundo diz.

– Não tínhamos nenhum outro suspeito, nenhuma outra hipótese.

– O que não quer dizer que não havia outros suspeitos e outras hipóteses.

– Sabíamos que Cozone queria ver seu pai morto. Encontramos a arma do crime. Tínhamos uma confissão. Leburne tinha os meios e a oportunidade. Foi uma operação absolutamente limpa.

– Não estou sugerindo que vocês não fizeram a coisa certa.

– Não é o que parece.

– É que algumas peças não se encaixam, entende?

– Ora, Kat, você sabe como são as coisas. Elas nunca são tão categóricas como a gente quer. Por isso existem julgamentos e advogados de defesa para dizer, por mais bem-fundamentado que seja o caso, que há um furo aqui, uma inconsistência ali, ou que o argumento da acusação não “procede”. – Ele fez as aspas com as mãos.

Nesse momento, o quarteto parou de tocar e alguém tomou o microfone para fazer um

brinde ao homenageado do dia. Suggs virou-se para ouvir. Aproximando-se um pouco mais, Kat disse:

– Posso fazer mais uma pergunta?

Suggs continuou encarando o orador.

– Não vou conseguir impedir, vou? Nem que ainda tivesse minha arma comigo.

– Por que Stagger foi falar com Leburne no dia seguinte à prisão dele?

Suggs piscou algumas vezes antes de se virar para ela.

– Como é que é?

– Tive acesso ao protocolo de visitas – explicou Kat. – No dia seguinte à operação do FBI, Stagger foi lá interrogar Leburne.

Suggs ruminou um instante.

– Eu diria alguma coisa como “Acho que você está enganada”, mas, se você viu o protocolo...

– Você sabia disso?

– Não.

– Stagger nunca comentou nada?

– Não. Você perguntou para ele?

– Perguntei. Ele disse que foi lá porque quis. Porque estava obcecado pelo caso. Falou que era impetuoso.

– “Impetuoso”: boa palavra.

– Disse também que o Leburne não quis falar com ele.

Suggs começou a descolar o rótulo de sua cerveja.

– Mas, e aí, Kat? Que importância tem essa história?

– Nenhuma, talvez.

Por um tempo, eles ficaram ali, fingindo que prestavam atenção ao que dizia o orador. De repente, Suggs perguntou:

– Quando foi mesmo essa visita do Stagger?

– Um dia depois da prisão do Leburne.

– Interessante.

– Por quê?

– Leburne só entrou no nosso radar de suspeitos... mais ou menos uma semana depois.

– Mesmo assim, Stagger foi lá falar com o cara.

– De repente foi só um palpite dele.

– Um palpite que você e Rinsky não tiveram.

Suggs franziu a testa.

– Você acha que vou morder sua isca?

– Falei por falar. Mas é estranho, você não acha?

Suggs gesticulou como se dissesse “Pode ser que sim, pode ser que não”. Em seguida, argumentou:

– Stagger era um sujeito impetuoso, mas, na época, ele soube muito bem respeitar nosso trabalho, o meu e o do Rinsky. Sabia que a operação era nossa. A única coisa que ele fez pra gente foi descobrir de quem eram aquelas impressões digitais, mas, àquela altura, Leburne já estava com a corda no pescoço.

Kat sentiu um frio na espinha.

– Espere aí, de que impressões digitais você está falando?

– Não foi nada. Só um beco sem saída.

– As tais impressões que foram encontradas na cena do crime?

– Sim.

Kat mal podia acreditar no que estava ouvindo.

– Pensei que vocês nunca tivessem descoberto de quem eram.

– Não enquanto o caso ainda estava em aberto. Mas aquilo não foi nada, Kat. Só identificamos alguns meses depois da confissão do Leburne. O caso já estava fechado.

– Aí vocês deixaram pra lá?

Suggs ficou visivelmente desapontado com a pergunta.

– Nunca fui homem de deixar alguma coisa “pra lá”, Kat. Nem eu nem Rinsky. Você sabe muito bem que a gente não deixava pedra sobre pedra.

– É, eu sei.

– Como eu disse antes, foi o Stagger que fez a pesquisa. No fim das contas, as impressões eram de um sujeito aí, um mendigo que acabou se matando. Um beco sem saída.

Kat permaneceu muda, encarando-o.

– Não estou gostando nada da sua cara – comentou Suggs.

– Essas impressões... elas ainda estão nos arquivos do caso?

– Imagino que sim. Quer dizer, claro que estão. A esta altura, já devem ter ido para o depósito, a menos que...

– A gente precisa examinar essas impressões outra vez.

– Já disse, elas não deram em nada.

– Faça isso por mim, Suggs. Como um favor. Pelo menos para que eu deixe você em paz.

O orador enfim encerrou o discurso e as pessoas aplaudiram. A tuba voltou a tocar, seguida dos demais instrumentos.

– Suggs? – insistiu Kat.

Ele não respondeu. Afastou-se e foi abrindo caminho pela multidão, ignorando os amigos que o chamavam. Seguiu direto para a saída.

capítulo 20

BRANDON PRECISAVA DAR UMA caminhada para esfriar a cabeça.

Sua mãe ficaria orgulhosa dele. Como todos os pais, Dana resmungava sempre que o via grudado a um eletrônico qualquer, fosse um computador, um videogame ou um celular. Era uma luta constante. Seu pai costumava ser mais compreensivo. “Toda geração tem lá os seus vícios”, dizia à mulher. “Então a gente faz o quê?”, replicava ela. “Desiste? Deixa o garoto passar o dia inteiro naquela caverna escura?” O pai respondia: “Não, mas a gente precisa colocar as coisas em perspectiva.”

Nisso ele era ótimo: colocar as coisas em perspectiva. Sempre tinha algo a dizer para aplacar a angústia de amigos e parentes. Brandon ainda se lembrava de uma conversa que eles haviam tido sobre os aparelhos eletrônicos:

– Lá atrás, num passado muito distante, os pais brigavam com os filhos porque eles estavam sempre com um livro na mão. Falavam que os moleques tinham que sair mais de casa, mandavam que eles fossem brincar na rua em vez de ficar com o nariz enterrado num livro. Você já deve ter ouvido um papo parecido, né?

– Já.

– Quando eu tinha a sua idade, meus pais brigavam comigo porque eu ficava vendo televisão. Mandavam que eu fosse brincar no quintal ou, o que é mais engraçado ainda, mandavam que fosse *ler um livro*!

Brandon ainda tinha nítido na lembrança o sorriso que o pai abria.

– Mas, filho, sabe qual é o segredo?

– Não, qual é?

– Equilíbrio.

À época, Brandon não havia compreendido muito bem o que aquilo queria dizer, tinha apenas 13 anos. Talvez tivesse levado a conversa adiante se soubesse que o pai iria morrer em pouco tempo. Mas isso já não tinha a menor importância. Ele agora sabia muito bem o que significava equilíbrio, sabia que não era saudável fazer por muito tempo uma coisa só, por mais divertido que fosse.

O problema com as caminhadas ao ar livre e com todo esse papo de natureza era que... bem, tudo isso era *muito* chato. O mundo on-line era virtual, ok, mas havia nele um fluxo constante de estímulos. Mil coisas para se ver, mil coisas para vivenciar. No mundo virtual

não havia espaço para a chatice. Nada ficava velho, porque tudo ia mudando. Ninguém se aborrecia, porque não dava para se aborrecer com um acúmulo de experiências.

Em contrapartida, caminhar ao ar livre – como ele agora fazia naquela parte do Central Park conhecida como The Ramble – era, no máximo, *blah*. Segundo o site do parque, havia ali cerca de 230 espécies diferentes de aves, algo de que eles “se gabavam” muito, mas naquele exato momento não se via um mísero pardal. Viam-se plátanos, muitas flores e muitos outros bichos, mas nada de pássaros. Afinal de contas, o que havia de tão interessante em vagar no meio de um monte de árvores?

Caminhar na cidade, isso até era mais compreensível. Pelo menos havia o que se ver: gente, lojas, carros, talvez alguém brigando com outro pelo mesmo táxi, pela mesma vaga de estacionamento. Ao menos um pouco de ação. Mas aquela história de mato? De flores, árvores e passarinhos? Tudo bem por uns cinco ou dez minutos, mas depois disso... tédio na certa.

Brandon não estava se embrenhando naquele santuário verde de Manhattan porque, de uma hora para outra, havia aprendido a gostar da natureza e da vida ao ar livre. Não. É que ele precisava se entediar.

Precisava de equilíbrio para os estímulos constantes do mundo virtual.

Além disso, o tédio era uma espécie de tanque de pensamentos do qual ele podia se alimentar. Brandon não caminhava no mato para se acalmar ou para curtir a natureza. Fazia isso porque o tédio o obrigava a olhar para dentro, a pensar e a se concentrar exclusivamente nos próprios pensamentos, pois nada à sua volta era digno de atenção. Certos problemas nunca se resolviam sem um mínimo de foco.

Ainda assim, ele tinha consigo o telefone. Não se contendo, ligou para Kat. Foi atendido pela secretária eletrônica, mas não deixou nenhum recado – só os coroas deixavam recados de voz. Enviou uma mensagem de texto pedindo que ela ligasse de volta quando pudesse. Nada urgente. Pelo menos por enquanto. Ele ainda precisava digerir os últimos acontecimentos.

Seguindo pelos caminhos sinuosos do parque, estranhou que houvesse tão poucas pessoas por ali. Pelo que vira no site, estava no coração de Manhattan, entre as Ruas 73 e 78, mas tanto faria se estivesse num fim de mundo qualquer. Estava perdendo suas aulas na universidade, mas... paciência. Já avisara sua parceira de laboratório, Jayme Ratner, de que teria de se ausentar por um tempo. Jayme não se importara muito: no semestre anterior, seu ex-parceiro tivera algum tipo de crise nervosa, portanto era um alívio que pelo menos Brandon ainda estivesse em plena posse de suas faculdades mentais, algo cada vez mais raro de se encontrar naquela universidade.

O celular de Brandon tocou. No identificador de chamadas se lia “Bork Investments”. Ele atendeu.

Uma voz feminina perguntou:

– Sr. Brandon Phelps?

– Ele mesmo.

– Um instante que vou transferir para o Sr. Bork.

A música de espera era uma versão instrumental de “Blurred Lines”.

– Brandon?

– Oi, tio Marty.

– Que bom falar com você, garoto. E aí, como estão as coisas na faculdade?

– Tudo ótimo.

– Bom saber. Já tem algum plano para este verão?

– Não, ainda não.

– É isso mesmo que você tem que fazer, meu amigo. Aproveitar a vida enquanto é tempo. Trabalhar para quê, não é? Logo, logo vai se formar e entrar na vida real. Escute o que eu estou dizendo.

Martin Bork não era mau sujeito, mas, como todos os adultos, ficava um tanto arrogante quando começava a dar conselhos de vida.

– É, eu sei.

– Então, recebi seu recado. Em que posso ajudar? – O tom agora era outro, absolutamente profissional.

Tão logo avistou o lago do parque, Brandon mudou de caminho e foi seguindo para a beira da água.

– É sobre a conta da minha mãe.

Do outro lado da linha, apenas silêncio.

– Vi que ela fez uma retirada muito grande – insistiu Brandon.

– Viu como?

Brandon não gostou da rispidez da pergunta.

– Hein?

– Não estou confirmando nem negando o que você acabou de dizer. Estou apenas perguntando: como você pode saber que sua mãe fez ou não fez uma retirada?

– No extrato on-line.

Mais silêncio.

– Tenho a senha dela, se é isso que preocupa você.

– Brandon, por acaso você tem alguma pergunta sobre a sua própria conta?

Ele se afastou do lago e tomou a direção do riacho.

– Não.

– Então, desculpe, preciso trabalhar.

– Quase 250 mil dólares sumiram da conta da minha mãe.

– Posso assegurar que nada “sumiu” da conta da sua mãe. E, se você tem alguma dúvida a respeito disso, sugiro que pergunte diretamente a ela.

– O senhor falou com a minha mãe? Ela aprovou essa transação?

– Não posso dizer mais nada, Brandon. Espero que você entenda. Mas fale com sua mãe. Agora, tchau.

Martin Bork desligou.

Meio aturdido, Brandon atravessou uma pequena ponte de pedra e seguiu para uma área mais erma, de vegetação mais densa. Finalmente, avistou um passarinho, um cardeal-vermelho. Lembrava-se de ter lido em algum lugar que, para os índios cherokee, aquelas aves eram filhas do sol: quando voavam na direção do pai, aquilo era sinal de boa sorte; quando voavam na direção contrária...

Ele ficou imóvel, esperando para ver o que faria o cardeal do parque.

Por isso, não ouviu a tempo o homem que se aproximou por trás.

Kat recebeu um inesperado telefonema de Chaz, seu muito em breve ex-parceiro.

– Já está comigo.

– Do que você está falando? – perguntou Kat.

Ela acabava de sair da estação de metrô do Lincoln Center, que definitivamente cheirava a mijo, e agora seguia pela Rua 66, que definitivamente cheirava a cerejeiras em flor. Kat ♥ New York. Pouco antes, ela tinha visto a mensagem de Brandon. Ligara de volta, mas não fora atendida, então deixara um pequeno recado no correio de voz.

– Você estava tentando fazer uma solicitação oficial para as imagens de uma câmera de vídeo – explicou Chaz. – Elas já chegaram.

– Espere aí, como foi que isso aconteceu?

– Você sabe muito bem, Kat.

De fato, ela sabia. Chaz havia completado a solicitação por ela. A única coisa coerente que Kat sabia a respeito das pessoas era o fato de que elas nunca eram coerentes.

– Você pode se meter numa encrenca por causa disso.

– Encrenca é meu nome do meio. Na verdade, meu nome do meio é Tripé. Você já contou para aquela sua amiga gostosa que eu sou rico?

Isso, coerência.

– Chaz...

– Tudo bem, foi mal. Quer que eu mande o vídeo por e-mail?

– Seria ótimo, obrigada.

– Você queria ver o carro em que aquela mulher entrou, não é isso?

– Você viu a gravação?

– Não tem problema, né? Ainda somos parceiros.

Muito justo, pensou Kat.

– Quem é ela? – perguntou Chaz.

– Dana Phelps. Foi o filho dela quem me procurou no distrito aquele dia. Acha que a mãe sumiu. Ninguém acredita nele.

– Inclusive você?

– Estou com a mente aberta.

– Se incomoda de me dizer por quê?

– É uma longa história. Pode ficar para depois?

- Tudo bem.
- Quer dizer então que Dana Phelps entrou num carro.
- Entrou. Mais especificamente, num Town Car da Lincoln. Uma limusine preta.
- O motorista estava de terno e quepe?
- Estava.
- E a placa do carro, deu para ver?
- Não, esse é o problema. As câmeras do banco não pegaram a placa. O carro estava parado mais adiante na rua. Quase não dava para ver a marca.
- Merda.
- Mas nem tudo está perdido.
- Como assim?

Chaz pigarreou, mais por efeito do que por necessidade.

- Dei uma olhada no Google Earth, vi que tem um posto da Esso na mesma rua do banco. Dei uns telefonemas aí. As câmeras de segurança do posto pegam a rua também.

A maioria das pessoas tem consciência de que hoje em dia são muitas as câmeras de segurança no mundo, mas poucas conhecem os números reais. São quarenta milhões apenas nos Estados Unidos e o contingente cresce a cada dia que passa. Não há quem bote o pé na rua sem ser filmado em algum momento.

- Essa nova solicitação – prosseguiu Chaz – pode demorar mais uma ou duas horas para ser atendida, mas, quando chegar o vídeo, é bem possível que a gente consiga ver a placa da limusine.

- Excelente.
- Ligo assim que chegar. Me avise se precisar de mais alguma coisa.
- Aviso, sim – garantiu Kat, e acrescentou: – Chaz?
- Oi.
- Olhe, você foi... Quer dizer, obrigada por tudo, Chaz.
- Que tal você me dar o número da sua amiga agora?

Kat desligou. Segundos depois, o celular tocou novamente. O número era o de Brandon Phelps.

- Oi, Brandon.
- Quem fala?
- Como assim? Foi você que me ligou! – Só então ela percebeu que a voz do outro lado da linha não era a do garoto. – Quem está falando? O que está acontecendo?
- Aqui é John Glass, oficial da Polícia de Nova York. Estou ligando a respeito de Brandon Phelps.

Os 340 hectares do Central Park são policiados pelo 22º Distrito, mais conhecido como a Delegacia do Central Park. O pai de Kat havia trabalhado ali por oito anos na década de 1970. À época, a delegacia funcionava no que antes fora um estábulo de cavalos. De certo

modo, o lugar ainda era um ex-estábulo, porém tinha sofrido uma reforma de 61 milhões de dólares, talvez um pouco exagerada. Agora parecia um museu de arte moderna mais do que qualquer outra coisa. Numa decisão tipicamente nova-iorquina – isto é, ninguém sabia ao certo se era para ser levada a sério ou não –, o novo átrio fora construído com vidro à prova de bala. A princípio, as obras haviam sido orçadas em apenas 40 milhões, mas os custos se elevaram quando, num acontecimento também típico da cidade, os construtores inesperadamente encontraram no subsolo os trilhos de uma antiga linha de bonde.

Fantasmas de um passado que, ao que parecia, nunca ia embora.

Kat correu até a recepção e pediu para falar com o tal John Glass. O sargento plantonista apontou para um policial uniformizado, um negro alto e muito magro, e ela teve a impressão de que o conhecia; afinal, trabalhava logo ali no 19º. Mas não podia jurar.

Glass conversava com dois senhores mais velhos que pareciam recém-chegados de um campeonato de biriba em Miami Beach. Um deles usava um chapéu fedora e uma bengala; o outro vestia um paletó azul-claro e calças cor de manga.

– O senhor anotou os nossos telefones, certo? – perguntou o de chapéu.

– Anotei, sim.

– Ligue se precisar – disse o de calças amarelas.

– Ligo, sim, pode deixar. E, mais uma vez, muito obrigada pela ajuda.

Eles já davam as costas para ir embora quando Glass avistou Kat e disse:

– Olá, Kat.

– Já nos conhecemos?

– Não exatamente, mas o meu velho trabalhava aqui com o seu, que era uma lenda viva.

Bastava morrer em serviço para que um policial se tornasse uma “lenda viva”, ela pensou.

– Então, onde está o Brandon?

– Está com um médico lá dentro. Não deixou que o levássemos para o hospital.

– Posso vê-lo?

– Claro, venha comigo.

– Está muito machucado?

Glass deu de ombros.

– Estaria pior se aqueles dois ali não estivessem por perto relembrando a juventude.

Ele gesticulou em direção aos dois senhores, que lentamente atravessavam o átrio rumo à saída do prédio.

– Como assim?

– Você já deve ter ouvido falar sobre o passado, digamos, *pitoresco* daquela parte do parque, não ouviu?

Kat assentiu. Até mesmo o site oficial do Central Park descrevia o Ramble como um “ícone gay do século XX”, “recanto predileto dos homossexuais para a realização de encontros clandestinos”. À época, a vegetação densa e a iluminação insuficiente faziam daquela área um local perfeito para a paquera dos gays. Com o passar dos anos, no entanto, o

bosque tornara-se não só a principal reserva botânica do parque como também um marco histórico para a comunidade LGBT.

– Segundo eles mesmos contaram – prosseguiu Glass –, aqueles dois senhores se conheceram no Ramble cinquenta anos atrás e hoje resolveram comemorar a data atrás dos arbustos com um pouco de, digamos, nostalgia.

– À luz do dia?

– Sim.

– Uau.

– Falaram que, na idade deles, é difícil ficar acordado até mais tarde. Bem, de qualquer modo, eles estavam lá, namorando ou fazendo sei lá o quê, quando ouviram uma confusão e saíram correndo para ver o que era, não sei exatamente em que grau de desnudamento. Foi aí que viram um sem-teto atacando seu amigo.

– Como você pode saber que era um sem-teto?

– Foram eles que disseram, não eu. Parece que o sujeito chegou por trás e atacou Brandon na cabeça. Assim, sem nenhuma advertência. Um deles falou que o homem estava armado com uma faca; o outro falou que não. Então não dá para saber. Nada foi roubado, provavelmente porque não houve tempo suficiente. Em todo caso, trata-se de um assaltante comum ou de algum maluco que esqueceu de tomar seus remédios pela manhã. Também é possível que seja um neonazista homofóbico, mas acho difícil. Apesar do que Romeu e... Romeu estavam fazendo por lá, o Ramble não é mais conhecido por esse tipo de atividade, sobretudo à luz do dia.

Glass abriu a porta para Kat e ela deparou com Brandon sentado numa mesa, conversando com o médico, o nariz escondido sob tiras de esparadrapo. Estava com um aspecto frágil e pálido, mas, pensando melhor, era esse o seu aspecto de sempre.

Virando-se para Kat, o médico perguntou:

– A senhora é a mãe?

Brandon sorriu discretamente. De início, Kat se sentiu insultada, mas logo se deu conta de duas coisas: primeiro, tinha mesmo idade para ser mãe do garoto e, segundo, Dana Phelps, a mãe verdadeira, provavelmente parecia mais moça do que ela. Dois bons motivos para uma rápida depressão.

– Não, apenas uma amiga.

– Eu gostaria que ele fosse para um hospital.

– Não precisa, estou bem – resmungou Brandon.

– Para início de conversa, o nariz está quebrado. Também é possível que ele tenha sofrido uma ligeira concussão durante o ataque.

Kat olhou para Brandon, que apenas balançou a cabeça.

– Pode deixar que eu cuido dele – assegurou Kat.

Resignado, o homem juntou suas coisas e saiu da sala. Glass permaneceu para ajudá-los com as formalidades do caso. Brandon não chegara a ver seu agressor, mas não parecia nem

um pouco preocupado com isso. Preencheu a papelada apressadamente, esperou que Glass saísse também, depois sussurrou para Kat:

- Preciso contar uma coisa.
- Primeiro vamos nos concentrar no que aconteceu, ok?
- Você ouviu o que o capitão disse: foi um ataque aleatório.

Kat não acreditava muito nisso. Um ataque aleatório? Justo no momento em que eles estavam investigando...

Investigando o quê?

Não havia nenhuma prova de que crimes vinham sendo cometidos. Além disso, que vínculo poderia haver entre uma coisa e outra? Seria possível que o motorista de terno tivesse se disfarçado de mendigo para depois seguir Brandon até o bosque? Claro que não.

Glass os acompanhou até o átrio à prova de bala. Antes de se despedir, Kat pediu:

- Por favor, me ligue assim que vocês descobrirem alguma coisa.
- Pode deixar, ligo, sim – prometeu ele, e apertou a mão de ambos.

Brandon agradeceu ao capitão e, assim que pôde, correu para fora. Seguindo no encalço dele, Kat viu que o garoto ia na direção do enorme lago – um oitavo da área total do parque – que, por algum estranho motivo, havia recebido o nome de Reservatório Jacqueline Kennedy Onassis.

Brandon consultou o relógio.

- Ainda dá tempo.
- Para quê? – perguntou Kat.
- De chegar em Wall Street.
- Você vai fazer o quê em Wall Street?
- Alguém está roubando o dinheiro da minha mãe.

capítulo 21

KAT NÃO QUERIA IR.

O escritório da Bork Investments ficava numa torre gigantesca na Vesey Street, no Distrito Financeiro de Manhattan, quase às margens do rio Hudson e não muito longe do novo World Trade Center. Kat ainda era uma jovem e inexperiente policial naquela ensolarada manhã de setembro, mas isso não justificava nada. No momento em que a primeira torre foi atingida, às 8h46, ela tentava curar uma ressaca na cama, a apenas oito quarteirões de distância. As duas torres já haviam desabado por completo quando enfim ela conseguiu chegar ao local. Tarde demais para fazer o que fosse com os mortos, entre os quais muitos dos seus colegas de polícia. Boa parte deles tinha ocorrido por conta própria, vindos de algum endereço muito mais distante na cidade. Kat, ali tão perto, não conseguira chegar a tempo.

Não que ela pudesse ter feito alguma coisa.

No fim das contas, ninguém poderia. Mas nem por isso ela seria poupada da culpa dos sobreviventes. Compareceu ao enterro de todos os seus colegas, tantos quanto possível, sempre fardada, sentindo-se uma completa fraude. Os pesadelos seriam muitos, não só para ela, mas para todos que haviam visto de perto os horrores da tragédia. Na vida, somos capazes de nos perdoar por muita coisa, mas, por motivos que escapam à razão, dificilmente conseguimos nos perdoar por termos sobrevivido.

Coisas do passado. Kat já não pensava muito nos acontecimentos daquele dia, talvez apenas a cada 11 de setembro. Também se incomodava com isso, com o fato de que o tempo encontrava um meio de curar todas as feridas. Desde o fatídico dia, procurava manter distância daquela parte da cidade. Não que tivesse muito o que fazer por lá. Ali era o território dos mortos, dos fantasmas, dos endinheirados de terno italiano. Muitos dos garotos de sua juventude no Queens – garotas também, porém bem menos – haviam conseguido ingressar naquele universo. Na infância, admiravam e temiam seus pais bombeiros e policiais, depois cresciam com a ambição de serem qualquer outra coisa na vida menos bombeiros, menos policiais. Estudavam nas melhores escolas, nas melhores universidades, então iam vender papéis podres e derivativos para os investidores mais incautos, ganhando rios de dinheiro e procurando ficar o mais longe possível de suas raízes – do mesmo modo que seus pais haviam feito com os próprios pais agricultores, moleiros e desbravadores de terras distantes.

Progresso.

Na América, vigora uma ideia de continuidade, uma nostalgia de tempos idealizados, mas, na realidade, cada geração procura tomar um caminho completamente diferente dos caminhos tomados pela geração anterior. E, por incrível que pareça, a maioria das pessoas acaba chegando a um lugar melhor.

A julgar pela riqueza das instalações de sua empresa, Martin Bork estava entre os que tinham chegado a um lugar melhor. Kat e Brandon aguardavam numa sala de reuniões onde havia uma mesa de mogno quase tão grande quanto uma pista de pouso. Num aparador, um pequeno bufê de comidinhas: muffins, rosquinhas, salada de frutas. Como estava faminto, Brandon começou a devorar a comida.

– Qual é mesmo a sua relação com ele? – perguntou Kat.

– Martin é o consultor financeiro da nossa família. Trabalhou com o papai num fundo multimercados.

Kat não sabia ao certo o que era um fundo multimercados, mas sentia arrepios toda vez que escutava o nome. Ela agora admirava a vista do rio Hudson e de Nova Jersey mais ao longe. Um daqueles meganavios de cruzeiro deslizava na direção do píer que ficava na Avenida 12, lá pela altura da Rua 50. Passageiros acenavam no deque. Mesmo sabendo que não podia ser vista por eles, Kat acenou de volta.

Martin Bork adentrou a sala com um sucinto “Boa tarde”.

Kat havia imaginado um gorducho de dedos grossos, pescoço estrangulado pelo colarinho da camisa, rosto avermelhado pelo estresse. No entanto, Bork era um homem compacto, um peso-galo de tez esverdeada que aparentava ter uns 50 anos. Usava óculos de grife, talvez modernos demais para sua idade. A pele visivelmente saudável decerto era fruto de algum tratamento cosmético. Um brinco de diamante no lóbulo esquerdo resvalava rapidamente do moderno para a busca desesperada de uma juventude perdida.

O homem ficou boquiaberto ao ver o aspecto de Brandon.

– Meu Deus, o que aconteceu com você?

– Estou bem.

– Não parece. – Aproximando-se, Bork perguntou: – Bateram em você?

– Ele está bem – interveio Kat, procurando evitar um desvio de rota na conversa. – Foi só um pequeno acidente.

Bork não parecia convencido, mas não havia mais o que dizer.

– Sentem-se, por favor.

Ele sentou-se à cabeceira da mesa. Kat e Brandon se acomodaram nas cadeiras mais próximas. Era estranho que apenas três pessoas ocupassem uma mesa capaz de acomodar trinta. Dirigindo-se a Kat, Bork disse:

– Ainda não entendi muito bem o motivo da sua presença aqui, Srta...?

– Donovan. Detetive Donovan. Polícia de Nova York.

– Ah, sim, claro. Desculpe. Mas continuo não entendendo. Trata-se de uma visita oficial da polícia, é isso?

– Por enquanto, não. Por enquanto, é só uma visita informal.

– Sei. – Bork juntou as mãos sobre a mesa como se fosse rezar. Não se dava o trabalho de olhar para Brandon. – Suponho que isso tenha alguma coisa a ver com o telefonema de Brandon de hoje cedo.

– Parece que 250 mil dólares foram sacados da conta da mãe dele.

– Por acaso a senhora trouxe uma ordem judicial?

– Não, não trouxe.

– Nesse caso, não tenho nenhuma obrigação de atendê-la. Nem seria ético falar o que quer que fosse.

Kat não havia chegado ali com um plano em mente. Não fizera mais do que se deixar levar pelo entusiasmo de Brandon com sua mais recente descoberta. Desde o saque no caixa eletrônico, nenhuma transação fora realizada pelos cartões de crédito e nas contas correntes de Dana Phelps, mas, no dia anterior, ela tinha feito uma “transferência interbancária”, tal como vinha listado no extrato on-line, daquele montante.

– O senhor conhece a família Phelps, não conhece?

Bork apoiou as mãos entrelaçadas na ponta do nariz, encarando-a, como se estivesse prestes a responder uma pergunta muito difícil.

– Conheço muito bem.

– Era amigo do pai de Brandon.

Uma sombra desceu sobre o rosto do homem.

– Era. – Sua voz estava bem mais amena do que antes.

– Na verdade – disse Kat, medindo as palavras antes de botá-las para fora –, entre todas as pessoas a quem os Phelps poderiam ter confiado seus negócios, o senhor foi o escolhido da família. Isso é um grande atestado não só da sua competência profissional... verdade seja dita, não há exatamente uma escassez de supostos gênios financeiros nesta cidade... mas sobretudo da confiança que eles depositavam no senhor. Sabiam que o senhor tinha um interesse genuíno e pessoal no bem-estar da família.

Martin Bork enfim deixou os olhos deslizarem para Brandon, que apenas o encarou.

– Sempre tive um grande apreço pela família Phelps.

– Suponho também que o senhor saiba da relação estreita que Brandon tem com a mãe.

– Sim, eu sei. Mas isso não quer dizer que ela divida com ele todos os seus assuntos de ordem financeira.

– Divide, sim – interveio Brandon, tentando não parecer birrento. – Por isso ela me deu todas as senhas e todos os números de conta. A gente não tem segredos desse tipo.

– Ele tem razão – acrescentou Kat. – Se a Sra. Phelps quisesse transferir dinheiro sem que o filho soubesse, o mais lógico é que tivesse usado outra conta qualquer, o senhor não acha?

– Não posso afirmar nada – retrucou Bork. – Talvez seja melhor Brandon falar diretamente com a mãe.

– E o senhor falou? – perguntou Kat.

– Como?
– O senhor falou com a Sra. Phelps antes de realizar a transação? Ligou para ela?
– Foi ela quem me ligou.
– Quando?
– Não me sinto à vontade para...
– O senhor poderia ligar para ela agora? Só por uma questão de segurança?
– O que está acontecendo aqui?
– Apenas ligue, por favor.
– Isso provaria o quê?
– Tio Marty... – Todos os olhos se voltaram para Brandon. – Faz cinco dias que não tenho notícia da minha mãe. É como se ela tivesse sumido do mapa.

Bork fitou Brandon com um olhar que pretendia ser apenas de empatia, mas que acabou sendo condescendente.

– Brandon, você não acha que já é hora de cortar o cordão umbilical? Sua mãe já ficou sozinha por tempo demais.

– Eu sei – disparou Brandon. – Ninguém precisa me dizer isso.

– Desculpem. – Bork se levantou. – Por motivos legais e éticos, não vou poder ajudá-los.

Kat achou que o caminho da diplomacia já havia se esgotado.

– Sente-se, Sr. Bork.

Ele a encarou, espantado.

– Perdão?

– Brandon, por favor, espere lá fora.

– Mas...

– Sem “mas” – rebateu Kat, e não precisou repetir.

Brandon imediatamente saiu para o corredor, deixando-a a sós com Martin Bork, que ainda estava de pé, boquiaberto.

– Mande o senhor se sentar.

– A senhora perdeu o juízo? Posso muito bem...

– Ligar para o prefeito? Para o meu imediato superior? Adoro quando as pessoas dizem isso. – Ela apontou para o telefone. – Ligue para Dana Phelps. Agora.

– Não recebo ordens da senhorita.

– Acha realmente que vim aqui como um favor ao filho dela? Claro que não. Estou investigando uma série de crimes muito graves.

– Então providencie uma ordem judicial.

– O senhor não vai querer uma coisa dessas, acredite em mim. Ordens judiciais, como o próprio nome diz, envolvem juízes, e depois, com um documento desses nas mãos, vamos ter que revirar este escritório pelo avesso, examinar cada arquivo, cada conta...

– Vocês não podem fazer isso.

Era verdade. Kat estava blefando, mas não tinha nada a perder. Talvez conseguisse alguma

coisa fazendo-se passar pela policial descompensada, meio maluca. Então, tirou o fone do gancho e o estendeu para Bork.

– Estou pedindo apenas que o senhor faça um simples telefonema.

Bork hesitou um instante, mas depois sacou o próprio celular e ligou para Dana. Kat ouviu os bipes da chamada, que foram interrompidos pela caixa postal. Com uma voz alegre, Dana pedia que deixassem um recado. Bork desligou.

– É bem provável que ela esteja na praia.

– Onde?

– Não tenho permissão para dizer.

– Sua cliente transferiu 250 mil dólares para fora do país.

– Um direito dela. – Bork empalideceu assim que as palavras saíram de sua boca, ciente de que havia falado demais.

Kat meneou a cabeça, digerindo o tropeço do homem. Então era verdade que Dana tinha mandado aquela dinheirama toda para fora do país. Isso era uma novidade.

– Foi uma operação absolutamente legítima – acrescentou Bork, ávido para se explicar. – Esta empresa tem um protocolo para transferências tão vultosas quanto essa. Apenas no cinema é que uma operação semelhante é feita apenas com alguns cliques no computador. Aqui não. Dana Phelps solicitou a transferência e eu falei com ela pessoalmente.

– Quando?

– Ontem.

– O senhor sabe de onde ela ligou?

– Não. Mas ligou do celular. Não estou entendendo... O que a senhora acha que pode ter acontecido a ela?

Kat não sabia direito o que responder.

– Infelizmente não posso revelar detalhes da minha investigação.

– Do mesmo modo que não posso revelar nada sem a autorização de Dana. Fui instruído a manter esta operação no mais absoluto sigilo.

Kat inclinou a cabeça.

– E não achou isso estranho?

– Estranho? Manter uma operação em sigilo? – Bork refletiu um instante. – Neste caso, não.

– Como assim?

– Não cabe a mim fazer julgamentos. Faço o que meus clientes pedem, e pronto. Agora, se a senhora me der licença...

Kat ainda tinha uma cartada importante:

– Suponho que o senhor tenha registrado a operação junto à FinCEN.

Bork enrijeceu na mesma hora. Aí tem, pensou Kat. A tal FinCEN, ou Financial Crimes Enforcement Network, era uma divisão do Tesouro americano que metia medo em muita gente ao fiscalizar as operações financeiras de natureza suspeita, uma das principais armas do

governo no combate à lavagem de dinheiro, à evasão fiscal, ao terrorismo e às fraudes de modo geral.

– Uma transferência num valor assim tão alto... – prosseguiu Kat. – Certamente levanta suspeitas, o senhor não acha?

Bork tentou manter a postura.

– Não tenho motivos para acreditar que Dana Phelps tenha cometido qualquer delito.

– Então não vai se importar se eu ligar para o Max.

– Max?

– Um amigo meu na FinCEN. Quer dizer, se tudo foi feito como manda a cartilha...

– E foi.

– Ótimo.

Kat tirou o celular do bolso. Tratava-se de mais um blefe, talvez melhor que o primeiro. Não havia nenhum Max na FinCEN, mas, por outro lado, que dificuldade poderia haver em denunciar uma operação dessas ao Tesouro Nacional? Novamente procurando se passar pela policial descompensada, ela abriu um sorriso.

– Não tenho nenhuma outra pista, então só me resta...

– Isso não será necessário.

– Não?

– Dana Phelps... ela... – Bork olhou de relance para a porta da sala. – Eu trairei a confiança dela.

– O senhor pode se explicar comigo ou com o Max e seus colegas da FinCEN. A decisão é sua.

Bork começou a roer a unha do polegar, que parecia ter sido muito bem-tratada por uma manicure.

– Dana pediu confidencialidade.

– Para camuflar um crime?

– O quê? Não, claro que não. – Bork se inclinou na direção dela e, quase sussurrando, perguntou: – Isso fica entre nós?

– Claro.

Com quem ele pensava que estava falando? Uma jornalista?

– Esta operação da Dana, devo admitir, não foi lá muito convencional. Talvez seja realmente preciso registrá-la na FinCEN, mas ainda temos trinta dias para fazê-lo.

Por lei, as repatriações de dinheiro, sobretudo as de valor maior, deviam ser notificadas ao Tesouro. Nem todos levavam essa lei a ferro e fogo, mas a grande maioria das instituições idôneas preferia respeitá-la.

– Dana pediu um tempinho primeiro – prosseguiu Bork.

– Não entendi.

– De novo, nada ilegal.

– Sim, mas e daí?

Novamente, ele olhou na direção do corredor.

– A senhorita não pode contar nada disso ao Brandon.

– Ok.

– É sério. Dana Phelps foi categórica: não queria que ninguém, sobretudo o filho, soubesse dos seus planos.

Kat inclinou-se na direção dele.

– Minha boca é um túmulo.

– Eu não contaria nada disso se a minha obrigação também não fosse proteger meus clientes e meu negócio. Não sei o que Dana diria a respeito, mas tenho a impressão de que ela não queria que essa transferência fosse submetida à avaliação do governo, muito menos que chegasse ao conhecimento do filho, não porque ela fosse ilegal, mas porque isso poderia acarretar uma série de outros problemas, bem como chamar muita atenção.

Kat esperou para ver no que daria aquilo. Naquele momento, Bork não estava falando exatamente com ela, mas consigo mesmo, tentando encontrar alguma justificativa para passar aquelas informações.

– Dana Phelps está comprando uma casa.

Kat não sabia ao certo o que esperava ouvir, mas aquilo não estava entre as alternativas.

– Como?

– Uma casa na Costa Rica. Uma *villa* à beira-mar na península Papagayo. Cinco quartos, vista para o Pacífico, um espetáculo. Dana foi pedida em casamento pelo homem com quem está viajando.

Agora foi Kat quem enregelou. A palavra “casamento” a acertou como uma pedrada na boca do estômago, a cena já se desenrolando por inteiro na sua imaginação: os muitos quilômetros de praias paradisíacas, os coqueiros – se havia coqueiros na Costa Rica, disso ela não tinha a menor certeza –, Jeff e Dana caminhando de mãos dadas, um beijinho aqui, outro acolá, ambos deitados na mesma rede, apreciando juntos o crepúsculo tropical...

– É preciso que a senhora entenda – prosseguiu Bork. – Dana não teve uma vida fácil após a morte do marido. Criou Brandon sozinha. O garoto nunca foi lá muito dócil. A morte do pai... isso realmente o afetou. Não posso dar mais detalhes, mas, agora que Brandon está na faculdade... bem, Dana está pronta para ter uma vida só sua. Acho que não é difícil entender.

Atônita, Kat procurou tirar a Costa Rica da cabeça e se concentrar no real motivo de sua presença ali. Procurou lembrar o que Dana havia escrito na última mensagem enviada ao filho. Alguma coisa sobre uma grande surpresa...

– Pois bem, Dana vai se casar. É possível até que vá morar para sempre na Costa Rica com o novo marido. Naturalmente, esse não é o tipo de notícia que uma mãe dá ao filho por telefone. Por isso ela não tem falado com ele.

Kat não disse nada, apenas tentou digerir as novidades. Uma proposta de casamento. Uma casa à beira-mar. Uma notícia que não se dá por telefone. Fazia sentido tudo isso?

Sim, fazia.

– Então... Dana Phelps fez o quê? Transferiu o dinheiro para o proprietário da casa?

– Não. Transferiu para si mesma. A transação imobiliária envolve algumas questões complicadas que requerem certa discricção. Não cabe a mim ficar bisbilhotando. Dana abriu uma conta na Suíça e transferiu o dinheiro de outra conta para fazer a compra.

– Ela abriu uma conta no nome dela na Suíça?

– O que é perfeitamente legal. Mas não foi no nome dela.

– Em nome de quem, então?

Bork voltou a roer a unha do polegar. Era espantoso que os homens, por mais bem-sucedidos que fossem, ainda guardassem consigo um pouco da insegurança juvenil. Por fim, ele revelou:

– Em nome de ninguém.

– Uma conta numerada, é isso?

– Não é tão dramático quanto parece. A maioria das contas suíças é numerada. Por acaso a senhora tem alguma familiaridade com o assunto?

– Vamos dizer que não.

– Contas numeradas são basicamente o que o próprio nome diz: são identificadas apenas por um número. Isso dá uma privacidade enorme ao correntista, e não só os malfeitores precisam de privacidade: muitas pessoas, absolutamente honestas, preferem que sua movimentação financeira seja protegida da curiosidade alheia. O dinheiro fica seguro.

– Seguro e oculto.

– Sim, mas apenas até certo ponto. Hoje as coisas não são mais como já foram um dia. Hoje o governo americano tem meios, e se vale deles, para identificar os correntistas. Estão sempre à procura de alguma falcatura que precisa ser punida. Muitas pessoas acreditam ingenuamente que ninguém sabe o nome do proprietário de uma conta numerada. Isso é ridículo, claro. Os funcionários mais graduados dos bancos sabem.

– Sr. Bork?

– Sim.

– Vou precisar do nome desse banco e do número da conta.

– Não vai adiantar de nada. Nem eu mesmo sei direito qual é o nome associado ao tal número. E, mesmo que a senhora consiga um mandado para investigar, o banco suíço vai tentar enrolá-la por muitos anos. Portanto, se a senhora pretende processar Dana Phelps por algum delito...

– Não tenho nenhum interesse em processar Dana Phelps. Quanto a isso, o senhor pode ficar tranquilo.

– Então... qual é exatamente o seu interesse?

– Por favor, me passe o número da conta, Sr. Bork.

– E se eu não passar?

Ela ergueu o telefone.

– Ainda posso ligar para o Max.

capítulo 22

A CAMINHO DA RUA, KAT ligou para Chaz e lhe passou o nome do banco suíço e o número da conta. Pôde imaginá-lo franzindo a testa do outro lado da linha.

– Que diabos você quer que eu faça com isso?

– Não sei. É uma conta nova. Talvez a gente possa descobrir se houve alguma movimentação recente nela.

– Você está brincando? Um policial de Nova York pedindo informações a um banco importante na Suíça?

Ele tinha razão. As chances de sucesso daquela cartada eram praticamente nulas.

– Passe o número da conta ao Tesouro. Tenho um contato lá dentro, Ali Oscar. Se, no futuro, essa conta cair na malha fina, de repente a gente descobre alguma coisa.

– Tudo bem. Deixe comigo.

Brandon estava estranhamente quieto no metrô. Kat havia esperado que ele a tomasse de assalto com um milhão de perguntas, querendo saber por que tivera de esperar fora da sala e o que Martin Bork lhe contara. Mas não. O garoto seguia mudo e apático, os ombros caídos, o corpo sacolejando no balanço do trem, sem oferecer resistência.

Sentada ao lado dele, Kat também não era nenhum exemplo de animação. Ainda ruminava o que havia descoberto. Jeff tinha pedido Dana Phelps em casamento. Ou será que deveria chamá-lo de Ron? Ela detestava esse nome. Jeff tinha cara de Jeff, não de Ron. Será que as pessoas o tratavam assim mesmo? “Ei, Ron, tudo bem?”, “Ih, olha só quem vem lá, é o Ronnie!”, “E aí, Ron, Ronnie, Ronald McDonald!”.

Entre tantos nomes possíveis, por que alguém escolheria logo *Ron*?

Kat tinha plena consciência de como esses pensamentos eram idiotas. Mas tudo bem. Antes eles do que a verdade nua e crua. Dezoito anos era tempo demais. O suficiente para que o velho Jeff, tão antimaterialista na sua juventude, se transformasse nesse novo Ron, perdidamente apaixonado por uma viúva podre de rica, prestes a ser presenteado com uma mansão na Costa Rica. Kat crispou o rosto numa careta. Como se o ex-noivo agora fosse um gigolô de luxo. Argh.

À época em que eles haviam se conhecido, Jeff morava de aluguel numa adorável espelunca com vista para a Washington Square. Nem tinha uma cama, apenas um colchão sobre o assoalho. Quando não estavam vazando, os canos de água estremeciam no interior das paredes. O local estava sempre uma zona, como se uma bomba explodisse diariamente no

lugar. Se tinha alguma matéria para escrever, Jeff arranjava o maior número possível de fotografias sobre o assunto e as espetava com tachinhas nas paredes, mas sem nenhum método, sem nenhuma organização, dizendo que a bagunça o inspirava. Sempre que via aquilo, Kat se lembrava da cena clássica dos filmes em que a polícia invade a toca do assassino e encontra fotos das vítimas espalhadas por toda parte.

Mas a convivência com ele era tão perfeita... Em todos os aspectos, desde os menores momentos da vida diária até os calores, digamos assim, do amor e do sexo, tudo se encaixava, tudo parecia certo. Kat morria de saudades daquela espelunca. Morria de saudades da bagunça, das fotos nas paredes.

Meu Deus, como ela havia amado aquele homem.

Eles desceram na Rua 66, próximo ao Lincoln Center. A noite estava fria. Brandon ainda parecia perdido nos próprios pensamentos. Kat deixou que ele ficasse assim. Chegando em casa, achou que não seria uma boa ideia despachar o menino naquele momento.

– Está com fome? – perguntou ela.

– Acho que sim.

– Vou pedir uma pizza. Calabresa, pode ser?

Brandon assentiu, jogou-se em uma poltrona e ficou olhando para a janela. Kat ligou para a La Traviata e fez o pedido. Em seguida, puxou uma cadeira e se sentou diante dele.

– Você está muito quieto, Brandon.

– É que eu estava pensando...

– Pensando no quê?

– No enterro do meu pai.

Kat esperou que ele dissesse algo mais, porém, ao ver que o garoto permaneceria mudo, decidiu incentivá-lo:

– O que tem o enterro do seu pai?

– Eu estava pensando no tio Marty... É assim que eu chamo o Sr. Bork. Estava pensando no elogio fúnebre. Não exatamente no que ele falou, que até foi muito bacana, mas o que eu mais lembro é que, assim que acabou de falar, ele meio que saiu correndo da capela, ou sei lá como se chama aquele lugar. Terminou o discurso e deu no pé. Fui atrás dele. Sei lá. Ainda estava meio atordoado com a história toda, negando a realidade. Era como se eu estivesse no velório de outra pessoa, não no do meu pai, e aquilo não me dissesse respeito. Você consegue entender?

Kat lembrava-se de ter sentido mais ou menos a mesma coisa no enterro do próprio pai.

– Claro.

– Enfim, eu vi ele entrando numa saleta lá do cemitério, mais afastada. A luz estava apagada. Eu mal conseguia enxergar o cara, mas podia ouvir, claro. Acho que ele segurou a onda durante o discurso, mas depois não se conteve e desabou. Tio Marty estava ajoelhado no chão, se sacudindo de tanto chorar. Fiquei espiando da porta. Ele não viu que eu estava lá,

achou que estava sozinho. – Ergueu os olhos para Kat. – Tio Marty falou que minha mãe ligou para ele, não foi?

– Falou.

– Ele não mentiria com uma coisa dessas.

– Que bom. – Kat não sabia o que mais poderia dizer.

– Ele contou por que ela transferiu o dinheiro?

– Contou.

– Mas você não vai me dizer o que é.

– Ele disse que sua mãe pediu sigilo.

Brandon voltou os olhos para a janela e se calou novamente.

– Brandon?

– Minha mãe namorou outro cara. Nada a ver com internet. Ele morava em Westport.

– Quando foi isso?

– Uns dois anos depois que o papai morreu. O nome dele era Charles Reed. Era divorciado. Tinha dois filhos que moravam com a mãe em Stamford. Ficava com eles no sábado e no domingo, alguns dias durante a semana também, sei lá.

– O que aconteceu?

– Eu aconteci. – Um sorriso estranho brotou nos lábios dele. – Quando você foi falar com o detetive Schwartz, ele não contou que eu fui preso?

– Falou que você teve uns probleminhas aí.

– Pois é. Eles foram bem camaradas comigo, eu acho. É que... Eu não queria que minha mãe namorasse ninguém. Ficava imaginando o cara querendo ocupar o lugar do papai, tipo, morando na casa dele, dormindo na cama dele, remexendo nas coisas dele, parando o carro na vaga dele... Sabe o que quero dizer?

– Sei, claro, é um sentimento bastante natural.

– Então foi aí que eu comecei a “transferir” – ele fez as aspas com os dedos –, como dizia a minha terapeuta. Fui suspenso da escola. Cortei os pneus do carro dos vizinhos. Chegava em casa escoltado pela polícia, mas sorrindo, só para fazer a mamãe sofrer. Falava absurdos para ela. Que a culpa de tudo aquilo era dela. Que eu estava fazendo aquela merda toda só porque ela estava traindo o papai. – Brandon piscou os olhos para afastar as lágrimas e esfregou o queixo. – Teve um dia que a chamei de puta.

– E o que ela fez?

– Nada – respondeu ele com um risadinha distante. – Não disse uma palavra. Ficou lá, só olhando para mim. Nunca vou esquecer a expressão no rosto dela. Nunca. Mas nem assim eu parei. Continuei aprontando até que o tal Charles não aguentou mais e se mandou.

Kat se inclinou na direção dele.

– Mas por que você está me contando tudo isso agora?

– Porque eu ferrei a vida da minha mãe. O cara até que era legal, sabe? De repente até a

faria feliz. Então eu pergunto, Kat: será que eu não estou fazendo a mesma coisa outra vez? Será que não estou tentando ferrar a vida dela do mesmo jeito que fiz naquela época?

Kat procurou recuar e examinar a questão sob o ângulo de... bem, sob o ângulo de uma investigadora. Quais eram os fatos até então? Uma mãe viaja e não manda notícias para o filho. Por mais estranho que isso fosse, Martin Bork já tinha fornecido explicações mais do que razoáveis. Quanto ao saque no caixa eletrônico e às imagens gravadas pela câmera de segurança, o que havia de concreto? Uma limusine preta e um motorista à espera. O que batia perfeitamente com a explicação que a própria Dana dera à agência que ela usava com frequência: o namorado tinha mandado um carro buscá-la.

Recuando mais um passo: que provas havia de que Dana Phelps estava em apuros?

Nenhuma.

Brandon era um garoto fragilizado. Como tinha adoração pelo pai falecido, via como traição os novos relacionamentos da mãe. Nada mais natural que distorcesse os fatos para enxergar neles algum tipo de conspiração.

E qual é sua desculpa, Kat?

Claro, vários aspectos do comportamento de Jeff podiam ser considerados bizarros. Mas e daí? Ele havia trocado de nome e estava levando sua vida. Deixara claro que não queria voltar ao passado. Isso a magoara. Portanto, nada mais natural que visse naquilo tudo uma conspiração, não uma rejeição. Seu passado parecia ter renascido subitamente das cinzas: primeiro o pai, agora Jeff...

Não havia mais nada a pensar. Já era hora de dar um basta naquela história. Se o homem com quem Dana Phelps viajara fosse outro qualquer em vez de Jeff, não havia dúvida de que Kat já teria deixado aquilo de lado. O problema era que ela nunca esquecera o ex por completo, um problema antigo e que tinha dificuldade de encarar. Por mais cafona que parecesse, em algum lugar do coração, senão da cabeça, tinha plena convicção de que o amor deles era predestinado, de que a vida daria tantas voltas quanto precisasse para que ficassem juntos outra vez. Não, essa última parte era coisa apenas do coração, não da cabeça. Mas agora, sentada no chão enquanto dividia uma pizza com Brandon, ela percebia que talvez o buraco fosse mais embaixo. Fora um período conturbado de sua vida, de reveses e emoções muito fortes, mas o problema maior era que os relacionamentos dela, tanto com o pai quanto com o noivo, haviam sido ceifados prematuramente, deixando em seu lugar uma sensação de incompletude.

A descoberta da paixão, o assassinato do pai, o término do noivado, a captura do assassino... todos esses episódios eram capítulos de um mesmo livro que precisavam de um ponto final até então inexistente. Olhando para trás, Kat podia ver quantas mentiras havia contado para si mesma. A verdade era que ela nunca compreendera direito os motivos de Jeff para abandoná-la. Nunca tinha entendido direito por que o pai fora assassinado. Nunca havia acreditado que Cozone encomendara a morte dele e Leburne apenas cumprira ordens. Sua vida não havia apenas descarrilado. Era como se os trilhos tivessem sumido por completo.

Na vida, precisamos de respostas. Respostas que nos ajudem a fechar nossas feridas.

Kat e Brandon devoraram a pizza em tempo recorde. Brandon ainda estava meio grogue por conta da agressão que tinha sofrido mais cedo. Kat inflou o colchão de hóspedes, depois o medicou com os remédios que comprara na farmácia 24 horas. Brandon adormeceu rapidamente e, por um tempo, Kat ficou observando o garoto, pensando como ele reagiria às notícias que a mãe tinha para dar.

Quando enfim se deitou também, e tentou ler um pouco, não conseguiu. As palavras se misturavam nas páginas, reduzidas a um grande borrão. Deixando o livro de lado, apagou a luz e procurou pensar apenas nas coisas que estavam ao seu alcance mais imediato. Dana Phelps e “Ron Kochman” estavam do outro lado desse limite.

A verdade sobre o assassinato do seu pai, mesmo após dezoito anos, ainda precisava ser desvendada. Era nisso que ela precisava focar.

Kat fechou os olhos e caiu num sono profundo. Precisou de muita força de vontade para sair dele quando ouviu o celular tocar. Tateando no escuro, encontrou o aparelho e atendeu.

– Oi, Kat. Aqui é John Glass.

Ainda zozna de sono, ela conferiu as horas no relógio digital a seu lado: 3h18.

– John quem?

– Capitão Glass, Distrito do Central Park.

– Ah, sim, claro. Desculpe, mas você sabe que já são três da madrugada, não sabe?

– Eu sei, eu sei. É que eu tenho insônia.

– Pois eu não.

– Pegamos o sujeito que atacou Brandon Phelps. Exatamente como tínhamos suspeitado, era um mendigo sem documento nem nada. Ele se recusa a falar.

– Muita gentileza sua me informar, mas, John... isso podia ter esperado até amanhã, você não acha?

– Normalmente, sim, mas há um pequeno detalhe. Uma coisa estranha.

– O que foi?

– O tal mendigo...

– O que tem ele?

– Está pedindo para falar com você.

Kat vestiu seu moletom de corrida, deixou um bilhete para Brandon caso ele acordasse e, correndo, atravessou os vinte quarteirões que a separavam da delegacia do Central Park. John Glass esperava à porta, ainda fardado.

– Então, pode me explicar o que está acontecendo? – perguntou ele.

– Explicar o quê?

– Por que o sujeito chamou você?

– Primeiro preciso ver quem ele é, certo?

– Por aqui. – Glass gesticulou.

Os passos ecoavam no átrio praticamente deserto. A julgar pela rápida descrição que havia recebido por telefone, Kat já fazia ideia de quem estaria à sua espera na cela da delegacia. De fato era Aqua quem estava lá, andando de um lado para outro com os dedos pressionados contra a boca. Era estranho. Kat tentou lembrar a última vez que o vira em outra coisa que não fosse uma malha de ioga ou roupas de mulher. Não conseguiu. Mas, naquele momento, Aqua usava uma amarfanhada camisa de flanela e calça jeans que, na ausência de um cinto, estava caída feito a de um adolescente inseguro. Os tênis, antes tão brancos, pareciam tingidos pela terra, como se esquecidos durante um mês num buraco enlameado.

– Conhece esse cara? – perguntou Glass.

– Conheço. O nome verdadeiro dele é Dean Vanech, mas todo mundo o chama de Aqua.

O amigo ainda perambulava freneticamente pela cela, rosnando baixinho para algum inimigo invisível. Não dava nenhum sinal de que havia percebido a entrada deles.

– Por que será que ele atacou seu amigo? Alguma ideia?

– Nenhuma.

– Quem é Jeff? – indagou Glass.

Surpreendida pela pergunta, Kat arregalou os olhos.

– *O quê?*

– Volta e meia ele resmunga alguma coisa sobre alguém chamado Jeff.

Kat balançou a cabeça e engoliu em seco.

– Você me dá uns minutinhos a sós com ele?

– Para interrogá-lo?

– É um velho amigo.

– Então... como advogada dele?

– Só estou pedindo um favor, Glass. Fique tranquilo, não pretendo fazer nenhuma bobagem.

Glass deu de ombros, como se dissesse “Como quiser”, depois saiu. A cela não era feita de barras de ferro, mas de vidro acrílico. Na opinião de Kat, o lugar era excessivamente sofisticado, muito mais parecido com um cenário de cinema do que com uma delegacia. Ela deu um passo adiante e bateu no vidro para chamar a atenção do amigo.

– Aqua?

Ele começou a andar mais rápido.

– Aqua? – chamou ela, mais alto.

Ele parou de repente e virou-se para ela.

– Sinto muito, Kat.

– O que está acontecendo, Aqua?

– Você está brava comigo.

Ele começou a chorar. Kat se deu conta de que teria de prosseguir aos poucos, sob pena de perdê-lo completamente.

– Está tudo bem, Aqua. Não estou brava com ninguém. Só quero entender.

Aqua fechou os olhos e inspirou fundo lentamente. Exalou o ar, depois inalou novamente, sem nenhuma pressa. A respiração era uma parte importante da ioga. Tinha a impressão de que o amigo tentava se recompor. Por fim, ele revelou:

– Eu segui você.

– Quando?

– Depois que a gente se falou. Lembra? Você foi para o O’Malley’s, queria que eu entrasse também.

– Mas você não entrou.

– É verdade.

– Por quê?

– Fantasmas demais naquele lugar, Kat.

– Mas boas lembranças também, Aqua.

– Agora não tem mais ninguém, todo mundo já morreu. Por isso ficam assombrando a gente.

Kat precisava evitar que ele perdesse o fio da meada.

– Quer dizer então que você me seguiu.

– Isso. Você saiu com a Stacy. – Ele sorriu por um instante. – Gosto da Stacy. É uma ótima aluna.

Perfeito, pensou Kat. Até mesmo os travestis esquizofrênicos eram enfeitiçados por Stacy.

– Você estava esperando por mim?

– Troquei de roupa e fiquei esperando na esquina. Queria conversar com você mais um pouquinho. Ou então, sei lá, queria ver se você ia conseguir sair ilesa daquele lugar.

– Do O’Malley’s?

– Claro.

– Aqua, vou ao O’Malley’s cinco dias por semana. – Kat se conteve. Foco. Não perca o foco. – Então você foi atrás da gente...

Aqua sorriu e, num bonito falsete, cantou:

– *I am the walrus, koo koo kachoo...*

– Você nos seguiu até o parque. Até o Strawberry Fields. Depois me viu conversando com o Brandon.

– Mais do que vi.

– Como assim?

– Quando estou vestido assim, sou apenas mais um preto na rua para as pessoas evitarem. Todo mundo vira o rosto ou olha para o outro lado. Até você, Kat.

A vontade de Kat era se defender, dizendo que não era uma pessoa preconceituosa, que tinha uma cabeça aberta, mas o que realmente importava naquele momento era trazer a conversa de volta aos trilhos.

– Então você fez o quê, Aqua?

– Você estava sentada no banco da Elizabeth.

– Quem?

Ele recitou de memória:

– “Um dos melhores dias da minha vida: este banco, sorvete de chocolate, papai do meu lado... Saudades eternas, Elizabeth.”

– Ah.

Por fim, ela entendeu e, a contragosto, ficou de olhos marejados. Lembrava que o Central Park tinha um programa para arrecadação de fundos, chamado Adote Um Banco, no qual as pessoas pagavam 750 dólares para ter uma placa personalizada instalada no banco de sua preferência. Ela já consumira horas na leitura dessas placas, imaginando a história por trás de cada uma. Uma dizia: NESTE BANCO, WAYNE PEDIRÁ KIM EM CASAMENTO. (Será que tinha pedido mesmo? Ela teria aceitado?) Próximo à praça dos cachorros, havia outra que ela adorava: A MEMÓRIA DE LEO E LASZLO, UM GRANDE HOMEM E SEU VALOROSO CÃO. Em uma terceira, estava simplesmente: DESCANSE AQUI O SEU TRASEIRO. TUDO DARÁ CERTO NO FINAL.

O banal também podia ser comovente.

– Eu ouvi vocês – prosseguiu Aqua, falando cada vez mais alto. – Ouvi vocês conversando. Quem é aquele garoto?

– O nome dele é Brandon.

– Disso eu sei! – berrou ele. – Você achou que eu não sabia? Quero saber quem ele é, Kat!

– É só um garoto aí, um universitário.

– O que vocês estavam fazendo juntos? – Ele bateu uma das mãos no acrílico a seu lado. – Hein? Por que você está tentando ajudá-lo?

– Opa, espere aí – disse Kat, e recuou um passo, assustada com a súbita agressividade. – Não mude de assunto: é de você que estamos falando aqui. Você atacou o menino.

– Claro que ataquei. Por acaso você acha que vou deixar alguém fazer mal a ele outra vez?

– Fazer mal a quem?

Aqua não respondeu.

– A quem você pensa que o Brandon está querendo fazer mal? – insistiu ela.

– Você sabe quem.

– Não, não sei. – Mas, de repente, ela teve a impressão de que sabia, sim.

– Eu estava ali pertinho, escondido. Vocês estavam no banco da Elizabeth. Ouvi cada palavra. Falei que era para você deixá-lo em paz, não foi? Por que você não me deu ouvidos?

– Aqua?

Ele fechou os olhos.

– Aqua, olhe para mim.

Ele permaneceu como estava.

Kat precisava fazê-lo dar uma resposta. Não podia simplesmente plantar a ideia na cabeça dele.

– Quem você quer que a gente deixe em paz? Quem você está tentando proteger?

Ainda com os olhos fechados, Aqua disse:

– Ele me protegeu. Protegeu você.

– Ele quem, Aqua?

– Jeff.

Kat já havia imaginado a resposta, preparara-se para ouvi-la, mas nem por isso deixou de ficar abalada o bastante para recuar um passo.

– Kat? – Aqua colou a orelha contra o acrílico, os olhos dardejando de um lado para outro para ver se alguém os ouvia. – A gente precisa dar um jeito naquele garoto. Ele está indo atrás do Jeff.

– Foi por isso que você o atacou?

– Eu não queria machucar ninguém. Só queria fazer ele parar, você não entende?

– Não, não entendo. Você tem medo que ele descubra alguma coisa?

– Ele nunca deixou de amar você, Kat.

Ela preferiu deixar passar.

– Você sabia que ele trocou de nome?

Aqua simplesmente desviou o olhar.

– Ele agora se chama Ron Kochman. Você sabia disso?

– Tanta violência, tanta morte... Deveria ter sido eu.

– Deveria ter sido você o quê?

– Eu é que deveria ter morrido. – As lágrimas escorriam do rosto dele, pingando no chão.

– Aí ficaria tudo certo. Você ainda estaria com o Jeff.

– Do que você está falando, Aqua?

– Estou falando de uma coisa que eu fiz.

– E o que você fez, Aqua?

Ainda aos prantos, ele respondeu:

– A culpa é toda minha.

– Você não teve nada a ver com o término do nosso noivado.

Mais lágrimas.

– Aqua? O que você fez?

Ele começou a cantar:

– *The gypsy wind it says to me, things are not what they seem to be. Beware.*

– O quê?

Ele sorriu através das lágrimas.

– É como diz a música: “As coisas não são o que parecem. Cuidado.” Você lembra. Aquela sobre o cara que volta do outro mundo. O namorado morre, daí a namorada casa com outro cara, mas ainda ama o que morreu, só ele e mais ninguém, e um dia o fantasma do morto volta e eles vão embora juntos, depois explodem em chamas.

– Aqua, não faço a menor ideia do que você está falando.

Mas algo naquela história soava familiar para Kat, ela só não sabia exatamente o quê.

– Os últimos versos – continuou Aqua. – Você tem que ouvir os últimos versos. Depois

que eles explodem em chamas. Você precisa ouvir o aviso.

– Não me lembro do resto.

Aqua pigarreou, depois terminou a canção com sua voz afinada e harmoniosa:

– *Watch out for people who belong in your past. Don't let 'em back in your life.*

capítulo 23

DEPOIS DISSO, AQUA FICOU só na dele, repetindo para si mesmo os versos finais da tal música: “Atenção às pessoas do seu passado. Não permita que elas voltem de lá.”

Kat pesquisou a letra pelo telefone e subitamente se lembrou de tudo. A música era “Demon Lover”, de Michael Smith. Vinte anos antes, eles haviam ido juntos para ver Smith se apresentar num pulgueiro qualquer do Village. Jeff tinha descolado os ingressos, já vira um show do cantor quando ainda morava em Chicago. Aqua levava consigo outro travesti que atendia por Yellow. Eles se apresentariam juntos como drag queens numa boate de Jersey City, mas se desentenderam logo depois. Para Aqua, isso acontecera por causa do significado dos seus nomes: ele achava que turquesa e amarelo não combinavam.

A lembrança da música não havia desencadeado nenhuma informação relevante. Kat ouviu-a com atenção. Tratava-se de uma bela canção, um tanto incomum, mais poesia do que música, e contava a história de Agnes Hines, uma moça que amava um tal de Jimmy Harris, que morria num acidente de carro e, anos depois, voltava nesse mesmo carro para buscar sua amada – a essa altura, já casada e mãe de três filhos. A mensagem era clara: fique longe dos seus amores do passado.

Será que a ladainha de Aqua era apenas um delírio provocado por uma canção favorita sua? Ele achava que, se continuasse à procura do falecido noivo Jeff, Kat corria o risco de ter o mesmo destino de Agnes e explodir em chamas com seu fantasma? Ou quem sabe haveria ali algo mais?

Kat ficou pensando no amigo, no estado emocional em que ele ficara dezoito anos antes. Já não andava muito bem, mas a partida de Jeff havia sido a gota d’água. Ela tentou lembrar se ele já estava internado na época. Não, não estava. A internação viera depois.

Mas isso não importava. Nada daquilo tinha importância. Fosse qual fosse a encrenca em que Jeff se metera – ela imaginava que houvera uma encrenca, porque ninguém trocava de nome à toa –, isso era problema dele, não dela. Apesar da insanidade, Aqua era a pessoa mais inteligente que ela já tinha conhecido. Esse era um dos motivos pelos quais ela tanto gostava das suas aulas de ioga: as pequenas verdades que ele sussurrava durante a meditação, as pequenas histórias que calavam fundo na alma, a maneira singular que tinha de ensinar uma lição.

Por exemplo: desenterrar uma velha canção que ela ouvira pela última vez quase duas décadas antes.

A advertência de Aqua, mesmo saindo de uma mente adoecida, fazia todo sentido.

Brandon já havia acordado quando ela chegou em casa. O nariz quebrado tinha provocado dois grandes hematomas sob os olhos do garoto.

– Onde você estava?

– Como você está? – replicou ela.

– Meio dolorido.

– Então tome mais um analgésico. Pegue os cupcakes que eu comprei para você. – Ela havia passado pela Magnolia Bakery no caminho de volta. Entregando o saquinho, disse: – Preciso de um favor seu.

– Pode falar.

– Pegaram a pessoa que agrediu você. É lá que eu estava. Na delegacia do parque.

– Quem é o cara?

– É aí que entra o favor. É um amigo meu. Achou que precisava me proteger – explicou ela, tão evasiva quanto possível. – Gostaria que você retirasse a queixa.

– Ainda não entendi direito.

– Então faça isso por mim. Como um favor, pode ser?

– Ok, tudo bem.

– Também acho que já é hora da gente deixar essa história de lado. O que você acha?

Brandon pegou um dos cupcakes e lentamente comeu a metade.

– Posso perguntar uma coisa?

– Claro.

– Na TV sempre falam dessa parada de faro policial, sempre tem alguém que resolve seguir uma intuição.

– Certo.

– Isso acontece com você também?

– Comigo e com todos os policiais. Aliás, com todo mundo. Mas, quando a intuição bate de frente com os fatos, aí não faz muito sentido insistir.

– E você acha que a minha intuição bateu de frente com os fatos?

Kat refletiu um instante.

– Talvez “bater de frente” não seja o caso. Mas as duas coisas não se encaixam.

Brandon sorriu e deu mais uma mordida.

– Mas, se estivessem, aí nem seria uma intuição, né?

– Bem pensado. Mas ainda fico com o axioma de Sherlock Holmes.

– Qual?

– Segundo Holmes, nunca devemos teorizar antes de termos os fatos nas mãos, porque assim corremos o risco de distorcer os fatos para que eles se encaixem na teoria, em vez de distorcer a teoria para que ela se encaixe nos fatos. Basicamente é isso.

– Gostei.

– Mas...?

– Mas ainda não estou convencido.
– E aquilo que você disse, sobre não querer ferrar a vida da sua mãe?
– Não é isso que eu pretendo fazer. Se a história dela com esse cara for para valer, não vou interferir.

– Não cabe a você dizer se o amor entre duas pessoas é para valer ou não. Sua mãe tem todo o direito de cometer os erros dela, entende? De deixar que um homem parta o coração dela.

– Assim como ele partiu o seu?
– Exatamente. Jeff é meu “Demon Lover”. Preciso deixar que ele continue lá, no passado de onde ele nunca devia ter saído.

– “Demon Lover”?

Kat sorriu e pegou um cupcake de cenoura com cobertura de *cream cheese* e nozes.

– Deixe pra lá.

Foi um alívio jogar a toalha. Um alívio que não durou mais que vinte minutos. Foram dois telefonemas, o primeiro deles de Stacy.

– Consegui uma pista sobre Jeff Raynes, também conhecido como Ron Kochman.

Tarde demais. Kat não queria saber. Já não se importava com nada daquilo.

– O quê?

– Jeff não trocou de nome legalmente.

– Tem certeza?

– Absoluta. Cheguei ao ponto de ligar para cada um dos cinquenta estados do país. O documento de identidade dele é falso. Uma falsificação muito bem-feita, coisa de profissional. Transformação completa. Estou até pensando na possibilidade de que ele tenha sido colocado no Programa de Proteção a Testemunhas.

– Será? Programa de Proteção a Testemunhas?

– Acho difícil. Quem está num programa desses não anda por aí mostrando a cara num site de relacionamentos. Mas não deixa de ser uma possibilidade. Estou checando com uma fonte. O que posso afirmar com absoluta certeza é que Jeff não trocou de nome legalmente e também não quer ser localizado por ninguém. Não tem cartão de crédito, não tem conta no banco, não tem endereço...

– Mas ele trabalha como jornalista. Tem que estar pagando algum imposto.

– É isso que eu estou checando agora com um contato que tenho na Receita Federal. Devo conseguir um endereço muito em breve. A menos que...

– A menos que...?

– A menos que você queira desistir.

Kat esfregou os olhos.

– Foi você mesma quem disse que Jeff e eu talvez tivéssemos um final de conto de fadas.

– Eu sei, mas você já parou para prestar atenção nesses contos de fada? Chapeuzinho

Vermelho... João e Maria... Rola muito sangue nessas histórias.

– Então você acha que eu devo desistir?

– Claro que não!

– Mas você acabou de dizer que...

– Não interessa o que eu disse. Você não pode pular fora justo agora, Kat. Não sabe lidar com pontas soltas. E, neste exato momento, seu ex-noivo é uma puta ponta solta. Então foda-se. Vamos descobrir de uma vez por todas o que aconteceu com ele, assim você vai poder jogar uma pá de cal em cima desse babaca que foi burro o suficiente para dar um pé nessa sua bundinha gostosa.

– Bem, olhando as coisas por esse prisma... – disse Kat, e acrescentou: – Você é uma ótima amiga.

– Melhor não existe.

– Mas quer saber de uma coisa? Vamos deixar essa história pra lá.

– Jura?

– Juro.

– Tem certeza?

Não, pensou Kat. Claro que não.

– Absoluta.

– Ui, olha só que mulher forte! – brincou Stacy. – Cervejinha hoje à noite?

– Por minha conta.

– Ótimo. A gente se vê.

– A gente se vê.

Brandon já havia ido embora, sentindo-se melhor depois de ter comido os cupcakes. Novamente sozinha, Kat já ia entrando no chuveiro – tinha um dia difícil pela frente, um dia inteiro de televisão na cama com controle remoto na mão – quando recebeu o segundo telefonema.

– Você está em casa?

Era Stagger. Não parecia lá muito feliz.

– Estou.

– Chego aí em cinco minutos.

Chegou mais depressa ainda. Sem dúvida havia telefonado da esquina. Kat não o cumprimentou ao deixá-lo entrar. Ele também não a cumprimentou; irrompeu na sala e foi logo dizendo:

– Adivinha quem acabou de me ligar.

– Quem?

– Suggs.

Kat ficou em silêncio.

– Você foi procurar o Suggs? Não consigo acreditar!

Engraçado. Da última vez que vira o chefe, Kat havia se espantado com o fato de que ele

ainda tinha o aspecto de um garotão. Mas agora parecia o contrário. Quem estava ali era um homem velho. Cada vez mais ralos, os cabelos já começavam a perder terreno para as entradas. Uma papada começava a se formar. Também havia uma barriga, não muito grande, mas mole, dessas que vêm com a idade. Os filhos, ela sabia, já não eram mais crianças: viagens à Disney vinham gradualmente dando lugar às visitas ao campus de uma universidade. Uma vida, pensou Kat, que poderia ser a sua. Se ela e Jeff tivessem se casado, era bem possível que ela não tivesse entrado para a polícia. Que fosse uma mãe suburbana e careta, criando a família numa casa pré-fabricada, igual a todas as demais de Upper Montclair.

– Como você pôde fazer uma coisa dessas, Kat?

– Você está brincando?

Stagger balançou a cabeça, depois se aproximou de Kat e pousou as mãos nos ombros dela.

– Olhe para mim. Olhe bem para mim. Você acha mesmo que eu seria capaz de fazer alguma coisa contra o seu pai?

Encarando-o, ela respondeu:

– Não sei.

As palavras tiveram o efeito de um tapa no rosto do capitão.

– Está falando sério?

– Você está mentindo, Stagger. Nós dois sabemos disso. Você está escondendo alguma coisa.

– Você está achando o quê? Que eu tive alguma coisa a ver com o assassinato do seu pai?

– Só sei de uma coisa: você está mentindo. Faz anos que está mentindo.

Stagger fechou os olhos e deu um passo atrás.

– Você tem alguma coisa aí para beber?

Kat foi até o bar e ergueu uma garrafa de Jack Daniel's.

– Ótimo – disse Stagger.

Kat serviu uma dose para o capitão, depois hesitou um instante. Por que não?, pensou, e serviu outro para si mesma. Eles não brindaram. Stagger rapidamente levou o copo à boca e tomou um gole demorado. Vendo que Kat o observava, perguntou:

– O que foi?

– Acho que nunca vi você beber.

– Parece que nós dois somos cheios de surpresas.

– Ou talvez não nos conheçamos tão bem assim.

– Pode ser. Nossa relação começou por causa do seu pai. Depois que ele se foi, a gente meio que se afastou. Quer dizer, sou seu chefe e tudo mais, mas isso não significa que a gente ande por aí trocando confidências.

Stagger tomou um segundo gole e Kat tomou seu primeiro.

– Por outro lado – prosseguiu ele –, quando um vínculo se estabelece na tragédia, quando a gente tem uma história como a nossa... – Ele se virou e olhou para a porta do apartamento

como se ela tivesse acabado de se materializar. – Eu me lembro de tudo que aconteceu naquele dia. Mas o que realmente não sai da minha memória é a imagem de você abrindo a porta. Você nem desconfiava que eu estava prestes a destruir o seu mundo. – Encarando-a novamente, ele questionou: – Será que não dá para você virar essa página?

Kat bebeu o uísque; não se deu o trabalho de responder.

– Não menti para você – garantiu Stagger.

– Claro que menti. Faz dezoito anos que você está mentindo para mim.

– Fiz o que Henry gostaria que eu tivesse feito.

– Meu pai está morto. Vamos deixá-lo fora disso.

Mais um gole e Stagger continuou:

– Nada disso vai trazer seu pai de volta. Nada disso vai mudar os fatos. Cozone encomendou a morte do Henry. Leburne cumpriu as ordens dele.

– Como você desconfiou do Leburne tão rápido?

– Porque eu já andava de olho nele.

– Por quê?

– Eu sabia que Cozone queria ver seu pai pelas costas.

– Suggs e Rinsky não sabiam também?

Stagger esvaziou seu copo antes de responder:

– Eles eram que nem você.

– Como assim?

– Achavam que Cozone nunca mataria um policial.

– Mas você pensava diferente.

– Sim. – Stagger serviu a si mesmo uma segunda dose. – Porque Cozone não via seu pai como um policial.

Com uma careta de espanto, Kat perguntou:

– Então via como?

– Um funcionário.

– De que diabos você está falando agora? – cuspiu Kat, as faces queimando.

Stagger apenas continuou a encará-la.

– Você está sugerindo o quê? Que meu pai era corrupto?

Ele correu os olhos à sua volta, como se fosse a primeira vez que pusesse os pés ali.

– Aliás, muito bom este apartamento. – Ele inclinou a cabeça. – Na sua opinião, quantos policiais podem comprar um apartamento à vista no Upper West Side?

– É um apartamento pequeno – retrucou Kat, sabendo que estava na defensiva. – Conseguiu um bom preço com um cara que ele tinha ajudado.

Stagger sorriu, mas sem nenhuma alegria.

– O que você está querendo dizer, Stagger?

– Nada. Não estou querendo dizer nada.

– Por que você foi falar com Leburne na prisão?

– O que você acha?

– Não sei.

– Então vou explicar novamente. Eu sabia que Leburne tinha matado seu pai. Sabia que Cozone era o mandante do crime. Você ainda não enxerga?

– Não.

Ele balançou a cabeça, incrédulo.

– Não visitei Leburne para arrancar dele uma confissão, mas para garantir que ele não abrisse o bico.

Stagger sorveu o resto da bebida de um único gole.

– Isso é um absurdo – rebateu Kat, ainda que sentisse sob os pés o chão começando a ruir.

– E aquelas impressões digitais?

– Hein?

– As impressões encontradas na cena do crime. Foi você quem fez a pesquisa para o Suggs e para o Rinsky.

Ele fechou os olhos.

– Estou indo embora.

– Continua mentindo – acusou Kat.

– Eram as impressões de um mendigo, só isso.

– Mentira.

– Vire a página, Kat.

– A sua história não faz nenhum sentido. Se o meu pai estava recebendo dinheiro do Cozone, que motivos o homem teria para matá-lo?

– Porque a relação entre os dois não ia durar por muito tempo.

– Meu pai pretendia se virar contra ele?

– Já falei mais do que devia.

– De quem eram aquelas digitais? – insistiu ela.

– De ninguém importante, já disse.

A essa altura, Stagger já começava a enrolar a língua. Não era à toa que Kat nunca o tinha visto beber. De fato, os dois não se conheciam direito, mas não era isso. Stagger simplesmente não tinha o hábito de beber. Por isso o álcool havia subido tão rápido à cabeça. Ele foi saindo na direção da porta, mas Kat bloqueou o caminho.

– Você ainda não contou tudo.

– Você queria saber quem matou o seu pai. Isso eu contei.

– Mas você ainda não disse o que realmente aconteceu.

– Talvez eu não seja a pessoa certa para contar tudo isso.

– Quem, então?

Uma expressão estranha brotou no rosto do capitão, o bêbado que parecia estar se divertindo com alguma coisa.

– Você nunca se perguntou por que seu pai costumava passar dias longe de casa?

Kat foi tomada de surpresa pela pergunta. Ficou paralisada, sem saber o que dizer, apenas tentando organizar as ideias. Stagger aproveitou a oportunidade e a contornou para abrir a porta.

– Por quê? – Kat conseguiu dizer antes que ele saísse.

– Você me ouviu. Você quer desenterrar a verdade, mas, em vez disso, só está se enterrando ainda mais. Por que será que o Henry vivia sumindo de casa? Por que ninguém nunca comentava nada a esse respeito na sua casa?

Kat abriu a boca, fechou-a novamente, tentou mais uma vez.

– Que diabos você está tentando dizer, Stagger?

– Não cabe a mim dizer nada, Kat. É isso que você ainda não entendeu. Não é comigo que você precisa conversar.

capítulo 24

KAT TOMOU AS LINHAS B e E do metrô, depois embarcou na linha 7 do trem e desceu em Flushing, o bairro de sua infância e adolescência. Seguindo pela Roosevelt Avenue na direção da Parsons Boulevard, foi tomando o caminho de casa automaticamente, assim como costumamos fazer nos lugares da nossa juventude onde conhecemos cada pequeno trecho. Havia morado por mais tempo em Manhattan e, de certo modo, conhecia o Upper West Side melhor do que conhecia Flushing, mas nunca tinha ali a mesma sensação de pertencimento, nunca se sentia exatamente “em casa”. Era como se seu DNA estivesse na fachada daquelas casinhas de Flushing, umas azuis, outras brancas, umas com as tradicionais tábuas sobrepostas nas fachadas, outras com os telhados íngremes do estilo Cape Cod, braços e pernas de um mesmo corpo que também era seu. As calçadas rachadas, os gramados pequeninos de cada terreno... Por vezes, tinha a impressão de que havia saído dali por um teletransportador idêntico àqueles da nave de *Star Trek*, deixando para trás algumas partículas do próprio corpo. Eram essas partículas que, de algum modo, sempre estariam nos almoços de Ação de Graças do tio Tommy e da tia Eileen, sentadas à “mesa das crianças”, na realidade uma mesa de pingue-pongue com um lençol king-size fazendo as vezes de toalha. Nesses almoços, era Henry, seu pai, quem sempre retalhava o tradicional peru do cardápio, jamais permitia que alguém viesse acudi-lo. Tio Tommy se encarregava das bebidas. Fazia questão de que a criançada bicasse um pouco de vinho também. Misturava uma colherada no refrigerante dos mais novos e, com o passar dos anos, ia aumentando a dose até que esse ou aquele tivesse idade suficiente para abandonar a mesa das crianças e beber uma taça inteira de vinho puro. Tio Tommy agora morava com tia Eileen em Fort Myers, na Flórida, aposentado após 36 anos dedicados ao conserto de eletrodomésticos na Sears. A casa antiga do casal agora pertencia a uma família de coreanos que tinha derrubado a parede dos fundos para acrescentar um cômodo e substituíra a madeira da fachada por um revestimento de alumínio, pois a tinta vinha descascando feito um caso crônico de caspa.

Mas não havia dúvida: o DNA de Kat ainda estava lá, por maiores que tivessem sido as mudanças.

As casas de seu quarteirão sempre pareceram espremidas, mas agora a sensação de aperto era ainda maior por causa dos inúmeros puxadinhos e acréscimos. Antenas de televisão ainda se empoleiravam na maioria dos telhados, embora todos já tivessem migrado para as parabólicas ou para a TV a cabo. Estatuetas da Virgem Maria, algumas de pedra, a maioria de

plástico, abençoavam os minúsculos jardins. Aqui e ali, as casinhas do passado haviam sido destruídas para dar lugar a uma mansão de gosto bastante duvidoso, dessas produzidas em série, em geral com janelas de arco e fachada de tijolo desbotado. Sempre que via uma delas, imaginava um adulto tentando entrar numa calça de criança.

Kat já estava praticamente à porta da mãe quando ouviu apitar o celular. Era uma mensagem de texto de Chaz: Consegui a placa do carro no vídeo do posto.

Ela digitou logo de volta: Alguma coisa interessante?

A resposta veio em seguida: Limusine registrada em nome de James Isherwood, de Islip, Nova York. Ficha limpa. Cidadão exemplar.

Kat não ficou de todo surpresa. Provavelmente o tal Isherwood era mesmo o inocente proprietário de uma limusine de aluguel, contratado por Jeff para conduzir sua nova namorada até o aeroporto. Mais um motivo para deixar aquela história de lado.

A porta da cozinha estava destrancada como sempre. Kat encontrou a mãe sentada à mesa com tia Tessie. Diante delas, um baralho, diversos cupons do mercado local e um cinzeiro repleto de pontas de cigarro manchadas de batom. As cinco cadeiras ainda eram as mesmas dos últimos quarenta anos. A do pai era a única que tinha braços, não muito diferente de um trono. Na infância, Kat costumava sentar-se entre os dois irmãos. Eles também haviam abandonado Flushing. Jimmy, o mais velho, formara-se pela Universidade de Fordham e agora morava com a mulher e os três filhos numa espalhafatosa mansão em Long Island, onde trabalhava como corretor de títulos financeiros na bolsa local, acotovelando-se com um monte de outros corretores. Ele já tinha explicado um milhão de vezes o que fazia exatamente, mas Kat ainda não entendera direito. Farrell, o mais novo, fora cursar a faculdade em Los Angeles e por lá ficara, supostamente produzindo documentários e recebendo dinheiro para escrever roteiros que nunca eram filmados.

– Dois dias seguidos – disse Hazel. – Só pode ser um recorde olímpico. Um recorde *mundial*.

– Pare com isso, mulher – interveio Tessie. – Que bom que sua filha está aqui.

Hazel fez um gesto como se descartasse o comentário. Tessie se levantou da mesa e cumprimentou Kat com um beijo no rosto.

– Infelizmente preciso ir. Brian está lá em casa e eu sempre faço para ele meu famoso sanduíche de atum.

Kat retribuiu o beijo. Conhecia muito bem o tal sanduíche. O segredo de Tessie: chips de batata. Ela os esfarelava sobre o atum, dando à pasta um caráter crocante, talvez até algum valor nutritivo.

– Quer um café? – Hazel ofereceu à filha assim que se viu sozinha com ela. Apontava para a lata de Folgers que se achava ao lado da veterana máquina de coar da família.

No último Natal, Kat a presenteara com uma máquina moderna da Cuisinart, dessas de potinho, mas, para Hazel, o café que dali saía tinha um gosto “errado”. Era esse o seu jeito: qualquer coisa que custasse um pouco mais caro simplesmente não prestava. Se lhe ofereciam

um vinho de 20 dólares, preferia o outro de apenas 6. Se lhe davam um perfume de grife, preferia a imitação, que podia comprar por muito menos na farmácia. As roupas eram sempre das liquidações da Marshalls ou da T. J. Maxx. Em parte porque era uma pessoa frugal, mas também por outro motivo bem mais revelador.

– Não, mãe, obrigada – respondeu Kat.

– Quer que eu prepare um sanduíche? Eu sei que nada que eu faça jamais chegará aos pés do sanduíche de atum da sua tia Tessie, que realmente é de tirar o chapéu. Mas tem um pouco de peru na geladeira, do bom, comprado na Mel's.

– Tudo bem, então. Um sanduíche de peru.

– Você ainda gosta de pão branco e maionese?

Na verdade, não, mas a mãe não teria nada como um pão de sete grãos à mão.

– Claro, como você quiser.

Hazel foi se levantando devagar, caprichando no espetáculo, usando o tampo da mesa e o espaldar da cadeira como apoios. Certamente esperava algum comentário de Kat, que permaneceu calada. Ela abriu a geladeira – uma velha Kenmore que tio Tommy havia comprado a preço de custo na Sears – e tirou o peru e a maionese.

Kat já se perguntava como agir. Muita água já tinha passado sob aquela ponte familiar: não havia mais espaço para joguetes e sutilezas. O mais sensato seria mesmo ir direto ao ponto:

– Para onde ia o papai nas vezes em que ele sumia de casa?

Kat ergueu os olhos para avaliar a reação da mãe, que, a essa altura, tirava o pão da gaveta, de costas para ela. Hazel fez apenas uma ínfima pausa, não mais que isso, e depois comentou:

– Vou torrar o pão; assim fica melhor.

Kat não disse nada, apenas esperou.

– Como assim, “sumia de casa”? Seu pai nunca sumiu.

– Ele sumia, sim.

– Você só pode estar falando das viagens que ele fazia com os rapazes. Iam caçar em Catskills. Você se lembra de Jack Riley? Um doce de pessoa. Ele tinha um chalé no meio do mato, uma cabana, algo assim. Seu pai adorava ir para lá.

– Lembro que ele foi uma única vez para Catskills, mas volta e meia ele desaparecia de casa.

– Você não está sendo um pouco dramática? – Hazel arqueou apenas uma das sobrancelhas. – “Sumir”, “desaparecer”... Falando assim, até parece que seu pai era um mágico.

– Para onde ele ia?

– Acabei de dizer. Está ficando surda?

– Para o chalé de Jack Riley?

– Algumas vezes, sim – respondeu a mãe, já com alguma agitação na voz. – De vez em quando ele ia pescar com o seu tio Tommy, não lembro direito onde. Algum lugar em North

Fork. Teve uma vez que ele viajou com os colegas da polícia para jogar golfe por aí. Era isso que seu pai fazia: viajava com os amigos.

– Mas, pelo que lembro, ele nunca levou a senhora. Nem uma única vez.

– Bobagem. Claro que levou.

– Para onde?

– Que diferença isso faz agora? Seu pai gostava de arejar a cabeça com os amigos, só isso. Golfe, pescaria, caçada... Essas coisas que todo homem gosta de fazer.

Hazel espalhava a maionese no pão com a força de alguém que raspa a tinta de uma parede.

– Mãe, para onde ele ia?

– Eu já disse! – berrou ela, e deixou cair faca. – Droga, olha só o que você fez!

Kat já ia se levantando para ajudá-la.

– Fique aí onde está, mocinha.

Hazel pegou a faca caída, jogou-a na pia e tirou outra da gaveta. Sobre o parapeito da janela ainda se achavam cinco copos com os personagens da McDonaldland, de 1977: Grimace, Ronald McDonald, Mayor McCheese, Big Mac e Captain Crook. A coleção original tinha seis copos, mas Farrel havia quebrado o Hamburglar aos 7 anos, ao arremessar um frisbee dentro de casa. Anos depois, ele compraria outro no eBay para dar de presente à mãe, mas, por algum motivo, Hazel se recusara a colocá-lo com os outros.

– Mãe.

– O que foi? – Hazel novamente baixou os olhos para o sanduíche que estava fazendo. – Afinal, o que é que deu em você para começar esse interrogatório? Faz quase vinte anos que seu pai morreu, que Deus o tenha. Que diferença faz para onde ele ia?

– Preciso saber a verdade.

– Para quê? Para que trazer tudo isso de volta, sobretudo agora que aquele monstro que matou o Henry enfim morreu? Já foi, já acabou. Esqueça.

– Papai trabalhava para Cozone?

– O quê?

– Papai recebia propina do Cozone?

Para alguém que sofria para se levantar de uma simples cadeira, Hazel reagiu com impressionante rapidez. Sem um único segundo de hesitação, adiantou-se até a filha e desferiu um sonoro tapa no rosto dela.

– Como você ousa dizer uma barbaridade dessas!

O estalo ecoou na quietude da cozinha. Kat sentiu as lágrimas subirem aos olhos, mas permaneceu imóvel, sem levar a mão à face que queimava.

– Desculpe, desculpe... – lamentou-se Hazel. – Eu não queria...

– Ele trabalhava para Cozone?

– Pare com isso, por favor.

– Foi assim que ele conseguiu comprar o apartamento na cidade?

– *O quê?* Não, não! Ele conseguiu um ótimo negócio, já esqueceu? Tinha salvado a vida daquele homem.

– Quem era esse homem?

– Como assim, quem era esse homem?

– Como ele se chamava?

– Como é que eu vou lembrar de uma coisa dessas?

– Papai era um ótimo policial, disso eu sei muito bem, mas não me lembro de ele ter salvado a vida de um magnata do ramo imobiliário. Pelo visto, você também não. Mas então... por que a gente acreditou nessa história? Por que a gente não perguntou nada para ele naquela época?

– Por que a gente não perguntou? – repetiu Hazel, e novamente amarrou o cinto do avental, talvez um tanto forte demais. – Perguntar como? Feito um interrogatório? Como se seu pai fosse um mentiroso qualquer? Você faria isso àquele homem, ao seu próprio pai? Cobriria ele de perguntas e o chamaria de mentiroso dentro da sua própria casa?

– Não foi isso que eu disse – retrucou Kat, mas sem a mesma firmeza na voz.

– Então disse o quê? Todo mundo exagera um pouco, você sabe disso. Sobretudo os homens. Pode até ser que seu pai não tenha salvado a vida do sujeito. Talvez ele tenha, sei lá, apenas prendido o ladrão que o tinha roubado ou o livrou de uma multa de trânsito. Eu não tenho como saber. Seu pai disse que salvou a vida dele e eu não vi motivo para duvidar. O marido da Tessie, por exemplo, o Ed... Ele costumava mancar, lembra? Dizia para todo mundo que era um ferimento de guerra. Mas, na verdade, ele trabalhava na administração, porque era míope. Mancava porque tinha caído da escada do metrô aos 16 anos. Mas você acha que a Tessie chamava o marido de mentiroso toda vez que ele contava essa história?

Hazel trouxe o sanduíche para a mesa e já se preparava para cortá-lo diagonalmente quando se lembrou, mais por uma questão de hábito do que qualquer outra coisa, que essa era a preferência de Jimmy, não a de Kat. Sempre do contra, Kat gostava que seus sanduíches fossem partidos em dois retângulos absolutamente iguais, e foi assim que Hazel fez.

– Você nunca foi casada – disse ela baixinho. – Não tem como saber.

– Saber o quê?

– Todos nós temos os nossos demônios. Mas, no caso dos homens, a coisa é ainda pior. Desde cedo, o mundo lhes diz que devem ser líderes, machos que não podem chorar, que precisam salvar o mundo, que precisam sustentar a família e ganhar muito dinheiro e levar uma vida glamourosa. Mas não é assim que acontece, é? Basta ver os homens aqui mesmo das redondezas. Todos trabalham que nem burros de carga. Voltam para casa no fim do dia e encontram uma família barulhenta, sempre com alguma demanda: é isso ou aquilo que precisa ser consertado, essa ou aquela conta que precisa ser paga. Quase todos estão atrasados com o financiamento da casa. Quanto às mulheres... A gente entende, aceita. A gente sabe que a vida é um exercício de paciência. Aprende desde cedo a não esperar muita coisa dela, a não sonhar demais. Os homens, não. Esses nunca entendem.

– Mãe, para onde ele ia?

Hazel fechou os olhos.

– Come seu sanduíche.

– Ele fazia serviços para Cozone?

– Pode ser – respondeu, mas acrescentou: – Acho que não.

Kat afastou a cadeira vizinha para que a mãe se sentasse também. Hazel praticamente desabou no assento, como se tivessem cortado de repente seus joelhos.

– O que ele fazia exatamente? – perguntou Kat.

– Você se lembra do Gary?

– O marido da Flo.

– Isso. Ele costumava apostar nos cavalos, lembra? Volta e meia perdia tudo no turfe. Flo chorava durante horas. Seu tio Tommy... esse bebia demais. Nunca dormia fora, mas também nunca chegava em casa antes das onze. Parava num boteco qualquer só para um gole rápido e, quando via as horas... Assim eram os homens daquela época, minha filha. Todos precisavam de alguma coisa assim. Uns bebiam. Outros jogavam. Outros viviam atrás das putas. Os mais sortudos descobriam a igreja, mas eram capazes de matar alguém com a bobajada dogmática que aprendiam por lá. O que eu estou querendo dizer é o seguinte: com os homens, a vida real nunca bastava. Sabe o que meu pai, seu avô, costumava dizer?

Kat fez que não com a cabeça.

– “Se os homens tivessem o bastante para comer, iam dar um jeito de criar uma segunda boca.” Também tinha um jeito chulo de falar a mesma coisa, mas não vou repetir aqui.

Kat tomou a mão de Hazel entre as suas. Tentou recordar a última vez que havia feito isso, oferecer afeto à própria mãe, mas não lhe veio nada à lembrança.

– E o papai?

– Você sempre achou que era seu pai quem queria tirar você desta vidinha daqui. Mas era eu. Era eu quem não queria ver você aqui, presa em Flushing para o resto da vida.

– A senhora odiava tanto assim a vida que tinha?

– Não. Essa era a minha vida. A única que eu tinha. A única que tenho até hoje.

– Não estou entendendo.

Hazel apertou a mão da filha.

– Não me faça encarar o que não quero. Já passou. Não dá para mudar mais nada. A única coisa que a gente pode fazer é remodelar o passado. E sou eu que escolho as minhas próprias lembranças, não você.

– Mãe... – disse Kat, tentando soar gentil.

– O que foi?

– Isso que a senhora está chamando de “lembranças”... na verdade são ilusões.

– Que diferença faz? – Hazel sorriu. – Você também viveu aqui, Kat.

Kat se recostou na cadeira.

– E daí?

– Você era uma criança, tudo bem, mas uma criança inteligente, muito madura para sua idade. Amava seu pai acima de tudo, mas notava as ausências dele. Percebia os sorrisos falsos, o excesso de gentileza quando ele voltava para casa. Mas você virava o rosto para o outro lado, não virava?

– Naquele tempo, sim. Mas agora, não. – Kat novamente buscou a mão de Hazel. – Por favor, mãe, me diga: aonde é que ele ia?

– Quer mesmo saber a verdade? Eu não sei para onde ele ia.

– Mas sabe mais do que está me dizendo.

– Ele era um homem bom, seu pai. Um bom provedor para você e seus irmãos. Ensinava o que era certo e o que era errado. Sempre trabalhou muito duro, conseguiu mandar os três filhos para a universidade.

– Você o amava?

Hazel logo tratou de se ocupar: foi para a pia, enxaguou uma xícara, colocou a maionese de volta na geladeira.

– Puxa, como ele era bonito quando a gente se conheceu – disse por fim. – Todas as moças queriam namorar com o seu pai. – Ela agora tinha um olhar distante. – Eu também não era nada ruim...

– A senhora ainda está ótima.

Hazel ignorou o comentário, preferindo se calar.

– Mas você amava o papai? – insistiu Kat.

– Muito. – Hazel piscou várias vezes, até que o olhar distante se foi. – Muito, no entanto, nunca é suficiente.

capítulo 25

KAT IA CAMINHANDO DE volta para a linha 7 do trem. Sem dúvida, a aula havia terminado na St. Francis, onde ela havia estudado, pois a garotada já estava na rua com suas gigantescas mochilas nas costas, a maioria mexendo no celular. Duas garotas passaram com seus uniformes de líder de torcida. Para espanto de todos que a conheciam, Kat também havia concorrido a uma vaga na torcida organizada da escola, lá pelos 16 anos. O grito de guerra não era o mais original de todos: “Somos a Saint Francis! / Com força, garra e muito orgulho! / E para quem não ouviu, / a gente aumenta o barulho!” Depois disso, os versos eram repetidos cada vez mais alto, até resvalarem para a desordem total. Kat sorriu ao se lembrar de outro grito, entoado sempre que o time cometia algum erro. Batendo palmas a um ritmo acelerado, elas gritavam: “Não tem problema, não faz mal! / Vocês se ferram no final!” Alguns anos antes, durante um jogo que fora ver, ela percebera que o grito havia recebido uma versão mais politicamente correta: “Não tem problema, não faz mal! / A gente vence no final!”

Progresso?

Kat já passava pela casa de Tessie quando seu telefone tocou: era Chaz.

– Então, recebeu minha mensagem? – perguntou ele.

– Sobre a placa do carro? Recebi, sim. Obrigada.

– Beco sem saída?

– É o que parece.

– Fiquei encucado com uma coisa.

Kat estreitou os olhos para fitar o sol.

– Com o quê?

– O registro era para uma limusine comum, um Town Car preto da Lincoln. Não era para uma limusine adaptada. Você sabe qual é a diferença, não sabe?

– Na verdade, não.

– As adaptadas são feitas por encomenda. Você pega um sedã comum, tira tudo que tem dentro e literalmente corta o chassi pelo meio. Depois separa as metades, instala um exterior pré-fabricado e redecora o interior do jeito que quiser: com um bar, um home theater, o diabo a quatro.

Mais garotos passaram por Kat, indo da escola para casa. Ela se lembrou mais uma vez dos seus tempos de estudante em Flushing, da algazarra que se instalava após o término das aulas. Atualmente, a garotada saía muda para a rua, os olhos grudados no telefone.

– Ok, entendi, mas e daí? – indagou ela.

– Na documentação de James Isherwood não havia nenhuma menção a uma limusine adaptada. Até podia ser um descuido, um engano sem importância. Mas resolvi fuçar. Na documentação também não constava uma licença para aluguel. O que também podia não significar nada. Se o carro fosse particular, nem seria preciso uma licença dessas. Mas o nome do tal namorado não é Isherwood, certo?

– Não, não é .

– Então continuei fuçando. Mal não ia fazer, não é? Liguei para a casa de James Isherwood.

– E...?

– Ele não estava. Para encurtar a história: Isherwood mora em Islip, mas trabalha para uma companhia de energia com sede em Dallas. Volta e meia precisa passar uns tempos por lá e é onde está agora. Por isso deixou seu carro, um Town Car preto da Lincoln, num estacionamento de longo prazo.

Kat sentiu um calafrio.

– Alguém roubou a placa do Lincoln.

– Exatamente.

Só os amadores roubam carros para cometer um crime, refletiu Kat. Uma grande burrice. Roubos de carro são logo comunicados à polícia. Roubos de placas, no entanto, sobretudo em estacionamentos de longo prazo, podem levar dias, até mesmo semanas, para serem denunciados. Além disso, é bem mais difícil localizar uma placa do que um carro inteiro. No caso de automóveis, a polícia vai atrás de uma marca e um modelo específicos, mas, no caso das placas, sobretudo quando os ladrões são espertos o bastante para roubá-las de um carro do mesmo modelo...

– Kat? Está me ouvindo? – perguntou Chaz.

– Precisamos descobrir o que for possível sobre Dana Phelps. Veja se você consegue localizar o telefone dela, as mensagens mais recentes.

– A jurisdição não é nossa. Eles moram em Connecticut.

A essa altura, Tessie surgiu à porta de sua casa.

– Eu sei – disse Kat. – Então vamos fazer o seguinte: essas informações que você conseguiu levantar, mande tudo por e-mail para Joe Schwartz, investigador do Departamento de Polícia de Greenwich. Depois eu falo com ele.

Kat desligou. Mais uma vez se perguntou o que estaria acontecendo. Pensou em ligar para Brandon, mas logo se deu conta de que seria prematuro. Ela precisava pensar melhor. Chaz tinha razão: o caso não era deles. Pelo menos isso estava claro. Além do mais, já tinha um prato cheio nas mãos. O mais sensato seria mesmo passar o caso para Schwartz e dar o assunto por encerrado.

Tessie vinha caminhando na sua direção. Por algum motivo, Kat se lembrou daquele dia, aos 9 anos, quando estava escondida atrás da porta da cozinha e tinha entreouvido Tessie

chorar por causa da gravidez. Ela era uma dessas pessoas capazes de esconder tudo por trás de um sorriso. Tivera oito filhos em doze anos – e isso numa época em que os maridos preferiam beber água de privada a trocar a fralda de uma criança. Os filhos agora se achavam nos quatro cantos do país, como se espargidos pela mão de um gigante. Alguns seguiam pulando de galho em galho. Nas demais famílias, sempre havia um que permanecia na sua cidade natal, mas, para Tessie, isso não tinha a menor importância. Ela não se incomodava com a presença dos filhos, tampouco sentia a falta deles. Já dera por encerradas as obrigações maternas, pelo menos as mais trabalhosas. Eles que fizessem o que bem entendessem da própria vida. Quando Brian dava as caras, ela poderia ou não preparar um sanduíche de atum para ele: isso dependia da sua disposição. Paciência.

– Você está bem? – Tessie perguntou a Kat.

– Estou, estou.

Tessie não se deu por convencida.

– Quer entrar um pouquinho?

– Claro, vou adorar.

Para ela, Tessie sempre fora a predileta entre as amigas da mãe. No passado, apesar de toda a confusão e todo o cansaço com a filharada, Tessie sempre encontrava um tempinho para papear com ela. Kat ficava meio sem jeito, achando que estava sendo mais um incômodo, porém, aos poucos, fora percebendo que não era esse o caso, que Tessie também gostava daqueles momentos de intimidade. Tessie tinha uma comunicação difícil com as próprias filhas, e Kat, claro, tinha o mesmo problema com a mãe. Na opinião de muitos, era Tessie quem deveria ser a mãe de Kat, pois as duas tinham uma relação muito especial. No entanto, o contrário era bem mais provável: a ausência de parentesco talvez fosse justamente o que possibilitava aquela amizade.

A casa de Tessie era uma, digamos, versão cansada do estilo Tudor. Era espaçosa o suficiente, mas, à época em que abrigava dez pessoas, dava a impressão de que viria abaixo a qualquer instante. Uma cerca delimitava o terreno. Tessie abriu o portão e foi conduzindo Kat para o pequeno jardim dos fundos.

– Mais um ano ruim para as plantas – comentou ela, apontando para os tomateiros. – Com esse negócio de aquecimento global, nem sei mais qual é a hora certa de plantar. – Esperou que Kat se acomodasse num dos bancos do jardim, depois ofereceu: – Quer beber alguma coisa?

– Não, obrigada.

– Então vamos lá. – Ela se sentou também. – Pode ir falando.

Kat obedeceu.

– Ah, aquele Willy Cozone... – disse Tessie, terminada a história. – Você sabe que ele é daqui mesmo, não sabe? Foi criado logo ali na Farrington Street, perto do lava a jato.

Kat assentiu.

– Meu irmão mais velho, o Terry, foi colega dele na Bishop Reilly. Cozone era um menino

frágil. Ainda estava no primário quando vomitou em cima de uma das freiras do St. Mary's, assim, no meio da aula. Empesteou a sala inteira. A meninada não deixou barato, claro. Começaram a chamá-lo de Fedorento, de Azedo, essas coisas... Nada de muito original. – Tessie balançou a cabeça. – Sabe o que ele fez para dar um jeito na coisa?

– Que coisa?

– Na gozação dos colegas.

– Não. O quê?

– Lá pelo quinto ano, espancou um garoto até matá-lo. Levou um martelo para a escola e partiu a cabeça dele. Depois abriu o crânio do menino com a unha do martelo.

Kat precisou conter uma careta.

– Não vi nada disso na ficha dele.

– Na época, tudo foi abafado pela escola. É bem provável que ele nem tenha sido condenado.

Kat apenas balançou a cabeça.

– Quando Cozone ainda andava por aqui – prosseguiu Tessie –, costumava sumir algum animal de estimação na vizinhança, se é que você me entende. Depois encontravam uma patinha no lixo, alguma coisa assim. Na família dele, todo mundo morreu de modo violento, sabia disso?

– Sim, sabia. Mas é por isso tudo que você está dizendo que eu acho difícil acreditar que o papai trabalhava para ele.

– Quanto a isso, eu não sei de nada – disse Tessie, e de repente se levantou para prender o caule de uma planta a seu suporte.

– O que você sabe, Tessie?

Tessie se agachou para examinar um dos tomates, ainda pequeno e verde demais, depois examinou outro.

– Você estava sempre por perto – insistiu Kat. – Sabia dos sumiços do papai.

– Disso eu sabia, sim. Sua mãe gostava de fingir que estava tudo bem. Até para mim e para Flo ela mentia.

– Você sabe dizer para onde ele ia?

– Assim... especificamente, não.

– Mas você fazia uma ideia.

Tessie deixou os tomates de lado e se reergueu.

– Quanto a isso, eu me sinto dividida.

– Como assim?

– Em primeiro lugar, o óbvio: nada disso é da minha conta. Nem da sua também. Tudo isso aconteceu há muito, muito tempo. Acho que a gente deve respeitar a vontade da sua mãe.

Kat assentiu.

– É, dá para entender.

– Obrigada.

– Qual é o outro lado?

Tessie voltou a se sentar.

– Quando somos jovens, achamos que temos todas as respostas. Ou somos da direita, ou somos da esquerda, e quem não está do nosso lado é um bando de idiotas. Entende? Mas aí vamos crescendo e aos poucos começamos a perceber os inúmeros tons de cinza que existem entre o preto e o branco. Hoje sei que os verdadeiros idiotas são aqueles que pensam ter todas as respostas. Nada é tão simples assim, entende?

– Claro.

– Não estou dizendo que não existe certo e errado. Mas o que funciona para uma pessoa de repente não funciona para outra. Você falou ainda agora que sua mãe anda confundindo lembranças com ilusões. Que importância isso tem? É assim que ela sobrevive. Algumas pessoas precisam de ilusões. E algumas pessoas, como você, precisam de respostas.

Kat apenas esperou que ela prosseguisse.

– Também precisamos pesar os danos – disse Tessie.

– Pesar os danos?

– Se eu lhe contar o que sei, vou machucar você. Machucar muito, disso eu tenho certeza. Adoro você. Não quero machucá-la.

Kat sabia que Tessie, ao contrário de Flo e até mesmo de Hazel, não tinha o menor pendor para o melodrama. O alerta deveria ser levado a sério.

– Eu aguento o tranco.

– É, suponho que sim. Também preciso colocar no outro prato da balança a dor que você sente por ficar assim no escuro, sempre se perguntando o que realmente aconteceu, sempre buscando respostas que nunca chegam. Isso também pode machucar muito uma pessoa.

– Até mais do que saber a verdade.

– Não sou eu que vou negar. – Tessie soltou um demorado suspiro. – Tem mais um problema.

– Diga.

– Isso que eu sei... Tudo começou com um simples boato. Um amigo do Gary... Você se lembra do Gary?

– O marido da Flo.

– Pois é. Um amigo do Gary contou para ele, que contou para Flo, que contou para mim. Então, até onde posso saber, tudo não passa de uma simples fofoca.

– Mas, no fundo, você não acredita que seja uma simples fofoca.

– É, você tem razão. Não acredito mesmo. Acho que é tudo verdade.

Tessie dava a impressão de que estava pisando em ovos. Com o máximo de delicadeza que conseguiu reunir, Kat disse:

– Não se preocupe, pode falar.

Por fim, Tessie revelou:

– Seu pai tinha uma namorada.

Kat piscou, surpresa. Tessie já havia alertado que a informação a machucaria. Mas, naquele momento, era como se as palavras apenas se arrastassem na superfície, sem atravessar a pele.

– Eu poderia dizer que era um caso sem nenhuma importância – prosseguiu Tessie, fitando-a diretamente nos olhos. – Afinal, aposto que mais da metade dos homens casados desta cidade tinham uma garota qualquer. Mas certas coisas diferenciavam o caso do seu pai.

Kat engoliu em seco, preparando-se para o que estava por vir.

– Tipo o quê?

– Tem certeza que não quer beber nada?

– Tenho, tia Tessie. Estou bem. – Kat se empertigou e buscou a coragem de que precisava.

– Mas o que exatamente tornava o caso do papai diferente?

– Bem, para início de conversa, tudo indicava que era um caso mais duradouro. Seu pai passava muito tempo com essa moça. Com a maioria dos homens é apenas uma noite, apenas uma hora, sei lá. Uma boate de striptease, um flerte bobo com alguém do trabalho. Mas, com o seu pai, não. O caso dele era mais sério. Pelo menos era esse o boato que corria na época. Era por isso que ele sumia de vez em quando. Eles viajavam juntos, eu acho. Sei lá.

– Mamãe sabia?

– Não sei, meu anjo – respondeu ela, mas acrescentou: – Acho que sabia, sim.

– Por que ela não se separou dele?

Tessie bufou.

– Separar? E ir para onde, meu amor? Sua mãe tinha três filhos para criar. Seu pai era o provedor e o marido. Naquele tempo, as mulheres não tinham muita opção. Além disso... bem, sua mãe amava o seu pai. E ele amava sua mãe também.

– Você está brincando, não está? – cuspiu Kat.

Tessie balançou a cabeça.

– É que você ainda é muito jovem, minha filha, acha que as coisas são simples. Meu Ed também teve lá as suas namoradas. Quer saber de uma coisa? Eu não estava nem aí. Melhor ela do que eu, era isso que eu pensava. Eu tinha aquela penca de filhos para cuidar, vivia grávida... Era um alívio que ele me deixasse em paz, se você quer saber. Na juventude, a gente nem imagina que um sentimento desses é possível, mas é.

Então era isso, pensou Kat. Seu pai tinha uma namorada. Um turbilhão de sentimentos diferentes se agitava em seu peito. Os ensinamentos da ioga mandavam que ela fosse respirando até apaziguá-los, mas, naquele exato momento, ela precisava se concentrar na conversa, logo preferiu deixar a respiração para outra hora.

– Tem mais uma coisa – continuou Tessie.

Kat ergueu a cabeça e a encarou.

– Mas, antes, é preciso que você não esqueça que estamos em Flushing. De quem somos. De como eram as coisas naquele tempo.

– Sim, mas por quê?

– Essa namoradinha do seu pai... Bem, pelo menos foi o que disse tal amigo do Gary. Um homem casado que se envolve com outra mulher, isso não era novidade nenhuma. Ninguém arrancava os cabelos por causa disso. O amigo do Gary nem teria notado se essa moça do seu pai não fosse... hum, negra.

Kat pestanejou, sem saber ao certo o que dizer.

– Negra? Você quis dizer... afro-americana?

– Sim, isso. Era esse o boato e, muito provavelmente nesse caso, um boato alimentado pelo racismo. Diziam que essa moça era uma prostituta que seu pai tinha prendido nas ruas. Foi assim que eles se conheceram, parece. Eu não sei, acho difícil.

Meio zozona, Kat perguntou:

– E a mamãe? Sabia dessa história toda?

– Nunca contei a ela, se é o que você quer saber.

– Não, não foi o que eu quis dizer. – Subitamente, ocorreu a Kat: – A Flo. Ela deve ter contado, apostou.

Tessie não se deu o trabalho de confirmar ou negar, mas Kat já havia deslindado mais um mistério: o motivo que levava a um ano de afastamento e silêncio entre Flo e Hazel. Flo tinha contado sobre a prostituta negra e Hazel imediatamente se refugiara num estado de negação.

Kat ainda não sabia o que estava sentindo além de tristeza, porém, por mais fortes que fossem as suas emoções, elas teriam que esperar. Não eram relevantes naquele momento. Por ora, o mais importante era descobrir se, de algum modo, aquela história da namorada tinha algum vínculo com o assassinato de Henry.

– Você sabe como se chamava essa moça?

– Não exatamente.

– *Não exatamente?*

– Deixe isso tudo pra lá, meu amor.

– Você sabe que não dá.

Olhando para qualquer outra coisa que não fosse Kat, Tessie respondeu:

– Segundo Gary, o nome de guerra dela era Sugar.

– Sugar?

Tessie deu de ombros.

– Não sei se é verdade ou não.

– Sugar de quê?

– Não sei.

As bombas não paravam de cair. A vontade de Kat era se enroscar numa cama e esperar a tempestade passar, mas essa opção simplesmente não existia.

– Você sabe o que aconteceu com essa Sugar depois que o papai foi assassinado?

– Não.

– Por acaso ela não...

– Kat, isso é tudo que eu sei. Não tenho mais nada para contar. – Novamente se dirigindo

para as plantas, Tessie disse: – Então, o que você pretende fazer agora?

Kat refletiu um instante.

– Não sei.

– Agora você sabe da verdade. Às vezes isso basta.

– Às vezes.

– Mas não desta vez?

– Mais ou menos isso.

– A verdade até pode ser melhor do que a mentira – observou Tessie –, mas nem sempre ela liberta.

Kat já sabia disso. Mas não tinha a esperança de se libertar do que quer que fosse, tampouco a esperança de ser uma pessoa feliz. Esperava apenas...

O que exatamente?

Não havia nada a ganhar ali. Hazel ficaria magoada. Stagger, que provavelmente agira por lealdade a Henry, talvez tivesse aceitado o risco de manipular as investigações da polícia acreditando que conseguiria calar Monte Leburne ou adulterar o testemunho dele. Kat agora sabia da verdade. Pelo menos o suficiente.

– Muito obrigada, tia Tessie.

– Obrigada pelo quê?

– Por ter me contado.

– Não creio que um “de nada” seja adequado neste caso. – Tessie se abaixou para pegar uma enxada no chão. – Você não pretende abandonar isso, não é?

– Não, não pretendo.

– Mesmo que isso venha a magoar muita gente?

– Mesmo assim.

Tessie assentiu e enterrou a enxada num canteiro de terra nova.

– Já está ficando tarde, Kat. Talvez seja melhor você ir para casa.

Kat já estava no metrô quando as descobertas recentes começaram a sedimentar.

O mais fácil seria sentir-se traída, enojada, furiosa.

Henry havia sido seu herói. Ela sabia muito bem que o pai não era perfeito, mas aquele era o homem que costumava subir numa escada para pendurar a lua no céu para ela, uma história na qual ela havia acreditado piamente na infância. Pensando melhor, talvez aquela tivesse sido a primeira das muitas mentiras que ainda estavam por vir.

Por vezes, quando percebia o sumiço do pai, Kat imaginava que ele estava em algum lugar salvando vidas, trabalhando em uma missão secreta, fazendo algo importante e grandioso. Mas agora ela sabia que Henry Donovan abandonava a própria família para ir se enroscar com uma prostituta.

Portanto, este era o caminho mais fácil para as suas emoções: o caminho da raiva, da revolta pela traição, talvez até do ódio.

Mas Tessie já havia alertado: a vida nunca era tão simples assim.

Kat se deu conta de que a tristeza era o sentimento que parecia sobrepujar todos os demais. Era triste que Henry fosse tão infeliz em casa a ponto de fabricar para si uma vida de mentiras. Era triste que Hazel tivesse passado por tudo aquilo, acorrentada também a uma vida de mentiras. No entanto, o mais triste de tudo talvez fosse o fato de que aquelas revelações nem fossem assim tão chocantes quanto Kat poderia ter suposto antes. Talvez ela já tivesse intuído, lá no subconsciente, toda a feiura daquela história. Talvez isso explicasse sua relação tão conflituosa com a mãe: a convicção estúpida e inconsciente de que Hazel não se esforçava o bastante para fazer o marido feliz, por isso ele sumia de casa, por isso tinha tanto medo de que Henry nunca mais voltasse, tudo por culpa da mãe.

Kat também se perguntava se Sugar – se é que esse era mesmo o nome da moça – fazia Henry feliz. Não havia paixão no casamento dele com Hazel; havia respeito, amizade e companheirismo, mas não paixão. Seria então possível que ele tivesse encontrado naquela outra mulher, naquela mulher proibida, algo ainda que remotamente parecido com o amor romântico? Se fosse esse o caso, o que pensar? O que sentir? Raiva? Revolta? Ou algum tipo de contentamento com o fato de o pai ter encontrado um mínimo de alegria?

A vontade de Kat era se jogar na cama e chorar.

Saindo do metrô, examinou o telefone e viu três chamadas não atendidas de Chaz. Ligou de volta imediatamente.

– E aí?

– Caramba, você está com uma voz péssima.

– Dia difícil.

– Pode ficar mais difícil ainda.

– O que houve?

– Descobri um troço aí com relação àquela conta na Suíça. Acho que você vai querer ver.

capítulo 26

EM CERTO MOMENTO, TITUS havia se cansado da cafetinagem.

O mundo vinha ficando cada vez mais perigoso, mais traiçoeiro, até mesmo mais entediante. Sempre que alguém se dava bem com um esquema, logo vinham aqueles mais burros, geralmente com suas tendências violentas, para atrapalhar. A máfia sempre aparecia para dar sua mordida. Os preguiçosos viam na cafetinagem uma excelente oportunidade de dinheiro fácil: bastava coagir alguma namoradinha mais fragilizada, obrigá-la a fazer sua parte, depois embolsar a grana. Havia muito tempo, Louis Castman, o mentor de Titus, se aposentara e sumira do mapa. Devia estar em alguma ilha do Pacífico Sul. A internet, que tornara obsoletos tantos negócios de varejo e tantos intermediários, tinha tornado os cafetões igualmente dispensáveis. O caminho entre puta e cliente ficava cada vez menor, também facilitado pelos grandes consolidadores, que engoliam os cafetões menores, assim como as megalivrarias faziam com as livrarias de esquina.

A prostituição havia se tornado um negócio chinfrim para os padrões de Titus. Os riscos já eram significativamente maiores que os lucros.

Contudo, como em qualquer outro ramo, quando um aspecto se torna obsoleto, novos caminhos sempre acabam sendo encontrados pelos mais empreendedores. A tecnologia tinha prejudicado o negócio de rua, mas também desencadeara uma série de novas possibilidades. Titus, entretanto, havia se tornado um dos tais consolidadores, mas, com o tempo, fora cansando disso também, da monotonia de ficar o dia inteiro na frente de um computador para marcar encontros e realizar transações. Seguiu adiante com um novo esquema de fraudes online, dessa vez com sócios na Nigéria. Nada tão rudimentar quanto aqueles e-mails de spam, tão facilmente filtrados, que eram distribuídos mundo afora, ora pedindo dinheiro para alguma causa lacrimosa, ora oferecendo algum negócio da china. Não. A especialidade de Titus era, desde sempre, a sedução. O sexo. O amor. As interseções de uma coisa com outra. Durante um bom tempo, seu melhor golpe no setor “romantismo” havia sido passar-se por um combatente servindo no Iraque ou no Afeganistão. Fabricava perfis para seus falsos soldados nas redes sociais, depois seduzia as mulheres que conhecia pela internet, estabelecendo com elas algum tipo de relação. A certa altura, “relutante”, pedia ajuda para comprar um laptop para facilitar a comunicação entre eles ou, melhor ainda, uma passagem aérea para que pudessem se encontrar em carne e osso. Vez ou outra, pedia auxílio para se reabilitar de um ferimento de guerra. Quando precisava fazer dinheiro rápido, inventava uma súbita convocação e dizia que

precisava vender seu carro da noite para o dia, a preço de banana, enviando documentos falsos aos interessados para depois fechar o negócio com uma conta bancária em nome de terceiros.

Mas também havia problemas com esse tipo de golpe. Em primeiro lugar, o dinheiro era pouco em relação à trabalhadeira que dava. As pessoas, antes burras, infelizmente ficavam cada vez mais espertas. Em segundo lugar, como sempre acontece quando algo começa a dar muito certo, os amadores ficam sabendo e também querem entrar no negócio. A Corregedoria do Exército já emitia alertas e perseguia os golpistas com mais regularidade e afinco. Para os sócios de Titus na África Ocidental, isso não chegava a ser nenhum problema, mas, para ele, sim.

A questão mais complicada, no entanto, era o fato de que esse novo setor também já havia ficado pequeno demais para as ambições de Titus. A exemplo de qualquer empresário, ele vinha procurando novas maneiras de expandir e capitalizar. Aqueles golpes na internet estavam apenas um nível acima de seu início de carreira como cafetão. O que ele queria agora era galgar maiores degraus. Titus precisava de um novo desafio. Algo grande. Algo rápido. Algo bem mais lucrativo e bem mais seguro.

Ele tinha consumido quase todo o dinheiro que guardara na vida para fazer decolar o novo negócio, mas o investimento já dava ótimos retornos.

Clem Sison, o novo motorista, surgiu à porta da casa da fazenda. Estava usando o terno preto de Claude.

– Então, como estou?

O paletó sobrava um pouco nos ombros, mas nada que chegasse a comprometer.

– Você entendeu as suas instruções?

– Entendi.

– Nada de improvisos, ouviu bem?

– Sim, claro. Ela vem direto para cá.

– Muito bem, então. Vá atrás dela, já.

O turno de Chaz já tinha terminado, então Kat foi até o apartamento dele no Edifício Lock-Horne, na Park Avenue, mais ou menos na altura da Rua 46. Dois anos antes, ela havia comparecido a uma festinha naquele mesmo prédio, à época em que Stacy estava namorando o proprietário do imóvel, um playboy chamado Wilson, Windsor... ou qualquer outro nome de bacana. O sujeito era rico, inteligente e lindo, mas, a se acreditar nos boatos, tinha perdido a cabeça, ao estilo de Howard Hughes, e se tornara um ermitão. Não fazia muito que alguns dos andares comerciais do tal prédio haviam sido convertidos em residenciais.

Pois era ali que morava Chaz Faircloth. Conclusão rápida e óbvia: até que não era tão mal assim nascer em berço esplêndido.

Foi o próprio Chaz quem surgiu à porta. Vestia uma camisa branca que, desabotoada mais do que devia, revelava um peitoral de tal modo depilado que, ao lado dele, o bumbum de um

bebê pareceria o rosto malbarbeado de um marmanjo. Exibindo seus dentes perfeitos, ele disse:

– Pode entrar.

Kat analisou o apartamento.

– Confesso que estou surpresa.

– Surpresa com o quê?

Kat havia imaginado que o parceiro morava numa espécie de garçonnière, numa caverna de solteirão convicto, mas o que ela via ali era um apartamento decorado com absoluta elegância, talvez até um pouco demais, com uma bela mistura de móveis antigos, objetos de antiquário, tapeçarias e tapetes orientais. Tudo muito caro e chique, mas sem nenhuma ostentação.

– A decoração...

– E aí, gostou?

– Muito.

– Pois é, eu sei. Foi a mamãe que decorou, usando peças de família, essas coisas. Cheguei a pensar em mudar tudo. Sei lá, deixar mais com a minha cara. Mas aí percebi que a mulherada curte à beça esse tipo de coisa. Ficam achando que eu sou um cara sensível, coisa e tal.

Agora tudo fazia sentido.

Dirigindo-se para o outro lado de um balcão, Chaz ergueu uma garrafa de Macallan 25 anos.

– Sei que você gosta de um bom scotch.

Kat arregalou os olhos e precisou fazer um esforço para não lamber os lábios.

– Acho que não é um bom momento.

– Kat...

– O que foi?

– Você está olhando para essa garrafa do mesmo modo que eu olho para um decote cavado.

– Um decote cavado – repetiu Kat, séria.

– Já experimentou o de 25 anos?

– Não. Só o de 21, uma única vez.

– E...?

– Quase pedi a garrafa em casamento.

Chaz pegou dois copos de uísque. Enquanto servia as doses, disse:

– Oitocentas pratas a garrafa.

Kat recebeu seu copo e o aninhou nas mãos como se fosse um filhote de passarinho.

– Saúde.

Ela tomou o primeiro gole e automaticamente fechou os olhos, cogitando se haveria no mundo alguém capaz de beber daquilo com os olhos abertos.

– E aí? – perguntou Chaz.

– Eu mataria você só para sair daqui com essa garrafa debaixo do braço.

Chaz riu.

– Então, vamos lá?

Por muito pouco, Kat não disse a ele que o trabalho poderia esperar. A última coisa que queria naquele momento era falar de contas bancárias na Suíça. A constatação do que havia sido sua vida – ou do que havia sido a vida dos pais – começava a derrubar as barricadas mentais de sua autodefesa. Do outro lado da fachada de cada casa do planeta se escondia uma história familiar da qual nem ela, nem ninguém, fazia a menor ideia. Até aí tudo bem. O problema era estar no interior da própria casa e, mesmo assim, não fazer a mínima ideia dos dramas que se passavam ali: as tristezas, os sonhos frustrados, as mentiras, o teatro da vida cotidiana... Pensando nisso, sua vontade era se jogar num daqueles belíssimos sofás de couro e ficar ali, bebericando o uísque dos deuses, vendo a vida se apagar aos poucos na delícia daquele torpor.

– Kat?

– Estou ouvindo.

– O que está rolando entre você e o capitão Stagger?

– Melhor você ficar fora disso, Chaz.

– Você volta logo?

– Não sei. Também não tem importância.

– Tem certeza?

– Absoluta. – Kat resolveu mudar de assunto: – Pensei que você quisesse falar de uma conta numerada na Suíça.

– Pois é.

– Então?

Chaz pousou seu copo.

– Fiz o que você pediu. Falei com aquele seu contato no Tesouro. Perguntei se ele podia incluir a tal conta na malha fina deles. São milhares de contas que estão na fila, esperando para serem investigadas. O fisco está de olho nelas e os suíços estão fazendo o possível para proteger os correntistas. O pessoal do IR está completamente atolado, por isso tem dado preferência aos casos em que há alguma suspeita de atividades terroristas. Talvez por isso ainda não tenham percebido nada.

– Percebido o quê?

– Você disse que a conta era nova, certo?

– Certo. Pelo que sei, Dana Phelps acabou de abrir essa conta.

– Quando exatamente?

– Não sei. Com base na conversa que tive com o consultor financeiro da mulher, eu diria que ela a abriu dois dias atrás, exclusivamente para a transferência do dinheiro.

– Não pode ser – retrucou Chaz.

– Por que não?

– Porque alguém já emitiu um AAS para essa conta: um Alerta de Atividade Suspeita.

Kat também pousou seu copo.

– Quando?

– Há uma semana.

– Você sabe qual é o teor desse AAS?

– Um residente de Massachusetts transferiu mais de 300 mil dólares para essa mesma conta.

Chaz abriu o laptop sobre a mesinha à sua frente e começou a digitar.

– Você tem o nome da pessoa que fez essa transferência? – perguntou Kat.

– Não, isso não constava do AAS.

– Mas você sabe pelo menos quem foi que emitiu o AAS?

– Um tal de Asghar Chuback. É um dos sócios de uma corretora chamada Parsons, Chuback, Mitnick e Bushwell Investimentos e Fundos, com sede em Northampton, Massachusetts.

Chaz virou o computador para Kat. A página inicial da tal corretora era o equivalente digital de uma placa de mármore de Carrara com o logotipo em baixo relevo: sofisticada, classuda, deslumbrante. A mensagem era clara: se você não tem um portfólio de oito dígitos, vaza daqui.

– Você passou essas informações para o detetive Schwartz?

– Ainda não. Sinceramente, ele não me pareceu nem um pouco impressionado com a placa roubada da limusine.

O site apresentava um menu com as seguintes opções: gestão patrimonial, serviços institucionais, investimentos globais. Muito era dito sobre privacidade e discrição.

– Eles nunca vão querer falar com a gente – afirmou Kat.

– Engano seu.

– Como assim?

– Também pensei a mesma coisa, mas liguei para eles mesmo assim. Os caras toparam. Marquei uma visita para você.

– Com o tal Chuback?

– Sim.

– Para quando?

– Hoje à noite, a qualquer momento. Segundo disse a secretária, ele está trabalhando com os mercados orientais, vai passar a noite inteira por lá. Engraçado, fiquei com a impressão de que o cara está querendo falar. A viagem é de mais ou menos três horas. – Chaz fechou o computador e ficou de pé. – Eu levo você.

Kat não queria aquilo. Sim, ela confiava no parceiro, mas ainda não o havia colocado a par de todos os detalhes, sobretudo não falara da conexão pessoal que tinha com Jeff/Ron, uma história que ela não gostaria de ver circulando à boca miúda no distrito. Além disso, por

mais bonzinho que ele andasse ultimamente, três horas trancafiada num carro com Chaz – seis horas, ida e volta – não era bem sua ideia de felicidade.

– Vou no meu carro – retrucou Kat. – É melhor você ficar aqui, caso a gente precise de algum follow-up.

Ela já havia se preparado para uma contra-argumentação, mas não foi necessário.

– Tudo bem – concordou Chaz. – Porém, será mais rápido se você for no meu carro. O estacionamento fica logo ali na esquina.

Martha Paquet arrastou sua mala até a porta. Era velha, anterior à invenção das malas de rodinha. Mas era possível que as rodinhas já existissem à época e Harold também já fosse o sovina que mais tarde daria provas de ser. Harold detestava viajar, a não ser pelas duas vezes ao ano em que “dava um pulinho” em Las Vegas com os amigos de bebedeira, o tipo de viagem que depois provocava piadinhas internas e comentários à meia-voz. Nessas ocasiões, ele usava uma sofisticada mala Tumi que dizia ser exclusivamente sua e que, anos antes, às vésperas da oficialização do divórcio, havia surrupiado do apartamento com todos os demais objetos de valor. Alugara um furgão e depois dissera: “Se quiser, vem buscar, cachorra.”

Isso fora muito tempo atrás.

Martha olhou pela janela, depois disse à irmã Sandi:

– Isso é uma loucura...

– Só se vive uma vez.

– É, eu sei.

Passando o braço pelos ombros de Martha, Sandi falou:

– Além do mais, você merece. Mamãe e papai devem estar felizes lá em cima.

Martha arqueou uma sobrancelha.

– Duvido muito.

Os pais de Martha e Sandi haviam sido profundamente religiosos. Depois de anos de abuso doméstico nas mãos de Harold, Martha acabara se mudando para a cidade com o objetivo de ajudar o pai a cuidar da mãe, já na fase terminal de sua doença. No entanto, como muitas vezes acontece, o pai supostamente saudável tinha morrido antes da mulher doente, levado por um infarto súbito já fazia seis anos. A mãe enfim falecera no ano anterior. Vivia dizendo que já não via a hora de reencontrar o marido no Paraíso, mas nem por isso deixara de se agarrar até o último minuto à vida difícil que tinha, suportando com galhardia os mais horrendos tratamentos.

Martha ficara ao lado da mãe durante todo esse tempo, vivendo naquela casa na qualidade de enfermeira e dama de companhia. Não se importava com isso. Nem cogitava a possibilidade de interná-la numa clínica ou numa casa de repouso, nem mesmo a mãe de contratar uma cuidadora. Sabia que ela não aceitaria nada disso e, como era apaixonada por ela, jamais tivera a coragem de fazer tais propostas.

– Você deixou sua vida de lado por muito tempo – argumentou Sandi. – Já passou da hora

de se divertir um pouco.

Realmente, pensou Martha. Após o divórcio, ela havia feito algumas tentativas de novos relacionamentos, mas os cuidados com a mãe, e sobretudo o trauma adquirido com Harold, acabaram atrapalhando. Martha nunca reclamava da vida: não era do seu feitio. Ficava grata pelo que o destino lhe reservara. Não pedia nem esperava mais que isso. O que não significava que ela não tivesse lá os seus desejos.

– Basta uma única pessoa para mudar sua vida – disse Sandi –, e essa pessoa é você.

– Certo.

– Você não vai poder escrever o próximo capítulo da sua vida se insistir em ficar relendo o último.

Sandi sempre tinha a melhor das intenções quando começava a desfiar seus pequenos aforismos. Postava-os no Facebook toda sexta-feira, muitas vezes com a foto de flores ou de um pôr do sol cinematográfico, coisas assim. Chamava-os de “As pérolas de Sandi”, muito embora, claro, nenhum deles fosse de sua própria autoria.

Uma limusine preta estacionou diante da casa. Martha sentiu um bolo na garganta.

– Uau, que carro lindo! – exclamou Sandi.

Martha não conseguiu se mexer. Ficou onde estava, vendo pela janela o motorista que se adiantava na direção da porta da casa. Um mês antes, após muita insistência por parte da irmã, ela havia se cadastrado num site de relacionamentos e, para sua própria surpresa, quase imediatamente começara uma paquera on-line com um homem maravilhoso chamado Michael Craig. Era doideira lembrar que ela já zombara muito desse tipo de página, dizendo que tudo não passava de uma grande infantilidade, que a garotada de hoje em dia não fazia a menor ideia do que era um relacionamento de verdade, que as pessoas viviam grudadas a um computador, que nunca olhavam nos olhos de ninguém e blá-blá-blá.

Como era possível que ela também tivesse se deixado levar?

A verdade era que havia muitas vantagens em começar uma relação pela internet. Não importava a aparência de ninguém – a não ser nas fotografias. O cabelo podia estar uma bagunça, a maquiagem toda errada, os dentes sujos de alguma coisa... Nada disso importava. As pessoas podiam relaxar, não precisavam se esforçar demais para agradar o outro. Ninguém via a expressão de decepção no rosto do pretendente, bastava imaginar que ele ou ela estava sorrindo lá do outro lado, achando graça em tudo que era dito. E, se as coisas não davam certo, ninguém precisava ficar preocupado em encontrar o outro na rua, no supermercado ou no shopping. O distanciamento era grande o suficiente para que as pessoas pudessem ser elas mesmas e baixassem a guarda.

Uma brincadeira segura.

Afinal, que mal poderia haver naquilo?

Martha se conteve para não sorrir ao pensar em como a relação com Michael havia esquentado rapidamente: não era o caso de entrar em detalhes, mas tinham chegado àquele

ponto em que as conversas ficavam cada vez mais intensas, até que um dia Michael escrevera: Precisamos nos encontrar!

Ela ainda se lembrava do ardor que sentira nas faces ao ler aquilo no computador. Mas, ah, como desejava ter novamente um contato real com outra pessoa, sentir as delícias da intimidade física de uma forma que sempre havia imaginado. Faltava-lhe, no entanto, a coragem necessária para dar o passo seguinte – ela ficara tanto tempo sozinha e temerosa. Martha explicara isso a Michael, dizendo que não queria correr o risco de perder tudo aquilo que tinham conquistado até então. Por outro lado, tal como o próprio Michael argumentara daquele seu jeito tão compreensivo, o que exatamente tinham conquistado?

Pensando bem, nada. Apenas ilusão. Mas, se eles se encontrassem de verdade, se a química presencial fosse idêntica à virtual...

Mas... e se não fosse? E se a química desandasse irremediavelmente – o que aliás devia ser o que mais acontecia – quando enfim eles se vissem cara a cara? E se ela decepcionasse Michael como havia previsto desde o início?

Martha sugerira que o encontro fosse adiado, pedira a Michael que ele tivesse paciência. Michael aquiescera, mas também dissera que não era assim que os relacionamentos funcionavam. Relacionamentos não podiam estagnar. Precisavam mudar sempre, ou para o bem, ou para o mal. Martha percebia que ele começava a se afastar, ainda que muito lentamente. Michael era homem e tinha as suas necessidades, os seus desejos. Assim como ela tinha os seus.

Depois disso, como se por obra do destino, Martha visitara o perfil da irmã no Facebook e lá encontrara o seguinte aforismo, postado na foto de uma praia com ondas revoltas arrebatando na areia: “Não me arrependo de nada que fiz. Arrependo-me, sim, das coisas que deixei de fazer quando tive oportunidade.”

A mensagem não tinha um destinatário explícito, mas Martha não precisara de ajuda para vestir a carapuça. Dera-se conta de que estava certa desde o início: relações on-line não eram reais. Eram mais fáceis no início, ficavam intensas depois. Podiam trazer alegrias, podiam trazer tristezas. Mas não passavam de uma realidade falsa e não era possível viver na falsidade por muito tempo. No fim das contas, aquilo não passava de uma encenação.

Tão pouco a perder e tanto a ganhar...

Pois bem, lá estava ela agora vendo o motorista que se aproximava. Sentia-se ao mesmo tempo apavorada e empolgadíssima. Também havia outro maldito aforismo na página de Sandi, algo sobre correr riscos e fazer diariamente pelo menos uma coisa que nos metia medo. Se porventura fosse esse o sentido da vida, Martha tinha conseguido a façanha de não ter vivido até então nem por um mísero segundo.

Mas agora não. Nunca sentira tanto pavor assim. Nunca se sentira tão viva.

Sandi puxou-a para um abraço e ela retribuiu.

– Eu te amo muito, sabia? – disse Sandi.

– Eu também te amo muito.

– Quero que você se divirta até não poder mais, está me ouvindo?

Martha assentiu, prestes a chorar. O motorista bateu à porta e ela a abriu. O homem se apresentou como Miles e pegou sua mala.

– Me acompanhe, senhorita.

Martha seguiu com ele para o carro e Sandi foi atrás. O motorista guardou a mala, depois abriu a porta traseira para que ela entrasse. Sandi deu um último abraço na irmã.

– Me ligue se precisar.

– Pode deixar, ligo, sim.

– Se achar que não está legal, se quiser voltar para casa...

– Eu ligo. Prometo.

– Não. Você não vai ligar porque não vai precisar. Porque vai estar se acabando de tanto divertir. – Com os olhos marejados, Sandi acrescentou: – Você merece isso. Merece ser feliz.

Martha fez o que pôde para represar as lágrimas.

– A gente se vê daqui a dois dias.

Ela entrou no carro. O motorista fechou a porta, acomodou-se ao volante, e lá se foi Martha para sua nova vida.

capítulo 27

O CARRO DE CHAZ ERA uma Ferrari 458 Italia, de um amarelo que ele insistia em chamar de Fly Yellow.

– Confesso que não estou nem um pouco surpresa – disse Kat.

– Este é a minha “Isca de Sereias” – disse Chaz, e entregou as chaves da Ferrari num chaveiro de Super-Homem.

– “Mecanismo de Compensação” talvez fosse um nome melhor.

– Hein?

– Deixe pra lá.

Dali a três horas, quando a voz feminina do GPS disse “Você chegou a seu destino”, Kat não teve dúvida de que havia algum equívoco; não era possível que fosse ali.

Ela novamente verificou o endereço, que estava correto: Trumbull Road, 909, Northampton, Massachusetts. De acordo com o site que Chaz lhe havia mostrado e com a versão eletrônica das Páginas Amarelas que ela consultara, ali era mesmo a sede da Parsons, Chuback, Mitnick e Bushwell Investimentos e Fundos.

Kat estacionou o carro entre um Subway e um salão de beleza chamado Pam’s Kickin’ Kuts. Havia imaginado que a tal corretora tivesse mais ou menos o mesmo aspecto da Lock-Horne Seguros e Investimentos, de Manhattan, ainda que numa versão “cidade pequena”, mas o que se via naquele endereço era um sobrado que mais lembrava uma hospedaria vitoriana já cansada de guerra, com uma típica porta cor de salmão e a fachada escondida sob os tentáculos de uma hera ressecada.

Na varanda, uma senhora oscilava tranquilamente na sua cadeira de balanço, o vestido deixando à mostra a parte inferior das pernas, varizes tão grandes quanto mangueiras de jardim.

– Boa noite, em que posso ajudar?

– Gostaria de falar com o Sr. Chuback.

– Faz catorze anos que ele morreu.

Kat não soube ao certo o que fazer.

– Asghar Chuback?

– Ah, sim, o Chewie. Você disse “Sr. Chuback” e eu fui logo pensando no pai dele, sabe como é. Para mim, ele é só o meu Chewie. – Ela precisou balançar a cadeira com mais vigor para obter o impulso de que precisava para se levantar. – Venha comigo.

Kat se arrependeu de não ter ido com Chaz quando entrou na casa com a velha senhora e a acompanhou até a porta do porão. Não chegou a sacar sua arma, mas sabia muito bem onde estava e, como de hábito, repassou mentalmente o que faria caso precisasse pegá-la numa emergência.

– Chewie?

– Oi, mãe. Estou meio ocupado aqui.

– Tem uma pessoa querendo falar com você.

– Quem?

A senhora olhou para Kat, que tomou a iniciativa de responder por ela:

– Detetive Donovan, Polícia de Nova York.

Um homem que mais parecia uma montanha lentamente se arrastou até o pé da escada que descia para o porão. Tinha um rosto enorme, suado. Os cabelos ralos se prendiam num minúsculo rabo de cavalo. Estava usando uma bermuda cargo e uma camiseta, onde se lia:

CAMPEÃO NACIONAL DE TWERK.

– Ah, ok, pode descer.

Antes que Kat desse o primeiro passo, a senhora ofereceu:

– Aceita uma Fanta?

– Não, muito obrigada.

Kat desceu ao encontro do homem, que secou a manzorra na camiseta antes de cumprimentá-la.

– Pode me chamar de Chewie.

Tinha entre 30 e 35 anos, além de uma pança saliente que se equilibrava sobre os dois pilares de mármore que eram as pernas muito brancas e muito grossas. Havia um aparelho de Bluetooth enfiado em sua orelha. O porão tinha paredes forradas de madeira, quadros de palhaços e armários de arquivo relativamente altos. No lugar de um móvel comum de escritório, três mesas de cavalete formavam um U para abrigar uma estonteante variedade de computadores e monitores. Duas enormes poltronas de couro tinham sido colocadas sobre dois pedestais brancos, os braços cobertos de botões e luzinhas multicoloridas.

– Você é Asghar Chuback, certo? – perguntou Kat.

– Prefiro que me chamem de Chewie.

– Sócio da Parsons, Chuback, Mitnick e Bushwell?

– Eu mesmo.

Kat correu os olhos à sua volta.

– E onde estão Parsons, Mitnick e Bushwell?

– São três caras com quem eu jogava basquete no colégio. Usei o sobrenome deles na razão social da firma, só isso. Chique pra caramba, não acha?

– Quer dizer então que a corretora se resume a...

– A mim e mais ninguém. Opa, espere só um segundo. – Ele deu um tapinha no Bluetooth. – Pode falar, Toby. Sei. Sei. Sei. Não, eu não venderia ainda. Já deu uma olhada nas

commodities na Finlândia? Vai por mim, segure um pouco. Agora preciso desligar. Estou com outro cliente. Depois ligo de volta.

Deu outro tapinha no Bluetooth para encerrar a ligação.

– Então – prosseguiu Kat –, sua mãe era a secretária que falou com meu parceiro mais cedo?

– Não. Foi comigo mesmo que ele falou. Tenho um modulador de voz acoplado ao telefone. Também posso ser o Parsons, o Mitnick ou o Bushwell caso o cliente queria ter uma segunda opinião.

– Isso não constitui fraude?

– Suponho que não, mas quer saber a verdade? Gero tanto dinheiro para os meus clientes que eles não estão nem aí para nada. – Chewie tirou os joysticks e os consoles de videogame que atulhavam as poltronas. – Pode se sentar.

Kat se acomodou na poltrona.

– Por que será que estas cadeiras me parecem tão familiares? – perguntou.

– São as cadeiras do capitão Kirk. Réplicas, infelizmente. Não consegui comprar a original. Gostou? Para falar a verdade, nem sou muito fã de *Star Trek*. *Battlestar Galactica* é muito mais a minha praia. Mas elas são superconfortáveis, não são?

Kat ignorou a pergunta.

– Recentemente você emitiu um Alerta de Atividade Suspeita com relação a uma conta numerada na Suíça, correto?

– Correto, mas o que você tem a ver com isso?

– O que eu tenho a ver com isso?

– Você é da Polícia de Nova York, não é? Os alertas vão para a FinCEN, que é da jurisdição do Tesouro Nacional, não da polícia civil.

Kat pousou as mãos nos braços de sua poltrona, tomando cuidado para não apertar nenhum dos botões.

– Essa conta numerada apareceu num caso que estou investigando.

– De que maneira?

– Infelizmente, não posso dizer.

– Pena. – Chuback se levantou e desceu do pedestal. – Vou acompanhá-la até a porta.

– Ainda não terminamos nossa conversa, Sr. Chuback.

– Chewie – corrigiu ele. – E não temos mais nada para conversar.

– Posso denunciar toda esta operação aqui.

– Vá em frente. Sou um consultor financeiro devidamente licenciado e trabalho em conjunto com um banco devidamente assegurado pela FDIC. Posso dar o nome que quiser à minha empresa. Emiti um AAS porque sou um cidadão correto e estava preocupado, mas não estou disposto a trair assim, sem nenhum motivo concreto, a confidencialidade que devo a meus clientes nas operações que eles têm comigo.

– Você disse que estava preocupado. Preocupado com o quê?

– Sinto muito, detetive Donovan, mas preciso saber exatamente o que a trouxe aqui. Caso contrário, vou ser obrigado a dar esta conversa por encerrada.

Kat pensou o que poderia fazer naquelas circunstâncias, mas a montanha à sua frente não estava lhe dando muitas opções.

– Estou investigando um caso em que alguém depositou uma quantia alta de dinheiro numa conta numerada na Suíça.

– A mesma que eu denunciei? – perguntou Chuback.

– Sim.

Ele voltou a sentar e começou a tamborilar sobre as luzinhas do capitão Kirk.

– Humm.

– Olhe, como você mesmo observou, não sou do Tesouro Nacional. Se o seu cliente estiver lavando dinheiro ou sonegando impostos, eu não tenho nada com isso.

– O que exatamente você está investigando?

Kat resolveu abrir o jogo. Talvez ele dissesse alguma coisa, movido pelo susto.

– Uma mulher desaparecida.

Chuback ficou boquiaberto.

– Sêrio?

– Sêrio.

– E você acha que meu cliente pode estar envolvido?

– Para ser sincera, ainda não tenho nenhuma pista, e é isso que estou procurando. Não estou interessada em crimes financeiros, mas, se você estiver encobrindo um cliente que talvez tenha envolvimento com um sequestro...

– Sequestro?

– Ou rapto, não sabemos ainda.

– Não, não. Não estou encobrindo ninguém. Mas é sério tudo isso?

Kat se inclinou na direção dele.

– Por favor, Sr. Chuback, conte tudo que sabe.

– Essa história toda... Nada faz sentido. – Ele apontou para o teto. – Tenho câmeras de segurança espalhadas por toda parte neste porão. Elas estão gravando tudo que a gente diz. Mesmo sabendo que seu poder é limitado, quero que você dê sua palavra no sentido de que vai tentar ajudar meu cliente em vez de logo meter um processo nas costas dele.

Nas costas *dele*. Pelo menos isto ela já sabia: tratava-se de um homem. Kat não se deu o trabalho de argumentar, pois sabia que aquelas gravações não teriam o menor valor num tribunal.

– Tudo bem, dou minha palavra.

– O nome do meu cliente é Gerard Remington.

Kat vasculhou a memória, mas o nome não significava nada para ela.

– Quem é ele?

– Um químico da indústria farmacêutica.

Nada ainda.

– O que aconteceu exatamente?

– Gerard me instruiu a transferir o saldo de sua conta comigo para a tal conta numerada na Suíça. O que, aliás, não é ilegal.

– Então por que você fez o AAS?

– Porque achei a história realmente suspeita. Veja bem, Gerard não é apenas um cliente: é meu primo. A mãe dele e a minha, essa que abriu a porta para você, são irmãs. A dele já morreu há muito tempo, então a gente é mais ou menos a família que restou para ele. Gerard é meio... meio *borderline*, como dizem por aí. Se fosse mais novo, alguém poderia vê-lo como um caso de autismo, de síndrome de Asperger ou qualquer coisa parecida com isso. Em muitos aspectos, é um gênio, é um puta cientista, mas também é socialmente inepto. – Chuback abriu os braços e sorriu. – Eu sei, eu sei. Deve ser estranho ouvir um adulto que mora com a mãe e tem cadeiras do capitão Kirk chamar o outro de “socialmente inepto”.

– Então, o que aconteceu?

– Gerard ligou e pediu que eu transferisse o dinheiro para a Suíça.

– Não deu nenhuma explicação?

– Não.

– O que ele disse exatamente?

– Que o dinheiro era dele, que não precisava explicar porra nenhuma. Eu o pressionei mais um pouco, daí ele falou que queria começar uma vida nova.

Kat sentiu um arrepio.

– Na sua opinião, o que isso quer dizer?

Chuback coçou o queixo.

– Achei bizarro. Mas, quando o assunto é o dinheiro dos outros, bizarrice é quase a norma. Além disso, tenho uma responsabilidade fiduciária com relação a ele. Se ele exige confidencialidade, sou obrigado a respeitar.

– Mas você ficou com a pulga atrás da orelha.

– É, fiquei. Achei que aquilo não era típico do meu primo. Mas não havia nada que eu pudesse fazer.

– Mas, claro, você também tem uma responsabilidade fiduciária com a lei.

– Exatamente.

– Por isso emitiu o AAS, meio que esperando que alguém fosse investigar.

Chuback deu de ombros, mas Kat logo viu que havia acertado na mosca.

– E cá está você – disse ele.

– Mas então, onde está seu primo agora?

– Não sei. Em algum lugar fora do país.

Kat sentiu mais uma onda de calafrios. Fora do país. Assim como Dana Phelps.

– Está sozinho?

Chuback balançou a cabeça e se virou para apertar algo em seu teclado. Todos os

monitores se acenderam com uma foto que Kat julgou ser o protetor de tela do corretor: uma mulher cheia de curvas que parecia ter saído diretamente dos sonhos pornográficos de um adolescente de 15 anos – em outras palavras, o tipo de imagem evocativa que vemos quase todas as vezes que entramos na internet. Apenas com o sorriso, ela sussurrava um irrecusável “venha cá”. Os lábios eram cheios, e os peitos, fartos o bastante para justificar uma apólice de seguro.

Kat esperou que Chuback apertasse uma segunda tecla para fazer sumir a periguetete protetora de telas. Mas não foi o que aconteceu. Kat olhou para o corretor e ele assentiu.

– Você está dizendo que seu primo foi embora com essa aí?

– Foi o que ele disse para minha mãe.

– Você está brincando, não está?

– É isso que eu estava dizendo antes. Gerard é um bom sujeito e tal, mas daí a pegar um avião desses? Muita areia para ele. Mas sabe o que é? Meu primo às vezes pode ser a pessoa mais ingênua do mundo. Por isso fiquei preocupado.

– Preocupado como?

– Primeiro pensei que ele pudesse estar sendo vítima de um golpe. Volta e meia a gente lê sobre esses caras que conhecem uma mulher na internet, depois são convencidos por ela a contrabandear drogas para América do Sul ou a fazer qualquer outra bobagem semelhante. Gerard seria o alvo perfeito para um golpe desses.

– Mas agora você não acha mais isso?

– Nem sei direito o que pensar – respondeu Chuback. – Mas, quando ele fez a transferência, falou que estava superapaixonado, que queria começar uma vida nova com essa mulher.

– E isso não lhe parece um golpe também?

– Claro que sim, mas o que eu podia fazer?

– Ligar para a polícia, por exemplo.

– E falar o quê? Que um cliente esquisitão queria que eu transferisse o dinheiro dele para uma conta na Suíça? Não ia dar em nada, claro. Além do mais, tem a questão da confidencialidade.

– Ele obrigou você a guardar segredo.

– Exatamente. E, neste meu ramo, confidencialidade é tão importante quanto no confessionário de uma igreja.

– Então você não fez nada.

– Fiz: emiti o AAS. E agora você está aqui.

– Você sabe qual é o nome dessa mulher?

– Vanessa Alguma-Coisa.

– Onde mora o seu primo?

– A uns dez minutos daqui.

– Você tem as chaves da casa dele?

- Minha mãe tem.
- Então vamos lá.

Chuback destrancou a porta e entrou. Kat o seguiu, atenta a tudo a seu redor. A casa de Gerard Remington era absurdamente limpa e organizada. Estava mais para uma vitrine do que para o habitat de um ser humano.

- O que você está procurando? – perguntou Chuback.

Houve um tempo em que os policiais começavam pelas gavetas e armários. Atualmente, as coisas eram bem mais simples.

- O computador dele.

Eles vasculharam a escrivaninha. Nada. Vasculharam o quarto. Mais do mesmo nada. O computador não estava na mesinha de cabeceira nem debaixo da cama.

- Ele só tem um laptop – informou Chuback. – É bem provável que tenha levado.

Merda.

Kat voltou então para os velhos tempos, isto é, começou a abrir gavetas e armários. Meticulosamente arrumados. As meias perfeitamente enroladas se agrupavam em quatro fileiras de quatro pares. Todas as camisetas se achavam dobradas nas mesmas dimensões. Pela casa, não havia nenhum papel solto, nenhuma moeda esquecida, nenhuma caixa de fósforo, nenhum clipe, nenhuma caneta fora do lugar – rigorosamente nada.

- O que você acha que está acontecendo? – perguntou Chuback.

Kat não queria especular. Não havia qualquer evidência real de que um crime fora cometido, a não ser por algum deslize financeiro, uma transferência de fundos para o exterior. Havia coisas estranhas, claro, e atividades inicialmente suspeitas, mas o que ela poderia fazer?

No entanto, Kat tinha alguns contatos no FBI. Caso descobrisse mais alguma coisa, talvez pudesse acioná-los e convencê-los a fazer uma investigação mais séria. Mas, de novo, o que eles poderiam encontrar?

De repente, lhe ocorreu uma coisa.

- Sr. Chuback?

- Me chame de Chewie.

- Tudo bem. Chewie. Você poderia me mandar por e-mail aquela foto da Vanessa?

Com uma piscadela irônica, ele disse:

- Você também curte, é?

- Vou fingir que não ouvi.

– É, foi mal. Mas, poxa, o cara é meu primo – falou ele, como se isso bastasse para redimi-lo. – Também estou preocupado com tudo isso.

- Mande a foto, não se esqueça.

Havia apenas um porta-retrato sobre a mesa de Gerard. Uma foto em preto e branco tirada no inverno. Kat ergueu-a para examiná-la de perto.

Às costas dela, Chuback comentou:

– O menino é o Gerard e este aí é o pai dele. Morreu quando Gerard tinha 8 anos. Acho que eles gostavam de pescar no gelo, sei lá.

Ambos vestiam parcas e chapéus forrados de pele, os pés enterrados na neve. Gerard mostrava seu peixe recém-pescado, um luminoso sorriso estampado no rosto.

– Quer saber de uma parada estranha? – perguntou Chuback. – Acho que nunca vi meu primo sorrindo assim.

Kat colocou a fotografia de volta na escrivaninha e, mais uma vez, vasculhou as gavetas. A inferior continha arquivos; como era de se esperar, todas as pastas estavam meticulosamente rotuladas com uma caligrafia que poderia fazer as vezes de uma fonte de computador. Numa delas, estavam os extratos do cartão Visa de Gerard. Kat examinou o mais recente.

– Está procurando alguma coisa em especial? – perguntou Chuback.

Correndo os olhos pela lista de débitos, Kat viu que o mais volumoso deles era um de 1.458 dólares em nome da JetBlue Airways. Evidentemente, o extrato não dava informações como o destino da viagem ou a data da partida, mas tudo isso poderia ser levantado depois com facilidade. Ela tirou uma foto do extrato e a encaminhou para Chaz, pedindo que ele investigasse. Como não havia primeira classe nos voos da JetBlue, o mais provável era que o débito fosse para duas passagens de ida e volta.

Para Gerard e sua peituda Vanessa?

Os demais débitos pareciam normais: conta da TV a cabo, conta do celular – talvez ela precisasse disso depois –, conta de luz, gás, etc. Ela já ia devolver o extrato à pasta quando notou um último débito em nome de TMFV Serviços.

Em tese, não havia nada de errado com aquilo e o mais provável era que ela nem tivesse notado aquele débito não fosse pelo valor: 5,74 dólares.

Não era difícil ligar os pontos. Bastava inverter a ordem das letras. De TMFV para VFMT. Quanta engenhosidade. Quanta discrição.

Assim como Dana Phelps, Jeff Raynes e ela própria, tudo indicava que Gerard Remington era um usuário do Você Faz Meu Tipo.

Novamente a bordo da Ferrari amarela de seu parceiro, Kat ligou para Brandon Phelps.

– Oi – atendeu ele, mas sem grande entusiasmo.

– Como você está, Brandon?

– Bem.

– Preciso de um favor seu.

– Onde você está?

– Voltando de Massachusetts.

– Rolou alguma coisa por lá?

– Depois eu conto. Mas agora vou mandar para você a foto de uma mulher... digamos, robusta.

– Hein?

– Ela está de biquíni, você vai ver. Lembra daquela busca de imagens que você fez com as fotos do Jeff?

– Lembro.

– Preciso que você faça a mesma coisa com a foto dessa mulher. Preciso de um nome, um endereço... qualquer coisa que você conseguir descobrir.

– Tudo bem – disse ele lentamente. – Mas isso não tem nada a ver com a minha mãe, tem?

– Pode ser que sim.

– Como?

– É uma longa história.

– Porque, se você ainda estiver procurando pela minha mãe, acho que já pode parar.

– Por quê? – perguntou ela, surpresa.

– Ela ligou.

– Sua mãe?

– Sim.

Kat parou a Ferrari no acostamento.

– Quando?

– Mais ou menos uma hora atrás.

– O que ela falou?

– Que só agora tinha conseguido acessar o e-mail e que finalmente tinha visto todas as minhas mensagens. Falou que era para eu parar de me preocupar, que ela estava superfeliz. Estava até pensando em ficar mais alguns dias.

– O que você disse?

– Perguntei sobre a transferência do dinheiro.

– E ela?

– Ficou meio brava. Falou que era coisa dela, que eu não devia ficar metendo o nariz.

– Você contou que tinha procurado a polícia?

– Conteí sobre o detetive Schwartz. Acho até que ela ligou para ele depois. Mas não conteí sobre você.

Kat ficou pensativa.

– Kat?

– Oi.

– Mamãe disse que tinha uma grande surpresa para mim quando chegasse em casa. Você faz alguma ideia do que pode ser?

– Acho que sim.

– Tem alguma coisa a ver com o seu ex-namorado?

– Pode ser.

– Ela pediu que eu ficasse na minha. Isso que ela fez com o dinheiro, sei lá, acho que pode

ser alguma coisa ilegal e, se eu ficar perguntando por aí, de repente posso colocá-la numa roubada qualquer.

Kat ficou ao volante da Ferrari parada, pensando no que fazer. As evidências de um possível crime já eram escassas antes, mas, agora que Dana Phelps tinha ligado para o filho e, provavelmente, para Joe Schwartz, não havia nada além de uma bizarra paranoia por parte de uma investigadora da Polícia de Nova York que fora obrigada pelo chefe a sair de licença porque... bem, porque tinha jogado no ventilador mais uma paranoia bizarra, ligada ao próprio pai.

– Kat, você está aí?

– Você vai fazer essa busca de imagem que eu pedi, Brandon? Por enquanto é só isso que estou pedindo. Faça essa busca para mim, por favor.

Após um instante de hesitação, Brandon respondeu:

– Pode deixar. Eu faço.

Uma segunda ligação obrigou Kat a se despedir rapidamente para atender.

– Onde você está? – indagou Stacy.

– Em Massachusetts, mas já estou voltando para casa. Por quê?

– Encontrei Jeff Raynes.

capítulo 28

ESPICHADO NA GRAMA, com os dedos entrelaçados sob a nuca, Titus observava as estrelas daquela noite perfeita. Antes de se mudar para a fazenda, quase achava que estrelas e constelações eram invencionices da literatura infantil, mas agora se perguntava se realmente não havia estrelas na cidade grande ou se ele é que nunca se dera ao trabalho de olhar para o alto. Tinha imprimido o mapa celeste que encontrara na internet e, no início, o trazia consigo sempre que saía para admirar a noite, mas agora não precisava mais dele.

Dana Phelps estava de volta à sua cova.

Era mais valente que a maioria, mas, no fim das contas, quando as mentiras, as ameaças e os jogos mentais já não surtiam mais o efeito desejado, bastava erguer a foto de um filho para que a mãe ou o pai se emendasse na mesma hora.

Dana havia feito a ligação. Cedo ou tarde, todos faziam. Certa vez, um homem tinha tentado alertar seu interlocutor. Titus imediatamente desligara o telefone. Cogitara matá-lo ali mesmo, mas, em vez disso, preferira deixar que Reynaldo dobrasse o sujeito com a serra de poda que os amish tinham esquecido no celeiro. A lâmina já estava cega havia muito tempo, mas, para Reynaldo, isso apenas tornava as coisas ainda mais divertidas. Três dias depois, ele aparecera de novo com o homem, que caíra de joelhos diante de Titus, implorando para cooperar. Teria entrelaçado as mãos num gesto de prece se ainda tivesse dedos.

Titus ouviu passos, mas manteve os olhos voltados para as estrelas até Reynaldo surgir no seu campo de visão.

– Tudo certo com a recém-chegada? – foi logo perguntando.

– Tudo. Já está na caixa.

– Laptop na bagagem?

– Não.

Não chegava a ser uma surpresa. Martha Paquet havia sido mais reticente que as demais. A isca não fora uma praia deserta em um paraíso tropical, mas algo um pouco mais fácil de digerir: duas noites numa pousadinha em Ephrata, Pensilvânia. De início, eles tinham pensado que a mulher não morderia nem mesmo essa segunda isca, mas, por fim, ela cedera.

Seria bem mais fácil caso ela tivesse levado seu laptop. Se a tal Martha fosse como a maioria das pessoas, teria todas as suas informações pessoais gravadas no computador e bastaria uma rápida examinada na máquina para que Dmitry encontrasse dados bancários e senhas. Talvez ele pudesse encontrar algo no celular, mas era arriscado deixar o aparelho

ligado por muito tempo: apesar de improvável, sempre era possível rastrear um telefone ligado, por isso Titus não só confiscava os aparelhos como também retirava a bateria deles.

A outra dificuldade que enfrentavam era que havia menos tempo para trabalhar com Martha. A mulher não tinha outros parentes além da irmã que a encorajara a dar aquele passo arriscado. Mesmo que fosse possível convencê-la de que Martha havia decidido ficar mais uns dias, o tempo continuava curto.

Havia casos em que Titus optava por deixar os recém-chegados trancafiados debaixo da terra por muitas horas ou até mesmo dias. Era o que bastava para amaciá-los. Outras vezes, achava melhor pular essa etapa e ir direto ao ponto, tirando partido do efeito do choque. Ainda precisava fazer mais experiências para saber qual dos dois caminhos era o mais eficaz. De qualquer modo, Martha Paquet tinha deixado sua casa oito horas antes, acreditando piamente que estava indo ao encontro do grande amor de sua vida, e desde então fora aprisionada num carro, agredida nas vezes em que esboçara alguma reação, despida e enterrada numa cova escura.

A desesperança era muito mais produtiva quando procedia da esperança. Não havia mistério: para espatifar um objeto no chão, antes era preciso erguê-lo bem alto. Ou, em outras palavras, era preciso haver esperança para que fosse possível extingui-la.

Titus se levantou num ímpeto.

– Vá buscá-la – ordenou, e foi caminhando de volta para casa.

Dmitry esperava por ele. Sabia tudo de computadores, mas essa especialidade tinha uma importância apenas relativa naquele ramo de trabalho. Cabia a Titus o principal, isto é, extorquir o número da conta bancária, a senha, o e-mail, etc. Com isso em mãos, bastava inserir os dados nos campos certos.

Aquela altura, Reynaldo já estaria tirando Martha do silo em que a prendera. Depois disso, mandaria a mulher se lavar com a mangueira e lhe entregaria um macacão para vestir. Calculando que ainda tinha uns dez minutos pela frente, Titus foi para a cozinha, colocou uma chaleira de água sobre o fogo e tirou do armário um pacote dos biscoitos de arroz que adorava comer com manteiga de amêndoas.

Eram muitas as maneiras de sangrar uma vítima. Na maioria das vezes, o preferível era fazer a coisa paulatinamente de modo que ninguém viesse – dando continuidade à metáfora – aplicar um torniquete cedo demais. Nos primeiros dias, ele obrigava a pessoa a transferir quantias de mais ou menos 10 mil dólares para as diferentes contas que havia aberto no exterior. Em seguida, tão logo via o dinheiro entrar, mandava-o para outra conta, depois para outra, depois para outra, até tornar praticamente impossível o rastreamento de suas operações.

Assim como nos velhos tempos em que abordava as moças que chegavam de ônibus na cidade, Titus sabia que a paciência era a alma do negócio. Era preciso esperar, abrir mão desse ou daquele alvo até encontrar o ideal. Antes, uma semana boa era aquela em que duas moças eram fisdas na rodoviária. Mas agora as possibilidades ficavam quase ilimitadas com a internet. Ele podia caçar simultaneamente em diferentes sites de relacionamento. Muitas

candidatas em potencial eram descartadas logo de início, mas isso não constituía nenhum problema, pois havia milhares de outras por aí. Era preciso dar tempo ao tempo. Era preciso se certificar de que a candidata não tinha muitos parentes que pudessem dar pela falta dela mais tarde, de que possuía dinheiro suficiente para justificar toda a operação.

Às vezes o alvo mordida a isca. Às vezes, não. *C'est la vie*.

O caso de Martha era exemplar. Fazia pouco que ela recebera uma herança da mãe. Havia apenas uma irmã para contar a respeito de Michael Craig. O encontro fora marcado para o fim de semana; portanto, nem havia motivo para que ela contasse algo aos chefes na NRG. Isso teria de mudar, claro, mas, assim que Titus arrancasse dela a senha do e-mail, bastaria fabricar uma mensagem, avisando à empresa que ela decidira tirar uns dias de folga. O caso de Gerard Remington era ainda mais fácil. Ele havia tirado dez dias de suas férias desde muito vencidas para fazer uma pequena lua de mel com Vanessa. Tudo fora feito dentro dos conformes no laboratório para o qual ele trabalhava. Gerard era um solteirão praticamente sozinho no mundo. A transferência de suas economias tinha sido fácil de explicar; o consultor financeiro fizera um milhão de perguntas, mas não havia nada de concreto a objetar.

Assim que eram depenadas, as vítimas de Titus não tinham mais qualquer serventia. Eram a casca da laranja chupada. Naturalmente, não podiam ser libertadas. Isso seria arriscado demais. A solução mais limpa e segura? Eliminá-las para sempre. Como?

Metendo uma bala na cabeça delas, enterrando-as no mato.

Vítimas poupadas eram uma fonte riquíssima de pistas para a polícia. Cadáveres também deixavam pistas, porém menos. Mas não havia nada a investigar quando uma pessoa sumia do mapa, supostamente com vida, apenas buscando um pouco de diversão, um recomeço qualquer. Sobretudo quando a polícia já tinha tantos problemas e casos ainda por solucionar.

Após um tempo, talvez semanas ou meses, até era possível que parentes ou amigos ficassem com a pulga atrás da orelha e procurassem a polícia. No entanto, os “desaparecidos” eram adultos, donos do próprio nariz, e tinham todo o direito de buscar a mudança de vida que bem entendessem.

Não havia nenhum sinal de golpe ou crime. Os adultos em questão tinham fornecido explicações bastante razoáveis para seu suposto sumiço. Não havia nada de errado no fato de que uma pessoa, antes triste da vida, se apaixonasse de repente e resolvesse cair no mundo para ir atrás da felicidade.

Quem nunca acalentou esse sonho pelo menos uma vez na vida?

Na hipótese improvável de que algum policial mais obstinado decidisse cavar mais fundo, o que haveria para ser descoberto? Semanas já teriam passado. Nenhuma pista jamais levaria a uma fazenda no interior da Pensilvânia, uma propriedade ainda registrada em nome de Mark Kadison, agricultor amish que havia recebido dinheiro vivo na venda de suas terras.

Parado à porta, Titus avistou à sua esquerda uma movimentação no escuro e, como previra, Martha Paquet despontou na varanda segundos depois.

Titus era um homem precavido. Mantinha uma equipe enxuta e muito bem-remunerada. Não

cometia erros. E, quando alguém os cometia por ele – como o imbecil do motorista que, por ganância, havia resolvido parar num caixa eletrônico –, o mal era logo cortado pela raiz. Uma medida dura, talvez, mas as regras eram detalhadamente explicadas desde o primeiro dia de cada funcionário contratado.

Martha deu mais um passo adiante. Com um sorriso simpático, Titus sinalizou para que ela o seguisse casa adentro. Abraçando a si mesma, tremendo de frio e de medo, ela obedeceu. Os cabelos estavam molhados. Os olhos traziam aquela mesma expressão que Titus já tinha visto um milhão de vezes antes: eram duas pedras negras e rachadas.

Dmitry trabalhava no computador; como de hábito, vestia uma bata africana e uma boina de tricô. Titus se acomodou na maior das poltronas e, assim que viu Martha à sua frente, apresentou-se com a mais absoluta cordialidade:

– Meu nome é Titus. Por favor, sente-se.

Martha obedeceu. Era nesse ponto que a maioria das vítimas desandava a fazer perguntas. Alguns, como Gerard, agarravam-se à certeza de que seu grande amor recém-encontrado na internet ainda andava à solta por aí. Titus podia tirar proveito disso, claro. Gerard havia se recusado a cooperar até que Titus ameaçara ir atrás de Vanessa também. Os mais espertos, no entanto, compreendiam rapidamente o que estava acontecendo.

Esse parecia ser o caso de Martha Paquet.

– Tudo pronto? – perguntou Titus a Dmitry.

O nerd assentiu e reajustou no nariz os óculos escuros.

– Temos algumas perguntas para lhe fazer, Martha – prosseguiu Titus. – E você vai respondê-las.

Uma lágrima solitária escorreu pelo rosto dela.

– Sabemos qual é o seu e-mail. Você se correspondeu com Michael Craig o suficiente. Agora queremos saber qual é a senha da sua conta.

Martha não disse nada.

Titus não se alterou: não era necessário gritar.

– Você vai nos contar, Martha. É só uma questão de tempo. Algumas pessoas precisam passar algumas horas, dias ou até mesmo semanas naquela cova escura que você já conhece. Com outras, fazemos diferente: ligamos o gás do fogão e seguramos a cabeça perto até elas começarem a sufocar. Não gosto desse segundo método. Se deixamos muitas cicatrizes na pessoa, depois somos obrigados a nos livrar dela, entende?

Martha permaneceu muda.

Titus se levantou e caminhou na direção da refém.

– A maioria das pessoas... e antes que você pergunte: sim, já fizemos isso com muita gente além de você... a maioria das pessoas logo percebe o que está rolando. Vamos roubar você, Martha. Se colaborar, você vai voltar para casa um pouco mais pobre, mas em perfeito estado de saúde. Vai continuar tocando sua vida como se nada tivesse acontecido.

Titus se empoleirou no braço da cadeira em que Martha estava sentada e ela estremeceu de

pavor.

– Aliás – prosseguiu Titus –, três meses antes, fizemos a mesma coisa com uma pessoa que você conhece. Não vou dizer o nome dela por uma questão de profissionalismo. Mas, se você botar a cabeça para funcionar, vai descobrir por conta própria. Ela contou para todo mundo que tinha passado o fim de semana fora, numa viagem, mas, na realidade, estava aqui. Entregou rapidinho todas as informações que a gente pediu, depois voltou para casa.

O truque funcionava quase sempre. Titus tentou não sorrir ao perceber que Martha raciocinava, tentando descobrir quem poderia ser. Tratava-se de um blefe, claro. Ninguém jamais saía com vida daquela fazenda. A ideia era instilar na mulher um pouco de esperança, como de praxe.

– Martha? – Titus pousou a mão no antebraço da sua presa, assustando-a, por pouco não arrancando dela um grito. – Qual é a senha do seu e-mail? – perguntou, com um sorriso.

Dessa vez, Martha respondeu.

capítulo 29

JÁ QUE ERA PRECISO devolver a Isca de Sereias a seu proprietário, Kat e Stacy decidiram se encontrar no lobby do Edifício Lock-Horne. Stacy estava usando uma blusa de gola rulê preta, jeans bem justo e botas de caubói. Os cabelos caíam soltos em ondas esculpidas com musse, mas tão naturalmente que ela parecia ter acabado de sair da cama, balançado a cabeça e, *voilà*, tudo em seu devido lugar.

Se Kat não gostasse tanto de Stacy, teria ódio dela.

Faltava pouco para a meia-noite. Duas mulheres, uma miúda e linda, a outra enorme e extravagantemente vestida, saíram de um dos elevadores. A única pessoa no lobby era o segurança.

– Onde a gente vai conversar? – perguntou Kat.

– Venha comigo.

Stacy mostrou sua identidade ao segurança, que apontou para o elevador à esquerda. O interior era forrado de veludo e dispunha de um banco estofado. Nenhum botão para ser apertado. Nenhuma numeração de andares. Kat virou-se para a amiga com um olhar interrogativo; Stacy não fez mais do que dar de ombros.

O elevador parou – Kat não fazia ideia do andar – e elas saíram para um salão com muitas mesas perfiladas em total simetria. Dezenas delas, talvez centenas, cada qual com o seu computador. Kat deduziu que se tratava de um salão de corretagem. As luzes estavam apagadas, mas o brilho dos monitores ligados conferia ao lugar uma atmosfera sombria.

– O que a gente está fazendo aqui? – sussurrou Kat.

Stacy dobrou para um corredor.

– Não precisa falar baixo. Estamos sozinhas.

Elas pararam diante de um pequeno teclado que fazia as vezes de fechadura. Stacy digitou um código e a porta ao lado se abriu para o que parecia ser uma sala de escritório com uma extraordinária vista para a Park Avenue. Stacy acendeu a luz. O estilo da decoração era o colonial americano, com poltronas estofadas em couro vinho e capitonadas com botões dourados. O verde do carpete lembrava a relva de um bosque. Sobre os painéis de madeira escura das paredes, diversos quadros mostravam cenas de caça à raposa. A mesa, enorme, era de carvalho maciço. Ao lado dela, ficava um globo antigo.

– Parece que alguém está montado na grana – comentou Kat.

– Meu amigo, dono de tudo isto aqui.

Uma expressão tristonha perpassou o rosto de Stacy. Por um breve período, a mídia havia especulado sobre o CEO da Lock-Horne Seguros e Investimentos, mas, como sempre, o interesse se dissipara com a ausência de fatos novos.

– O que aconteceu com ele, afinal? – indagou Kat.

Espalmando as mãos, Stacy respondeu:

– Sei lá. Resolveu tirar seu time de campo, só isso.

– Crise nervosa?

Stacy abriu um sorriso irônico.

– Acho que não.

– Então o quê?

– Não sei. Antes, a empresa ocupava seis andares do prédio. Com o afastamento dele, e com todas as demissões, agora ocupa só quatro.

Kat percebeu que estava fazendo perguntas demais. Mesmo assim, foi em frente:

– Você gosta dele, não gosta?

– Gosto. Mas não era para ser.

– Por que não?

– Ele é bonito, rico, charmoso, romântico, ótimo de cama.

– Mas...?

– Mas é impenetrável.

– No entanto, você está aqui... – disse Kat.

– Depois que ele e eu... bem, depois que a gente *ficou*, ele colocou meu nome na lista.

– Que lista?

– É complicado. As mulheres que estão nessa lista têm acesso a determinados espaços do prédio. Caso precisem ficar sozinhas, qualquer coisa assim.

– Está brincando.

– Não, não estou.

– E quantas mulheres você calcula que estão nessa lista?

– Sei lá. Suponho que sejam muitas.

– Esse cara não bate bem.

Stacy balançou a cabeça.

– Lá vem você de novo.

– Eu o quê?

– Julgando as pessoas sem conhecê-las.

– Não faço isso.

– Faz, sim. Qual foi a primeira impressão que você teve de mim?

Loura burra, pensou Kat com seus botões.

– E você? – retrucou ela. – Qual foi a primeira impressão que teve de mim?

– Achei você uma pessoa simpática, inteligente.

– Pois acertou na mosca.

– Kat?

– Humm.

– Você está fazendo essas perguntas todas só para tirar o corpo fora.

– E, pelo mesmo motivo, você está respondendo.

– *Touché* – falou Stacy.

– Então, cadê o Jeff?

– Pelo que sei, está em Montauk.

Kat teve a impressão de que havia levado um chute no coração.

– Montauk, Long Island?

– Você conhece outra Montauk? – Pegando mais leve, Stacy acrescentou: – Acho que você está precisando de um drinque.

– Não se preocupe, estou bem – garantiu Kat, e procurou apagar as lembranças da cabeça.

A essa altura, Stacy já tinha se adiantado até o globo antigo para erguer metade dele, puxando uma alça. No interior, havia um decantador de cristal e algumas taças.

– Gosta de conhaque?

– Não muito.

– Ele só bebe o melhor.

– Sei lá, acho que não vou me sentir à vontade bebendo o conhaque caríssimo do cara.

Mais um sorriso triste despontou no rosto de Stacy. Ela realmente gostava do tal milionário.

– Ele ficaria chateado se soubesse que a gente esteve aqui e não tomou nem um golinho disto aqui.

– Já que é assim...

Stacy serviu as duas doses e Kat precisou abafar um gemido de êxtase ao sorver o primeiro gole da sua. Era um néctar dos deuses.

– E aí? – perguntou Stacy.

– Isto é o mais perto que já cheguei de um orgasmo em forma líquida.

Stacy riu. Até então, Kat nunca havia pensado em si mesma como uma pessoa materialista, ligada em luxos, mas, depois de ter provado um Macallan 25 anos e o conhaque que agora tinha nas mãos, começava a ter suas dúvidas, pelo menos no que se referia ao mundo das bebidas alcoólicas.

– Você realmente está bem? – perguntou Stacy.

– Estou, claro.

– Quando eu mencionei Montauk...

– A gente esteve lá uma vez – interrompeu Kat. – Não em Montauk, mas em Amagansett. Foi lindo, já passou, vamos mudar de assunto.

– Ótimo. Então vamos lá. Dezoito anos atrás, Jeff Raynes deixou Nova York e foi para Cincinnati. Sabemos que ele se meteu numa briga num bar chamado Longworth's.

– Lembro desse lugar. Ele me levou lá uma vez. Antes era um posto do Corpo de

Bombeiros.

– Uau, muito interessante.

– Por acaso isso foi uma ironia?

– Foi. Posso continuar agora?

– Por favor.

– Jeff foi preso, mas pagou fiança e foi embora. Nada de muito sério. Mas é aqui que a coisa começa a ficar cabeluda.

Kat tomou mais um gole do conhaque e sentiu o peito queimar com a bebida.

– Não há o menor sinal de Jeff Raynes depois dessa passagem pela delegacia. Seja lá o que fez o cara mudar de nome, só pode ter sido alguma coisa relacionada com a tal briga.

– Com quem ele brigou?

– Dois outros homens foram presos naquela noite. Amigos um do outro, eu suponho. Os dois cresceram em Anderson Township e também foram soltos depois de pagar fiança. Segundo o boletim de ocorrência, os três estavam bêbados. A briga começou quando um dos caras engrossou com a própria namorada. Sacudiu o braço dela, alguma coisa assim... O relatório não é muito claro quanto a isso. De qualquer modo, Jeff interveio, falando para o cara segurar a onda.

– Quanto cavalheirismo... – disse Kat.

– Agora é minha vez: por acaso isso foi uma ironia?

– Acho que sim. É, foi.

– Estava mais para azedume.

– Qual é a diferença?

– Ok, nenhuma. Então, Jeff quis proteger a moça. O namorado bêbado, que já tinha sido preso antes por confusões da mesma natureza, enfrentou o Jeff com o clássico “fica na sua”. Jeff, por sua vez, falou que ficaria na dele se o cara deixasse a moça em paz. A história de sempre, sabe como é.

Kat de fato sabia que, aplicado na hora errada, o cavalheirismo muitas vezes podia terminar em pancadaria. Daí a ironia, ou azedume, de seu comentário anterior.

– Quem atacou primeiro? – ela quis saber.

– Segundo o boletim, o namorado bêbado. Mas parece que Jeff reagiu com uma fúria desproporcional. Quebrou duas costelas mais um pedaço do osso frontal do sujeito. Então, ficou surpresa?

– Não exatamente. Não houve nenhum processo?

– Não. Mas, pouco depois, Jeff Raynes pediu demissão do *Cincinnati Post* e desapareceu. Ninguém nunca mais ouviu falar do cara. O primeiro sinal de Ron Kochman é de dois anos depois, nos créditos de uma matéria para uma revista aí, uma tal de *Vibe*.

– E agora ele está morando em Montauk?

– Tudo leva a crer que sim. Mas o problema é o seguinte: ele tem uma filha de 16 anos.

Kat pestanejou e sorveu um gole profundo do conhaque.

- Nenhum sinal de que ele tenha uma mulher – acrescentou Stacy.
- No site, ele diz que é viúvo.
- Pode até ser, mas ainda não sei com certeza. Sei apenas que ele tem essa filha chamada Melinda, que estuda no East Hampton High School. Aliás, foi assim que descobri o endereço deles: fuçando nos registros da escola.

Kat e Stacy ficaram em silêncio, à meia-noite na sala chiquérrima de um ricaço. Tirando um papelzinho do bolso, Stacy perguntou:

- Quer que eu lhe passe o endereço?
- Que motivos eu teria para não querer?
- Porque o cara moveu céus e terras para não ser encontrado nunca mais. Não só trocou de nome como também criou uma identidade completamente nova. Não usa cartão de crédito. Não tem conta em banco.
- No entanto, tem contas no Facebook e no Você Faz Meu Tipo.
- Com nomes falsos, certo?
- Não. Quer dizer, usou um nome falso no Você Faz Meu Tipo. Brandon contou que a mãe o chamava de Jack. Mas, no Facebook, ele está como Ron Kochman. Como você explica isso?
- Sei lá.
- Seja como for, seu argumento continua procedendo: Jeff não quer ser encontrado.
- Certo.
- E, quando falei com Jeff no site, ele tirou o corpo fora, dizendo que queria um novo começo.
- Pois é.
- Portanto, cair de paraquedas em Montauk não seria lá muito racional.
- Nem um pouco.
- Então me diga: por que será que cairei de paraquedas em Montauk amanhã bem cedo?

Stacy entregou o papelzinho com o endereço.

- Porque o coração tem razões que a própria razão desconhece.

capítulo 30

O JACK DANIEL'S DE KAT não teve a mínima graça após o conhaque do ricoço e o Macallan 25 anos de Chaz.

Ela não dormiu. Nem tentou. Apenas se jogou na cama e deixou que todas as possibilidades fossem dançando na sua cabeça. Procurou organizá-las, descobrir o sentido de cada uma, mas sempre que optava por esse ou aquele caminho, fechava os olhos, via a dança recomeçar e acabava mudando de ideia.

Às cinco da madrugada, ela se levantou. Poderia esperar mais um pouco e fazer a aula de Aqua – talvez a ioga clareasse suas ideias –, mas, do jeito que ele vinha surtando nos últimos tempos, o mais provável era que o tiro saísse pela culatra e Kat deixasse a aula mais confusa. A bem da verdade, só havia uma coisa a fazer: dar um pulo em Montauk e descobrir o que acontecera com Jeff.

Kat poderia listar um milhão de motivos para demonstrar a estupidez da iniciativa. No entanto, caso quisesse virar de uma vez por todas aquela página da sua vida, precisaria saber de toda a verdade. Talvez conseguisse segurar a onda e adiar a visita por um mês ou dois, mas cedo ou tarde seria vencida pela curiosidade. Não lhe restava escolha. Kat não tinha a disciplina necessária para se conter pelo resto da vida.

Sua história com Jeff não havia tido um ponto final. Tampouco a história da morte de seu pai. Por dezoito anos, ela permitira que ambas chafurdassem no pântano das perguntas mal respondidas.

Não mais.

Além disso, não havia motivo para postergar tudo aquilo. Ela poderia ir para Montauk naquele dia mesmo se quisesse. Chaz já tinha concordado em emprestar o carro, que esperava por ela no estacionamento da Rua 68. O difícil mesmo era imaginar o que esperava por ela em Montauk. O mais provável era que Jeff nem estivesse lá. Quem sabe não seria melhor esperar mais um pouco, até que ele... até que ele o quê? Também havia a possibilidade de que o cara nunca mais voltasse da Costa Rica. Afinal, ele e Dana não estavam comprando uma casa por lá?

Talvez por teimosia, ela ainda não engolira direito aquela história. Algo não batia muito bem ali.

Paciência. Ela dispunha de todo o tempo do mundo. Se Jeff tivesse fugido com Dana Phelps para a América Central, bastaria descobrir exatamente para onde e esclarecer aquele

pequeno mistério também. Kat tomou um café na Starbucks da Columbus Avenue, depois caiu na estrada. Já estava a meio caminho de Montauk quando percebeu que não tinha nenhum plano na cabeça. O que faria ao chegar? Bateria na porta? Ficaria esperando até que Jeff aparecesse no quintal ou algo assim?

Não fazia a menor ideia.

Já nas ruas de East Hampton – as mesmas em que ela e Jeff costumavam passear uma eternidade antes –, o celular tocou. Ativou o viva-voz e atendeu.

– Fiz aquela busca de imagem que você pediu – informou Brandon. – Uau. Você conhece essa gata pessoalmente?

Homens... Ou melhor dizendo: garotos...

– Não.

– Ela é tão...

– Sei muito bem o que ela é, Brandon. O que você descobriu na sua pesquisa?

– O nome dela é Vanessa Moreau. Modelo profissional, especializada em biquínis.

Perfeito.

– O que mais?

– O que mais você quer saber? Ela tem 1,72 metro de altura, pesa 51 quilos. Suas medidas são: 97 de busto, 61 de cintura, 91 de quadril. Sutiã 32D.

Atenta ao trânsito, Kat perguntou:

– É casada?

– Não sei. Encontrei o portfólio dela. A foto que você mandou é de um site chamado Mucho Models. Acho que eles fazem casting de desfiles. Informam as medidas das moças, a cor do cabelo, quem posa nua, quem não posa... Caso você queira saber, a Vanessa posa.

– Bom saber – ironizou Kat.

– Também tem uma parte onde a modelo escreve o que quer.

– Ela diz o quê?

– Que atualmente só está fazendo trabalhos pagos e se dispõe a viajar, desde que as despesas sejam pagas.

– O que mais?

– Só isso.

– Endereço residencial?

– Não.

Então a mulher se chamava mesmo Vanessa. Kat não sabia ao certo o que fazer.

– Posso pedir mais um favor?

– Claro.

– Será que você pode invadir o Você Faz Meu Tipo de novo e acessar as conversas do Jeff?

– Aí vai ser mais difícil.

– Por quê?

– Não dá para ficar muito tempo sem logar. Os sites mudam de senha constantemente por causa dos hackers. O mais difícil é entrar, encontrar o primeiro portal. E o deles é protegido por senha. A gente demorou horas para passar dessa fase e, agora que eu fiquei um tempão fora, vou ter que fazer tudo de novo.

– Mas dá para fazer?

– Posso até tentar, mas não creio que seja uma boa ideia. Quer dizer, talvez você tivesse razão quando falou que eu estava invadindo a privacidade da minha mãe. Não quero mais fazer isso.

– Não é isso que estou pedindo.

– É o quê, então?

– Você disse que, quando o Jeff começou a se relacionar com a sua mãe, ele ainda estava conversando com outras mulheres.

– Inclusive você – acrescentou Brandon.

– Certo, inclusive eu. O que eu quero saber é se ele ainda está conversando com outras mulheres.

– Você acha o quê? Que ele está chifrando a minha mãe?

– Você nem precisa ler as conversas. Só preciso saber se ele está falando com outras mulheres e o nome delas.

Silêncio.

– Brandon?

– Você ainda acha que tem alguma coisa errada, não acha, Kat?

– O que você achou da sua mãe quando falou com ela pelo telefone? Como ela estava?

– Estava bem, eu acho.

– Feliz?

– Eu não diria tanto. O que você acha que está rolando?

– Não sei. Por isso estou pedindo mais esse favor a você.

Brandon suspirou.

– Tudo bem. Deixa comigo.

Eles desligaram.

Montauk fica na pontinha setentrional de Long Island. Não é exatamente uma cidade, mas um povoado, de algum modo subordinado a East Hampton. Kat atravessou a Deforest Road e desacelerou, deixando o carro deslizar diante do endereço que Stacy lhe passara. A casa era aquilo que os corretores imobiliários seguramente descreveriam como uma aconchegante Cape Cod com telhado de cedro. Dois carros estavam estacionados à frente dela: uma caminhonete Dodge Ram preta, atulhada com o que parecia ser equipamento de pescaria, e um Toyota RAV4 azul. Nenhum dos dois era “Fly Yellow”. Ponto para os Kochmans.

Melinda, a filha de Jeff, tinha 16 anos. No estado de Nova York, a idade mínima para a habilitação de motoristas é 17. Portanto, por que dois carros? Ambos poderiam ser de Jeff,

claro. Uma caminhonete para o lazer e para o trabalho – seria possível que ele agora fosse um pescador profissional? – e um Toyota para as viagens em geral.

Pois bem, e agora?

Kat estacionou na esquina mais próxima e ficou esperando. Tentou imaginar um carro menos discreto e menos apropriado para uma operação de vigilância do que uma Ferrari amarela, mas nada lhe veio à cabeça.

Ainda não eram nem oito horas. Ela poderia continuar espiando de onde estava. Mas não. Não havia motivo para desperdiçar tempo. Melhor seria sair da Isca de Sereias e liquidar aquela fatura de uma vez por todas.

Foi então que a porta da casa se abriu.

Kat já ia se abaixando para se esconder quando se deu conta de que estava longe o bastante, talvez uns 100 metros. Além disso, com o sol ofuscante da manhã, dificilmente alguém conseguiria enxergar dentro do carro. Ela continuou espiando.

Uma adolescente surgiu à porta.

Melinda?

A garota se despediu de alguém no interior da casa, depois saiu pelo caminho que levava à calçada, uma mochila marrom pendurada às costas, um rabo de cavalo escapando de um boné. A vontade de Kat era se aproximar e ver se havia alguma semelhança física entre a adolescente de modos desengonçados e Jeff.

Mas como?

Ela não sabia, tampouco estava se importando com isso. Então deu partida na Ferrari e seguiu na direção da moça. Se desse alguma bandeira, paciência. Se bem que, naquele carro, não seria difícil que alguém a tomasse por um gato de meia-idade com problemas de disfunção erétil.

A essa altura, a garota mais dançava do que caminhava. Aproximando-se, Kat viu que Melinda – por que não chamá-la assim, pelo menos por enquanto? – estava usando fones de ouvido. O fio balançava junto à cintura dela, fazendo sua própria dança.

Melinda virou-se de repente na direção da Ferrari e Kat aproveitou a oportunidade para avaliar melhor as feições dela. Procurou por alguma semelhança, algum traço de Jeff, mas, ainda que encontrasse algo, sempre haveria a possibilidade de que ela estivesse imaginando coisas.

A menina parou e ficou olhando para ela. Procurando agir com o máximo de naturalidade, Kat baixou a janela e disse:

– Oi, você pode me dizer como chegar até o farol?

Mantendo uma distância segura, Melinda respondeu:

– Basta voltar pela Montauk Highway e seguir toda vida até o final. Não tem como errar.

Kat sorriu.

– Obrigada.

– Belo carro.

– É, eu sei, mas não é meu. É do meu namorado.

– Então ele deve ser muito rico.

– Imagino que sim.

A garota foi retomando seu caminho. Mais uma vez, Kat precisou improvisar. Não queria perder o fio da meada, mas percebia que sua abordagem já começava a configurar uma pequena perseguição, por mais discreta que fosse. A adolescente apertou o passo e se apressou ainda mais quando avistou o ônibus escolar que já dobrava a esquina.

É agora ou nunca, pensou Kat.

– Você é a Melinda, não é? Filha do Ron Kochman?

A garota ficou lívida. Nos olhos, agora se via algo muito parecido com o pânico. Já sem nenhum pudor de correr, sem ao menos acenar um adeus, ela irrompeu na direção do ônibus, saltou para dentro e sumiu do outro lado da porta, que se fechou.

A Kat só restava resignar-se.

O ônibus já ia longe quando ela manobrou a Ferrari para pegar a mão oposta e voltar na direção da casa. Obviamente a garota havia fugido. O difícil era saber por quê: talvez ela tivesse algo a esconder, mas também era possível que apenas tivesse se assustado com a abordagem de uma esquisitona na rua.

Kat continuou espiando na esperança de que alguém mais saísse à rua. Dali a alguns minutos decidiu ousar: arrancou a Ferrari e estacionou bem diante da casa. Espiou mais um pouco. Nada. E mais um pouco. Nada ainda.

Ao diabo com a paciência.

Num ímpeto, desceu do carro, adiantou-se até a casa, tocou a campainha e, apenas para deixar claro que alguém chamava do lado de fora, bateu à porta. Não se podia ver muito através do vidro, apenas um movimento.

Alguém passava nas imediações da porta.

Ela bateu novamente e, por que não?, berrou:

– Detetive Donovan da Polícia de Nova York. Por favor, abra.

Passos.

Kat recuou um pouco, preparando-se para o que estava por vir. Automaticamente, endireitou a blusa, ajeitou os cabelos. Viu a maçaneta girar e a porta enfim se abriu.

Mas não era Jeff quem ali estava.

Era um senhor que ela calculava já ter passado dos 70 anos.

– Quem é você? – perguntou ele, olhando-a de cima a baixo.

– Detetive Donovan – repetiu ela. – Polícia de Nova York.

– Posso ver alguma identificação?

Kat mostrou seu distintivo. Geralmente era o que bastava, mas o velhinho tomou a carteira entre as mãos para examiná-la de perto. Kat ficou esperando enquanto ele fazia sua meticulosa inspeção com os olhos estreitados. Faltava pouco para que ele sacasse uma lupa do bolso. Por fim, ele devolveu o distintivo e lhe lançou um olhar azedo.

– O que você quer?

Estava usando uma camisa de flanela marrom com as mangas enroladas até o cotovelo, calça jeans e um robusto par de botinas. Tinha aquela beleza madura de quem havia passado boa parte da vida trabalhando a céu aberto, rugas que lhe caíam bem. As mãos eram ásperas e nodosas. Os antebraços tinham aquele tônus que se adquire na vida, não na academia.

– Posso perguntar como o senhor se chama? – disse Kat.

– Foi você que bateu na minha porta, lembra?

– Claro. E falei meu nome. Apreciaria muito se o senhor retribuísse a gentileza.

– Aprecie o meu rabo se quiser.

– Seria um prazer, mas essa calça está larga demais.

Ele torceu a boca.

– Está fazendo hora com a minha cara?

– Não mais que o senhor está fazendo com a minha.

– Meu nome não interessa – cuspiu ele. – O que é que você quer?

Kat não viu motivos para mais rodeios com aquele sujeito:

– Estou procurando por Ron Kochman. Ele está?

O homem permaneceu impassível.

– Não preciso responder suas perguntas.

Kat engoliu em seco.

– Minha intenção não é causar problemas para ele. – Sua voz soava distante, como se fosse de outra pessoa.

– Nesse caso, por que não dá o fora de uma vez?

– Preciso falar com ele.

– Acho que não, detetive Donovan.

O velho cravava os olhos nela e, por um instante, Kat achou que ele a estava reconhecendo.

– Onde ele está?

– Não está aqui. Isso é tudo que você precisa saber.

– Então volto mais tarde.

– Não tem nada para você aqui.

Kat tentou dizer algo, mas as palavras faltaram. Por fim, questionou:

– Quem é o senhor, afinal?

– Agora vou fechar minha porta. Se você não for embora, chamo Jim Gamble. É o chefe da polícia local. Aposto que ele não vai gostar nem um pouco de saber que uma policial de Nova York está na área, intimidando os moradores do distrito dele.

– O senhor não vai querer esse tipo de atenção – arriscou Kat.

– Problema meu. Passar bem, detetive.

– O que faz o senhor pensar que estou indo embora?

– Porque você provavelmente sabe quando não é desejada. Porque provavelmente sabe

que o que passou, passou. Porque eu não quero que você provoque mais estragos.

– Mais estragos? De que diabos o senhor está falando?

O homem segurou a maçaneta.

– Melhor você ir embora.

– Quero apenas *falar* com ele – disse Kat, num tom de súplica. – Não pretendo prejudicar ninguém. Diga isso a ele, pode ser? Diga que preciso falar com ele, só isso.

Dando um passo atrás e fechando a porta à sua frente, o velho respondeu:

– Dou o recado, não se preocupe. Agora saia da minha propriedade.

capítulo 31

FIEL AO MODO DE VIDA dos amish, a fazenda não estava conectada a nenhuma rede pública de eletricidade. Titus gostava disso, claro. Nada de contas a pagar, de leituras de relógio, de serviços de manutenção. Ele não sabia as razões para os amish não usarem as fontes públicas – as especulações iam desde medo do mundo exterior até bloqueio de acesso à televisão e à internet –, mas elas se encaixavam perfeitamente na operação de Titus.

Não que os amish repudiassem a eletricidade por completo, tal como supunha a maioria das pessoas. Naquela fazenda, por exemplo, um moinho de vento havia sido usado para gerar a pouca eletricidade de que precisavam os residentes. Mas não bastava para Titus. Ele tinha instalado um gerador DuroMax, movido a gás propano. A caixa postal da fazenda ficava à beira da estrada, longe da casa e de qualquer clareira na mata. Uma porteira impedia a entrada de carros. Encomendas nunca eram feitas para que não houvesse entregas; quando Titus precisava de algo, ele ou um dos seus homens saía para buscar, em geral no Sam's Club, a 13 quilômetros de distância.

Seus capangas regularmente tiravam um dia de folga para que fossem se divertir fora da fazenda. Ele e Reynaldo gostavam da solidão, mas os outros ficavam irrequietos depois de um tempo. A uns 20 quilômetros dali, havia uma boate de striptease chamada Starbutts, mas, apenas por garantia, Titus pedia a seus homens que andassem mais 10 e fossem para outra chamada A Madeireira (“Pau duro garantido ou seu dinheiro de volta”). Eles tinham permissão para ir uma vez a cada duas semanas, não mais que isso. Podiam fazer o que bem entendessem, mas não podiam, em hipótese alguma, chamar atenção para si. Sempre iam sozinhos.

Celulares e afins não funcionavam naqueles cafundós por ausência de sinal, mas Dmitry tinha configurado uma conexão para telefone e internet via satélite, cuja atividade transitava por uma Rede Privada Virtual com origem na Bulgária. Era raro que recebessem alguma chamada; portanto, ao ouvir o apito de sua conta privada às oito da manhã, Titus logo soube que havia algo de errado.

– Alô?

– Foi engano.

A pessoa desligou.

Tratava-se de um código combinado de antemão. Ora, não era segredo para ninguém que o governo monitorava os e-mails de todo mundo. A melhor maneira de se comunicar por esse

meio sem despertar nenhuma atenção era *não* enviar mensagem alguma. Titus possuía uma conta do Gmail que permanecia sempre off-line, a não ser quando recebia um aviso semelhante àquele. Fez login e, como esperava, não encontrou nenhum e-mail novo na caixa de entrada.

Foi na pasta de rascunhos que encontrou a mensagem, pois era assim que funcionava: as duas partes tinham acesso à mesma conta e, quando uma delas queria se comunicar, escrevia um e-mail mas não o enviava, depois deslogava e mandava o sinal telefônico. Tão logo era avisada, a outra pessoa lia o rascunho deixado ali, apagando-o imediatamente. Titus possuía quatro contas que usava desse mesmo modo, uma para cada interlocutor.

A mensagem recebida agora era de seu contato na Suíça:

Pare de usar 89787198. AAS emitido pela corretora Parsons, Chuback, Mitnick e Bushwell, e detetive da Polícia de Nova York, Katarina Donovan, está investigando.

Titus apagou o rascunho e saiu. Estranhou a novidade. Alertas de Atividade Suspeita já haviam sido emitidos antes para outras contas suas. Essa era a norma sempre que uma quantia alta era transferida para o exterior. Mas a preocupação maior do Tesouro era com o financiamento de atividades terroristas. Raramente davam continuidade a uma investigação quando constataavam que o autor da transferência não tinha nenhum vínculo comprovado ou aparente com o terrorismo.

Além disso, essa era a primeira vez que uma de suas contas também levantava suspeita na Polícia de Nova York. Como assim? Por quê? Nenhum de seus hóspedes recentes tinha vindo de Nova York. E que vínculo haveria entre um engenheiro químico de Massachusetts e uma dondoca de Connecticut?

Ele poderia perguntar à segunda, que ainda estava viva.

Com as mãos pousadas sobre a mesa, Titus ainda refletiu por mais alguns minutos. Em seguida, inclinou-se para a frente, abriu um site de busca, digitou o nome da tal detetive e esperou pelos resultados.

Ao ver uma foto dela, por pouco não deu uma sonora risada.

– Alguma coisa engraçada? – perguntou Dmitry, que entrava na sala nesse instante.

– É a Kat – respondeu Titus. – Está tentando encontrar a gente.

Depois de o velho dispensá-la, Kat ficou onde estava, cogitando o que fazer a seguir. Chegou a pensar em meter o pé na porta e cobrir o cara de coronhadas, mas aonde chegaria com isso? Se Jeff quisesse dar sinal de vida, ela lhe dera todas as ferramentas de que precisava. Mas, se quisesse continuar na moita, que direito teria Kat de obrigá-lo a fazer algo que não queria? Afinal, nem era essa a sua vontade.

Onde estava o seu orgulho?

Kat voltou para o carro. Começou a chorar e ficou odiando a si mesma por causa disso.

Fosse lá o que tivesse acontecido a Jeff naquele bar em Cincinnati, não lhe dizia respeito nem um pouco. Na noite anterior, Stacy dissera que continuaria investigando a tal briga, tentando descobrir se os dois bêbados tinham mais passagens pela polícia, se por acaso eles haviam planejado alguma vingança, obrigando Jeff a sumir. Mas, pensando bem, que sentido fazia tudo aquilo? Ainda que estivesse sendo perseguido pelos dois caras, que motivo teria Jeff para evitá-la daquela maneira?

Isso também não era importante. Jeff agora tinha a sua vida: era pai de uma adolescente e morava com um velho rabugento. Ela não fazia a menor ideia de quem seria aquele homem. Fazia anos que o pai de Jeff morrera. O ex-noivo havia escolhido entrar num site de relacionamentos, Kat tinha estendido a mão e ele a rechaçara com um tapa. Então por que diabos ela ainda estava levando aquela história adiante?

Apesar de todas as evidências no sentido contrário, por que ela ainda achava que algo naquela história não batia bem?

Kat voltou para a Montauk Highway e seguiu na direção oeste. Não foi longe. Dali a alguns quilômetros, dobrou à esquerda para a Napeague Lane, entrou na Marine Boulevard e estacionou mais ou menos na altura da Gilbert Path. Engraçado o que as pessoas ainda são capazes de recordar após quase vinte anos. Ela desceu da Ferrari e seguiu por um caminho de madeira, na direção do mar. Ondas grandes arrebentavam na praia. O céu escuro anunciava tempestade. Contornando uma cerquinha decrépita, Kat tirou os sapatos, desceu para a areia e foi até a água.

A casa não havia mudado em nada. Fora construída do zero naquele estilo moderno que alguns achavam reto demais, quadrado demais, mas que Kat aprendera a admirar. Na ocasião, ela e Jeff não poderiam ter alugado uma casa tão sofisticada e grande, nem mesmo por um mísero fim de semana. Porém, na qualidade de professor assistente na Universidade Colúmbia, ele ajudara bastante a proprietária, que, a título de agradecimento, lhe emprestara sua casa em Long Island.

Quase vinte anos já tinham se passado, mas Kat ainda se lembrava perfeitamente de cada momento daquele fim de semana. Recordava-se da visita à feirinha dos fazendeiros locais, das caminhadas tranquilas pela cidade, das três vezes em que eles haviam comido num restaurante que não passava de um barracão de madeira à beira-mar, pois ficaram viciados na lagosta que eles preparavam. Lembrava-se sobretudo do dia em que, aproximando-se sorrateiramente por trás, naquela mesma praia, Jeff a havia surpreendido com o beijo mais carinhoso que alguém poderia imaginar.

Durante esse beijo, Kat percebera pela primeira vez que ali estava o homem com quem queria passar o resto de sua vida.

Beijos carinhosos não mentem jamais, certo?

Ela franziu a testa, censurando a si mesma pelo excesso de sentimentalismo. Mas decidiu relevar. Em seguida, orientando-se pela posição da casa, tentou encontrar o local exato do

beijo. Deu alguns passos para a esquerda, outros tantos para a direita, e só parou quando teve certeza absoluta de que tinha encontrado o lugar certo.

De repente, ouviu o barulho de um carro e, virando o rosto, avistou um Mercedes prateado que avançava lentamente pela rua. Chegou a desejar que dentro do veículo estivesse Jeff. Seria perfeito, não seria? Ele repetiria a história, aproximando-se por trás para surpreendê-la com um novo beijo, como havia feito tantos anos antes. Kat tinha plena consciência de como eram ridículos e cafonas aqueles pensamentos, mas nem por isso negaria a existência e a legitimidade deles. Eram pouquíssimos os momentos perfeitos na vida, momentos que mereciam ser guardados numa caixinha e deixados numa prateleira qualquer para serem revividos muitas vezes no futuro.

Aquele beijo havia sido um desses momentos.

O Mercedes prateado seguiu direto e sumiu de vista.

Kat virou-se novamente para o mar revolto. As nuvens estavam cada vez mais baixas. Faltava pouco para que o céu viesse abaixo. Voltando para a Ferrari, ela recebeu mais um telefonema de Brandon.

– Aquele filho da puta. Mentiroso, golpista, babaca, filho da puta...

– De quem você está falando, garoto?

– Desse Jeff, ou Ron, ou Jack, seja lá qual for o nome dele.

Kat estacou.

– O que aconteceu?

– Ele ainda está dando em cima de outras mulheres. Não consegui ler as conversas, mas vi que conversou com elas ontem.

– Com quantas mulheres?

– Duas.

– De repente estava se despedindo delas, não? Contando a elas sobre sua mãe?

– Duvido muito.

– Por quê?

– Porque, para fazer isso, ele precisaria de uma ou duas mensagens diretas, não mais que isso. E devia ter umas vinte, trinta. Filho da puta.

– Ok. Preste atenção, Brandon. Você conseguiu descobrir o nome dessas duas mulheres?

– Consegui.

– E aí?

– Uma delas se chama Julie Weitz. Mora em Washington, D.C. A outra mora em Bryn Mawr, Pensilvânia. O nome dela é Martha Paquet.

Antes de qualquer outra coisa, Kat ligou para Chaz e lhe pediu que localizasse as duas mulheres. Era preciso saber se uma ou outra havia saído de viagem com seu príncipe fígado na internet. O passo seguinte: voltar àquela casa em Montauk e espremer as bolas do velho rabugento até fazê-lo abrir o bico.

Kat já ia retornando à Ferrari quando algo voltou a perturbá-la. Desde cedo ela vinha tendo a mesma sensação. Aliás, desde o início de toda aquela história. Mas ela ainda não sabia exatamente o que era.

Algo estava fazendo com que ela insistisse em localizar Jeff.

A maioria das pessoas teria dito que se tratava da cegueira de um coração tolo. E elas não estariam de todo equivocadas. Mas, agora, Kat já começava a enxergar uma luz. O que vinha roubando sua paz de espírito tinha a ver, de um modo ou de outro, com as mensagens que ela própria havia trocado com o ex-noivo no *Você Faz Meu Tipo*.

Ela tanto remoera as últimas palavras dele – toda aquela baboseira sobre a necessidade de ficar na defensiva e ser cauteloso, o equívoco que seria retomar o passado, a vontade de ter um novo começo – que as conversas anteriores meio que haviam passado despercebidas.

Tudo tinha começado com o envio de um clipe daquela velha canção de John Waite, “Missing You”.

E qual fora a reação de Jeff?

Ele não havia lembrado.

Como isso era possível? Tudo bem, talvez ela estivesse mais apaixonada do que ele. Mas o cara a pedira em casamento, ora bolas. Como poderia ter esquecido de algo tão importante da relação deles?

Mais do que isso, Jeff havia escrito que achava “uma gracinha” o vídeo, que adorava mulheres com “senso de humor”, que fora “atraído” pelas fotos dela... “Atraído”. Argh. Tudo isso a surpreendera tanto, e a machucara tanto, que ela havia escrito: *Aqui é a Kat*.

Um homem de porte magro e terno escuro recostava-se no chassi amarelo da Ferrari com os braços cruzados e as pernas sobrepostas na altura dos tornozelos. Ainda perdida nos próprios pensamentos, Kat se aproximou.

– Posso ajudar em alguma coisa?

– Belo carro.

– Pois é, todo o mundo diz isso. Se incomoda de não se apoiar nele?

– Daqui a pouco, claro. Se você vier comigo.

– Ahn?!

O Mercedes prateado parou ao lado deles.

– Entre no banco de trás – ordenou o homem.

– Ficou maluco?

– A escolha é sua: ou você morre agora mesmo com um tiro à queima-roupa ou entra no carro para que a gente possa ter uma conversinha.

capítulo 32

— BASE CHAMANDO. COPIA?

Era Titus que chamava Reynaldo pelo aplicativo de walkie-talkie que ambos usavam para se comunicar a distância.

Reynaldo vinha brincando com seu labrador Bo, arremessando uma bolinha de tênis para que ele buscasse. O labrador fazia jus à sua raça: buscava de bom grado quantas bolas fossem arremessadas, jamais se cansava da brincadeira.

— Fala, chefe.

O capanga jogou mais uma vez a bola e Bo correu atrás dela, meio que mancando. Coisas da idade. Segundo os cálculos do veterinário, o cachorro já havia passado dos 11 anos. Ainda estava em boa forma, mas Reynaldo se entristecia ao ver que ele já não tinha a agilidade de atleta que tivera um dia. Mesmo assim, Bo só queria saber de brincar, quase teimosamente pedindo mais bolas quando não tinha nem fôlego nem saúde nas juntas para ir buscá-las. Às vezes, Reynaldo tentava encerrar a brincadeira apenas por piedade, mas, como se percebendo as intenções dele, e não gostando nem um pouco, Bo começava a ganir e a choramingar até convencer o dono a pegar novamente a bola para arremessá-la.

Cedo ou tarde, no entanto, despachava seu fiel amigo para descansar na caminha que o esperava no celeiro. Reynaldo a comprara na cidade logo depois de encontrar o labrador vagando na rua, perdido às margens do East River. Ela até que havia aguentado bem.

Bo agora o encarava na expectativa de mais um arremesso; ele o acariciou atrás das orelhas enquanto Titus dizia no walkie-talkie:

— Suba com a Número Seis.

— Copiado.

Na fazenda, eles jamais se falavam por telefone ou por mensagens de texto, apenas pelo aplicativo de walkie-talkie; por motivos óbvios, tampouco mencionavam nomes. Reynaldo, aliás, não sabia o nome de ninguém. Usava números para identificar cada um dos refêns, orientando-se pela cova em que se encontravam. Número Seis, por exemplo, tanto era o apelido da loura que havia chegado com um vestido amarelo quanto o número do silo em que ela estava presa.

Até mesmo Titus achava aquilo tudo um exagero, mas, em termos de segurança, melhor pecar pelo excesso do que pela falta. Era esse o seu lema.

Quando Reynaldo ficou de pé, Bo o encarou, desapontado.

– Depois a gente brinca mais, amigão. Prometo.

O cachorro deu um ganido e cutucou a mão dele com o focinho. Reynaldo riu, afagou-o mais uma vez e sentiu a garganta apertar ao vê-lo abanar o rabo em sinal de agradecimento.

– Vai jantar, garoto.

Apesar de decepcionado, Bo entendeu o recado. Hesitou por um segundo, mas depois seguiu trotando caminho acima, o rabo quieto. Reynaldo esperou até que ele sumisse de vista. Não gostava de tê-lo por perto quando abria as covas. Bo podia farejar os reféns presos, claro, sabia que havia gente dentro daqueles buracos. Mas, quando os reféns o viam e, apesar das circunstâncias, sorriam para o simpático cachorro, Reynaldo ficava... incomodado. Por algum motivo, aquilo não descia bem.

Vasculhando o molho de chaves que trazia preso ao cinto, Reynaldo encontrou a do silo número seis, abriu o cadeado e içou a porta. A claridade súbita sempre fazia com que os reféns piscassem ou protegessem os olhos com a mão. Até de noite. Mesmo que houvesse apenas um fiapo de lua. Nas covas, reinava a mais absoluta escuridão. Qualquer fonte de luz, até a estrela mais distante, machucava-os feito uma ponta de faca.

– Saia – ordenou o capanga.

A mulher gemeu com os lábios ressecados. As linhas do rosto estavam mais profundas e escuras, como se a terra tivesse penetrado em cada um dos sulcos faciais. O ar recendia a fezes e urina. Reynaldo já havia se habituado a isso. No início, as pessoas tentavam segurar suas necessidades até onde fosse possível, mas, depois de alguns dias debaixo da terra, confinadas numa espécie de caixão, não viam outra alternativa senão aliviar-se ali mesmo.

Número Seis levou um bom minuto para se sentar. Tentou umedecer os lábios, mas a língua devia estar parecendo uma lixa. Reynaldo procurou se lembrar da última vez que lhe dera algo para beber. Fazia horas. Já passara uma xícara de arroz branco através da fenda da porta. Sempre havia aqueles reféns que tentavam passar a mão pelo buraco e Reynaldo simplesmente os alertava para não fazer aquilo outra vez. Quando não era obedecido, esmagava os dedos da pessoa sob o solado grosso das botinas.

Número Seis começou a chorar.

– Depressa – disse Reynaldo.

A loura tentou se apressar, mas o corpo começava a traí-la. Não era a primeira vez que Reynaldo via aquilo. Cabia a ele manter vivos os reféns de Titus, só isso. Não deixar que morressem antes que Titus ordenasse a execução. Chegado o momento, ele os conduzia mata adentro. Às vezes, obrigava-os a cavar o próprio túmulo. O mais comum, no entanto, era pressionar o cano da pistola no crânio deles e disparar. Por vezes, optava pelo tiro de misericórdia: enfiava a arma sob o queixo e atirava de baixo para cima, ou na coroa da cabeça, de cima para baixo. Outras vezes, posicionava-a numa das têmporas, tal como sempre faziam os suicidas do cinema. Alguns morriam na mesma hora, outros demandavam um segundo tiro. Certa vez, ele havia atirado baixo demais na base da espinha, e a vítima, um homem de Wilmington, Delaware, sobrevivera, ficando paralítico. Fora enterrado vivo.

Número Seis tinha sido reduzida a um fiapo de gente, alquebrada pela violência e pela humilhação. Também não era a primeira vez que Reynaldo via algo semelhante.

– Por ali.

– Água... – ela conseguiu dizer, à custa de muito esforço.

– Por ali. Primeiro você vai se trocar.

Ela tentou apertar o passo, mas só o que conseguiu foi um arrastar de pés que lembrava a Reynaldo o modo de andar dos zumbis de um seriado. O que não era de todo um absurdo. A mulher ainda não estava morta, mas também não estava viva.

Por iniciativa própria, ela se despiu do macacão e ficou nua diante dele. Na opinião de Reynaldo, estava bem menos atraente do que naquele primeiro dia em que, aos prantos, ao tirar o vestido amarelo, havia implorado para que ele não olhasse, ora tentando se esconder atrás de uma árvore, ora cobrindo o corpo com as mãos. Vaidade, pudor, nada disso importava mais. A mulher o defrontava como o ser primitivo ao qual havia sido reduzida, suplicando água com o olhar.

Ele abriu a água da mangueira. A pressão era forte por causa da pistola de plástico instalada na ponta. Curvando-se, a mulher tentou abocanhar um pouco do jato para matar a sede, mas Reynaldo não deixou. Imediatamente, interrompeu o fluxo e esperou. Só então ela se reergueu e se deixou lavar, a pele avermelhando-se sob a força do jato quente.

Ao término do banho, Reynaldo lhe arremessou um macacão limpo, aguardou que ela o vestisse, depois entregou um copo de plástico com água, que ela bebeu sofregamente, devolvendo o copo logo em seguida, deixando claro que faria qualquer coisa por uma segunda dose. Por medo de que ela estivesse fraca demais para suportar a escalada até a casa, Reynaldo aquiesceu e lhe deu outra dose. Como antes, ela bebeu a água de um único gole, quase engasgando. Por fim, a título de desjejum, Reynaldo lhe entregou uma das barrinhas de cereal que havia comprado numa loja de conveniência. A mulher quase devorou a embalagem junto.

– Agora vamos – mandou ele.

Número Seis foi seguindo pela trilha com sua ginga de zumbi. Alguns passos atrás, Reynaldo cogitava quanto dinheiro ainda haveria para ser sugado dela. Desconfiava que a mulher era mais rica que a maioria. Ao contrário do que poderia se esperar, Titus preferia refêns masculinos aos femininos numa proporção de três para um. As mulheres geralmente rendiam mais lucros. Aquela, por exemplo, havia chegado à fazenda com joias caras e a postura ereta dos endinheirados.

Já havia perdido as duas coisas.

Vendo que ela prosseguia com hesitação, volta e meia olhando para trás, Reynaldo supôs que a mulher estivesse estranhando a companhia. Ele próprio estava um pouco surpreso também. Eram raras as vezes que Titus o instruíra a acompanhar os refêns. Por algum motivo, o chefe gostava da ideia de obrigá-los a subir sozinhos para a casa.

Aquela era a segunda visita da mulher no mesmo dia. Pelo jeito, a última. Reynaldo

desconfiava que dali a pouco receberia de Titus a derradeira ordem: “Chegou a hora.”

Entrando na casa, eles encontraram Titus na poltrona que ele sempre ocupava e Dmitry à frente do computador. Reynaldo ficou esperando à porta, e Número Seis, de novo por iniciativa própria, se acomodou na cadeira dura diante de Titus.

– Temos um problema, Dana.

Dana, pensou Reynaldo. Então era esse o nome dela.

– Problema? – repetiu ela.

– Tinha pensado em libertar você hoje – prosseguiu Titus, falando com a calma de sempre, como se quisesse hipnotizar sua interlocutora. Dessa vez, no entanto, Reynaldo pensou ter notado uma pontinha de tensão. – Mas agora parece que tem uma policial investigando o seu desaparecimento.

Dana ficou perplexa.

– Uma detetive de Nova York, Katarina Donovan. Conhece?

– Não.

– Mais conhecida como Kat. Seu distrito é em Manhattan.

O olhar de Dana ficou distante; aparentemente, ela não conseguia se concentrar.

– Você a conhece? – insistiu Titus, mais incisivo do que antes.

– Não.

Titus examinou seu rosto.

– Não – enfatizou ela.

Reynaldo não tinha mais dúvida: a mulher já estava com um dos pés na cova.

Titus olhou para Dmitry, que mexeu em seu gorro e virou o computador da direção de Dana, para que ela pudesse ver a foto de uma mulher no monitor.

– Como é que você a conhece, Dana? – perguntou Titus.

Dana apenas balançou a cabeça.

– Como é que você a conhece?

– Não conheço.

– Antes de você sair de viagem, ela telefonou para você?

– Não.

– Você nunca falou com ela?

– Nunca.

– Como é que você a conhece?

– Não conheço.

– Já viu essa mulher alguma vez na sua vida? Pense bem.

– Eu não a conheço. – Dana não se conteve e começou a chorar. – Nunca vi essa mulher na minha vida.

Titus se recostou na poltrona.

– Vou perguntar mais uma vez, Dana. Dependendo da sua resposta, você vai voltar para

casa e ver seu filho ou voltar para aquele buraco lá embaixo. Como é que você conhece Kat Donovan?

capítulo 33

KAT JÁ HAVIA PERGUNTADO um milhão de vezes para onde estava sendo levada, mas o magricela a seu lado apenas sorria com a arma em riste. O motorista também não dizia nada, apenas dirigia com atenção; do banco de trás se via apenas a cabeça perfeitamente raspada do homem, além dos ombros que mais pareciam duas bolas de boliche. Kat ainda não tinha desistido de saber para onde eles estavam indo, quanto tempo demorariam para chegar, quem eles eram. O magricela apenas sorria.

A viagem revelou-se curta. Eles haviam acabado de atravessar o centro de Water Mill quando o Mercedes prateado dobrou à esquerda na Davids Lane para seguir na direção do mar até a altura da Halsey Lane. Uma região de bacanas.

O carro foi margeando uma propriedade enorme, confinada por um paredão de arbustos muito altos que se estendiam por mais de 100 metros até serem interrompidos por um portão. Na guarita, um segurança de terno e óculos escuros falava ao microfone que trazia na lapela.

O portão se abriu e o Mercedes foi seguindo por um caminho margeado de estátuas clássicas e ciprestes até alcançar uma mansão com fachada de pedra e telhado vermelho, defrontada por um lago redondo com uma fonte alta no centro. O lugar parecia saído diretamente das páginas de *O grande Gatsby*.

– Chegamos – anunciou o magricela sorridente, sinalizando para que Kat descesse do carro.

Assim que saiu, Kat correu os olhos pela velha mansão. Já tinha visto fotografias dela, sabia que havia sido construída nos anos 1930 por um industrial chamado Richard Heffernan e ocupada pelos herdeiros até mais ou menos dez anos antes. Depois, fora vendida para o atual proprietário que, a se acreditar nos boatos, gastara 10 milhões de dólares para reformá-la de cima a baixo.

– Levante os braços, por favor – disse o magricela.

Kat assentiu e outro segurança de terno e óculos escuros se adiantou para revistá-la, mas com tamanho entusiasmo que, por muito pouco, ela não solicitou uma camisinha. Já tinha entregado a arma e o telefone, portanto não havia nada mais a ser confiscado. Nos velhos tempos, seu pai costumava esconder nas botas uma arma adicional, e várias vezes ela cogitara fazer o mesmo, mas aquele cara a encontraria de qualquer forma. Terminada a revista, o homem sinalizou para o magricela e só faltou acender um cigarrinho.

– Venha comigo – falou o magricela.

Eles atravessaram um suntuoso jardim que poderia muito bem figurar nas páginas de qualquer revista especializada – se é que já não havia aparecido. Agora estavam nos fundos da casa e o mar se estendia à frente deles como se atendendo ao chamado de um fotógrafo para a produção de um cartão-postal. Kat podia sentir a maresia.

– Olá, Kat.

Ele já estava esperando na varanda, sentado numa poltrona de teca. Vestia-se inteiramente de branco e as roupas eram justas demais. Num homem mais jovem, talvez até ficassem bem, mas, num septuagenário atarracado e flácido, eram quase obscenas. A camisa ameaçava arrebentar sob a pressão da pança e estava desabotoada na parte de cima, revelando um peitoral de tal modo cabeludo que os tufo encardidos poderiam ser submetidos a uma chapinha. Anéis de ouro brilhavam nos dedos rechonchudos. Na cabeça, ou uma farta cabeleira ou uma bela peruca, difícil saber.

– Finalmente nos encontramos – comentou o homem.

Kat não sabia ao certo como reagir. Depois de tantos anos de pesquisa, de ódio, de obsessão, de merecida demonização, lá estava ela agora diante de ninguém menos que Willy Cozone.

– Suponho que você já tenha imaginado este dia inúmeras vezes.

– É verdade.

Ele abriu os braços em direção ao mar.

– Então, está sendo como você imaginou?

– Não, você não está algemado.

Cozone riu como se nunca tivesse ouvido algo tão engraçado na vida. Ainda ao lado de Kat, com as mãos cruzadas à frente do corpo, o magricela não riu: como esperado, apenas sorriu. Cartola de um coelho só.

– Você já pode ir, Leslie.

O magricela despediu-se com uma discreta mesura e saiu.

– Por favor, sente-se – disse Cozone a Kat.

– Não, obrigada.

– Aceita um mate gelado? Uma limonada? – Ele ergueu o próprio copo. – Estou tomando um Arnold Palmer. Sabe o que é?

– Sei.

– Me acompanha?

– Não. Não é implicância minha, mas é contra a lei sequestrar uma pessoa sob a mira de uma arma, sobretudo se ela é da polícia.

– Por favor... Não vamos perder tempo com minúcias. Temos assuntos mais importantes para tratar.

– Sou toda ouvidos.

– Tem certeza que não quer se sentar?

– O que você quer, Cozone?

O homem tomou um gole da sua bebida, mas sem tirar os olhos de Kat.

– Talvez tenha sido um equívoco...

Kat permaneceu calada.

Cozone se levantou.

– Vou pedir ao Leslie que a leve de volta para o seu carro. Mais uma vez, desculpe.

– Posso indiciar você.

Cozone abanou uma das mãos no ar, dizendo:

– Ah, tenha dó, Kat. Posso chamar você de Kat, não posso? Já enfrentei indiciamentos muito piores. Posso arregimentar uma dezena de testemunhas que vão atestar por mim. Posso produzir imagens de uma câmera de segurança provando que você nunca esteve aqui. Não vamos perder tempo com esse tipo de jogo, por favor.

– Pois eu digo a mesma coisa.

– Como assim?

– Quem está jogando aqui é você, Cozone, com essa história de mandar seu capanga me levar de volta. Você me trouxe aqui por um motivo e eu gostaria de saber qual é.

Cozone gostou do que ouviu. Deu um passo na direção de Kat, fitando-a com aqueles olhos azuis que, por algum motivo, pareciam pretos.

– Você está me causando problemas com sua investigação atual.

– Minha investigação não é atual.

– Tem razão. Faz tempo que seu pai morreu.

– Foi você que mandou matá-lo?

– Se isso fosse verdade, você acha que eu a deixaria sair daqui com vida?

Kat sabia tudo a respeito de Cozone: data de nascimento, histórico familiar, passagens pela polícia, imóveis em nome dele – inclusive aquela mansão de Long Island. Mas era diferente vê-lo em carne e osso. Ela agora imaginava os horrores que aqueles olhos azuis tão claros, e ao mesmo tempo tão escuros, já haviam tido a oportunidade de ver ao longo de mais de setenta anos, provavelmente sem os considerarem horrores.

– Em tese – prosseguiu ele, parecendo entediado –, eu poderia meter uma bala nos seus miolos agora mesmo. Tenho muitos barcos. Poderia jogar seu cadáver no mar. Seus colegas da polícia virariam a região pelo avesso, claro, mas não encontrariam nada, você sabe disso tanto quanto eu, não é mesmo?

Kat se conteve para não engolir em seco.

– Você não me trouxe aqui para isso.

– Como você pode ter tanta certeza assim?

– Ainda estou respirando.

Cozone sorriu. Tinha dentes separados que mais lembravam uma sucessão de chicletes encardidos. A ausência de rugas no rosto sugeria algum procedimento dermatológico do tipo peeling químico ou botox.

– Antes de qualquer outra coisa, vejamos que rumo tomará nossa conversa, ok? – Ele

deixou o corpanzil cair na mesma poltrona de antes e sinalizou para que Kat se sentasse na cadeira vizinha. – Por favor.

Kat finalmente cedeu. Sentiu um frio na espinha quando se viu próxima o suficiente para farejar o perfume do homem, forte, doce e enjoativo. As cadeiras não se defrontavam; ambas estavam viradas para o mar. Por alguns minutos, os dois permaneceram calados, apenas admirando a arrebentação na praia.

– Vem tempestade por aí – comentou Cozone afinal.

– Mau sinal – disse Kat, tentando ser sarcástica, mas sem grande sucesso.

– Pode perguntar, Kat.

Ela não disse nada.

– Você esperou quase vinte anos. Agora é a sua chance. Pergunte.

Kat se virou para ele.

– Você mandou matar o meu pai?

– Não – respondeu Cozone, os olhos fixos no mar.

– Que motivo eu teria para acreditar nisso?

– Você sabe que eu também sou lá de Flushing, não sabe?

– Sei. Morava na Farrington Street, perto do lava a jato. Matou um menino quando estava no quinto ano do colégio.

Ele balançou a cabeça.

– Posso lhe contar um segredo?

– Por favor.

– Essa história minha com o martelo não passa de uma lenda urbana.

– Conversei com um cara cujo irmão foi seu colega na época.

– Não é verdade – insistiu ele. – Por que eu mentiria sobre uma coisa dessas depois de tantos anos? Gosto das lendas. Até ajudei um pouquinho a disseminar essa em particular e outras tantas. Elas facilitaram meu caminho. Pelo menos até certo ponto. Não que eu não tenha sujado as mãos. Mas o medo é uma excelente ferramenta motivacional.

– Isso é uma confissão?

Cozone estendeu os pulsos como se estivesse à espera de algemas. Kat sabia perfeitamente que não poderia usar nada daquilo em juízo, mas nem por isso queria que o homem parasse de falar.

– Conheci seu pai – disse ele. – Tínhamos um acordo.

– Você está dizendo que meu pai era corrupto?

– Não estou dizendo nada. Só quero que você entenda que não tive nada a ver com a morte do seu pai, que pertencíamos ao mesmo mundo.

– Quer dizer então que você nunca matou ninguém em Flushing?

– Eu não iria tão longe.

– Então, o que está querendo dizer?

– Ao longo dos anos, você provocou, por assim dizer, o encerramento de diversas

atividades minhas.

Kat dismantelara toda e qualquer “atividade” ainda que remotamente vinculada a Cozone. Não havia dúvida de que tinha feito o homem perder muito dinheiro.

– Aonde você quer chegar com isso?

– Não quero que isso volte a acontecer.

– Você acha que basta dizer que não matou meu pai para que eu largue do seu pé?

– Mais ou menos isso. Achei que podíamos chegar a um acordo.

– Um acordo.

– Sim.

– Igual ao que você afirma ter tido com meu pai.

Ele continuou fitando o mar, com um esboço de sorriso.

– Algo parecido.

Kat não soube ao certo como interpretar isso.

– Por que só agora? – perguntou ela.

Cozone apenas levou seu copo à boca.

– Você poderia ter me procurado anos atrás para propor esse seu... “acordo” – disse Kat, fazendo aspas com os dedos. – Por que só agora?

– As coisas mudaram.

– Mudaram como?

– Um amigo querido morreu.

– Monte Leburne?

Cozone tomou mais um gole.

– Você é uma mulher de muita fibra, Kat. Esse mérito você tem.

Kat não se deu o trabalho de responder.

– Amava muito o seu pai, não amava?

– Não estou aqui para discutir os meus sentimentos.

– Muito justo. Então vamos lá. Você perguntou por que só agora procurei você. Porque Monte Leburne está morto.

– Mas ele confessou ter matado meu pai.

– É verdade. Além disso, afirmou que eu não tinha nada a ver com o crime.

– Certo. Afirmou ainda que você também não tinha nada a ver com aquelas outras duas execuções. Você continua negando que mandou matar os outros dois?

Cozone virou-se um pouco para ela, a expressão endurecida.

– Sobre esses eu não tenho nada a dizer. Rigorosamente nada. Se é que você me entende.

Kat havia entendido perfeitamente. O homem não estava confessando, mas também não estava negando nada. O recado não poderia ser mais claro: “Sim, eu matei aqueles dois, mas não o seu pai.”

Mas isso não significava que tinha de acreditar nele.

Cozone queria que ela o deixasse em paz. Era esse o seu propósito. Contaria qualquer

balela para conseguir o que queria.

– O que vou lhe contar agora é absolutamente confidencial – continuou Cozone. – Estamos entendidos?

Kat assentiu, mas só porque, de novo, aquilo não fazia a menor diferença. Caso Cozone desse alguma informação importante e, mais tarde, ela decidisse usar essa informação contra ele, nada a impediria de fazê-lo, muito menos uma promessa informalmente feita a um assassino de carteirinha. O mais provável era que ele soubesse disso também.

– Vamos fazer uma pequena viagem no tempo, ok? – prosseguiu Cozone. – Até o dia em que Monte Leburne foi preso. Quando os agentes do FBI pegaram Monte, fiquei um pouco preocupado. O motivo não vem ao caso. Monte sempre havia sido o mais fiel dos meus funcionários. Fui falar com ele imediatamente.

– Como, se ele estava incomunicável?

Cozone franziu a testa.

– Ora, vai dizer que não sabe.

Ele tinha toda a razão, pensou Kat. Sua pergunta tinha sido totalmente irrelevante. Claro que havia gente dele na polícia.

– Como eu ia dizendo, prometi a Monte que, se ele continuasse sendo o funcionário exemplar que sempre havia sido, sua família receberia um generoso pacote de compensação.

Mais um eufemismo para “suborno”, pensou Kat.

– E se ele não topasse?

– Não creio que seja necessário levantar hipóteses aqui – respondeu Cozone, encarando-a.

– Suponho que não.

– Além do mais, mesmo sob fortes ameaças, muitos funcionários já entregaram seus patrões para o inimigo. Preferi usar a cenoura, e não a vara, para convencer Monte Leburne a não fazer o mesmo.

– Parece que deu certo.

– Sim, mas não exatamente do modo como eu havia planejado.

– Como assim?

Cozone começou a girar o anel de um dos dedos.

– Como você sabe, Monte Leburne foi preso em primeiro lugar em virtude de um indiciamento envolvendo dois homicídios.

– Certo.

– Ele pediu minha permissão para confessar um terceiro.

Kat esperou que ele se explicasse, mas o homem se calou de repente, como se estivesse exausto.

– Por que ele faria uma coisa dessas?

– Porque não faria diferença nenhuma. Ele já estava condenado à prisão perpétua.

– Mesmo assim. Ele não ia confessar nada só pelo prazer de confessar.

– Pois é.

– Então, ele queria o quê?

– Primeiro eu gostaria de explicar por que não procurei você antes. Parte do meu acordo com Monte Leburne era que tudo permanecesse apenas entre nós dois. Não vou falar aqui sobre essa coisa de “honra entre ladrões”, mas quero que você procure entender. Eu não podia dizer nada porque havia jurado sigilo. Se dissesse alguma coisa, estaria traindo um funcionário leal.

– Que, por sua vez, poderia mudar de ideia a qualquer momento e denunciar você.

– O pragmatismo é sempre um ponto a ser levado em consideração – concordou Cozone. – Mas, na realidade, o que eu queria mesmo era demonstrar a Monte, e a todos os meus funcionários também, que sou um homem de palavra.

– E agora?

Cozone deu de ombros.

– Agora ele está morto. Nosso acordo já não tem mais nenhuma validade.

– Você está livre para falar, é isso?

– Se eu quiser. Naturalmente, eu preferiria que você mantivesse tudo isso entre nós. Você sempre acreditou que fui eu quem matou seu pai. Pois estou aqui para dizer que não.

Kat perguntou o óbvio:

– Se não foi você, quem foi então?

– Não sei.

– Leburne teve alguma coisa a ver com isso?

– Não.

– Você sabe dizer por que ele confessou?

Cozone espalmou as mãos.

– O que levaria alguém a confessar alguma coisa?

– Dinheiro?

– Para início de conversa.

– O que mais?

– É aí que as coisas se complicam, Kat.

– Do que você está falando?

– Prometeram favores a ele.

– Que tipo de favores?

– Um tratamento melhor na prisão. Uma cela melhor. Mais comida. Emprego para o sobrinho.

Kat franziu a testa.

– Quem foi que prometeu essas coisas todas?

– Ele nunca me disse.

– Mas você tem suas suspeitas.

– Não sou homem de levantar hipóteses.

– É, você já falou. Que tipo de emprego foi dado ao tal sobrinho?

– Não foi exatamente um emprego. Mas uma vaga.

– Uma vaga onde?

– Na academia de polícia.

Os céus se abriram nesse mesmo instante, como se orquestrados por alguém. O aguaceiro desabou sobre o mar, sacudindo as correntes, depois foi se aproximando aos poucos até encobrir a casa. Cozone se levantou e recuou na varanda para se proteger melhor. Kat fez o mesmo.

– Leslie vai levá-la até o carro – avisou ele.

– Ainda tenho algumas perguntas.

– Já falei demais.

– E se eu não tiver acreditado?

– Então ficamos como já estávamos antes.

– Sem acordo?

– Que seja.

Kat refletiu sobre tudo que ele dissera, sobre a honra entre ladrões, sobre acordos e lealdades.

– Acordos não têm mais validade depois que uma das partes morre, não é?

Cozone permaneceu calado.

– Pelo menos foi isso que você disse. Seja lá o que você acordou com o Leburne, agora já não vale mais nada.

– Exatamente.

O magricela sorridente voltou à varanda, mas Kat ficou onde estava.

– Você disse que tinha um acordo com meu pai – prosseguiu ela, estranhando a própria voz. A chuva castigava o telhado, ruidosa, por isso era preciso falar mais alto. – Por acaso você sabe quem é Sugar?

Cozone desviou o olhar.

– Você sabe dela? – perguntou.

– Até certo ponto.

– Então por que está me perguntando?

– Porque quero falar com ela.

Cozone inclinou a cabeça com um olhar interrogativo e Kat explicou:

– Se você não sabe quem foi que mandou matar meu pai, talvez Sugar saiba.

– Talvez.

– Por isso quero falar com ela. Faz sentido?

– De certo modo – respondeu Cozone, quase cauteloso.

– Você pode me ajudar a encontrá-la?

Cozone olhou para Leslie, que estava imóvel.

– Acho que podemos tentar.

– Obrigada.

- Sob uma condição.
- Diga.
- Que você prometa deixar minhas operações em paz.
- Se você estiver falando a verdade sobre o seu não envolvimento com...
- Estou.
- Então, tudo bem.

A contragosto, ela apertou a mão estendida por Cozone, pensando no sangue que já havia passado por ali, imaginando esse mesmo sangue jorrando de volta para atingi-la no rosto. Tentou se desvencilhar, mas Cozone não deixou.

- Tem certeza que é isso mesmo que você quer? – indagou ele.
- Isso o quê?
- Quer mesmo se encontrar com Sugar?

Kat conseguiu recolher a mão.

- Quero.

Cozone olhou novamente para o mar revolto.

– Pode até ser... De repente já é hora de trazer à tona todos os segredos, por mais destrutivos que sejam.

- O que você quer dizer com isso?

Cozone lhe deu as costas e foi entrando na casa.

- Leslie vai conduzi-la. Ele ligará assim que descobrir o endereço da tal Sugar.

capítulo 34

TITUS REPETIU OUTRAS TANTAS vezes a pergunta que vinha fazendo a Dana Phelps e, mais ou menos como esperado, a ricaça se manteve firme na mesma resposta. Ela não conhecia Kat. Nunca a tinha visto. Não fazia ideia do motivo que a detetive teria para investigar qualquer coisa associada a seu desaparecimento.

Titus agora acreditava nela.

Ele se recostou na cadeira e coçou o queixo. Dana o encarava, ainda com uma centelha de esperança no olhar. Atrás dela, Reynaldo acompanhava a conversa, recostado ao umbral da porta. Titus pensou em tirar mais algum dinheiro da mulher, mas não, a paciência era a alma do seu negócio. Não seja ganancioso, disse a si mesmo. Já era hora de cortar a linha. Era quase certo que a detetive Kat Donovan ainda não havia contado a ninguém sobre a investigação que vinha fazendo. Em primeiro lugar, não tinha como provar nada. Em segundo, certamente não estaria disposta a explicar como tropeçara naquela história: perseguindo um ex-noivo na internet.

Ele pesou os prós e os contras. Por um lado, assim que Dana Phelps fosse eliminada, não haveria mais com o que se preocupar. Ela estaria morta e enterrada. Nenhuma pista a ser encontrada. Por outro, Kat Donovan havia chegado mais longe do que todos os demais. Associara o sumiço de Gerard Remington ao de Dana Phelps. Tinha um vínculo pessoal com o caso.

Difícilmente voltaria atrás.

Eliminar uma policial era extremamente arriscado. Mas deixá-la viver também era.

Ele teria que fazer uma análise de custo-benefício bastante cuidadosa – matá-la ou não matá-la –, mas, enquanto isso, havia outro assunto a ser resolvido.

Sorrindo para Dana, ele perguntou:

– Aceita um chá?

Com as forças que ainda tinha, que não eram muitas, Dana assentiu.

– Por favor...

Titus virou-se para Dmitry.

– Você faria a gentileza de preparar um chá para a Sra. Phelps?

Dmitry deixou o computador e foi para a cozinha.

Titus se levantou.

– Volto daqui a pouco.

– Estou dizendo a verdade, Sr. Titus.

– Eu sei, Dana. Não se preocupe.

Titus se juntou a Reynaldo e saiu com ele para a varanda.

– Chegou a hora.

– Ok – respondeu Reynaldo.

Olhando de relance para a sala, Titus perguntou:

– Você acredita nela?

– Acredito.

– Eu também, mas a gente precisa ter certeza absoluta.

Reynaldo estreitou os olhos.

– Não quer que eu a mate?

– Ah. Quero, sim. – Titus olhou para o celeiro. – Mas não precisa ter pressa.

Chaz ligou para Julie Weitz. Foi uma mulher quem atendeu:

– Alô?

– Julie Weitz?

– Sim, quem é?

– Detetive Faircloth da Polícia de Nova York.

Chaz fez algumas perguntas. Sim, vinha conversando com um homem pela internet; na verdade, mais de um, mas isso só dizia respeito a ela mesma. Não, não planejava viajar com ninguém. Afinal, que interesse poderia ter a polícia naquilo tudo? Chaz agradeceu e desligou.

Bola fora.

Em seguida, ele ligou para a casa de Martha Paquet. Também foi uma mulher quem atendeu.

– Martha Paquet?

– Não, aqui é a irmã dela, Sandi.

Pilotando o Mercedes prateado, Leslie deixou Kat junto à Ferrari amarela. Antes que ela descesse, garantiu:

– Ligo assim que tiver o endereço.

Kat se conteve para não agradecer ao homem, achando que agradecer a bandidos não era lá muito apropriado. Recebeu de volta o telefone e a arma. Logo viu, apenas pelo peso, que as balas haviam sido retiradas do tambor.

Ela desceu e viu o Mercedes se afastar.

Ainda estava meio zozna. Não sabia ao certo o que pensar de tudo aquilo que Cozone dissera. Pior, sabia perfeitamente. Estava óbvio, não? Stagger havia procurado Monte Leburne logo após a prisão do homem. Não contara nada a Suggs, nem a Rinsky, nem a ninguém. Fizera um acordo com Leburne de modo que o matador assumisse a culpa pelo assassinato do pai dela.

Mas por quê?

Ou... isso também já não estaria óbvio?

A questão mais importante era: o que ela poderia fazer a esse respeito? Não seria mais o caso de confrontar Stagger. Ele apenas continuaria a mentir. Ou coisa pior. Não, ela precisaria provar que o capitão estava mentindo. Como?

As impressões digitais encontradas na cena do crime.

Stagger as ocultara. No entanto, se aquelas impressões fossem mesmo dele, teriam sido identificadas logo na primeira rodada de pesquisas realizada por Suggs e Rinsky. Todos os policiais tinham os seus datilogramas registrados na base de dados. Portanto, as digitais não eram do capitão.

Por outro lado, quando eles enfim haviam encontrado uma compatibilidade, Stagger se infiltrara na investigação, alegando depois que as impressões pertenciam a um mendigo qualquer.

Sim, aquelas digitais eram a chave do mistério.

Kat ligou para o celular de Suggs.

– Olá, Kat, como vão as coisas?

– Tudo ótimo. Por acaso você já teve a oportunidade de dar uma olhada naquelas velhas digitais?

– Ainda não.

– Não quero ser chata, Suggs, mas elas são muito importantes.

– Depois desses anos todos? Não vejo como. De qualquer modo, já fiz a solicitação. Todas as provas estão arquivadas no depósito. Falaram que ainda vai demorar alguns dias.

– Você não pode botar um pouquinho de pressão?

– Até posso, Kat, mas não esqueça que o pessoal está trabalhando em casos ativos. Essas digitais não são prioridade.

– São, sim. Acredite em mim, Suggs. Pelo papai.

Fez-se um silêncio do outro lado da linha. De repente, Suggs disse “Pelo seu pai” e desligou.

Kat voltou os olhos para a maldita praia e se lembrou do que vinha pensando antes de ser levada por Leslie.

Aqui é a Kat.

Por iniciativa própria, ela havia digitado aquilo numa mensagem instantânea para Jeff/Ron. Antes, lhe enviara um link para o vídeo de “Missing You” e ele respondera como se não fizesse a menor ideia de quem ela era. E, então, ela tinha escrito... Aqui é a Kat.

Ela enregelou. Kat lhe dissera seu nome. Antes disso, ele não havia mencionado nome nenhum. Começara a chamá-la de Kat, como se a conhecesse, *depois* que ela tinha se identificado.

Algo estava errado.

Algo estava muito, muito errado com Dana Phelps, com Gerard Remington, com Jeff

Raynes/Ron Kochman. Ela ainda não tinha como provar, mas três pessoas haviam desaparecido.

Ou pelo menos duas. Gerard e Dana. Quanto a Jeff...

Só havia um meio de descobrir. Ela entrou na Ferrari e deu partida. Não iria retornar para Nova York. Ainda não. Voltaria para a casa de Ron Kochman. Arrobaria a porta se necessário e descobriria a verdade de qualquer forma.

Ao virar na Deforest Street, deparou com os mesmos dois carros diante da casa. Estacionou atrás deles e já ia descendo quando o celular tocou.

Era Chaz.

– Alô?

– Martha Paquet viajou ontem à noite para passar o fim de semana numa pousada. Desde então, ninguém mais a viu.

Titus agradeceu a Dana pela cooperação.

– Quando vou poder voltar para casa? – ela quis saber.

– Amanhã, se não houver nenhum contratempo. Enquanto isso, Reynaldo irá conduzi-la até o celeiro, onde você poderá passar a noite. Lá tem um banheiro, uma cama... Acho que você vai gostar.

Dana tremia da cabeça aos pés. Ainda assim, conseguiu dizer:

– Obrigada.

– De nada. Agora pode ir.

– Não vou contar nada para ninguém. Pode confiar em mim.

– Eu sei. Confio em você.

Dana caminhou com dificuldade até a porta, como se chapinhasse num lamaçal. Reynaldo esperou por ela. Assim que os dois sumiram de vista, Dmitry pigarreou.

– Ahn, temos um problema.

Titus imediatamente se virou para ele. Problemas não eram admissíveis.

– O que foi?

– Estamos recebendo e-mails.

Assim que tinha acesso às senhas, Dmitry providenciava para que as contas de e-mail de todos os reféns fossem redirecionadas para ele. Desse modo, era possível monitorar e até responder às mensagens de parentes preocupados.

– De quem?

– Da irmã de Martha Paquet. Acho que ela também tem ligado para o celular.

– O que dizem os e-mails?

Dmitry ergueu o rosto, reajustou os óculos no nariz.

– Uma detetive da Polícia de Nova York telefonou perguntando onde Martha estava. Parece que a mulher ficou preocupada quando ela disse que a irmã tinha viajado com o namorado.

Titus foi invadido por uma torrente de fúria.

Kat.

A balança dos custos e benefícios agora pendia significativamente para um dos lados.

Titus recolheu suas chaves e disparou porta afora.

– Responda ao e-mail da irmã dizendo que ela está ótima e que volta amanhã. Se chegarem mais mensagens, me avise pelo celular.

– Para onde você está indo?

– Para Nova York.

Kat esmurrou a porta da casa. Olhou pelas vidraças laterais, mas não viu nenhum movimento do outro lado. Era pouco provável que o velho tivesse saído. Não fazia mais que uma hora desde que eles haviam se falado. Ambos os carros estavam lá. Ela bateu novamente.

Nenhuma resposta.

O velho tinha mandado que ela saísse da propriedade *dele*. Portanto, Ron/Jeff talvez não fosse o proprietário. Talvez ele e a filha alugassem quartos na casa do velho. Não seria difícil descobrir o nome do homem, mas de que isso adiantaria?

Àquela altura, Chaz já deveria ter notificado o FBI sobre o caso, mas as provas permaneciam tão escassas quanto antes. Adultos tinham todo o direito de sumir por um ou dois dias. Restava a esperança de que as semelhanças circunstanciais dessem ao caso um caráter de urgência, mas não era possível saber. Dana Phelps realmente havia falado com o filho e com seu consultor financeiro. Nada impedia que Martha Paquet estivesse mesmo enroscada com seu namorado na cama.

Exceto por um detalhe: as duas mulheres supostamente viajaram com o mesmo homem.

Contornando a casa, Kat foi espiando através de cada janela, mas todas as cortinas estavam fechadas. Acabou encontrando o velho no quintal da casa, numa espreguiçadeira, lendo um policial de Parnell Hall. Ele agarrava o livro como se receasse deixá-lo fugir.

– Olá – cumprimentou Kat.

O velho se sentou, assustado.

– Que diabos você está fazendo aqui?

– Bati na porta, mas...

– O que você quer?

– Falar com o Jeff.

– Não conheço nenhum Jeff.

Kat não acreditou.

– Onde está Ron Kochman?

– Já disse. Ele não está aqui.

Kat se aproximou, postando-se acima do homem.

– Duas mulheres estão desaparecidas.

– O quê?

– Duas mulheres que conheceram Ron pela internet. Elas sumiram.

– Não sei do que você está falando.

– Não vou sair daqui enquanto você não disser onde ele está.

O velho ficou em silêncio.

– Vou acionar a polícia de Long Island. Chamar o FBI. Avisar a imprensa.

Os olhos do velho se arregalaram.

– Você não faria isso.

Kat se inclinou até ficar cara a cara com ele.

– Vai pagar para ver? Vou contar para todo mundo que Ron Kochman e Jeff Raynes são a mesma pessoa.

O velho permaneceu calado.

– Onde ele está?

Silêncio.

Kat chegou a levar a mão à arma, mas se conteve a tempo. Dessa vez, berrou:

– *Onde ele está?*

– Deixe ele em paz.

Kat ofegou ao reconhecer aquela voz. Virou-se para a casa. A porta de tela se abriu. Sentiu os joelhos bambearem. Tentou dizer algo, mas não conseguiu.

Jeff saiu para o quintal e abriu os braços.

– Estou bem aqui, Kat.

capítulo 35

CHEGANDO AO CELEIRO, REYNALDO e Dana foram recebidos à porta por Bo, que abanava o rabo. Rapidamente, o cachorro foi para o lado do dono, que se abaixou para coçá-lo atrás das orelhas.

– Bom garoto – disse Reynaldo, e recebeu um latido de felicidade.

Ele ainda brincava com o cachorro quando ouviu bater a porta de tela na varanda da casa. Virou-se a tempo de ver Titus saltar os degraus e correr na direção do utilitário preto que esperava por perto. Clem Sison, o motorista que havia ocupado o lugar de Claude, assumiu o volante enquanto o chefe se acomodava no banco do passageiro.

O carro logo sumiu de vista, levantando atrás de si uma longa nuvem de poeira.

Reynaldo ficou se perguntando o que poderia ter acontecido, e Bo latiu, insatisfeito com a distração do dono. Reynaldo imediatamente retomou os carinhos e gostou de ver o brilho que se acendeu nos olhos do labrador. Isto era o melhor dos cachorros: sempre era possível saber o que se passava na cabeça deles.

Praticamente imóvel, Dana assistia à cena com um pequeno sorriso. Incomodado, Reynaldo se reergueu e despachou o cachorro para o local das covas. Bo ganiu em protesto.

– Sai! – insistiu Reynaldo.

Resignado, Bo saiu do celeiro e foi marchando trilha abaixo.

O sorriso de Dana foi se apagando à medida que o cão se afastava.

– Também tenho um labrador – comentou ela. – Uma fêmea. O nome dela é Chloe. Mas não é chocolate, é preta. Que idade tem o seu cachorro?

Reynaldo não respondeu. Ele podia ver a velha serra de poda que os amish haviam deixado para trás. Certa vez, querendo testar se a ferramenta serviria para cortar os dedos de uma pessoa, ele havia usado um dos reféns como cobaia. Levou um pouco de tempo. Mas não sem muita bagunça e muito sangue. Não era aquele corte rápido e limpo de uma serra moderna. O homem, que ocupara a cova de número três, tinha gritado muito, irritando Titus. Fora preciso emudecê-lo com um pano enfiado na boca e uma tira de fita adesiva por cima. Além disso, o filho da puta desmaiava toda vez que a serra alcançava a cartilagem. Nas duas primeiras vezes, Reynaldo havia interrompido o serviço para buscar um balde de água e reacordá-lo. Ao vê-lo desmaiar pela terceira vez, buscara outros tantos baldes para deixá-los de prontidão a seu lado.

– Aceita uma água? – perguntou a Dana.

– Sim, por favor.

Ele encheu dois baldes e os deixou sobre a bancada de ferramentas. Dana levou um deles à boca e bebeu a água diretamente no balde. Reynaldo encontrou uma toalha de rosto que poderia fazer as vezes de mordação, mas não o rolo de fita adesiva. Poderia ameaçar a mulher, claro, dizendo que as coisas ficariam ainda piores caso ela cuspsse a pequena toalha. Por outro lado, Titus acabara de sair. Ela que gritasse o quanto quisesse.

– Onde está a cama? – perguntou Dana. – E o chuveiro?

– Senta – ordenou Reynaldo, apontando para uma cadeira.

Ele havia amarrado o Número Três com uma corda e prendido as mãos dele, uma de cada vez, no torno grande que ficava na bancada de ferramentas. O homem tinha ameaçado reagir ao ver as cordas, mas fora silenciado com uma coronhada. Talvez fosse o caso de repetir o procedimento agora, pensou Reynaldo, mas Dana lhe parecia mais dócil. Ainda assim, tão logo comesse a cortá-la, ele precisaria de algo para imobilizá-la.

– Senta aí – repetiu.

Dana imediatamente obedeceu.

Reynaldo foi até a bancada e, da gaveta inferior, tirou um rolo de corda. Não era lá muito bom com os nós, mas bastava enlaçar os reféns um número suficiente de vezes, e jamais sair de perto deles, para que tudo saísse a contento.

– Para que essa corda? – perguntou Dana.

– Preciso arrumar sua cama. Não vou correr o risco de deixar você fugir.

– Não vou fugir, prometo.

– Não se mexa – ordenou ele, e foi passando a corda em torno do tronco dela.

Dana começou a chorar, mas não esboçou a menor resistência, o que confundiu Reynaldo, fazendo-o oscilar entre a decepção e o alívio. Ele já ia iniciando uma segunda volta com a corda quando ouviu aqueles ganidos que conhecia tão bem.

Bo.

O cachorro havia retornado para a porta do celeiro e agora fitava o dono com um olhar muito triste.

– Vaza daqui – mandou Reynaldo.

Mas Bo permaneceu onde estava, ganindo novamente.

– Vai embora. Daqui a pouco eu desço também.

O cachorro começou a raspar o chão com uma das patas ao mesmo tempo que olhava para sua caminha no celeiro. Reynaldo já deveria ter imaginado: Bo gostava da sua caminha. Também gostava do celeiro, sobretudo quando tinha a companhia do dono. A única vez em que fora trancado do lado de fora havia sido naquela noite em que Reynaldo tinha experimentado a serra de poda no Número Três. Bo não gostara nem um pouco, não por causa dos dedos sanguinolentos, mas por ficar longe da cama e do dono.

Por muitos dias depois, o cão ficaria farejando o chão do celeiro onde pingara sangue.

Reynaldo interrompeu o que vinha fazendo e foi ter com o cachorro. Fez um rápido carinho

nas orelhas dele e disse:

– Desculpa aí, amigo, mas você vai ter que esperar do lado de fora.

Afugentou-o de novo e já ia se preparando para fechar a porta quando o cachorro voltou mais uma vez.

– Senta aí!

Bo obedeceu.

Reynaldo mal tinha pousado a mão na maçaneta da porta quando foi golpeado por trás, na cabeça, com tamanha força que ele caiu de joelhos, a cabeça vibrando feito um diapasão. Assim que encontrou forças para reerguê-la, viu Dana empunhando no alto a cadeira de metal. Ela recuou um pouco e, com um berro gutural, tentou atingir o rosto de Reynaldo, que se esquivou a tempo. Bo começou a latir, preocupado. Mesmo de joelhos, Reynaldo conseguiu arrancar a cadeira das mãos de Dana, que fugiu em disparada.

Ele tentou ficar de pé, mas foi impedido pela tonteira, que o jogou de volta no chão. Bo correu e começou a lambê-lo no rosto. Isso lhe deu forças e Reynaldo enfim conseguiu se levantar. Sacou sua arma e correu para fora do celeiro. Olhou para a direita. Nenhum sinal da mulher. Olhou para a esquerda. De novo, nenhum sinal dela.

Então, contornou o celeiro e chegou do outro lado no mesmo momento em que Dana sumia de vista, embrenhando-se na mata. Ergueu o revólver, disparou e correu no encalço dela.

Titus orgulhava-se da operação que havia montado.

Ninguém chegava ao “crime perfeito” com uma ideia caída do céu, com algum tipo de inspiração divina. Sua operação era fruto de um processo evolutivo, um conceito moldado lentamente ao longo dos anos a partir de todas as outras operações pelas quais ele havia passado. Os ingredientes principais eram o amor, o sexo, o romantismo, o desejo. Um procedimento primitivo em seus instintos e moderno em sua execução.

Uma operação infalível.

Pelo menos até então.

Eram muitos os malandros de meia-tigela que pensavam pequeno, que não tinham talento nem vocação para as grandes operações, que se contentavam em se fazer passar por garotos de programa para depois fisgar clientes pela internet e tirar deles meia dúzia de trocados.

Não, para Titus isso era muito pouco.

De todas as suas atividades do passado – prostituição, extorsão, falsidade ideológica, fraudes de toda sorte –, ele tirara o que havia de melhor para usar em proveito de algo muito maior. Em primeiro lugar, ele tinha criado uma série de perfis absolutamente perfeitos na internet. Como? De muitas maneiras. Dmitry o ajudava a encontrar contas “mortas” ou “inativas” nas diversas redes sociais, como Facebook e MySpace, de pessoas que haviam criado uma página, postado nela algumas poucas fotos e depois abandonado aquilo do jeito que estava. A maioria dos perfis que ele acabava usando era de contas canceladas.

Ron Kochman, por exemplo. Segundo as informações da memória cache, a conta dele

havia sido criada e deletada duas semanas depois. O que era ideal. No caso de Vanessa Moreau, eles tinham encontrado o portfólio dela, com fotos de biquíni, num site chamado Mucho Models. Ela não atualizava sua página havia três anos, e Titus não recebera nenhuma resposta quando, só por garantia, tentara “contratá-la” para um trabalho qualquer numa suposta revista.

Em suma, ambas as contas estavam mortas.

Esse era o primeiro passo.

Após encontrar as identidades que poderia explorar, Titus fazia uma busca mais profunda na internet, sabendo que era isso o que faria qualquer um que se interessasse por esses perfis. Era essa a prática dos novos tempos: ao conhecer alguém on-line, ou mesmo pessoalmente, as pessoas logo faziam uma pesquisa, sobretudo quando se tratava de namorados em potencial. Era por isso que os perfis inventados do zero não funcionavam. Bastava “dar um Google” para que a farsa fosse descoberta. Mas, se a pessoa fosse real e apenas não fosse possível entrar em contato com ela...

Tiro e queda.

Não havia praticamente nada a respeito de Ron Kochman na internet, mas, ainda assim, apenas por prudência, Titus fazia seu Ron passar-se por Jack nos sites de relacionamento, como se o cara quisesse ser “cauteloso”. O truque sempre funcionava. O caso de Vanessa era parecido. Ao cabo de sua pesquisa adicional – que o curioso comum jamais conseguiria fazer sem o auxílio de um detetive profissional –, Titus tinha descoberto que Vanessa Moreau era apenas um pseudônimo, um nome artístico por assim dizer: na realidade, a moça se chamava Nancy Josephson e agora morava em Bristol, na Inglaterra, casada e com dois filhos.

O critério seguinte era o aspecto físico.

De início, ele havia pensado que, nesse quesito, Vanessa poderia ser um problema. Ela simplesmente era bonita demais, tipo “modelo de calendário”. Os homens ficariam desconfiados. Mas a experiência com a prostituição lhe ensinara que, no que dizia respeito às mulheres, os homens emburrecem. Todos têm a mais absoluta convicção de que são um presente dos deuses para a mulherada em geral. Gerard Remington chegara ao ponto de se vangloriar com Vanessa, dizendo que os espécimes superiores – ele na inteligência, ela na beleza – naturalmente gravitavam na direção um do outro. “As pessoas especiais acabam se encontrando”, ele havia explicado. “Depois procriam e, assim, aprimoram a espécie.”

Sim, ele dissera isso. Sem brincadeira.

Procurando ser prudente, Titus tinha o hábito de usar cada perfil para seduzir apenas um único alvo; em seguida, o deletava e o trocava por outro. No entanto, não era todo dia que aparecia uma identidade tão perfeita quanto a de Ron Kochman, alguém que possuía uma movimentação na internet mas era impossível de ser localizado. Além disso, o camarada tinha a idade e o aspecto físico ideais. As mulheres ricas geralmente desconfiavam dos homens muito mais jovens do que elas, farejando um possível golpe do baú, mas também não se interessavam pelos muito mais velhos. Kochman era viúvo – um grande ponto a seu favor – e

tinha uma beleza que não intimidava ninguém, do “mundo real”. Até mesmo nas fotografias ele passava a imagem de um cara legal: descontraído, seguro de si, olhos bondosos, sorriso simpático. Não havia mulher que não caísse por ele.

Terminada a triagem dos perfis, os passos seguintes eram relativamente simples. Titus pegava as fotografias que havia surrupiado das contas inativas nas redes sociais e as postava nos diversos perfis que ia criando nos sites de relacionamento. Jamais exagerava no que escrevia. Àquela altura, já conhecia todos os truques. Jamais era grosseiro com as mulheres, jamais se oferecia muito para os homens. A sedução era seu forte. Ele sabia ouvir seus interlocutores, ouvir de verdade, e assim conseguia satisfazer as necessidades de cada um, algo que aprendera nos tempos em que recrutava moças nas rodoviárias. Procurava passar longe das banalidades e dos exageros que sempre via nos “anúncios pessoais” dos mais inexperientes. Na sua opinião, era muito mais eficaz demonstrar a própria personalidade – quando falava de si mesmo, por exemplo, sempre encaixava alguma piadinha autodepreciativa – do que anunciá-la (“Sou um cara boa-praça, gosto de ajudar as pessoas”).

Nos sites de relacionamento, nunca solicitava informações pessoais dos seus interlocutores, mas, cedo ou tarde, acabava colhendo alguma coisa que eles próprios forneciam. Assim que era apresentado com um nome, um endereço ou qualquer outra informação mais relevante, pedia a Dmitry que fizesse um levantamento completo e tentasse descobrir quanto valia aquela pessoa em termos de patrimônio e renda. Quem não estivesse na casa dos seis dígitos era logo descartado. Também ficavam de fora os que tinham uma penca de parentes e amigos que pudessem dar por sua falta.

Em dado momento, era possível que Titus tivesse dez perfis paquerando centenas de alvos em potencial. A grande maioria acabava sendo eliminada. Alguns eram trabalhosos demais. Outros não topavam viajar sem antes bater um papo pessoalmente. Outros tantos faziam seu dever de casa e, pesquisando identidades nem tão verossímeis quanto as de Ron Kochman e Vanessa Moreau, acabavam descobrindo que estavam sendo trapaceados.

Ainda assim, restava uma infinidade de alvos.

Atualmente, mantinha sete reféns na fazenda: cinco homens e duas mulheres. Titus preferia os homens, o que talvez contrariasse o senso comum. Mas, na realidade, os homens solteiros chamavam pouquíssima ou nenhuma atenção quando desapareciam. Homens sumiam todo dia. Davam um perdido. Enrabichavam-se com uma mulher e mudavam de cidade. Transferiam todo o seu dinheiro de uma conta para outra e ninguém ficava com a pulga atrás da orelha por causa disso. Mas as mulheres, não. Por mais sexista que isso fosse, e era, as pessoas sempre ficavam desconfiadas quando uma mulher começava a “pirar” com suas finanças pessoais.

Quantas vezes se lia nos jornais que a polícia andava investigando o desaparecimento de um homem de 47 anos? Quase nunca.

E o “quase nunca” virava “nunca” quando o quarentão desaparecido continuava mandando e-mails ou mensagens de texto, por vezes até telefonando. A operação de Titus era simples e precisa. Mantinha os reféns vivos até o dia em que deixavam de ser necessários. Eram

depenados, mas não a ponto de disparar algum alarme por aí. Eram depenados só até o ponto em que os lucros eram garantidos e seguros. Depois disso, eram mortos e desovados em algum lugar.

Isso era fundamental: não deixar ninguém vivo para contar a história.

Fazia oito meses que Titus tocava sua operação naquela fazenda. Lançava suas redes em qualquer lugar que ficasse a uma distância de até dez horas de carro da fazenda. Portanto, sua praça principal era a Costa Leste, desde o Maine até a Carolina do Sul. Por vezes fispava alguém no Centro-Oeste também. Cleveland ficava a cinco horas dali; Indianápolis, mais ou menos nove; Chicago, exatamente dez. Tomava um cuidado especial para que os refêns não viessem da mesma cidade ou de localidades muito próximas, tampouco que tivessem algum vínculo qualquer. Gerard Remington, por exemplo, era de Hadley, Massachusetts, enquanto Dana Phelps era de Greenwich, Connecticut.

O resto era simples.

Sempre chegava aquele momento em que a relação on-line alcançava o ponto certo para um encontro pessoal. No entanto, Titus não deixava de se surpreender com a intimidade que conseguia estabelecer com alguém que nunca vira na vida. Já havia tido algum tipo de sexo virtual, ou por mensagens de texto ou pela internet, com mais da metade de suas vítimas. No caso das conversas por telefone, sempre usava um celular descartável. Por vezes, contratava uma mulher para ajudá-lo, mas não se dava o trabalho de explicar a ela o que estava acontecendo. O mais comum, no entanto, era usar um modulador de voz. De qualquer modo, tórridas palavras de amor eram trocadas antes mesmo que se marcasse um encontro.

Bizarro.

Era inevitável que as coisas evoluíssem para a ideia de uma romântica viagensinha a dois, fosse por uma semana inteira ou apenas por um fim de semana. Gerard Remington, que claramente tinha problemas de socialização, quase havia botado tudo a perder ao insistir em ir no próprio carro, obrigando-os a improvisar com uma pancada na cabeça para apagá-lo no estacionamento do aeroporto. Ele comprara uma aliança e preparara um elaborado pedido de casamento, mesmo sem jamais ter visto pessoalmente sua imaginada Vanessa. Não era o primeiro a fazer isso. Titus já lera sobre casos semelhantes, casais que por muitos meses, às vezes até anos, tinham se relacionado apenas pela internet. Também havia aquele famoso *linebacker* do time de futebol americano da Universidade de Notre-Dame que se apaixonara perdidamente sem jamais ter visto a “moça” que o enganava, chegando ao ponto de acreditar que ela havia morrido de uma bizarra combinação de leucemia e acidente automobilístico.

As pessoas ficam cegas com o amor, disso todo mundo sabe. No entanto, cegam-se muito mais quando querem se apaixonar a todo custo.

Titus também tinha aprendido com a experiência que as pessoas não eram exatamente otárias, mas desesperadas. Ou talvez as duas coisas fossem lados diferentes de uma mesma moeda.

Pois agora sua operação perfeita havia tropeçado num grande obstáculo. Pensando bem,

ele era o principal culpado. Tinha ficado preguiçoso. Tudo correria tão bem nos últimos meses que ele havia baixado a guarda. Logo depois de saber que a tal “Kat” – a mulher que o abordara no Você Faz Meu Tipo – tentava encontrar o homem que ela pensava ser Ron Kochman, ele deveria ter apagado o perfil do site e cortado o mal pela raiz. Mas não o fizera, e por vários motivos.

Em primeiro lugar, ele estava muito perto de fisgar mais duas vítimas com o mesmo perfil; não queria perdê-las por conta do que, de início, parecia ser apenas o contato informal de uma ex-namorada. Em segundo lugar, não fazia a menor ideia de que a mulher era da Polícia de Nova York. Não se dera o trabalho de levantar a ficha dela. Simplesmente deduzira que se tratava de uma ex solitária e carente, que bastava mandar aquele papo de não retomar o passado, de que o melhor para ele seria começar do zero com outra pessoa. O que havia sido um erro. Em terceiro lugar, a tal Kat não o chamara de Ron, mas de Jeff, e ele tinha pensado: ou ela o estava confundindo com outro homem que se parecia com Ron ou, por algum motivo, o tal Ron já havia sido Jeff no passado, o que fazia dele um perfil ainda melhor em termos de inacessibilidade.

Outro erro.

Ainda assim, mesmo com a acuidade das análises em retrospecto, como era possível que Kat Donovan, mesmo sendo policial, tivesse ligado os pontos? Partindo apenas de uma rápida conversa no Você Faz Meu Tipo, como era possível que ela tivesse chegado a Dana Phelps, Gerard Remington e Martha Paquet?

Ele precisava saber.

Não poderia simplesmente apagá-la e dar o assunto por encerrado. Precisava rendê-la e fazê-la falar até que ele pudesse avaliar o tamanho do estrago causado. Talvez aquela operação inicialmente tão perfeita já tivesse dado o bastante. Caso descobrisse que a detetive chegara perto demais e compartilhara a informação com outras pessoas, não lhe restaria outra coisa a fazer senão apertar o botão de DELETAR e botar abaixo toda a operação, o que implicava matar todos os reféns que ainda restavam, livrar-se dos corpos, incendiar a fazenda e tocar o barco com a grana já arrecadada.

Mas também era preciso não perder a cabeça. Naquelas circunstâncias, seria muito fácil entrar em pânico e ser exageradamente cauteloso. O correto seria não tomar decisão alguma antes de colher mais informações. Ele precisava botar as mãos em Kat Donovan e descobrir exatamente o que ela sabia. Também teria que dar sumiço nela. Por algum motivo, havia a crença de que matar alguém servia apenas para atizar ainda mais a sanha investigativa da polícia. Mas a verdade era outra: mortos não davam com a língua nos dentes; cadáveres desaparecidos não deixavam pistas. O risco era infinitamente maior quando vítimas e inimigos eram poupados.

Não havia dúvida de que o melhor mesmo era dar cabo deles.

Titus fechou os olhos e recostou a cabeça no banco do carro. A viagem até Nova York

levaria cerca de três horas. Tempo suficiente para tirar uma soneca e descansar, preparando-se para o que estava por vir.

capítulo 36

NO QUINTAL DAQUELA CASA tão trivial de Montauk, paralisada onde estava, Kat sentiu o chão se abrir sob os pés, engolindo-a por inteiro. Dezoito anos após dizer que não queria mais se casar com ela, Jeff estava a meros 10 metros de distância, usando jeans e uma camiseta preta mais ou menos justa. Nos olhos dele, via-se uma mistura de espanto, mágoa e remorso, e Kat se perguntava se o olhar dela também era igual.

Quando Jeff enfim disse algo, foi para o velho na espreguiçadeira, não para ela:

– Um pouquinho de privacidade não seria nada mal, Sam.

– Ok, já entendi.

Pelo canto dos olhos, Kat viu o homem fechar seu livro e entrar na casa. Ela e Jeff se encaravam. Ou haviam se tornado dois duelistas à espera de que o outro sacasse sua arma ou, mais provavelmente, duas almas desesperançadas que nem ousavam piscar por medo de que o outro desaparecesse naquela poeira acumulada em dezoito anos.

Com os olhos marejados, Jeff disse:

– Puxa, como é bom ver você outra vez.

– Você também.

Silêncio.

– Foi isso mesmo que eu acabei de dizer? “Você também”?

– Você já foi melhor nas suas respostas.

– Já fui melhor num monte de coisas.

Jeff balançou a cabeça.

– Você está linda.

Kat sorriu.

– Você também. Ahn, será que virou um vício?

Jeff foi se aproximando dela com os braços abertos. A vontade de Kat era se lançar até ele e ser pressionada contra o seu peito, depois receber um beijo carinhoso que fizesse derreter aquele gelo como o sol faz com a geada da manhã. No entanto, talvez por medida de autoproteção, ela recuou um passo e ergueu a mão, voltando a palma para o ex-noivo. Jeff ficou surpreso, mas só por um instante, então assentiu.

– Por que você está aqui, Kat?

– Estou procurando duas mulheres desaparecidas.

Kat sentiu o chão firmar-se novamente sob os pés. Não estava ali para reacender a chama

de um amor adormecido, mas para solucionar um caso.

– Não entendi – disse Jeff.

– Elas se chamam Dana Phelps e Martha Paquet.

– Nunca ouvi falar nelas.

Kat já esperava por isso. Ao se dar conta de que havia sido a primeira a se identificar no site, não tivera dificuldade para deduzir o resto.

– Você tem um laptop? – perguntou ela.

– Um laptop? Claro. Por quê?

– Pode ir buscá-lo?

– Ainda não...

– Busque o computador, Jeff. Por favor, ok?

Ele concordou e entrou em casa. Tão logo se viu sozinha, Kat sentiu suas forças se esvaírem por completo e caiu de joelhos. Cogitou entregar os pontos e se espichar ali mesmo, esquecendo-se das mulheres desaparecidas, para chorar o quanto quisesse, para pensar nas coisas que poderiam ter sido e não foram.

Por sorte, ela se recompôs segundos antes de Jeff voltar ao quintal com o laptop já ligado. Recebeu a máquina e se acomodou à mesa de piquenique que havia perto. Jeff sentou-se diante dela.

– Kat?

Percebendo dor em sua voz, ela disse:

– Agora não, Jeff. Por favor. Preciso terminar isto aqui, ok?

Ela abriu a página do Você Faz Meu Tipo e procurou pelo perfil dele.

Mas não encontrou.

Alguém vinha limpando sua própria lambança. Rapidamente, ela abriu seu e-mail e achou o link que Brandon havia mandado com a página inativa de Jeff no Facebook. Clicou nele e virou o computador para o ex.

– Você tinha essa conta no Facebook?

Estreitando os olhos, Jeff examinou a página.

– Foi assim que você me encontrou?

– Isso ajudou.

– Deletei essa página assim que soube da existência dela.

– Nada é definitivamente deletado na internet.

– Você viu minha filha hoje de manhã. Quando ela estava indo para a aula.

Kat assentiu. A menina havia ligado para o pai após a conversa entre elas na rua. Nada mais natural.

– Alguns anos atrás, a Melinda... é esse o nome dela... a Melinda criou essa página para mim, achando que eu andava muito sozinho, que precisava encontrar mais pessoas. Amigos do passado, uma namorada nova, essas coisas. Já fazia um tempo que a mãe dela tinha morrido e, depois disso, não fiquei com mais ninguém.

– Então foi sua filha que colocou você no Facebook.
– Pois é. Quis fazer uma surpresa para mim.
– Ela sabia que você costumava ser Jeff Raynes?
– Na época, não. Assim que vi a tal página, eu a deletei. Então, contei a ela que já tinha sido outra pessoa.

Kat buscou o olhar penetrante dele.

– Por que você trocou de nome?

Ele apenas balançou a cabeça.

– Você falou que estava procurando umas mulheres desaparecidas...

– Sim.

– Foi isso que trouxe você aqui.

– Certo. Alguém usou você como isca.

– Isca?

– Sim, alguém usou sua identidade para seduzir outras pessoas na internet – explicou Kat, com uma objetividade que lhe fez bem. Precisava ater-se aos fatos para aplacar os sentimentos, ainda que superficialmente. – Alguém pegou as fotos e informações do seu perfil e as usou para criar perfis falsos nos sites de relacionamento. Duas mulheres que morderam essa isca estão desaparecidas.

– Não tive nada a ver com isso.

– É, agora eu sei.

– Como você se envolveu nessa história?

– Sou policial.

– Então... é um caso que a polícia está investigando? Alguém mais me reconheceu?

– Não. Eu me registrei nesse site, o Você Faz Meu Tipo. Melhor dizendo, uma amiga me registrou. Mas tanto faz. Vi o seu perfil e entrei em contato com você. – Ela quase sorriu. – Cheguei a mandar um link para o vídeo do “Missing You”.

Ele sorriu.

– John Waite.

– Exatamente.

– Sempre adorei esse vídeo. – Um brilho se acendeu nos olhos de Jeff. – Quer dizer então que você... humm, você está solteira?

– Sim.

– Você nunca...

– Não.

Os olhos de Jeff começaram a se encher de água novamente.

– Engravidei a mãe da Melinda numa noite de bebedeira, um período bastante autodestrutivo, tanto para mim quanto para ela. Consegui sair desse poço, mas ela, não. Este senhor que estava aqui... é meu ex-sogro. Nós três temos vivido juntos desde que ela morreu. Melinda tinha apenas 18 meses.

– Sinto muito.

– Tudo isso já passou. Eu só queria que você soubesse.

Kat engoliu em seco.

– Nada disso é da minha conta.

– É, suponho que não. – Jeff virou o rosto e piscou os olhos. – Seria ótimo se eu pudesse ajudar você com essas mulheres desaparecidas, mas não sei de nada.

– Pois é, eu já imaginava.

– Mesmo assim, você se despencou até aqui para me encontrar.

– Nem é tão longe assim. Além disso, eu precisava ter certeza.

Jeff voltou a encará-la. Meu Deus, como ele ainda era bonito...

– Agora você tem certeza?

O mundo desabava ao redor de Kat. Ela se sentia tonta. Rever aquele rosto, ouvir novamente aquela voz... Difícil acreditar no que estava acontecendo. A dor era bem mais aguda do que ela havia imaginado. O modo súbito e cru como as coisas tinham terminado voltava à tona diante daquele rosto tão bonito e ao mesmo tempo tão angustiado.

Ela ainda o amava.

Merda. *Merda*. Kat agora odiava a si mesma pela constatação que acabara de fazer. Sentia-se uma fraca, tola, idiota.

Ela ainda amava aquele homem.

– Jeff?

– Sim.

– Por que você me deixou?

A primeira bala acertou o tronco de uma árvore a poucos centímetros da cabeça de Dana, soltando lascas no olho esquerdo dela. Jogou-se no chão e seguiu adiante, de quatro, sem saber ao certo onde teriam se alojado as outras duas balas que vieram logo depois, zunindo acima dela.

– Dana?

Seu pensamento era um só: manter a maior distância possível do filho da puta que a prendera naquela maldita cova. O imbecil que a obrigara a se despir para depois vestir um macacão apenas com meias.

Nenhum sapato, nenhum tênis.

Pois lá estava ela agora, cercada por uma mata densa, usando apenas meias para proteger os pés enquanto fugia de um psicopata. Num primeiro momento, a pior parte daquilo não era sequer a dor, tampouco o medo, mas a humilhação por ter se deixado levar por meia dúzia de fotografias e frases bem cunhadas.

Mais patético, impossível.

Com o agravamento da situação, no entanto, os sentimentos de autocensura haviam dado lugar à necessidade de sobrevivência. Ela sabia que seria inútil enfrentar o homem que se

apresentava como Titus. Tinha certeza de que ele faria o que fosse preciso para obter as informações que queria. Ainda que não estivesse tão alquebrada quanto fingia estar – na esperança de que eles baixassem a guarda –, a triste verdade era que ela estava bastante abalada.

Dana não fazia a menor ideia de quantos dias havia passado naquela cova. Não via a alvorada, não via o pôr do sol. Nenhum relógio, nenhuma luz, nenhuma penumbra. Apenas o breu absoluto.

– Para que isso, Dana? A gente não disse que ia deixar você ir embora?

Ah, claro.

Ela sabia perfeitamente que a intenção deles era matá-la, talvez até coisa pior, a julgar pelo brilho que percebera nos olhos do imbecil. Titus fora engenhoso ao vender seu peixe logo no início, dando esperanças de que tudo terminaria bem, mas, no fim das contas, aquilo tinha sido uma crueldade muito maior do que trancafiar uma pessoa debaixo da terra. Não havia dúvida. Ela vira o rosto de todos eles: do chefe Titus, do hippie nerd que não largava o computador, do capanga imbecil e dos dois guardas que montavam sentinela junto da casa.

Tivera tempo de sobra na eternidade escura daquela cova para ficar imaginando como eles pretendiam matá-la. A certa altura, tinha ouvido um tiro. Seria esse o seu fim? Uma bala na cabeça? Ou quem sabe a ideia era abandoná-la debaixo da terra sem água e sem comida?

Na verdade, que diferença isso fazia?

Agora que estava acima da terra, agora que se via cercada pela exuberância daquelas árvores e daquelas folhagens, ela se sentia livre. Caso viesse a morrer dali a pouco, pelo menos morreria nos seus próprios termos.

Dana se embrenhava cada vez mais naquela mata. Sim, ela havia colaborado com Titus. Do que teria adiantado não colaborar? Ao ser obrigada a fazer a ligação para confirmar as transferências bancárias, ela acalentara a esperança de que Martin Bork percebesse algo no seu modo de falar ou de que ela própria conseguisse passar ao consultor algum tipo de mensagem cifrada. Mas Titus havia mantido um dedo no botão de desligar durante todo o tempo da ligação, além de uma arma apontada na direção dela.

E ainda havia a grande ameaça de Titus...

– Você vai acabar se arrependendo, Dana! – berrou o imbecil, que agora entrara na mata também.

Ela procurou correr mais rápido, confiante de que não seria vencida pelo cansaço. Começava a ganhar terreno em relação ao capanga, desviando-se com agilidade dos galhos e das árvores, mas de repente pisou em algo e ouviu um estalo. Por sorte, conseguiu conter o grito de dor. Desequilibrando-se, caiu para o lado, mas uma árvore impediu que ela desabasse no chão. Apoiando-se numa das pernas, examinou o pé machucado. Deparou com um graveto espetado bem fundo na sola do pé, um pedaço do graveto maior em que ela havia pisado pouco antes. Tentou puxá-lo com cuidado. Não conseguiu.

O imbecil vinha correndo na sua direção.

Na cegueira do pânico, Dana quebrou o quanto pôde do graveto que a aferroava.

– Agora somos três atrás de você! – gritou o imbecil. – Não tem como a gente não encontrar você. E, mesmo que não encontre, ainda estou com o seu celular. Posso mandar uma mensagem para o seu filhinho dizendo que a limusine vai passar para buscá-lo e trazê-lo para junto da mamãe.

Dana se abaixou rapidamente, fechou os olhos, procurou não ouvir nada.

Essa era a carta na manga: Brandon.

– Seu filhinho vai morrer lá naquela cova em que você estava – disse o imbecil. – Quer dizer, se estiver com sorte.

Dana balançava a cabeça, com lágrimas de medo e fúria escorrendo pelo rosto. Uma voz interior pedia que ela se entregasse. Em vão. O imbecil que se danasse com suas ameaças. Não havia nenhuma garantia de que Brandon estaria a salvo mesmo que ela se rendesse.

A única certeza era a de que ele ficaria órfão.

– Dana?

Ele estava cada vez mais próximo.

Com esforço, ela se levantou novamente. Estremeceu de dor quando pisou o pé machucado no chão, mas, quanto a isso, não havia nada a fazer. Sempre gostara de correr, era daquelas que corriam todo dia para se exercitar, fizesse sol ou chuva. Começara a participar de corridas *cross-country* ainda na Universidade de Wisconsin, onde conhecera Jason Phelps, o grande amor da sua vida. Volta e meia ele brincava com Dana, acusando-a de ser viciada na endorfina dos velocistas. “Eu sou viciado em *não* correr”, afirmava. Mas nem por isso deixava de se orgulhar dela. Ia junto sempre que Dana tinha alguma maratona fora da cidade. Ficava esperando junto à linha de chegada, exultando ao vê-la passar. Mesmo doente, quando mal conseguia sair da cama, insistia que ela continuasse competindo, e lá ia ele mesmo assim, jogando um cobertor sobre as pernas emaciadas, fitando a linha de chegada com os olhos moribundos, esperando mais uma vez pela passagem triunfante da mulher.

Dana havia abandonado as maratonas após a morte do marido. Sabia que jamais participaria de outra novamente.

Já tinha ouvido todas as grandes verdades a respeito da morte, mas a maior de todas era a seguinte: a morte é uma grande merda. Sobretudo porque os que ficam para trás são obrigados a seguir vivendo com aquele vazio, aquela dor. A morte não é misericordiosa o bastante para levar junto os que sofrem com ela. Em vez disso, empurra goela abaixo a dolorosa lição de que a vida segue em frente, apesar de todos os pesares.

Dana procurou correr mais rápido. Por mais que os músculos e os pulmões reagissem com valentia, o pé machucado recusava-se a cooperar. Tentou jogar todo o peso do corpo apenas sobre a outra perna e ignorar o latejar que a afligia, mas, a cada vez que pisava com o pé esquerdo, era como se uma adaga o perfurasse na sola.

O imbecil se aproximava cada vez mais.

A mata se estendia indefinidamente à sua frente. Ela até poderia continuar correndo, mas...

e se não conseguisse encontrar uma saída? Por quanto tempo seria capaz de prolongar aquela fuga com uma farpa enorme na sola do pé e um maluco no seu encalço?

Não muito.

Dana deu um salto para o lado e foi rolando até se esconder atrás de uma rocha. Àquela altura, já podia ouvir o capanga abrindo caminho pela vegetação cerrada. Agora não lhe restava mais escolha. Não havia como retomar a corrida.

Ela teria que encontrar forças e coragem para lutar.

capítulo 37

— POR QUE VOCÊ ME DEIXOU?

Jeff crispou o rosto numa careta, como se aquelas cinco palavras tivessem formado um punho e o esmurrado. Por algum motivo, Kat buscou as mãos dele e as apertou entre as suas. Jeff não se opôs. Não se acendeu nenhuma fagulha quando eles se tocaram, não se deu nenhum tremor, nenhuma corrente elétrica de alta voltagem. O que ambos experimentaram foi uma sensação de conforto, uma inesperada familiaridade após quase duas décadas de afastamento. Apesar de tudo, de todas as mágoas, aquilo parecia certo de algum modo.

— Sinto muito.

— Não estou atrás de desculpas.

— Eu sei.

Eles entrelaçaram os dedos e ficaram ali, de mãos dadas. Kat não estava forçando a barra, mas também não estava se reprimindo. Apenas deixando o barco rolar. Permitindo-se restabelecer um vínculo com aquele homem que havia partido seu coração, ainda que a ideia não fosse lá muito boa.

— Tudo isso foi há muito tempo – comentou Jeff.

— Há dezoito anos.

— Pois é.

— Você não se dava conta de que era tanto tempo assim? – perguntou Kat, inclinando a cabeça.

— Não.

Seguiu-se um momento de silêncio. O céu estava limpo novamente e o sol podia brilhar à vontade sobre eles. Por pouco Kat não perguntou se ele não se lembrava do fim de semana que eles haviam passado juntos logo ali, em Amagansett. Mas... para quê? Aquilo fora uma grande burrice, procurar o homem que lhe dera uma aliança e, depois, um cartão vermelho. No entanto, pela primeira vez em muito tempo, ela não se sentia diminuída com aquela história. Talvez estivesse iludindo a si mesma. Conhecia perfeitamente bem os perigos de se fiar na intuição mais do que nas provas concretas.

Mas, naquele momento, Kat se sentia amada.

— Você está se escondendo – comentou ela.

Jeff permaneceu calado.

— Por acaso está no Programa de Proteção a Testemunhas ou alguma coisa assim?

- Não.
- O que é, então?
- Eu precisava de uma mudança, Kat.
- Você se envolveu numa briga de bar em Cincinnati.

Um sorriso débil despontou no rosto dele.

- Você sabe dessa briga...
- Sei. Foi logo depois que a gente se separou.
- O começo da minha fase autodestrutiva.
- E, algum tempo após essa briga, você mudou de nome.

Jeff baixou os olhos como se apenas então tivesse notado que eles se davam as mãos.

- Por que isso é tão natural?

- O que aconteceu, Jeff?

- Como eu disse, estava precisando de uma mudança.

– Você não vai me contar, é isso? – Kat sentiu os olhos marejarem. – Então... agora o quê? Agora eu me levanto e vou embora? Volto para Nova York, esqueço tudo isso e a gente nunca mais volta a se ver?

Com os olhos fixos nas mãos entrelaçadas, Jeff disse:

- Eu te amo, Kat.

- Eu também te amo.

Burra. Idiota. Doida. Porém... honesta.

Quando Jeff reergueu os olhos para fitá-la, Kat novamente sentiu o mundo ruir à sua volta.

- Mas não há como voltar atrás – continuou ele. – Não é assim que as coisas funcionam.

Nesse instante, o celular de Kat vibrou mais uma vez; ela o ignorara antes. Jeff recolheu as mãos. O feitiço, por assim dizer, foi quebrado. Kat sentiu o corpo ser invadido pela frieza daquelas mãos abandonadas.

O identificador de chamadas trazia o nome de Chaz. Kat levantou-se da mesa de piquenique, levou o telefone ao ouvido e pigarreou antes de atender:

- Alô?

- Martha Paquet acabou de enviar um e-mail para a irmã.

- O quê?

– Falou que está tudo bem. Ela e o namorado acabaram indo para outra pousada. Parece que estão se divertindo à beça.

- Estou com esse suposto namorado aqui na minha frente. Tudo não passa de um golpe.

Rapidamente, ela explicou como tudo funcionava. Contou que Ron Kochman não passava de uma isca, mas não falou que Ron e Jeff eram a mesma pessoa, tampouco que se tratava de seu ex-noivo. Não era mais uma questão de constrangimento, mas de objetividade.

- Mas e aí, Kat, que diabos está acontecendo? – perguntou Chaz.

- Uma coisa muito, muito grave. Você já falou com o FBI?

- Falei, mas... eles meio que ficaram na deles. Talvez demonstrem mais interesse quando

souberem desse fato novo, dessa história do golpe. Porque, por enquanto, não há nada que constitua crime. As pessoas fazem isso o tempo todo.

– Isso o quê?

– Você nunca viu aquele programa, *Catfish*? As pessoas vivem criando perfis falsos em sites de relacionamento. Usam fotos de pessoas mais bonitas, coisa e tal. Só para atrair os outros. Fico puto com isso, sabia? A mulherada sempre diz que o importante é a personalidade, a inteligência, etc., mas depois, pimba, acabam ficando com o bonitão. Talvez seja esse o caso, Kat.

– E depois a pessoa feia faz a outra transferir milhares de dólares para uma conta numerada na Suíça?

– Ninguém tocou no dinheiro da Martha.

– Pelo menos ainda não. Chaz, preste atenção. Preciso que você faça um levantamento de todos os adultos que sumiram nesses últimos meses. Talvez algum parente tenha prestado queixa. Mas é possível que esses desaparecimentos não tenham despertado suspeitas, que as pessoas tenham mandado e-mails, mensagens de texto, etc. dizendo que fugiram com um namorado, exatamente como nesses três casos. Mas veja se há menção a algum site de relacionamento.

– Você acha que há outras vítimas?

– Acho.

– Tudo bem, entendi. Mas não sei se o pessoal do FBI vai entender.

De fato.

– Talvez você consiga marcar uma reunião com eles – sugeriu Kat. – Ligue para Mike Keiser. Ele é o diretor assistente do Bureau em Nova York. Talvez a gente se saia melhor pessoalmente.

– Quer dizer então que você já está voltando para a cidade?

Kat virou-se para trás. Jeff também havia se levantado da mesa. Para Kat, era difícil digerir tudo aquilo ao mesmo tempo, os fatos novos, as emoções. Ela começava a temer pela própria estabilidade mental.

– Sim, estou saindo agora mesmo.

Eles não perderam tempo com despedidas, promessas ou abraços. Haviam dito o que tinham a dizer, avaliava Kat. Era como se aquela breve conversa tivesse bastado para ambos, ainda que ela se sentisse mais incompleta do que nunca. Kat fora até ali em busca de respostas, mas, como frequentemente queria a vida, estava saindo de lá com mais perguntas ainda.

Jeff a acompanhou até o carro. Fez uma careta quando viu a Ferrari “Fly Yellow” e, apesar dos pesares, Kat conseguiu dar uma risada.

– É sua? – perguntou Jeff.

– E se eu dissesse que sim?

– Eu diria que, na minha ausência, você deixou crescer um pinto pequeno.

Kat não se conteve: jogou-se nos braços do ex-noivo com tamanho ímpeto que o fez cambalear alguns passos para trás antes de corresponder totalmente ao abraço dela. Em seguida, recostou o rosto no peito dele e começou a soluçar. Jeff fechou os olhos e começou a acariciá-la na cabeça. Eles ficaram assim por um tempo, reacomodando-se naquele demorado abraço, apertando-se com sofreguidão. De repente, Kat se desvencilhou, entrou rapidamente no carro e foi embora sem ao menos olhar no retrovisor.

Ao longo dos primeiros 50 quilômetros, foi dirigindo numa espécie de transe, obedecendo ao GPS como se a máquina fosse ela, e não o aparelho. Quando enfim se deu conta de onde estava, obrigou-se a focar no caso e apenas nele. Refletiu sobre tudo que havia descoberto até então, sobre o golpe das iscas na internet, as transferências de dinheiro, os e-mails, os telefonemas, a placa de carro roubada.

Quanto mais pensava, mais ia cedendo ao pânico.

O tempo urgia. Não seria possível esperar até uma reunião com o FBI.

Após um sem-número de ligações urgentes para os conhecidos da polícia, enfim conseguiu ser atendida por Mike Keiser, o diretor assistente responsável pelo braço do FBI em Nova York.

– Em que posso ajudá-la, detetive? Estamos trabalhando num incidente que ocorreu hoje cedo no aeroporto LaGuardia. Também tenho duas ações contra o narcotráfico agendadas para a tarde. Meu dia está cheio.

– Obrigada por me atender, diretor. Não o incomodaria se não tivesse nas mãos o caso de três pessoas desaparecidas em pelo menos três estados diferentes. Uma delas é de Massachusetts, a outra é de Connecticut, e a terceira é da Pensilvânia. É bem provável que haja mais vítimas sobre as quais ainda não sabemos. Por acaso o senhor recebeu um briefing a esse respeito?

– Recebi, sim. Aliás, sei que o seu parceiro, o detetive Faircloth, solicitou uma reunião, mas realmente estou apertado com esse incidente no aeroporto. Pode ser um caso de segurança nacional.

– Se essas pessoas tiverem sido sequestradas...

– Pelo que sei, ainda não há nenhuma prova nesse sentido. E, se não me engano, todas as suas supostas vítimas entraram em contato com parentes ou amigos.

– Sim, mas nenhuma delas está atendendo o telefone. Tenho fortes motivos para acreditar que foram coagidas a enviar e-mails ou telefonar para esses parentes e amigos.

– Que motivos são esses?

– Basta ver o quadro geral.

– Por favor, seja breve, detetive.

– Começando pelas duas mulheres: ambas estavam tendo uma relação virtual com o mesmo homem...

– Que não é o sujeito de verdade.

- Correto.
 - Alguém usou as fotos dele, só isso.
 - Certo.
 - O que, aliás, nem é tão raro assim.
 - Não é. Mas o resto é. Num espaço de apenas uma semana, essas duas mulheres saíram de viagem com o mesmo homem.
 - Você não pode ter certeza que é o mesmo homem.
 - Perdão?
 - É possível que diferentes pessoas estejam usando o mesmo perfil falso.
- Kat não havia pensado nessa hipótese.
- Mesmo assim, nenhuma das duas voltou de viagem ainda.
 - O que também não chega a ser novidade. Uma delas resolveu prolongar sua estadia e a outra... a outra saiu, o quê? Ontem, não foi?
 - Diretor, uma dessas mulheres transferiu um montante altíssimo de dinheiro. Supostamente vai se mudar para Costa Rica, alguma coisa assim, não sei direito.
 - Mas ela ligou para o filho?
 - Sim, mas...
 - Você acha que ela foi coagida.
 - Acho. E há o caso de Gerard Remington. Ele também estava tendo uma relação virtual. Também está sumido e também transferiu dinheiro para uma conta na Suíça.
 - O que exatamente você acha que está acontecendo, detetive?
 - Acho que alguém está dando um golpe nessas pessoas, talvez em outras também. Chegamos a essas três, mas talvez haja outras. Acredito que o golpista aborde as suas vítimas, depois acene com uma viagem romântica e um compromisso mais sério. Assim que consegue rendê-los, tira deles o que bem entende. Até o presente momento, ninguém voltou. Faz semanas que o tal Gerard Remington sumiu do radar.
 - Você acha que...
 - Espero que esteja vivo, mas não estou muito otimista, não.
 - Acha mesmo que essas pessoas foram... sequestradas?
 - Acho. Esse golpista é muito inteligente e cauteloso. Chegou ao ponto de roubar uma placa de carro. Duas das três vítimas não usaram em nenhum momento os seus respectivos cartões de crédito e débito. Aliás, não fizeram nenhuma transação passível de rastreamento. Simplesmente evaporaram.

Silêncio.

– Tenho uma reunião daqui a pouco sobre essa confusão no aeroporto, mas, tudo bem, você tem razão. Esses desaparecimentos não estão cheirando nada bem. No momento, meu contingente está um pouco limitado, mas vamos dar um jeito. Você nos passou três nomes. Vou solicitar o rastreamento das contas bancárias, dos cartões de crédito e dos registros telefônicos. Vou intimar os responsáveis pelo tal site de relacionamento, ver o que eles têm a

dizer sobre esses falsos perfis. Não sei se com isso vamos conseguir muita coisa. Esses golpistas usam VPNs anônimas o tempo todo. Também vou ver se consigo convencer o pessoal do site a postar algum tipo de alerta aos usuários, mas isso pode afetar o negócio deles, não sei se vão querer colaborar. Também podemos solicitar ao Tesouro que passe um pente-fino nessas transferências de dinheiro. Dois alertas foram emitidos, certo? Talvez isso baste para fazer as coisas caminharem nessa frente também.

Ouvindo a lista de providências que o diretor pretendia tomar, Kat chegou a uma terrível conclusão: aquilo não adiantaria de nada.

O bandido era muito competente. Tivera o cuidado de roubar a placa de outro Lincoln apenas para não correr o risco de ser rastreado. Mas... tudo bem. Que o FBI fizesse o que tinha de fazer. Mesmo que não vissem o caso como uma prioridade, talvez dessem sorte e descobrissem algo.

Até lá, no entanto, o que ela poderia fazer?

– Detetive Donovan – disse o diretor, dando a conversa por encerrada –, agora preciso ir.

– Obrigada por acreditar em mim.

– Infelizmente, acredito, sim. Mas espero que esteja enganada.

– Eu também.

Eles desligaram. Kat ainda tinha uma carta para tirar da manga. Ela ligou para Brandon.

– Onde você está? – perguntou.

– Ainda em Manhattan.

– Encontrei o cara que supostamente viajou com a sua mãe.

– *O quê?*

– Acho que você estava certo desde o início. Alguma coisa deve ter acontecido com ela.

– Mas ela me ligou – argumentou Brandon. – Teria me contado se estivesse com algum problema.

– Não se achasse que isso pudesse colocar a vida dela, ou a sua, em perigo.

– Você acha que foi isso que aconteceu?

Não era mais o caso de dourar a pílula.

– Acho, sim, Brandon.

– Meu Deus.

– O FBI já foi acionado. Eles vão tomar todas as providências legais para descobrir o que aconteceu. – Kat enfatizou: – As providências *legais*.

– Kat?

– Sim.

– Por acaso você está pedindo que eu entre naquele site de novo?

Ela não estava a fim de rodeios:

– Estou.

– Tudo bem. Estou num café mais ou menos perto da sua casa. Vou precisar de mais privacidade e de uma rede wi-fi mais poderosa.

– Quer ir lá para a minha casa?

– É, lá vai ser melhor.

– Vou ligar para o porteiro, pedir para ele deixar você entrar. Já estou chegando também.

Me ligue se descobrir alguma coisa: quem foi que criou o falso perfil, se ele criou outros perfis também, quem mais ele contatou, qualquer coisa. Se necessário, peça ajuda a seus amigos. Precisamos descobrir essas coisas todas.

– Já é.

Kat desligou, depois avisou o porteiro e pisou fundo no acelerador, mesmo tendo a impressão de que estava correndo na direção do nada. Mais uma vez se deixou levar pelo pânico. Quanto mais ia descobrindo coisas, mais impotente se sentia.

Foi despertada dos maus pensamentos quando o telefone tocou, dessa vez com uma chamada de número privado.

– Alô?

– Aqui é o Leslie.

O capanga magricela de Cozone. Só por sua voz ao telefone dava para imaginar o sorriso arrepiante.

– O que foi? – perguntou Kat.

– Encontrei Sugar.

capítulo 38

O IMBECIL VINHA FECHANDO O CERCO.

Ainda escondida atrás da rocha, Dana procurou algo que pudesse usar como arma. Uma pedra, talvez. Um galho caído. Alguma coisa. No entanto, tateando o chão à sua volta, não encontrou nada mais letal do que alguns pedregulhos e gravetos frágeis demais até para um ninho de passarinho.

– Dana?

Pelo tom de voz, o capanga já se apressava para dar seu bote final. Arma, arma... Nada ainda. Os pedregulhos. Talvez ela pudesse misturá-los com terra para depois jogar um punhado daquilo no rosto dele, cegando-o por um ou dois segundos, e então...

Então o quê?

Seu plano era tão imbecil quanto o próprio capanga. Talvez ela conseguisse escapar por mais um tempo, beneficiando-se do elemento-surpresa. Talvez conseguisse ganhar algum terreno, impulsionada por uma mistura de preparo físico e adrenalina. Mas não havia como tapar o sol com a peneira. O cara tinha tudo a seu favor: tamanho, força e, sobretudo, uma arma na mão. Além disso, estava bem alimentado e saudável, ao contrário dela, que havia passado sabe-se lá quanto tempo debaixo da terra, trancafiada numa cova.

Ela não tinha a menor chance.

Naquela batalha entre Davi e Golias, com o que ela podia contar? Nem mesmo com um estilingue. O único ponto a seu favor era, de novo, o elemento-surpresa. Dana se encolhia o quanto podia atrás daquela rocha. O imbecil passaria por ali a qualquer instante. Ela poderia saltar contra ele num momento de descuido. Atacá-lo nos olhos, nas bolas, com a ferocidade que apenas aqueles que estão lutando pela própria vida conseguem arregimentar.

Mas isso adiantaria?

Na verdade, não.

Podia ouvir que ele havia diminuído o ritmo das passadas. Estava pisando de um modo mais decidido, como se soubesse exatamente para onde ir. Ótimo. Até mesmo o elemento-surpresa já havia ido pelo ralo.

E agora, fazer o quê?

Nada.

A exaustão consumia seu corpo da cabeça aos pés. Sua vontade era apenas ficar ali, caída no chão, e acabar logo com aquilo. Deixar que o capanga fizesse o que bem entendesse. Se

quisesse, ele poderia liquidar aquela fatura ali mesmo, matando-a à queima-roupa. Provavelmente era isso que pretendia fazer. Ou talvez quisesse levá-la de volta para o celeiro para fazer as monstruosidades que havia planejado, para arrancar dela alguma informação sobre a tal policial que vinha tirando o sono de Titus.

Ela não tinha mentido. Não fazia a menor ideia de quem era Kat Donovan, mas aparentemente isso não fazia a menor diferença para Titus e seu capanga imbecil. Mas daqueles dois não era possível esperar nada. Eles a viam como um mero animal. Ou menos que isso, a julgar pelo tratamento que davam ao labrador. Viam-na como algo inanimado, algo sem vida, uma rocha a ser destruída a picaretadas, removida por um trator, pulverizada a dinamite, o que julgassem mais conveniente. Seria uma coisa se eles fossem simplesmente cruéis ou sádicos. Mas eles eram algo pior.

Eram pragmáticos.

O imbecil rondava por perto. Dana tentou ajustar o corpo, encontrar um meio de atacar quando ele passasse, mas os músculos não obedeceram. Restava-lhe buscar alguma esperança no fato de que a tal Kat metera medo em Titus.

O facínora estava preocupado com a detetive.

Traía isso no tom de voz, nas perguntas que fazia, no descuido ao sair às pressas naquele carro e deixá-la inteiramente sob os cuidados do capanga.

Que motivo teria para tanta preocupação?

Seria possível que a detetive Kat Donovan – uma carinha tão doce naquela foto de computador – estivesse na cola de Titus? Seria possível que naquele exato momento, ela estivesse a caminho para socorrê-la?

O imbecil estava a menos de dez passos de distância.

Pouco importava. Ela estava perdida de qualquer jeito. O pé doía terrivelmente. A cabeça latejava. Ela não tinha nenhuma arma, nenhuma força, nenhuma experiência.

Cinco passos.

Poucos segundos até que ele a encontrasse...

Era agora ou nunca.

Ela fechou os olhos e fez a sua escolha: nunca.

Com a cabeça entre os joelhos, fez uma oração silenciosa. O imbecil parou junto à rocha e ela enterrou a cabeça ainda mais entre as pernas, apavorada, antecipando-se à pancada que estava por vir.

Mas que não veio.

O imbecil voltou a andar, abrindo caminho entre os arbustos. Não a tinha visto.

Dana permaneceu imóvel, petrificada. Ficou assim por um tempo difícil de calcular. Cinco minutos? Dez? Quando enfim arriscou uma espiadela, viu que o capanga já havia sumido na mata.

Mudança de planos.

Ela se reergueu e tomou o caminho de volta para a fazenda.

Leslie passara a Kat um endereço na esquina das ruas Lorimer e Noble em Greenpoint, Brooklyn, próximo à igreja batista. A vizinhança era uma coletânea de pequenos prédios de tijolos aparentes com escadinhas de cimento diante da porta principal. Sem nenhuma pressa, ela dobrou a tal esquina. No prédio bastante decrépito, havia uma placa: SALÃO HAVAÍ – BRONZEAMENTO ARTIFICIAL. Dificilmente haveria incongruência maior do que um bronzeador havaiano em Greenpoint.

Na ausência de uma vaga livre, Kat se viu obrigada a estacionar a Ferrari junto de um hidrante. Em seguida, desceu do carro, subiu a escada do prédio e, entre as campainhas do segundo andar, localizou o adesivo plástico, à beira de cair, no qual estava escrito A. PARKER. Tocou a campainha e esperou.

Um senhor negro, de cabeça inteiramente raspada, se arrastou escada abaixo e abriu a porta. Estava usando luvas de trabalho e um macacão com o logotipo de uma empresa de TV a cabo, além de um capacete amarelo apertado sob o braço esquerdo. Parado à soleira, perguntou:

– Em que posso ajudá-la?

– Gostaria de falar com a Sugar.

O homem estreitou os olhos.

– Quem é você?

– Meu nome é Kat Donovan.

Ele a olhou de cima a baixo.

– O que você quer com a Sugar?

– É sobre o meu pai.

– O que tem o seu pai?

– Sugar o conhecia. Eu só queria fazer umas perguntinhas a ela.

O homem espichou o pescoço e correu os olhos pela rua. Avistou a Ferrari, e Kat imediatamente se preparou para ouvir algum comentário. Ele não fez nenhuma observação: apenas olhou para o outro lado da calçada.

– Desculpe, senhor...

– Parker – completou ele. – Anthony Parker.

Voltou a olhar para a esquerda, mas agora dava a impressão de que fazia aquilo apenas para ganhar tempo, como se não soubesse ao certo o que fazer.

– Estou sozinha – garantiu Kat, tentando apaziguá-lo.

– É, estou vendo.

– Não quero causar nenhum problema. Quero apenas perguntar umas coisas para a Sugar.

Encarando-a, Anthony Parker enfim abriu um pequeno sorriso.

– Por favor, entre.

Ele escancarou a porta para que Kat passasse. Ela adentrou o foyer e apontou para a escada.

– É no segundo andar, não é?

- É, sim.
- A Sugar está lá em cima?
- Estará daqui a pouco.
- Daqui a pouco quando?
- Dois passos atrás de você – disse Anthony. – Sugar sou eu.

Dana precisava seguir com cautela.

Além do capanga imbecil, havia dois outros homens à sua procura. Um deles estava armado com um rifle; o outro, com uma pistola. Ambos se comunicavam com Reynaldo por meio de um walkie-talkie ou de algum aplicativo de celular. Andavam de um lado para outro, impedindo que ela seguisse reto para a casa. Muitas vezes, para não ser percebida, Dana se via obrigada a ficar perfeitamente imóvel por alguns minutos.

De um modo muito estranho, era como se o tempo passado debaixo da terra a tivesse preparado para aquilo. Sentia dor no corpo todo, mas a ignorava. Estava cansada demais para chorar. Ocorreu-lhe a ideia de encontrar um esconderijo qualquer, um abrigo coberto, e ficar nele até que alguém aparecesse para socorrê-la.

Mas isso não daria certo.

Em primeiro lugar, ela precisava recarregar as baterias. Já estava desidratada antes mesmo de se embrenhar naquela mata e a situação só tendia a piorar. Além disso, os três homens que a perseguiam ficavam zanzando por perto, obrigando-a a se deslocar. Um deles havia chegado tão perto que Dana pudera ouvir a voz do imbecil, que conversava com ele pelo walkie-talkie: “Se ela continuar indo para longe, vai morrer antes de conseguir voltar.”

Pelo menos essa pista ela agora tinha: não havia nada na direção oposta à da fazenda; não seria o caso de fugir para lá.

Teria que voltar para a casa.

Ela seguia em frente, percorrendo apenas alguns poucos metros de cada vez, completamente alheia à passagem do tempo, que, àquela altura, já não tinha nenhuma relevância. Não dispunha de uma bússola, mas pensava ter uma boa ideia das direções. Havia traçado mais ou menos uma linha reta ao fugir do celeiro; bastaria fazer um zigue-zague para voltar.

A vegetação era densa, por isso ela às vezes precisava recorrer aos ouvidos mais do que aos olhos. Dali a pouco, no entanto, pensou finalmente ter avistado uma clareira.

Mas poderia muito bem ser uma miragem.

Começou a rastejar na direção dela, resumindo todas as forças que ainda tinha, que não eram muitas. Não demorou para constatar que assim não iria longe. Aquilo era cansativo demais. Levantou-se de novo e, zozza por conta do movimento súbito, mais uma vez tentou caminhar. Mas o pé machucado fazia de cada passo um martírio, então ela voltou a se abaixar e seguiu engatinhando.

Um movimento bem mais lento.

Dali a cinco minutos, ou dez, ela atravessou a última fileira de árvores e alcançou a clareira da fazenda.

E agora?

De algum modo, ela havia conseguido voltar exatamente para o lugar em que tinha entrado na mata. Mais adiante ficava o celeiro e, à direita dele, a casa. Precisava ir em frente. Estava vulnerável demais, parada ali.

Então partiu na direção do celeiro.

Com a morte rondando tão perto, havia pensado ser capaz, pelo menos dessa vez, de esquecer o pé machucado. Mas não: as pontadas de adaga reduziram sua corrida a um desajeitado manquejar de passadas longas e irregulares. As juntas doíam. Os músculos se contraíam.

No entanto, se ela parasse, morreria. Uma equação bastante simples.

Meio que desabou sobre a lateral do celeiro, grudando-se à parede como se, assim, fosse ficar invisível.

Até aquele momento, ninguém a tinha visto. Ótimo. Isso era o mais importante de tudo.

Próximo passo? Buscar ajuda.

Como?

Pensou em descer pela estradinha de cascalho em que transitavam os carros. Aquilo tinha de dar em algum lugar. Aquela fazenda precisava ter uma saída. Mas Dana não fazia a menor ideia da distância que teria de percorrer até chegar ao asfalto. Pior, não teria como se esconder nessa estrada; seria facilmente localizada.

Mesmo assim, não deixava de ser uma opção.

Ela esticou o pescoço, tentando avistar pelo menos uma pontinha do asfalto. Longe demais.

Ela só tinha duas alternativas. A primeira era disparar pela estrada e enfrentar todos os riscos. A segunda era se esconder na esperança de que aparecesse alguém para salvá-la ou de que pudesse fugir na calada da noite.

Estava difícil raciocinar. Permanecer escondida até o anoitecer talvez fosse a melhor pedida, mas ela não podia contar com a chegada de nenhum salvador, pelo menos a curto prazo. Com o cérebro cansado, foi pesando os prós e os contras de cada alternativa até chegar à conclusão de que fugir em disparada era a melhor opção daquele punhado de opções ruins. Não, ela não sabia a que distância ficava o asfalto. Não, ela não sabia quanto teria que correr até encontrar algum socorro.

Mas o que ela não podia fazer era ficar ali, esperando pela volta do imbecil.

Dana não havia caminhado 10 metros na direção da estrada quando ouviu a porta da casa se abrir. Viu o nerd hippie sair à varanda com sua boina de crochê, seus óculos escuros e sua bata espalhafatosa. Rapidamente saltitou para a esquerda e mergulhou no celeiro. Engatinhando, foi se esconder debaixo da mesa metálica das ferramentas. A corda com a qual o imbecil havia tentado amarrá-la ainda se achava jogada no chão.

Esperou um instante para ver se o nerd a teria visto e se iria atrás dela. O tempo foi

passando e nada do homem. Ela precisava arriscar alguma coisa. Estava vulnerável demais naquele “esconderijo”. Lentamente, saiu de debaixo da mesa. Havia várias ferramentas penduradas na parede ao lado: serras de todo tipo, um malho de madeira, uma lixadeira elétrica...

E um machado.

Dana tentou se levantar. Mais uma vez ficou tonta. Aos poucos foi perdendo a visão e, de repente, se viu obrigada a cair de joelhos.

Calma, disse a si mesma. Respire fundo. Procure firmar as pernas.

Pelo jeito, fugir estrada afora já não era mais uma opção.

Respire.

Ela precisava sair dali. O imbecil e seus comparsas não tardariam a voltar. Reerguendo-se, foi até a parede e pegou o machado, que era bem mais pesado do que havia imaginado. Perdeu o equilíbrio e por muito pouco não voltou ao chão. Assim que estabilizou o corpo, usou as duas mãos para segurar a ferramenta e gostou da sensação de poder que aquilo lhe conferia.

E agora?

Espiou pela porta do celeiro. O nerd fumava um cigarro próximo à estrada.

Fugir realmente estava fora de questão.

Nesse caso, qual era mesmo a segunda alternativa? Esconder-se, certo?

Correu os olhos à sua volta. Naquele celeiro, não havia nenhum canto que rendesse um bom esconderijo. A melhor coisa a fazer, concluiu, era entrar na casa. Ela sabia que a cozinha ficava nos fundos.

Cozinha. Comida.

Bastou pensar nisso, na comida chegando ao estômago, para que ela ficasse tonta.

O mais importante de tudo, no entanto, era o fato de que, no interior da casa, havia um computador. E um telefone também.

Um meio de pedir socorro.

O nerd ainda fumava de costas para o celeiro. Não haveria oportunidade melhor. Sempre de olho no homem, Dana se esgueirou rumo à porta da cozinha. Agora estava completamente vulnerável, andando pé ante pé, e foi nesse momento que o nerd jogou seu cigarro no chão, apagou-o com a sola do sapato e se virou na direção dela.

Dana baixou a cabeça e, com todas as suas forças, irrompeu para a cozinha.

Titus ficou esperando no carro, na esquina da Columbus Avenue. Não estava gostando nem um pouco de se ver novamente na cidade, muito embora o sofisticado Upper West Side tivesse tanto a ver com sua história pregressa quanto um executivo financeiro com um andarilho de beira de estrada. A impressão era a de que algo o puxava de volta para a vida urbana que ele tão prazerosamente havia deixado para trás.

Ele não queria estar ali.

Clem Sison atravessou a rua e se acomodou novamente ao volante.

– A mulher não está em casa.

O motorista havia ido até o prédio de Kat com um “pacote” a ser entregue pessoalmente, dizendo ao porteiro que ela precisava assinar o protocolo. O homem tinha informado que Kat não estava e o motorista lhe agradecera, falando que voltaria outra hora.

Titus não queria ficar longe da fazenda mais do que o necessário. Pensou na possibilidade de voltar e deixar Clem fazer a pescaria sozinho, mas achou que o sujeito não tinha competência para tanto. Clem era força bruta, ótimo para manusear armas e receber ordens, não mais que isso.

Pois bem, o que fazer, então?

Mordeu o lábio inferior e avaliou suas opções. Ainda mantinha os olhos fixos no prédio de Kat Donovan quando foi surpreendido por algo absolutamente inusitado.

Brandon Phelps acabara de entrar na portaria.

Que diabos significava aquilo?

Opa, talvez aquilo explicasse tudo. Talvez fosse Brandon quem havia jogado a merda no ventilador. Talvez o problema fosse ele, e não a detetive. Talvez ambos. O filhinho mimado vinha causando problemas desde o início, enviando um monte de e-mails e mensagens à sua mãe, dizendo que estava com saudades. E agora, do nada, lá estava ele, no prédio de uma investigadora da Polícia de Nova York.

Titus seguiu levantando as hipóteses.

Seria possível que Kat Donovan já soubesse de sua existência muito antes do que ele havia imaginado? Será que ela se passara pela ex-namorada de Ron Kochman apenas como um ardil para fazê-lo sair da toca?

Brandon havia procurado Kat? Ou Kat havia procurado Brandon?

Isso faria alguma diferença naquela altura dos acontecimentos?

O celular de Titus vibrou. Ele pegou o aparelho do bolso e viu que era Reynaldo quem estava chamando.

– Fala.

– Pintou um problema.

Os músculos no rosto de Titus imediatamente se retesaram.

– O que foi?

– A Número Seis fugiu.

capítulo 39

DUAS MANTAS DE CROCHÊ afegão cobriam os braços do sofá. Kat sentou-se no pequeno espaço que havia entre elas. Anthony Parker jogou seu capacete numa cadeira. Tirou uma das luvas, depois a outra. Cuidadosamente as deixou sobre a mesinha de centro, como se isso fosse uma tarefa de extrema importância. Kat analisou o apartamento. O lugar era escuro, talvez porque Anthony Parker tivesse acendido apenas uma lâmpada fraca. Os móveis eram velhos. Uma televisão de tubo estava sobre uma cômoda. O papel de parede era de uma densa *chinoiserie* em tons de azul, repleta de garças, árvores e cenas marinhas.

– Este apartamento era da minha mãe – disse ele à guisa de explicação.

Kat apenas meneou a cabeça.

– Ela morreu no ano passado.

– Sinto muito – falou ela, pois era isso que se dizia em situações semelhantes e, naquele momento, não se sentia capaz de pensar em outra coisa.

Estava entorpecida.

Anthony “Sugar” Parker sentou-se à sua frente. Devia ter quase 60 anos ou pouco mais que isso. Quando seus olhos se encontraram, Kat por pouco não desmoronou. Precisou reacomodar-se ligeiramente no sofá para não ficar assim, tão cara a cara com o homem. Espantava-se com o fato de que Anthony Parker fosse uma pessoa normalíssima. Num boletim policial, seria descrito como alguém de altura mediana e porte comum. Tinha um rosto simpático, mas não era especialmente bonito, tampouco feminino.

– Você pode imaginar o susto que levei ao ver você aqui – comentou Parker.

– Acho que sim. Mas suponho que o meu tenha sido maior.

– É verdade. Quer dizer que você não sabia que eu era homem?

Kat balançou a cabeça.

– Foi um momento “*Traídos pelo desejo*”, digamos assim.

Parker sorriu.

– Você é muito parecida com seu pai.

– É, todo mundo diz isso.

– Também fala do mesmo jeito. Henry sempre usava o humor para se proteger. Me fazia rir a toda hora.

– Meu pai fazia você rir?

– Sim.

– Você e ele... – começou Kat, balançando a cabeça.

– Pois é.

– Está sendo difícil acreditar.

– Eu entendo.

– Quer dizer que meu pai era gay?

– Não sou eu que vou rotulá-lo.

– Mas vocês estavam...

– Sim, nós estávamos juntos.

Kat fechou os olhos e se esforçou para não fazer uma careta.

– Quase vinte anos já se passaram – falou Parker. – Por que você só veio agora?

– Faz pouco tempo que fiquei sabendo de vocês dois.

– Como ficou sabendo?

Ela balançou a cabeça.

– Não é importante.

– Não fique irritada com o seu pai. Ele amava muito você. Aliás, amava todos vocês.

– Amava você também – disse Kat com rispidez. – Quanto amor ele tinha para dar...

– Sei que você está chocada. Seria mais fácil se eu fosse uma mulher?

Kat não disse nada.

– Você precisa entender o lado dele – continuou Parker.

– Será que você pode responder minha pergunta? Ele era ou não era gay?

– Isso faz alguma diferença? Você o consideraria uma pessoa pior se ele fosse gay?

Kat não soube o que responder. Tinha tantas perguntas a fazer, mesmo sabendo que tudo aquilo era essencialmente irrelevante.

– Ele vivia uma mentira.

– É verdade. – Parker inclinou a cabeça para o lado. – Procure entender como isso era horrível para ele, Kat. Seu pai amava você. Amava seus irmãos. Amava sua mãe também. Mas você conhece muito bem o mundo em que ele cresceu. Por muito, muito tempo seu pai tentou lutar contra a própria natureza. Nada disso muda quem ele era. Nada disso faz dele uma pessoa menos viril, um policial menos competente, um pai menos carinhoso. O que mais ele poderia ter feito?

– Para início de conversa, poderia ter se divorciado da minha mãe.

– Ele chegou a sugerir isso.

– O quê?! – disse Kat, surpresa.

– Pelo bem dela, na verdade. Mas sua mãe não quis.

– Espere aí, você está dizendo que minha mãe sabia de você?

Parker baixou os olhos para o chão.

– Não sei. O que geralmente acontece nesses casos... quando há um grande segredo que ninguém pode ficar sabendo... é que todo mundo começa a viver a mesma mentira. Seu pai

enganou você, claro, mas você também não quis enxergar a verdade. Todo mundo se deixa corromper pela mentira.

– Mesmo assim, ele pediu o divórcio?

– Não. Como eu disse, apenas sugeri. Pelo bem da sua mãe. Mas você conhece Flushing. O que seria da vida da sua mãe após um divórcio? Para onde ela poderia ir? Para onde ele poderia ir? Não era como se Henry pudesse abandoná-la para depois contar para o mundo inteiro a nosso respeito. Hoje as coisas são bem mais fáceis do que eram vinte anos atrás. No entanto, mesmo nos dias atuais... você consegue imaginar como seria difícil uma situação dessas?

Kat não conseguia.

– Por quanto tempo vocês... – ela ainda se atrapalhava com as palavras, mal acreditando na história – ... ficaram juntos?

– Por catorze anos.

Mais um susto. Kat ainda era uma criança quando aquilo havia começado.

– Catorze anos?

– Sim.

– E vocês conseguiram guardar segredo esse tempo todo?

O rosto de Parker se obscureceu.

– Tentamos. Seu pai tinha um apartamento próximo ao Central Park. A gente se encontrava lá.

Completamente zonza, Kat disse:

– Na Rua 67?

– Sim.

Ela fechou os olhos. Era o seu apartamento. A sensação de traição só fazia crescer em seu peito. No entanto, a dor era maior porque se tratava de um homem? Não. Ela sempre havia se orgulhado por ter a mente aberta, certo? Ao saber que seu pai tinha uma amante, ficara chateada, mas compreendera. Por que agora parecia pior?

– Depois consegui um lugar em Red Hook – prosseguiu Parker. – A gente ia para lá. Também viajávamos juntos. Foram muitas viagens, você provavelmente lembra. Ele dizia que estava indo pescar com amigos ou qualquer coisa parecida.

– Você se vestia de mulher?

– Sim. Acho que isso facilitava as coisas para ele. Como se ele estivesse com uma mulher de verdade. No mundo do seu pai, era melhor ser um tarado, uma aberração, do que ser veado. Você consegue entender?

Novamente Kat permaneceu calada.

– Eu estava travestido quando nos conhecemos. Ele invadiu uma boate em que eu trabalhava. Me espancou. Com fúria. Me chamou de abominação. Me lembro das lágrimas nos olhos dele enquanto me socava. Quando você vê um homem com tamanha fúria, é como se ele tivesse vontade, na verdade, de se espancar, você entende o que quero dizer?

Kat continuou muda.

– Seja como for... ele me visitou no hospital. De início, falou que era só para ter certeza de que eu não contaria nada para ninguém, sabe, como se ainda estivesse me ameaçando. Mas nós dois sabíamos. Não foi rápido. Mas ele vivia num conflito muito grande. Era como se ele emanasse aquela dor. Você provavelmente deve estar odiando seu pai agora, não está?

– Não é ódio – replicou Kat numa voz que ela mal reconhecia como sua. – Tenho pena dele, só isso.

– As pessoas estão sempre falando sobre a necessidade de lutar pelos direitos dos gays. Mas não é isso que muitos de nós queremos. O que a gente quer é a liberdade de ser autêntico. De ser sincero. É tão difícil levar uma vida em que você não pode ser o que é... Seu pai passou a vida inteira se escondendo nesse armário terrível. O maior medo dele era que alguém descobrisse. Mesmo assim, não conseguia me largar. Vivia uma mentira e tinha pavor de que alguém descobrisse a verdade.

Kat agora compreendia.

– Mas alguém acabou descobrindo, não foi?

Sugar – ela agora o via como Sugar, não como Anthony Parker – assentiu.

Agora estava mais do que evidente. Tessie sabia de toda a história. As pessoas os tinham visto juntos. Para os vizinhos, aquilo significava que Henry tinha uma queda por prostitutas negras. Mas, para alguém mais sagaz, alguém capaz de usar a informação em benefício próprio, o que aquilo significava era outra coisa bem diferente.

Significava a possibilidade de um “acordo”.

– Foi aquele verme chamado Cozone que me deu seu endereço – disse Kat. – Ele descobriu sobre vocês dois, certo?

– Descobriu.

– Quando?

– Um ou dois meses antes do assassinato do seu pai.

Kat empertigou-se no sofá, deixando de lado a condição de filha para assumir o papel de policial.

– Então o papai estava investigando Cozone, já muito perto de colocar a corda no pescoço do miserável. Cozone certamente botou alguém para segui-lo e, com sorte, descobrir alguma sujeira, alguma coisa que ele pudesse usar depois como ameaça para embargar a investigação.

Sugar nem se deu o trabalho de confirmar as hipóteses. Não precisava.

– Sugar?

Lentamente, ele ergueu os olhos para fitá-la.

– Quem matou o meu pai?

– A Número Seis fugiu – avisou Reynaldo.

Titus apertou o fone. Algo dentro dele havia explodido.

– Puta que p... – Ele se calou de repente e fechou os olhos.

Compostura. Paciência. Sempre que perdia essas duas coisas, ele perdia tudo. Lutando contra a raiva e procurando trazer à tona a voz mais calma possível, perguntou:

– Onde ela está agora?

– Foi correndo na direção norte, atrás do celeiro. A gente ainda está tentando encontrá-la.

Norte, pensou Titus. Perfeito. Ao norte não havia mais do que muitos e muitos quilômetros de mata virgem. No estado em que se encontrava, a mulher não duraria muito. Até então, ninguém tinha conseguido escapar da mão deles por mais de um ou dois minutos, mas a grande vantagem daquela fazenda era a segurança proporcionada pelo isolamento. Ao norte, havia apenas floresta. Ao sul, quase 2 quilômetros desde a casa até o asfalto. Uma cerca confinava a propriedade a leste e a oeste, assim como sua entrada.

– Deixe a mulher onde está e volte para casa. Coloque o Rick e o Julio de sentinela, caso ela resolva dar meia-volta.

– Ok.

– Faz quanto tempo que ela fugiu?

– Você tinha acabado de sair.

Portanto, três horas.

– Tudo bem. Me mantenha informado.

Titus desligou. Recostou-se no banco e tentou analisar a situação o mais racionalmente possível. Até o último balanço, sua operação havia rendido 6,2 milhões de dólares, muito mais do que ele imaginara. A pergunta agora era: quando, afinal, ele se daria por satisfeito?

A ganância levava as pessoas à derrocada muito mais do que qualquer outra coisa.

Teria chegado a hora de dar aquele jogo por encerrado? De admitir que aquela operação tão lucrativa já tinha rendido tudo o que podia?

Ele já havia se preparado para esse dia. Sabia que nenhum negócio durava para sempre. Cedo ou tarde, a quantidade de pessoas desaparecidas despertaria a atenção da polícia, que teria de fazer uma rigorosa investigação. Por mais que tivesse procurado se cercar de todos os cuidados, seria uma grande estupidez acreditar na invencibilidade.

Ligou para a fazenda. Dmitry atendeu na quarta chamada.

– Você já está sabendo do nosso probleminha? – perguntou Titus.

– Reynaldo disse que Dana escapou.

– Pois é. Então vá lá e abra o arquivo dos dados telefônicos dela.

Os celulares podiam ser rastreados quando ligados, então, sempre que um novo refém chegava à fazenda, Dmitry transferia todas as informações telefônicas da pessoa para seu computador, basicamente duplicando o conteúdo no disco rígido. Depois, as baterias eram retiradas e jogadas numa gaveta.

– Dana Phelps... – disse Dmitry. – Pronto, já abri. O que você quer saber?

– Abra a pasta de contatos. Quero saber o número do filho dela.

Titus podia ouvir o funcionário digitando do outro lado da linha.

– Aqui está. Brandon Phelps. Você quer o celular ou o número da faculdade?

– O celular.

Dmitry passou o telefone.

– Precisa de mais alguma coisa?

– Talvez tenha chegado a hora de abortarmos a operação.

– Você acha?

– Acho. Prepare a autodestruição dos computadores, mas não faça nada por enquanto. Espere uma segunda ordem minha. Vou pegar o garoto e daqui a pouco chego aí com ele.

– Por quê?

– Se Dana Phelps ainda estiver escondida em algum lugar, vai sair da toca quando ouvir os berros do filho.

– Não entendi – disse Sugar. – Pensei que tinham prendido o homem que matou seu pai.

– Ele assumiu a culpa, mas não foi ele.

Sugar se levantou e começou a perambular pela sala. Seguindo-o com os olhos, Kat perguntou:

– Foi poucos meses antes de matarem o papai que Cozone descobriu sobre vocês dois, certo?

– Certo. – Os olhos de Sugar já estavam marejados. – Depois que Cozone começou a chantagear o Henry, tudo mudou.

– Mudou como?

– Seu pai terminou comigo. Falou que era o nosso fim. Pior, falou que tinha nojo de mim. Aquela fúria toda de quando a gente se conheceu... ela voltou. E ele me bateu. Mas você precisa entender: seu pai direcionava essa raiva para mim, mas o verdadeiro alvo era ele mesmo. Quando você vive uma mentira...

– É, eu sei, eu sei – interrompeu Kat, impaciente. – Não é de uma aula de psicologia barata que estou precisando neste momento. Meu pai era um gay que odiava a si mesmo e se via encurralado num mundo heterossexual e machista.

– Você fala com tanta frieza...

– Não é bem assim. – Kat sentiu um nó na garganta e foi logo tratando de desfazê-lo. – Mais tarde, quando estiver com tempo para pensar nisso tudo, vou me jogar na cama com uma garrafa de uísque e afogar as mágoas, arrasada porque meu pai estava sofrendo tanto e eu não conseguia enxergar. Mas, por enquanto, vou fazer o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo.

– Descobrindo quem o matou?

– Isso. Sendo a policial que ele gostaria que eu fosse. Então, Sugar, quem matou o meu pai?

Sugar balançou a cabeça.

– Se não foi Cozone, então não sei quem foi.

– Quando você o viu pela última vez?

– Na noite em que ele morreu.

– Mas vocês não tinham terminado?

– Sim, tínhamos. – Sugar parou de andar pela sala e abriu um sorriso através das lágrimas que escorriam pelo rosto. – Mas o Henry não conseguia ficar longe de mim, essa é a verdade. Não conseguia ficar comigo, mas também não conseguia se afastar. Naquela noite, ele ficou esperando por mim nos fundos da boate onde eu trabalhava. – Ele ergueu os olhos para o teto, perdido em lembranças. – Estava com um buquê de rosas brancas na mão. As minhas preferidas. E estava de óculos escuros. Achei que era para não ser reconhecido, mas, quando ele os tirou, vi os olhos vermelhos de tanto chorar. – As lágrimas agora fluíam livremente. – Foi tão maravilhoso... Essa foi a última vez que vi o Henry. Mais tarde, naquele mesma noite..

– Ele foi assassinado – completou Kat.

Silêncio.

– Kat...

– Oi.

– Nunca me recuperei do golpe de ter perdido seu pai. Henry foi o único homem que realmente amei na vida. Por outro lado, sempre vou odiá-lo também. A gente poderia ter fugido. Poderia ter encontrado uma maneira de viver junto. Você e seus irmãos acabariam entendendo. A gente teria sido feliz. Segurei a barra durante aqueles anos todos porque achava que essa possibilidade existia, entende? Seu pai acreditava nisso também, eu acho. Burramente, tanto quanto eu. – Ajoelhando-se diante do sofá, Sugar tomou a mão de Kat. – Estou contando essas coisas todas para que você entenda. Ainda sinto muito a falta dele... Todo santo dia. Daria qualquer coisa para... perdoaria qualquer coisa só para estar com ele nem que fosse por alguns segundos.

Kat preferiu fingir que não tinha ouvido nada daquilo. Precisava chegar ao fim daquela história.

– Quem matou meu pai, Sugar?

– Não sei.

Mas ela agora já tinha uma boa ideia de quem procurar para obter a resposta que tanto buscava. Bastaria convencê-lo a finalmente contar a verdade.

capítulo 40

DIANTE DA DELEGACIA, KAT ligou para o celular de Stagger.

- Acho que não temos mais nada para dizer um ao outro – foi logo dizendo ele.
- Achou errado. Acabei de falar com Sugar. Ainda temos muita coisa para conversar.
- Silêncio.
- Alô? – falou Kat.
- Onde você está?
- Indo para sua sala neste exato momento, a menos que, de novo, não seja uma boa hora.
- Não se preocupe. Pode vir.

Kat nunca tinha ouvido o capitão falar assim, com tamanho cansaço.

Quando chegou à sala dele, Stagger estava à sua mesa. As fotografias da mulher e dos filhos se achavam à sua frente, como se de algum modo lhe servissem de escudo. Foi logo soltando os cachorros, acusando-o de mentiroso e coisa pior. O capitão respondeu à altura, seguiram-se berros e lágrimas, mas, no fim, ele admitiu umas tantas coisas.

Sim, ele sabia a respeito de Sugar.

Sim, ele havia prometido favores a Monte Leburne em troca de uma simples confissão.

Sim, ele fizera isso por medo de que a história de Sugar viesse a público.

– Eu não queria isso para o seu pai – falou Stagger. – Não queria ver o nome dele jogado na lama. Tudo que eu fiz foi pelo bem dele. Pelo seu também, Kat, e de toda a sua família.

– E pelo seu *próprio* bem, não?

Stagger respondeu com um gesto que parecia dizer “Talvez sim, talvez não”.

– Você deveria ter me contado – afirmou Kat.

– Eu não sabia como.

– Então, quem o matou?

– Hein?

– Quem matou o meu pai?

Stagger balançou a cabeça.

– Você realmente não sabe?

– Não.

– Monte Leburne matou seu pai. Sob ordens do Cozone.

– Vai continuar insistindo nessa história?

– Vou, Kat, porque é a verdade.

– Cozone não tinha motivo para matar ninguém. Estava com meu pai na palma da mão.

– Não, não estava – retrucou Stagger, com aquele mesmo tom de cansaço.

– Mas ele sabia do...

– Sim, sabia. E, por um tempo, que não foi muito longo, podia manipular o seu pai. Fiquei na minha, vendo seu pai recuar cada vez mais na investigação. Nesse ponto, tenho até uma parcela de culpa, sim. Mas chegou um momento em que seu pai virou outra pessoa. Um homem encurralado, sem saída. Até que...

– O quê?

– Até que, sei lá, ele se encheu. Henry tinha vivido todos aqueles anos de vida dupla, mas sem deixar que isso afetasse o seu desempenho como policial. De uma hora para outra, no entanto, porque não podia deixar aquele escândalo vir à tona, começou a sacrificar o trabalho. Todo mundo tem o seu limite, o seu ponto de ebulição. Foi isso que aconteceu com seu pai, eu acho. Então ele foi lá e mandou Cozone à merda. Já não estava se importando mais.

– Como Cozone reagiu? – perguntou Kat.

– Como você acha?

Eles ficaram um momento em silêncio.

– Então é isso? – disse Kat, afinal.

– É isso. Acabou, Kat.

Ela não encontrou o que dizer.

– Tire mais uns dias de folga. Depois volte para trabalhar.

– Não vou mais ser transferida?

– Não. Quero que você fique. Ainda quer trocar de parceiro?

Kat fez que não com a cabeça.

– Eu estava enganada.

– Enganada com o quê?

– Com Chaz Faircloth.

Stagger levou uma caneta à boca.

– Kat Donovan admitindo que estava enganada com alguma coisa... Quem diria? O ser humano e suas surpresas.

A porta de madeira estava destrancada. Do outro lado, havia uma segunda porta, de tela. Com o machado em punho, Dana empurrou-a, passou à cozinha e, procurando fazer o mínimo de barulho possível, voltou a fechá-la. Parou um segundo para se recompor.

Mas só um segundo.

Comida.

Ali, bem na mesa à sua frente, achava-se uma gigantesca caixa de barrinhas de granola, dessas que se compram no atacado. Dana jamais havia passado pelo horror da fome. Sabia que o mais sensato seria procurar por um telefone, o que ela faria de qualquer modo, mas, ao avistar aquela comida assim tão perto, achou que não seria capaz de resistir.

Teria que se conter, disse a si mesma, e procurou um telefone na cozinha.

Não havia nenhum. Pensando melhor, deu-se conta de que não tinha visto nenhum tipo de fiação naquela fazenda, em nenhum lugar. Lembrava-se de ter ouvido o ronronar de um gerador, então talvez fosse assim que eles obtinham eletricidade. Mas haveria um telefone?

Se não houvesse, pouco importava.

Havia um computador ligado à internet na sala ao lado, disso tinha certeza. Era o que bastava para um pedido de socorro. Desde que ela tivesse a oportunidade de usá-lo, claro. Quanto tempo ainda duraria a pausa do nerd para fumar seu cigarrinho? Ela o vira apagando a guimba com o pé. Fumaria um segundo ou...?

Dana ouviu a porta da frente se abrir.

Merda.

Procurou um esconderijo. A cozinha era pequena e tosca. Tinha armários e uma mesa. Esconder-se debaixo da mesa não era uma opção: não havia toalha e ela ficaria completamente exposta. A geladeira marrom era pequena, igual à que tinha na universidade em Wisconsin, quando conhecera Jason. Não dava para se esconder atrás dela. O cômodo tinha uma porta adicional que devia ser o acesso do porão. Talvez ela pudesse descer e esperar por lá. Se tivesse tempo.

Passos na sala.

Foi então que outra ideia lhe ocorreu. Nada de se esconder.

Uma porta de mola separava a cozinha da sala onde Titus a depenara. Caso o nerd aparecesse por ali, se decidisse ir para a cozinha, Dana ouviria os passos dele. A situação agora era bem diferente do que havia sido lá naquela mata. Sim, ela estava exausta. Sim, ela precisava urgentemente de uma daquelas barras de cereais. Mas agora, se o hippie entrasse na cozinha, Dana teria a seu favor o elemento-surpresa.

Sem falar no machado.

Os passos vinham na sua direção.

Ela correu para junto da porta. Precisava de espaço suficiente para erguer o machado, mas também não podia se afastar muito da parede, correndo o risco de ser vista antes da hora. A porcaria do machado era pesado demais. Precisava decidir o que fazer exatamente com ele. Acertar o homem no alto da cabeça seria muito difícil. Se quisesse acertar o pescoço para decapitar o infeliz, a área do alvo seria bastante restrita e o golpe precisaria ser certo.

Os passos agora estavam logo do outro lado da porta. Dana ergueu o machado à maneira de um batedor de beisebol com seu taco em punho. A ideia era mirar no centro do peito e enterrar a lâmina no coração. Se errasse um pouquinho para a direita ou para a esquerda, ainda assim o estrago seria grande.

Os passos pararam. A porta começou a se abrir.

O corpo de Dana tremia por causa do esforço, mas ela estava pronta.

E foi aí que um telefone tocou.

Por um momento, a porta permaneceu entreaberta, mas depois voltou a se fechar. Dana

deixou o machado cair para o lado; num gesto automático, olhou de relance para a caixa de barrinhas.

Contando que o nerd permaneceria ocupado por um tempo suficiente, correu até a mesa, pegou uma barrinha e procurou fazer o mínimo de barulho possível ao rasgar a embalagem. Podia ouvir o homem falando ao telefone no cômodo vizinho.

Novo plano: pegar mais algumas barrinhas, descer ao porão, permanecer escondida com a comida e o machado, descansar, recuperar as forças, encontrar algum lugar de onde pudesse ver a aproximação de um dos homens, usar o machado se fosse preciso.

Seu macacão tinha bolsos. A sorte soprando a favor pela primeira vez. Ainda mastigando, recheou os bolsos com as barrinhas. Eles certamente notariam se a caixa sumisse da mesa, mas não se cinco ou dez unidades fossem subtraídas das sessenta que havia ali.

Dana já ia abrindo a porta do porão quando ouviu o nerd dizer na sala:

– Reynaldo disse que Dana escapou.

Ela parou onde estava e aguçou os ouvidos. O nerd digitou algo em seu computador e depois falou:

– Dana Phelps... Pronto, já abri. O que você quer saber?

Dana manteve uma das mãos pousada na maçaneta da porta. Mais alguns segundos com o *tec tec tec* da digitação.

– Aqui está. Brandon Phelps. Você quer o celular ou o número da faculdade?

Ela precisou levar a mão à boca para conter um grito. O nerd acabara de passar a Titus o número do celular de Brandon.

Não, não, não... Pelo amor de Deus, Brandon não...

Ela voltou para junto da porta da sala. Procurou ouvir o resto da conversa, na esperança de descobrir o que Titus pretendia fazer com o número de Brandon.

Mas... não era óbvio?

O bandido queria pegar o filho dela.

O raciocínio consciente não era mais uma variável naquela equação. Agora era tudo bastante simples. Nada de esconderijos. Nada de porão. Sua própria segurança não mais importava. Uma única coisa consumia seus pensamentos: salvar Brandon.

Tão logo ouviu o nerd desligar o telefone, irrompeu na sala e foi na direção dele.

– Onde está o Titus?

O nerd deu um pulo para trás. A qualquer momento, ele iria berrar por ajuda. E, se isso acontecesse, chamaria a atenção dos outros homens....

Dana atacou com uma agilidade e uma fúria que ela nem suspeitava possuir. Com o machado já devidamente posicionado, precisou apenas baixá-lo com todas as forças sobre o homem sentado diante do computador.

Não mirou no peito. Ele estava baixo demais.

Cravou a lâmina diretamente na boca, pulverizando os dentes, lacerando os lábios. Por pouco não foi cegada pelo jato de sangue que recebeu no rosto. O homem caiu da cadeira e

bateu as costas contra o chão. Ela puxou o machado com força para desprendê-lo, provocando um barulho úmido de sucção.

Não sabia dizer se ele já estava morto ou não. Mas não havia espaço para hesitações e melindres. Já estava com o rosto todo ensanguentado, já sentia na língua um gosto de ferrugem.

Reergueu o machado, dessa vez bem alto, e desceu-o sobre o rosto do homem, partindo o crânio em dois com surpreendente facilidade, como se ali estivesse uma melancia. Os óculos também se partiram ao meio.

Dana não perdeu tempo. Largou o machado e foi direto para o telefone.

Só então percebeu que a porta da casa estava aberta.

Na soleira se achava o labrador, observando o que ela fazia, abanando o rabo.

Dana levou o indicador aos lábios e tentou sorrir, na esperança de convencer o cachorro de que tudo estava bem.

O rabo de Bo parou de se mexer. E ele começou a latir.

Reynaldo ainda vasculhava a mata quando ouviu os latidos.

– Bo!

Conhecia todos os tipos de latido dele. Os de agora não eram de felicidade pela chegada de algum conhecido. Eram de medo, de pânico.

Imediatamente, sacou a arma e, com os dois companheiros na esteira, correu de volta para a casa.

capítulo 41

BRANDON ACABARA DE SE acomodar ao balcão do apartamento de Kat quando recebeu a chamada de um número privado. Já havia falado com todos os amigos de que precisava para invadir o Você Faz Meu Tipo. Seis estavam com ele naquele exato momento, no Skype, os rostos estampados na tela do computador. No campus, eles dispunham de um poderoso mainframe que facilitaria muito a operação. Brandon trabalharia remotamente com eles.

– Alô?

– Brandon? – disse a voz de um desconhecido.

– Sim, quem é?

– Preste atenção. Você tem dois minutos. Desça para a rua e vire à direita. Na esquina da Columbus Avenue, você vai ver um utilitário preto. Entre nele. Sua mãe vai estar no banco traseiro.

– O que...?

– Se você não aparecer aqui em dois minutos, ela vai morrer.

– Espere, quem é que está...

– Um minuto e cinquenta e cinco segundos.

Clique.

Brandon saltou do banco em que estava, saiu para o corredor do prédio e rapidamente chamou o elevador, que estava no térreo, seis andares abaixo.

Melhor descer pelas escadas.

Foi o que ele fez, despencando pelos degraus mais do que correndo. Ainda com o telefone na mão, atravessou a portaria e irrompeu na calçada, imediatamente dobrando à direita na Rua 67, por pouco não atropelando um executivo de terno.

Em disparada, olhando os carros à sua volta, enfim localizou o utilitário preto mais ou menos na altura da esquina, tal como haviam dito. Faltava pouco para alcançá-lo quando seu telefone tocou de novo. Diminuindo o ritmo das passadas, mas sem interromper a corrida, ele conferiu o identificador de chamadas.

De novo, um número privado.

A essa altura, ele já estava bem perto do utilitário. A porta do carro já se abria quando ele levou o telefone ao ouvido.

– Alô?

Latidos de um cachorro ao fundo.

– Brandon, preste bem atenção.

Seu coração parou.

– Mãe? Já estou quase no carro.

– Não!

Brandon ouviu um homem gritando algo ao fundo.

– O que foi isso? Mãe?

– Não entre nesse carro!

– Não estou entend...

– Corra, Brandon! Não entre nesse carro! Corra, corra!

Brandon parou, tentou dar meia-volta, mas duas mãos se precipitaram do automóvel para agarrá-lo pela camiseta. Ele deixou o telefone cair quando foi arrastado para dentro.

Kat havia pensado que a travessia pelo parque seria uma ótima oportunidade para esfriar a cabeça e organizar as ideias, mas os recantos de sempre não lhe ofereciam o habitual consolo. Ela agora pensava naquela parte mais ao norte, The Ramble. Seu pai patrulhava justamente aquela área. Que diabos passaria pela cabeça de um policial gay num momento assim?

Pensando em retrospecto, tudo fazia sentido no comportamento dele: as bebedeiras, a raiva, os sumiços... Tudo se encaixava perfeitamente. Ou tristemente. Os que precisam se esconder do mundo, os que precisam esconder o coração, o verdadeiro eu... A fachada se torna não apenas a cruel realidade.

Torna-se também uma prisão.

Pobre Henry.

Mas nada disso importava mais. Águas passadas. Morto, Henry Donovan já não sofria mais. Para ser a melhor filha possível, para honrar a memória do pai e oferecer a ele algum consolo, restava-lhe ser a melhor policial possível.

Isso significava encontrar alguma maneira de enquadrar Cozone.

Seu telefone tocou quando ela já ia saindo do parque pelo lado oeste. Era Chaz.

– Você acabou de passar por aqui? – perguntou ele.

– Pois é, desculpe, fui falar com o capitão.

– Ele disse que você vai voltar.

– Talvez.

– Gostaria que isso acontecesse.

– Eu também.

– Mas não foi por isso que eu liguei. Estava fazendo aquele levantamento de pessoas desaparecidas que você pediu. Por enquanto, os resultados são apenas preliminares.

– Ok, mas e aí?

– São onze adultos desaparecidos, incluindo Dana Phelps, Gerard Remington e Martha Paquet. Eles são de quatro estados diferentes. Todos conheceram alguém pela internet recentemente.

Kat sentiu um arrepio na nuca.

– Meu Deus...

– O caso é sério.

– Você falou com Mike Keiser?

– Passei os dados para o assistente dele. Falou que vão investigar. Mas, Kat... São *onze* pessoas desaparecidas...

Chaz não disse mais nada.

Não havia mais nada a ser dito. O FBI saberia o que fazer agora. Ela e Chaz já tinham ido muito além das próprias atribuições.

Ela desligou e atravessou para a Rua 67. Foi então que avistou a confusão na esquina da Columbus Avenue.

Que diabos seria aquilo?

Kat partiu em disparada. Ao se aproximar, viu que Brandon Phelps se debatia à porta de um utilitário, resistindo à pessoa que tentava puxá-lo para dentro.

Derrapando no piso ensanguentado, o labrador entrou na casa e continuou latindo para Dana. Ela sabia, claro, o que isso significava. O imbecil – que o nerd havia chamado de Reynaldo na conversa que tivera com Titus – com certeza ouviria o alerta do seu fiel companheiro e voltaria correndo para ver o que era.

Esconder-se foi a primeira coisa que lhe ocorreu.

Mas não era isso que aconteceria.

Ela se viu tomada de uma estranha calma. Sabia o que precisava fazer.

Sua prioridade continuava sendo salvar o filho.

Não havia nenhum celular à vista. O único telefone visível, o que estava sobre a mesa, era um aparelho comum e cinzento, conectado ao computador. Não era um aparelho móvel. Para usá-lo, teria que ficar onde estava. Completamente vulnerável.

Paciência.

Ela pegou o telefone e foi discando o número de Brandon. Tremia de tal forma que mal conseguia acertar os dígitos.

Alguém berrou lá fora:

– Bo!

Era Reynaldo. Não estava longe. Seria uma questão de tempo para que ele desse as caras. Mas Dana não tinha escolha. Pela conversa que entreouvira, Titus planejava sequestrar Brandon. Ela precisava fazer alguma coisa. Nada era mais importante do que isso. Não havia espaço para questionamentos e hesitações.

O telefone começou a chamar. Dana procurou controlar os nervos, mas, assim que ouviu a voz do filho, precisou fazer um esforço adicional para não desabar.

Passos pesados agora vinham da varanda. Bo parou de latir e foi trotando ao encontro do dono.

Não havia mais tempo.

– Brandon, preste bem atenção.

Ela pôde ouvir o susto do menino do outro lado da linha.

– Mãe? Já estou quase no carro.

– Não!

Reynaldo berrou outra vez:

– Bo!

– O que foi isso? – perguntou Brandon. – Mãe?

Cravando os dedos no telefone, Dana gritou:

– Não entre nesse carro!

– Não estou entend...

Reynaldo surgiria à porta a qualquer momento.

– Corra, Brandon! Não entre nesse carro! Corra, corra!

Kat sacou sua arma e partiu rua afora.

Ao longe, podia ver que Brandon lutava com valentia. Faltava pouco para que ele conseguisse se desvencilhar. Um pedestre acorreu para ajudar, mas o motorista do utilitário imediatamente saiu do carro.

Estava armado.

Outros pedestres começaram a gritar.

– Polícia! – berrou Kat, mas sua voz foi engolida pelo alvoroço.

Vendo a arma na mão do motorista, o “bom samaritano” logo tratou de recuar, deixando que o homem agredisse Brandon.

Ele deu uma coronhada na cabeça do garoto.

A luta terminou.

Brandon foi puxado para dentro do carro e o motorista bateu a porta traseira antes de retomar o volante.

Kat estava cada vez mais próxima. Já se preparava para arriscar um tiro quando pensou melhor e baixou a arma. Havia muita gente naquela calçada, não seria prudente dar início a um tiroteio. Além disso, mesmo que conseguisse acertar o motorista, ainda era possível que o comparsa dele, o que puxava Brandon para dentro do carro, também estivesse armado.

Então, o que fazer?

O utilitário arrancou às pressas e dobrou à esquerda na Columbus Avenue.

Nas imediações, um homem estava descendo do Ford Fusion que acabara de estacionar. Kat correu até ele e mostrou o distintivo.

– Estou confiscando este carro.

O homem fez uma carranca.

– Você está brincando, não está? Ninguém vai levar o meu...

Sem tempo para argumentar, Kat ergueu sua arma. O homem levantou os braços, ela tomou

as chaves da mão dele e se jogou dentro do carro.

Dali a um minuto, já estava na cola do utilitário. Assim que pôde, pegou seu celular e ligou para Chaz.

– Estou seguindo um utilitário preto pela Rua 67, virando à direita na Columbus.

Em seguida, informou a placa e explicou rapidamente o que havia acontecido.

– Algum pedestre já deve ter ligado para o 911 – disse Chaz.

– Certo. Olhe, faça o que for preciso para manter as patrulhas longe dessa perseguição. Não quero que eles fiquem apavorados.

– Você tem um plano em mente?

– Tenho. Ligue para o FBI. Conte o que aconteceu e peça a eles que botem um helicóptero no ar. Vou continuar na cola do utilitário.

No banco traseiro do carro, Brandon ainda se sentia meio zozinho por causa da pancada na cabeça. Titus apontou a arma para ele.

– Brandon?

– Cadê a minha mãe?

– Logo, logo você vai estar com ela. Até lá, quero que você fique bem quietinho. Se tentar alguma besteira, sua mãe vai morrer. Estamos entendidos?

Brandon assentiu e não disse mais nada.

Titus ficou aflito quando eles alcançaram a ponte George Washington, receando encontrar nela uma barreira policial. Era bem possível que alguma testemunha da lambança de Clem na Rua 67 tivesse avisado a polícia. Mas o trânsito havia fluído bem na West Side Highway e eles tinham chegado ali em menos de quinze minutos, tempo insuficiente, pelo menos nos cálculos de Titus, para que se montasse uma operação de busca com a placa do utilitário. Mesmo assim, instruiu o motorista a entrar no estacionamento do Hotel Marriott, que ficava logo na saída da Route 95. Eles poderiam roubar outro carro, mas o melhor seria apenas mudar a placa. No estacionamento dos fundos, havia outro utilitário preto e, com o auxílio de uma chave de fenda à pilha, Clem não levou mais do que alguns segundos para fazer a troca.

Eles voltaram pela New Jersey Turnpike e seguiram na direção sul, rumo à fazenda.

– Já levantaram o helicóptero? – perguntou Kat.

– Mais uns cinco minutos e ele está chegando.

– Ótimo – disse Kat, e acrescentou: – Espere aí, só um minuto.

– Que foi?

– Eles acabaram de entrar no Marriott.

– Talvez seja um esconderijo deles.

– Avise o FBI.

Ela desceu pela rampa da rodovia e procurou manter uma distância de dois carros enquanto seguia o utilitário rumo ao estacionamento dos fundos. Parou nas imediações e

vagarosamente foi posicionando o carro de modo que pudesse ver o que eles estavam fazendo, mas sem ser vista.

O motorista desceu. Kat pensou em entrar em ação ali mesmo, mas seria arriscado demais, pois não podia ver o que estava acontecendo com Brandon no banco de trás. O mais prudente seria esperar e continuar espiando.

Um minuto depois, ligou novamente para Chaz.

– Eles trocaram a placa do carro e estão voltando para a autoestrada.

– Em que sentido?

– Sul. Parece que vão entrar na New Jersey Turnpike.

Reynaldo saiu correndo a toda na direção dos latidos de Bo.

“Se aquela mulher fez alguma coisa com o meu cachorro, se encostou um mísero dedo nele...”

Ele queria que a vagabunda morresse muito lentamente.

Ainda ouvia latidos quando chegou à clareira. Redobrando o ritmo das passadas, irrompeu na direção deles e, saltando os degraus da escadinha, pulou para a varanda.

Bo havia parado de latir.

“Meu Deus, meu Deus... Que nada tenha acontecido a...”

Ele já ia para a porta quando o cachorro surgiu e correu a seu encontro.

– Bo!

Caiu de joelhos e o abraçou com alívio, recebendo lambidas no rosto.

Nesse mesmo instante, ouviu Dana gritar dentro da casa:

– Corra, Brandon! Não entre nesse carro! Corra, corra!

Sacou sua arma. Apenas alguns passos o separavam da porta. Reergueu-se, disposto a liquidar aquela fatura de uma vez por todas. Mas aí percebeu: as patas do cachorro estavam encharcadas de sangue. Ficou apavorado.

“Se ela machucou meu cachorro, se fez alguma coisa com essa criatura inocente que nunca fez mal a ninguém...”

Examinou as patas dianteiras à procura de algum ferimento. Nada. Examinou as traseiras. Nada também. Então, olhou nos olhos do cachorro, que começou a abanar o rabo como se dissesse que estava bem.

Novamente, Reynaldo ficou aliviado, mas de repente lhe ocorreu: se aquele sangue não era de Bo, de quem poderia ser?

Com a arma em riste, recostou-se ao lado da porta, depois se curvou para entrar na sala, receando que a mulher estivesse à sua espera.

Nada.

Então, viu os escombros daquilo que um dia havia sido Dmitry.

Dana tinha feito aquilo?

Filha da puta, pensou enfurecido. A vagabunda vai pagar.

Mas como? Como ela havia feito aquilo com Dmitry? Devia ter se armado com alguma coisa do celeiro. Só isso explicaria tanto sangue.

Pergunta seguinte: Onde estaria ela agora?

Pegadas de sangue sujavam o chão. Seguindo-as, Reynaldo viu que elas iam para a cozinha. Pegou seu walkie-talkie e chamou Julio.

– Você está nos fundos da casa?

– Acabei de chegar.

– Está vendo algum sangue no chão, perto da porta da cozinha?

– Não. Nenhum sangue por aqui.

– Ótimo. – Reynaldo sorriu. – Deixe a sua arma engatilhada e apontada para a porta da cozinha. A cachorra pode estar armada também.

capítulo 42

A TRÁS DA CASA DE barcos do Central Park, Aqua estava sentado no chão em posição de lótus: pernas cruzadas, mãos pousadas nos joelhos, polegar tocando o dedo médio, olhos fechados, língua pressionada contra o céu da boca.

Ao lado dele estava Jeff Raynes.

– Ela me achou – avisou Jeff.

Aqua meneou a cabeça. Estava medicado até a alma. Detestava aqueles remédios que o deixavam assim tão triste, tão esmorecido, como se estivesse debaixo d'água e não encontrasse forças para se mexer. Eles lhe tiravam a vida. Frequentemente, comparava a si mesmo a uma máquina quebrada, dessas de bebida. Quando ligada, não era possível saber o que sairia: a pessoa pedia café quente e recebia água gelada. Mas pelo menos a máquina estava ligada. No torpor da medicação, no entanto, era como se alguém tivesse puxado a sua tomada.

Apesar disso, precisava da lucidez que os remédios proporcionavam. Uma lucidez momentânea, que não durava mais que alguns minutos.

– Você ainda a ama? – perguntou a Jeff, permanecendo com os olhos fechados.

– Amo. Você sabe disso.

– Sempre amou, não é?

– Sempre.

– Acha que ela ainda ama você também?

Jeff grunhiu.

– Infelizmente, as coisas não são tão simples assim.

– Dezoito anos já se passaram.

– Você não vai me dizer que o tempo cura qualquer ferida, vai?

– Não. Mas por que você está aqui, Jeff?

Ele não respondeu.

– Conversar comigo não vai adiantar nada, você sabe disso.

– Como assim?

– Você esteve com ela hoje.

– Estive.

– Já a deixou escapar uma vez. Acha que tem forças para fazer a mesma coisa agora?

Silêncio.

Aqua finalmente abriu os olhos. Espantou-se com a dor que viu estampada no rosto do amigo. Pousou a mão no antebraço dele.

– Fiz uma escolha – disse Jeff.

– E gostou dos resultados dessa escolha?

– Não posso dizer que me arrependo. Não teria minha filha se não tivesse ido embora.

Aqua assentiu.

– Mas isso já faz muito tempo.

– É verdade.

– Talvez as coisas tenham tomado esse rumo por um motivo. Talvez fosse o destino dessa história de amor.

– Ela nunca vai me perdoar.

– O amor supera cada coisa...

Jeff fez uma careta.

– Primeiro é o tempo que cura todas as feridas, depois são as coisas que acontecem por um motivo, e agora o amor que supera tudo. Você hoje resolveu abusar dos clichês, hein?

– Jeff?

– O quê?

– O efeito dos meus remédios não vai durar muito. Daqui a pouco vou começar a dar defeito. Vou entrar em pânico. Vou ficar pensando em você e Kat, depois vou querer me matar.

– Não fale assim.

– Então preste atenção no que eu estou dizendo. Dizem que um louco é alguém que faz a mesma coisa um milhão de vezes mas espera resultados diferentes a cada vez. Jeff, o que você pretende fazer? Fugir de novo e mais uma vez acabar com a vida de vocês dois? Ou quem sabe não é a hora de tentar algo diferente?

Reynaldo sabia que Dana estava encurralada.

Ainda examinando as pegadas de sangue no chão, visualizou a disposição dos elementos na cozinha: a mesa, as cadeiras, os armários... Não havia ali nenhum esconderijo possível. Para a vagabunda, a única saída seria atacar assim que ele entrasse. Ou...

Sem qualquer aviso, escancarou a porta com as duas mãos.

Não entrou no cômodo, como decerto esperava a mulher. Sua intenção era apenas ver se ela estava do outro lado, de espreita junto da porta, torcendo para que ele entrasse displicentemente para pegá-lo de surpresa.

Com certeza ela iria se mover, gritar, qualquer coisa que traísse sua presença.

Apenas por garantia, Reynaldo recuou alguns passos logo depois de empurrar a porta de mola, que bateu forte contra a parede e ainda balançou um pouco antes de fechar outra vez.

Do outro lado, nenhum movimento. Nada.

A não ser as pegadas de sangue no chão.

Ele enfim entrou na cozinha, mas agora com a arma em riste. Apontou-a para a direita,

depois para a esquerda.

Nenhum sinal da mulher.

Só então viu que as pegadas levavam à porta do porão.

Claro, o porão! Por pouco ele não deu um tapa na própria testa. Mas agora não havia mais importância. A única saída lá embaixo era uma escotilha fechada a cadeado. A vagabunda realmente estava encurralada.

Nesse momento, o celular vibrou.

– Já encontrou a Número Seis? – perguntou Titus.

– Acho que sim.

– *Acha* que sim?

Rapidamente, ele explicou a situação ao chefe.

– Já estamos voltando – avisou Titus. – Diga ao Dmitry para começar a destruição dos arquivos.

– Dmitry está morto.

– *O quê?*

– Dana o matou.

– Como?

– Pelo jeito, acho que foi com um machado.

Silêncio.

– Alô? Titus?

– Tem gasolina lá no celeiro. Muita gasolina.

– Eu sei. Gasolina para quê?

Mas ele já sabia a resposta, certo? E não gostava nem um pouco dela. Sabia que esse dia acabaria chegando, mas aquela fazenda se tornara uma espécie de lar tanto para ele quanto para Bo.

A vagabunda havia atrapalhado tudo, o que o deixava ainda mais enfurecido.

– Vá espalhando a gasolina pela casa – instruiu Titus. – Vamos botar fogo na operação inteira.

Kat não fazia a menor ideia de qual era o destino do utilitário.

Fazia duas horas que ela vinha seguindo aquele carro. Eles haviam saído da New Jersey Turnpike para pegar a Pennsylvania Turnpike e agora se embrenhavam no norte da Filadélfia. O helicóptero do FBI já estava no alto, acompanhando a perseguição a uma distância segura, mas isso não significava que Kat podia relaxar.

Por sorte, o Ford Fusion tinha gasolina suficiente, quanto a isso ela não precisava se preocupar. Volta e meia, fazia contato com o FBI. Até então, não haviam passado nenhuma informação realmente útil. As placas originais do utilitário também tinham sido roubadas. Os proprietários do Você Faz Meu Tipo tentavam ganhar tempo, exigindo uma ordem judicial para a investigação. Chaz localizara mais duas vítimas possíveis, mas ainda era cedo para afirmar

qualquer coisa. Essas coisas levavam tempo, disso ela sabia muito bem. Nos programas de TV, as coisas se resolviam em menos de uma hora. Na vida real, eram bem mais morosas.

Kat vinha fazendo um esforço para não pensar no pai nem em Jeff, mas, com o passar das horas, não viu outro jeito. As palavras de Sugar ainda ecoavam em sua cabeça: os sacrifícios que ele se dispunha a fazer e o perdão que gostaria de dar para ter apenas mais alguns segundos ao lado de Henry. Não havia dúvida de que o amor dele era real. Não se tratava de uma encenação. Por causa disso, ela agora se perguntava se o seu pai também fora feliz ao lado de Sugar. Ele teria conhecido o amor? A paixão? Kat esperava que sim. Talvez até ficasse agradecida a Sugar se conseguisse pôr de lado o preconceito nem tão subconsciente assim que havia herdado de sua criação suburbana.

A certa altura, começou a brincar de “e se...?”. E se Henry subitamente se materializasse a seu lado? E se Kat dissesse ao pai que já sabia de tudo e que ele tinha sido agraciado com uma segunda chance? O que ele faria? A morte com certeza era uma ótima conselheira. Se pudesse voltar atrás, abriria o jogo com a esposa? Viveria uma nova vida com Sugar?

Isso era o que Kat desejava ao pai. A ele e à sua mãe.

Honestidade. Ou então... Como era mesmo que Sugar dissera? A liberdade de ser autêntico.

Será que Henry chegara perto de constatar isso? Será que ele ficara cansado de mentir e de iludir os outros? Quando chegara à boate com flores para Sugar, será que enfim encontrara forças para ser autêntico?

Era bem possível que ela jamais encontrasse respostas para essas perguntas.

Mas a pergunta maior – quando ela realmente soltou as amarras e se permitiu ignorar por um momento a tarefa mais importante que era salvar a vida de Brandon e Dana Phelps – revelou-se bem mais próxima de sua realidade imediata. Se o pai recém-materializado ainda estivesse por ali, o que diria ao saber que ela havia encontrado Jeff de novo e estava convencida de que eles ainda tinham uma chance?

Melhor que isso: o que ele lhe aconselharia?

A resposta já parecia óbvia.

Não importavam os motivos que tinham levado Jeff a fugir, a trocar de nome, etc., etc. Sugar não se importaria com nada disso. Henry também não. A morte tinha isso a ensinar. E, assim como Sugar, ela agora estava disposta a fazer qualquer sacrifício, a perdoar tudo, para ter apenas mais um segundo com...

Assim que aquilo acabasse, voltaria a Montauk e contaria a Jeff tudo que estava sentindo.

O sol começava a baixar, colorindo o céu de diferentes tons de roxo.

Mais adiante, o utilitário preto finalmente saiu da rodovia para tomar uma via secundária, a Route 222.

Kat seguiu atrás deles. Com certeza já estavam chegando.

– O que vocês querem com a minha mãe? – perguntou Brandon pela enésima vez.

Para Titus, foi a gota d'água. Irritado, deu uma coronhada na boca do garoto, quebrando-lhe os dentes, fazendo o sangue jorrar. Brandon rasgou a própria camiseta e improvisou uma compressa. Enfim se calou.

Chegando à Route 222, Titus consultou o relógio. Faltavam menos de quarenta minutos até a fazenda. Mentalmente, fez alguns cálculos: o tamanho do fogo, a visibilidade das chamas, o tempo que os bombeiros levariam para chegar ao local, sobretudo se ele telefonasse dizendo que a situação estava sob controle.

Uma hora, pelo menos.

Tempo mais do que suficiente.

Ligou para Reynaldo.

– Já terminou de espalhar a gasolina?

– Já.

– Ela ainda está presa no porão?

– Está.

– Onde estão o Rick e o Julio?

– Lá fora. Um na frente da casa, outro atrás.

– Você sabe o que tem que fazer.

– Sei.

– Então faça. Em seguida, ateie fogo. Quero que tudo vá abaixo. Depois desça até os silos e termine a limpeza.

Reynaldo desligou. Viu que Bo esperava junto do celeiro e achou que ali o cachorro ficaria seguro, o que era o mais importante de tudo. Foi ter com Rick, que montava guarda diante da casa.

– Você falou com o Titus? – perguntou o comparsa.

– Falei.

– A gente vai incendiar tudo isto?

Reynaldo trazia uma faca escondida na mão. O golpe foi rápido e certo, direto no coração. Rick já estava morto antes de se esborrachar no chão. Reynaldo tirou do bolso uma caixa de fósforos, caminhou até a varanda da casa, riscou um palito e o deixou cair sobre os degraus da escada.

As chamas ganharam vida e foram desenhando depressa uma linha azul no chão.

Reynaldo seguiu para os fundos da casa com a arma em punho. Atirou na cabeça de Julio. Riscou um segundo fósforo e ateou fogo nas imediações da porta da cozinha. Assim como antes, as chamas explodiram numa gloriosa muralha azul. Recuou o suficiente para ver as duas portas da casa.

Não havia como sair dali. A vagabunda morreria estorricada.

Ele agora admirava as labaredas que só faziam crescer. Não era um piromaniaco nem nada, mas não havia como não se embasbacar com a sanha destrutiva do fogo. A casa ia sendo

rapidamente consumida e ele antecipava os gritos da mulher. Ansiava por eles. Mas até então não ouvira nada. Por isso, continuava vigiando as duas portas, sobretudo a da cozinha, na esperança de que o fogo tirasse a mulher de sua toca, de que um vulto ardente irrompesse naquele quintal, rodopiando em uma dança mortal, agonizando de dor.

Mas isso também não aconteceu.

Reynaldo carregou o corpo de Julio e o arremessou no fogo. Depois faria o mesmo com Rick. Com sorte, os dois mortos ficariam identificáveis. Caso mais tarde fosse preciso colocar a culpa em alguém, eles seriam ótimos candidatos.

O fogaréu parecia ter atingido o ápice.

Mas nada de gritos, nada de vultos.

A essa altura, ele já se perguntava se a vagabunda não teria morrido lá mesmo no porão, consumida pelo fogo ou sufocada pela fumaça. Mas não havia dúvida de que estava morta. Ela nunca poderia ter escapado daquela casa.

Mesmo assim, ao dar as costas para os escombros, Reynaldo sentiu um estranho desconforto.

capítulo 43

ASSIM QUE VIU AS CHAMAS, Dana Phelps saiu correndo por aquele mesmo caminho infernal que tantas vezes fora obrigada a percorrer. Qual seria o último lugar em que procurariam por ela?

Lá embaixo, junto das covas.

Era estranho pensar naquilo que as pessoas chamavam de sorte, destino ou timing. Seu marido, Jason, havia crescido em Pittsburgh e torcia fanaticamente pelos times locais: Steelers no futebol americano, Pirates no beisebol, Penguins no hóquei. Adorava assistir aos jogos, mas percebia, talvez mais do que a maioria das pessoas, o quanto havia de aleatório no mundo. Caso já houvesse câmeras HD nos anos 1970, muitos acreditavam que seria possível ver a bola tocar o chão antes que Franco Harris a pegasse naquele lance antológico e polêmico que mais tarde ficaria conhecido como a “Imaculada Recepção”. Nesse caso, seria possível que os Steelers tivessem perdido o jogo e deixado de ganhar quatro títulos nacionais seguidos?

Jason adorava levantar perguntas dessa natureza. Não dava muita importância a coisas como escolaridade, formação profissional ou ética de trabalho. A seu ver, muitas vezes a vida simplesmente obedecia aos caprichos da sorte. Algumas pessoas tinham a disciplina, a perseverança e a disposição para o trabalho como meios infalíveis para se chegar a um fim, mas, na verdade, a aleatoriedade exercia um papel muito mais importante no desenrolar das coisas. Por mais difícil que seja admitir, somos todos governados pela sorte, pelo destino e pelo timing.

No caso de Dana, eles haviam se manifestado nas patas ensanguentadas de um labrador.

Ao examinar as patas de Bo à procura de algum ferimento, Reynaldo tinha se atrasado apenas alguns segundos, mas fora o suficiente para que ela largasse o telefone, corresse para a cozinha e percebesse que logo seria descoberta por causa das pegadas de sangue.

O que fizera, então?

Não havia tempo para formular planos bonitinhos nem para pesar opções. A ideia lhe ocorrera de repente e, modéstia à parte, era genial.

Ela foi até a porta do porão, abriu-a e arremessou escada abaixo as meias sujas de sangue. Em seguida, descalça e correndo, meio que pulando com uma perna só, conseguiu alcançar a mata segundos antes de Julio dar as caras no quintal.

Tão logo viu o fogo, as chamas que já iam comendo o madeirame da casa, deu-se conta do

que era aquilo: uma queima de arquivo. Dali a pouco, não restaria mais nada. Prosseguiu saltitando pela trilha que levava às covas, lembrando-se de algo que havia chamado sua atenção logo no primeiro dia: as outras roupas que vira ao ser obrigada a se despir.

O sol já ia baixo no horizonte. Começava a escurecer quando enfim ela alcançou a clareira. Havia uma pequena barraca em que Reynaldo costumava ficar. Dana espiou dentro às pressas. Encontrou um saco de dormir e uma lanterna. Nenhum telefone. Nada que pudesse usar como arma.

Claro, ela ainda tinha o machado.

Dana pegou a lanterna, mas não ousou acendê-la, pelo menos por enquanto. O chão da clareira era praticamente um tapete. A cova em que havia sido forçada a viver por... ela não tinha a menor ideia do tempo passado ali... estava camuflada. Só não lembrava bem onde ficava. Vasculhando o chão, enfim localizou o cadeado aberto da tampa. Impressionante: se não houvesse um, jamais teria encontrado sua cova.

Uma ideia maluca pipocou em sua cabeça: entrar no buraco e ficar escondida nele. Quem, em sã consciência, cogitaria procurá-la ali? Por outro lado, quem, em sã consciência, entraria deliberadamente numa cova, ainda que fosse para salvar o próprio pescoço?

Ela, não.

O tempo urgia. A casa ardia em chamas lá no alto.

Apesar do clarão, estava difícil enxergar o que quer que fosse no breu daquela noite que já havia caído. Ela foi se arrastando pela grama, ainda sem saber ao certo o que fazer. Não tinha percorrido 10 metros quando tateou um objeto metálico.

Outro cadeado.

Trancado.

No entanto, bastaram duas machadadas para abri-lo. A tampa era mais pesada do que ela havia imaginado e foi preciso arregimentar todas as forças do corpo para erguê-la.

Dana espiou o buraco. Não percebeu nenhum movimento, nenhum barulho.

O incêndio seguia forte no alto do morro. Não havia escolha. Seria preciso arriscar.

Ela acendeu a lanterna. Apontou-a para dentro e ofegou alto.

Havia uma mulher ali.

– Por favor, não me mate... – choramingou ela.

Quase caindo em prantos, Dana respondeu:

– Não se preocupe. Estou aqui para ajudar. Acha que consegue sair daí?

– Consigo.

– Ótimo.

Dana rastejou mais alguns metros e encontrou outro cadeado. Dessa vez, precisou de apenas uma machadada para abri-lo. No interior da cova, um homem chorava também, fraco demais para se levantar. Dana não esperou por ele. Encontrou uma terceira cova, abriu a tampa e nem se deu o trabalho de olhar o que havia dentro. Seguiu para a cova seguinte.

Acabara de arrombar o cadeado dessa última quando avistou os faróis de um carro nas

imediações da casa.

Alguém tinha acabado de chegar.

Clem abriu a porteira, depois voltou para o volante do carro.

Eles já estavam mais ou menos na metade da estradinha de terra quando enfim conseguiram ver o fogo. Titus abriu um sorriso: se o fogo não podia ser visto do asfalto, dificilmente alguém chamaria os bombeiros. Eles teriam tempo mais do que suficiente para terminar o serviço.

Reynaldo estava mais adiante, arrastando um corpo na direção do fogo.

– Mas que porra é essa?! – exclamou Clem. – Aquele ali não é o Rick?

Calmamente, Titus encostou o cano de sua arma na nuca do motorista e disparou um único tiro. Clem caiu sobre o volante.

Aquela operação havia começado apenas com Titus e seu fiel escudeiro Reynaldo. E assim terminaria.

Brandon gritou de pavor e Titus virou a arma na direção dele.

– Desça do carro.

Brandon obedeceu e Titus desceu em seguida. Reynaldo já estava a postos para recebê-los. Por alguns segundos, os três ficaram apenas olhando para o fogo.

– A mãe dele já está morta? – perguntou Titus.

– Acho que sim.

Brandon soltou um grito primitivo e agonizante. Arremeteu contra Reynaldo com as mãos erguidas, mas foi detido por um murro seco do capanga na boca do estômago. O garoto desabou no chão, arfando, em busca de ar.

Titus apontou a arma para a cabeça de Brandon, depois perguntou a Reynaldo:

– Por que você disse “acho que sim”?

– Porque, como eu disse antes, acho que ela estava no porão.

– Mas...?

Um latido de Bo varou o ar noturno.

Titus buscou uma lanterna no carro e esquadrinhou as redondezas até localizar o cachorro mais adiante à sua direita. Ele olhava para a trilha que descia para as covas latindo freneticamente.

– Talvez você tenha se enganado. Talvez ela não estivesse naquele porão.

Reynaldo assentiu. Titus lhe entregou a lanterna.

– Vá descendo pela trilha com a arma engatilhada. Atire assim que a mulher aparecer.

– De repente ela está escondida.

– Se estiver, vai sair rapidinho.

Ouvindo isso, Brandon berrou:

– Mãe! Não venha para este lado! Fuja!

Mais que depressa, Titus enterrou a arma na boca do rapaz, silenciando-o. Em seguida,

gritou a plenos pulmões:

– Dana? Seu filho está comigo! – Hesitou um instante, depois acrescentou: – Saia de onde estiver ou o menino morre!

Silêncio.

– Dana? Escute só isto aqui!

Ele retirou a arma da boca de Brandon, mirou no joelho e atirou.

O grito retumbou na noite escura.

Por medo de dar alguma bandeira, Kat passou pela porteira e seguiu no asfalto sem ao menos reduzir a velocidade do carro. Vinha falando direto com o FBI. Informou as coordenadas do local ao diretor assistente e parou no acostamento, uns 100 metros mais adiante.

– Belo trabalho, detetive – elogiou Keiser. – Nosso pessoal deve chegar em quinze, vinte minutos. Um destacamento grande o bastante para pegar a quadrilha inteira.

– Eles estão com o Brandon, senhor.

– Eu sei.

– Acho que não vai dar para esperar.

– Você não pode simplesmente invadir a propriedade. Eles estão com reféns. Não tem outro jeito, você vai ter que aguardar minha equipe, deixar que eles iniciem o diálogo. Você já conhece o procedimento.

Kat não estava gostando daquilo.

– Com todo o respeito, acho que não temos esse tempo. Gostaria que o senhor me autorizasse a entrar sozinha. Não vou me envolver, a menos que seja absolutamente necessário.

– Não creio que seja uma boa ideia, detetive.

Não era bem uma proibição.

Kat desligou antes que o homem pudesse dizer mais alguma coisa, depois colocou o celular no silencioso. Com a arma no coldre, desceu do carro e foi voltando a pé pelo acostamento. Todo cuidado seria pouco. Sem dúvida haveria câmeras de segurança junto à porteira da propriedade, então pulou a cerca em outro lugar. Estava escuro. A vegetação era densa. Acendeu a lanterna de seu iPhone – por sorte, o proprietário do Ford Fusion tinha um carregador no carro.

Lentamente, foi passando pelas árvores até que avistou, lá no alto, o clarão das chamas.

Dana acabara de abrir mais uma das covas quando ouviu alguém gritar:

– Mãe! Não venha para este lado! Fuja!

Congelou ao se dar conta de que aquela voz era de Brandon.

Depois foi Titus quem disse:

– Dana? Seu filho está comigo! Saia de onde estiver ou o menino morre!

Ela começou a tremer da cabeça aos pés. Por pouco não deixou cair a tampa pesada que estava segurando, mas, de repente, viu a seu lado a mulher que havia saído da primeira cova. A desconhecida tomou a tampa de suas mãos e baixou-a com cuidado. Alguém gemeu no interior do buraco. Dana já ia tomando o caminho da trilha quando a mulher sussurrou:

– Não!

– O que foi? – perguntou Dana, virando-se para ela, completamente aturdida.

– Não escute o que esse homem está dizendo. Ele só está fazendo um joguinho. Você precisa ficar aqui.

– Não posso...

A mulher segurou-a pelo rosto para fitá-la diretamente nos olhos.

– Meu nome é Martha. Qual é o seu?

– Dana.

– Dana, preste atenção no que eu vou dizer: a gente precisa abrir o resto das covas.

– Ficou maluca? Ele está com o meu filho!

– Eu sei. Mas, se você for lá, vai matar vocês dois na mesma hora.

Dana balançou a cabeça.

– Não. Acho que posso salvar meu filho. Posso propor uma troca e...

A voz de Titus varou a noite feito a lâmina de uma foice:

– Dana? Escute só isto aqui.

As duas mulheres se viraram quando o tiro ecoou na noite.

O grito de Brandon se perdeu em meio ao grito da mãe.

Antes que Dana pudesse fazer o que fosse, antes que pudesse se entregar para salvar o filho, Martha derrubou-a no chão e se jogou em cima dela.

– Me solta! – suplicou Dana.

Martha permaneceu onde estava e, com surpreendente calma, falou:

– Não.

Dana se contorceu, tentou se desvencilhar, mas a mulher aguentou firme e sussurrou no ouvido dela:

– Ele vai matar vocês dois. Você sabe disso. Se realmente quer ajudar seu filho, não corra para lá.

– Me solta! Me solta!

Dana se retorcia em pânico.

Titus berrou novamente:

– Ok, Dana. Agora vai ser o outro joelho.

Kat prosseguia com cautela, deixando para trás apenas algumas árvores de cada vez. Não queria afrontar nenhum protocolo da polícia, apenas manter-se invisível e espiar o que estava acontecendo. Até que ouviu o homem ameaçar Brandon.

Ela precisava se apressar.

Segundos depois, ao ouvir o tiro e o berro do garoto, viu que não teria outra saída senão se lixar para o protocolo. Com uma guinada para a direita, deixou a mata e passou à estradinha, onde poderia correr a toda velocidade. Tinha plena consciência de que estava vulnerável, uma presa fácil para qualquer um que a avistasse por ali, mas nada disso importava naquele momento.

Precisava salvar Brandon.

Ela empunhava a arma na mão direita, a respiração ecoando na cabeça como se estivesse pressionando conchas do mar contra as orelhas.

Mais acima na estrada, enfim avistou o utilitário. Um homem armado estava ao lado do carro. Brandon jazia no chão, contorcendo-se de dor.

– Ok, Dana! – berrou o homem. – Agora vai ser o outro joelho.

Kat ainda estava distante demais para arriscar um tiro.

– Parado aí! – gritou, mas sem interromper a corrida.

O homem se virou. Por um átimo, não mais que isso, ficou perplexo. Ela seguiu correndo. Ao ver que ele a mirava, pulou para o lado. Ainda assim, estava vulnerável. O homem estava prestes a puxar o gatilho quando algo o deteve.

Brandon o puxara pela perna.

Irritado, o homem virou a arma para ele.

Kat não podia deixar passar a oportunidade. Dessa vez não se deu o trabalho de berrar uma advertência.

Atirou e viu o homem cair para trás.

Em algum lugar lá pela metade da trilha, Reynaldo pôde ouvir os dois gritos em modo estéreo: atrás dele, o berro do garoto que acabara de levar um tiro; à frente, o berro da mãe que estava pagando o preço por ter tentado escapar.

Agora não havia dúvida de onde ela estava.

Perto das covas.

Não escaparia uma segunda vez.

Raynaldo irrompeu na direção da clareira que, por tantos meses, havia sido sua casa. Estava escuro, mas ele seguia com a lanterna em punho, apontando-a ora para a direita, ora para a esquerda.

Dana Phelps estava a uns 20 metros de distância, imobilizada no chão pela mulher que parecia ser a Número Oito.

Ele não se perguntou por que a Número Oito estava fora de sua cova, nem como ela havia conseguido sair. Tampouco berrou ou deu a elas algum tipo de advertência. Simplesmente ergueu a arma e mirou. Já ia apertando o gatilho quando ouviu um grito gutural e primitivo.

Alguém saltou sobre suas costas.

Reynaldo cambaleou. Deixou a lanterna cair, mas redobrou a força com que vinha apertando o punho da arma. Enquanto tentava se desvencilhar da pessoa que o agarrava por

trás, outra recolheu a lanterna caída e fez dela um porrete para golpeá-lo no nariz. Reynaldo uivou de dor e medo. Com os olhos marejados, esbravejou:

– Me solta!

Começou a sacudir o corpo, tentando derrubar a pessoa que o agarrava, mas não conseguiu. Um braço agora o enlaçava pelo pescoço, sufocando-o. Não eram apenas duas pessoas. Havia mais, e elas pareciam brotar de toda parte para atacá-lo. Uma delas o mordeu na altura dos tornozelos, os dentes se enterrando na carne. Reynaldo balançou a perna na esperança de libertá-la, mas se desequilibrou e foi ao chão. Alguém imediatamente saltou sobre seu peito, outro imobilizou o braço que empunhava a arma. Pareciam demônios saídos da mata escura.

Ou das suas respectivas covas.

Reynaldo começava a sucumbir ao pânico.

A arma. Ainda havia a arma.

Tentou erguê-la com o objetivo de despachar aqueles demônios de volta para o inferno, mas não conseguiu libertar o braço imobilizado.

Eles continuavam atacando sem trégua.

Eram quatro ou cinco, não dava para saber. Zumbis sedentos de sangue.

– Não!

Ele conseguiu discernir os diferentes rostos. O careca parecia ser o Número Dois. O gordo, o Número Sete. Eram ajudados pelo Número Quatro, que também havia se juntado ao ataque coletivo. Um deles o golpeou novamente com a lanterna, dessa vez na boca. Ele revirou os olhos e sentiu o sangue escorrer pelo queixo.

Com um urro de desespero, Reynaldo disparou alguns tiros a esmo. As balas se alojaram no chão sem ferir ninguém, mas o susto bastou para que a pessoa que imobilizava seu braço diminuísse um pouco a pressão.

Ali estava sua última chance.

Usou de todas as forças para se desvencilhar. Rapidamente, brandiu a arma para o alto. Sob o luar, pôde ver uma silhueta acima dele: Dana Phelps.

Reynaldo ainda tentou virar a arma na direção dela, mas não teve tempo.

O machado já vinha descendo.

O tempo desacalerou.

Ouviu Bo latir ao longe, depois mais nada.

capítulo 44

AINDA SERIAM NECESSÁRIAS ALGUMAS semanas para que se fizesse o levantamento completo, mas, ao cabo de três dias, 31 corpos já haviam sido exumados na fazenda: 22 homens e 9 mulheres. O cadáver mais velho pertencia a um homem de 76 anos; o mais novo, a uma mulher de 43. A maioria tinha morrido com um tiro na cabeça. Muitos estavam subnutridos. Alguns exibiam sinais de tortura, incluindo membros mutilados.

A imprensa veio com as manchetes terríveis de sempre: “Antes só do que mal-acompanhado”, “Cupido dos infernos”, “O pior encontro de todos”, “Se arrependimento matasse”. Só piadinhas de mau gosto. Nenhuma refletia o horror do que havia acontecido naquela fazenda.

O caso já não estava mais nas mãos de Kat, mas do FBI. Por ela, tudo bem.

Sete pessoas, entre elas Dana Phelps, tinham sido resgatadas com vida. Todas foram tratadas num hospital da região e liberadas num prazo de dois dias, à exceção de Brandon Phelps, que precisaria ter o joelho operado porque a patela fora destruída pelo tiro.

Todos da sinistra quadrilha estavam mortos, com uma notável exceção: Titus Monroe, o líder, havia sobrevivido ao tiro de Kat. Embora estivesse numa situação bastante crítica – coma induzido, respirando com o auxílio de aparelhos –, ainda estava vivo.

Kat não sabia exatamente o que sentia a respeito disso. Talvez tivesse uma ideia melhor quando ele acordasse.

Algumas semanas depois, Kat foi visitar Dana e Brandon na casa deles em Greenwich, Connecticut.

Ao descer do carro, foi recebida pelo garoto, que foi ao seu encontro com o auxílio de muletas. Eles se abraçaram e, por um instante, ficaram se apertando um contra o outro sem dizer nada. Dana Phelps surgiu no gramado e acenou, sorrindo. Puxa, pensou Kat, a mulher está tão linda quanto antes. Talvez um pouco mais magra, os cabelos dourados presos num rabo de cavalo, mas agora parecia tirar sua beleza da força, da resiliência, mais do que dos privilégios ou do berço de ouro.

Dana pegou uma bolinha de tênis e a arremessou para longe, para que seus dois cachorros fossem buscar. Um deles era um labrador preto, uma fêmea chamada Chloe.

O outro era um velho labrador chocolate chamado Bo.

Kat foi até ela, lembrando-se do dia em que Stacy a acusara de julgar as pessoas

precocemente. Stacy estava certa. Intuição era uma coisa. Ideias preconcebidas – sobre Dana, sobre Chaz, sobre Sugar, sobre qualquer outra pessoa – eram bem outra.

– Estou surpresa – disse Dana.

– Com o quê?

– Achei que o cachorro fosse trazer más lembranças.

– O único erro dele foi amar a pessoa errada – alegou Dana, novamente arremessando a bola. Com um esboço de sorriso, acrescentou: – Quem nunca passou por isso?

Kat sorriu.

– Tem razão.

Bo, que havia saído em disparada atrás da bolinha, voltou com ela na boca e, dessa vez, trotou para o lado de Brandon. Apoiando-se numa das muletas, o garoto se inclinou e afagou a cabeça dele. O cachorro imediatamente deixou a bola cair, abanou o rabo com entusiasmo e latiu para que ela fosse arremessada mais uma vez.

Sombreando os olhos com a mão, Dana comentou:

– Que bom que você veio, Kat.

– Também estou feliz por ter vindo.

As duas mulheres observavam a brincadeira de Brandon com os cachorros.

– Ele sempre vai mancar – informou Dana. – Pelo menos foi isso que disseram os médicos.

– Sinto muito.

Dana deu de ombros.

– Ele dá a impressão de que está bem. Parece até que tem orgulho.

– Seu filho foi um herói, Dana. Se não tivesse invadido aquele site, se não tivesse intuído que você estava em apuros...

Kat não terminou o pensamento. Não precisava.

– Kat?

– Hum.

– E você?

– O que tem eu?

Dana se virou para ela.

– Quero saber de tudo. A história completa.

– Tudo bem. Mas desconfio que esta história ainda não tenha chegado ao fim.

Ao voltar para sua casa na Rua 67 no dia seguinte à operação na fazenda, Kat encontrou Jeff sentado nos degraus do prédio, à sua espera.

– Há quanto tempo você está aí? – perguntou.

– Há dezoito anos – respondeu ele, e em seguida suplicou para ser perdoado.

– Por favor, não – interrompeu Kat.

– Não o quê?

Como ela poderia explicar? Tal como Sugar dissera, ela daria tudo para tê-lo de volta. Perdoaria tudo. Pois lá estava ele agora e era isso que importava.

– Não diga mais nada.

– Tudo bem – disse Jeff. – Assunto encerrado.

Foi como se as mãos de um gigante invisível tivessem puxado o fio daquela meada abandonada dezoito anos antes para emendá-lo no fio da meada presente. Claro, Kat ainda tinha um milhão de perguntas a fazer. Queria saber de tudo, mas, ao mesmo tempo, nada daquilo parecia importar mais. Aos poucos, Jeff foi contando sua história. Dezoito anos antes, fora obrigado a voltar para Cincinatti por causa de alguns problemas familiares. Estupidamente, havia acreditado que Kat não esperaria por ele ou que não seria justo pedir que ela esperasse. Bobagens de um romance de cavalaria. Ainda assim, esperava voltar um dia e, sim, implorar pelo perdão dela, mas então sobreveio a briga de bar. O namorado bêbado cujo nariz ele havia quebrado tinha amigos numa gangue de mafiosos que agora queriam vingança. Por isso a troca de identidade. Depois, a gravidez da mãe de Melinda e...

– Acabei perdendo as rédeas da minha própria vida.

Kat podia ver que ele não estava contando toda a verdade, que estava suavizando a história por motivos ainda desconhecidos. Mas não quis pressionar. Por mais estranho que fosse, a realidade daquele reencontro era bem melhor do que ela havia imaginado. Ambos tinham aprendido uma série de coisas ao longo daqueles anos de tanto sofrimento, mas talvez a maior lição de todas fosse também a mais simples: cuidar daquilo que prezamos. A felicidade é frágil. Devemos apreciar cada momento e fazer o que estiver em nossas mãos para protegê-la.

O resto da vida, de certa maneira, não passa de ruído de fundo.

Ambos estavam machucados, de coração partido, mas agora a impressão que tinham era a de que tudo aquilo havia sido predestinado, que não era possível voar tão alto sem antes ter chafurdado tão baixo, que eles precisaram se separar para depois se reencontrar naquele lugar melhor, por mais surreal que parecesse.

– Cá estamos nós outra vez – disse Kat, beijando-o com carinho.

Todos os beijos agora eram assim, tão carinhosos quanto aquele beijo roubado na praia.

O resto do mundo poderia esperar. Cedo ou tarde, ela conseguiria se vingar de Cozone. Ainda não sabia quando nem como. Mas um dia ela bateria à porta do mafioso e daria àquela história o fim que Henry merecia.

Um dia. Não agora.

Kat pediu uma licença da polícia e Stagger aceitou. Ela precisava sair da cidade. Então, alugou um apartamento em Montauk, próximo à casa de Jeff, e lá se instalou. Ele havia insistido para hospedá-la, mas, na opinião de Kat, ainda era cedo demais para isso. Mesmo assim, eles vinham passando quase todo o tempo juntos.

Melinda, a filha de Jeff, inicialmente ficara com um pé atrás; no entanto, bastara ver o pai

junto de Kat para que todas as dúvidas se dissipassem. “Você faz o papai feliz”, comentara ela com os olhos úmidos. “E ele merece isso.”

Até mesmo o ex-sogro de Jeff a recebera de braços abertos.

Tudo parecia certo. Tudo parecia maravilhoso.

Stacy apareceu para uma visita no fim de semana. Certa noite, enquanto Jeff preparava um churrasco no quintal e as mulheres admiravam o pôr do sol com uma taça de vinho na mão, Stacy sorriu para Kat e falou:

– Eu estava certa.

– Sobre...?

– O conto de fadas.

Kat assentiu, lembrando o que a amiga dissera tanto tempo antes.

– Só que melhor – completou.

Um mês depois, Kat estava deitada na cama de Jeff, ainda ronronando depois de tanto prazer, quando o conto de fadas chegou ao fim.

Abraçada ao travesseiro, sorriu ao ouvir Jeff cantando no chuveiro. Aquela música jamais os deixara em paz, um chiclete pegajoso por assim dizer, gostoso no início, amargo no final:

– *“I ain’t missing you at all.”*

Jeff não era capaz de entoar uma canção de forma afinada mesmo que tivesse um diapasão no lugar dos ouvidos. Meu Deus, pensou Kat, balançando a cabeça. Um homem tão lindo com uma voz tão horrível.

Ela ainda saboreava as delícias da preguiça quando ouviu o celular tocar e resolveu atender.

– Oi, Kat. Bobby Suggs falando.

Suggs. O velho amigo da família. O detetive que havia investigado o homicídio de Henry.

– Oi.

– Está podendo falar?

– Claro.

– Lembra que você me pediu para dar uma olhada naquelas impressões digitais? As que foram encontradas na cena do crime?

Kat sentou-se na cama.

– Lembro, claro.

– Vou dizer uma coisa: não foi fácil. Por isso demorou tanto. O pessoal do depósito não conseguia encontrar os resultados, ninguém tinha mais. O Stagger deve ter jogado fora, só pode ser. Então precisei repetir a pesquisa.

– E aí? Descobriu de quem elas são?

– Descobri, sim. Mas não sei o que fazer com essa nova informação.

O chuveiro parou de correr.

– De quem são as digitais?

Tão logo ouviu a resposta, Kat deixou o telefone cair na cama e ficou olhando para o aparelho enquanto Suggs continuava a falar. Escutava a voz dele, mas não registrava as palavras.

Ainda aturdida, desligou o telefone e se virou para a porta do banheiro. Jeff estava parado na soleira com uma toalha amarrada à cintura. Mesmo naquelas circunstâncias, mesmo depois de saber daquela extrema traição, não podia deixar de ver à sua frente um homem muito bonito.

– Você ouviu? – perguntou ela.

– Ouvi. O bastante.

Kat esperou que ele dissesse mais alguma coisa.

– Jeff?

– Eu não queria matá-lo.

Ela fechou os olhos, recebendo aquelas palavras como um murro na boca do estômago. Jeff permaneceu mudo, esperando que ela se recompusesse.

– A boate... – falou Kat, afinal. – Na noite em que meu pai morreu, ele foi até uma boate.

– Certo.

– Você estava lá?

– Não.

Kat meneou a cabeça, agora entendendo. Uma boate para transformistas.

– Mas Aqua estava, não é?

– Estava.

– E viu meu pai.

– Viu.

– Então, Jeff, o que aconteceu?

– Seu pai entrou na boate para se encontrar com Sugar, eu acho. Eles eram... Sei lá. Aqua nunca me contou os detalhes. Aí é que está. Ele nunca teria contado nada. Mas Aqua viu o seu pai.

– E papai também viu o Aqua?

Jeff assentiu.

Henry conhecia Aqua do pub O'Malley's. Sempre que os encontrava por lá, deixava claro que não gostava de ver a filha na companhia de um travesti.

– E depois, Jeff?

– Seu pai perdeu a cabeça. Ligou para Stagger. Falou que eles tinham que pegar o Aqua.

– Pegar o Aqua?

– Isso. Henry não sabia que a gente dividia apartamento, sabia?

Não, não sabia. Kat não via motivo para contar isso ao pai.

– Era muito tarde, sei lá. Duas ou três da madrugada. Eu estava lavando minha roupa na garagem. Quando subi de volta, encontrei seu pai dentro do apartamento e...

– E aí, Jeff?

– Ele estava dando uma surra no Aqua. Àquela altura, já tinha praticamente destruído o rosto dele. Estava montado no Aqua, cobrindo-o de porrada. Gritei para seu pai parar, mas ele nem me ouviu. Apenas continuou... – Jeff balançou a cabeça. – Até achei que o Aqua já estivesse morto.

Kat agora lembrava que Aqua havia sido hospitalizado após a morte de Henry. À época, pensara que ele tinha se internado numa clínica psiquiátrica qualquer, mas agora via que o problema dele era bem outro. Acabaria se recuperando dos ferimentos físicos, mas jamais recobriria a saúde mental. Já tivera episódios psicóticos antes, mas, depois daquela noite, depois de levar aquela surra de Henry...

Por isso Aqua vivia dizendo que a culpa era toda dele. Por isso se culpava pela separação. Por isso se via obrigado a pagar sua dívida com Jeff, protegendo-o sempre, chegando ao ponto de atacar Brandon no parque.

– Então parti para cima do seu pai – prosseguiu Jeff. – A gente começou a lutar, embolados no chão. Assim que conseguiu se levantar, ele tentou me chutar no estômago, mas reagi a tempo e agarrei o seu coturno. Ele já ia tirando a arma do coldre, mas foi atacado por trás, por Aqua, que por um milagre tinha recuperado a consciência. Eu ainda o prendia pelo coturno. – Jeff desviou o olhar, visivelmente sofrendo. – De repente, me lembrei de uma coisa que você já tinha contado: seu pai sempre escondia uma arma reserva no cano das botas.

Kat balançou a cabeça, quase sem acreditar no que estava ouvindo.

– Ele tentou sacar a arma do coldre outra vez. Falei para seu pai parar, mas, de novo, ele não me ouviu. Então, encontrei a arma escondida no coturno e...

Kat ficou petrificada.

– Stagger ouviu o tiro. Seu pai tinha pedido a ele para ficar de vigia em algum lugar, sei lá. Daí ele apareceu no apartamento e ficou apavorado com o que encontrou. Viu a carreira dele descendo pelo ralo, até coisa pior. O mais provável era que todos nós fôssemos para a cadeia. Ninguém ia acreditar na gente.

Por fim, Kat conseguiu falar:

– Então vocês apagaram todos os rastros.

– Sim.

– Depois fingiram que nada tinha acontecido.

– Foi o que eu tentei fazer.

Apesar dos pesares, Kat abriu um sorriso.

– Mas você não é como o papai, é, Jeff?

– Como assim?

– Papai era capaz de conviver com a mentira. Você, não.

Jeff não disse nada.

– Por isso você foi embora. Porque não conseguiu me contar a verdade. Jamais seria capaz de me olhar de frente outra vez com essa mentira assombrando você.

Jeff permaneceu calado.

Para Kat, o resto da história já estava mais do que claro. Jeff havia fugido e ingressado numa “fase autodestrutiva”, tal como ele mesmo contara. Envolvera-se naquela briga de bar e fora parar numa delegacia, onde tinha deixado as digitais. Uma vez na base de dados, rapidamente essas impressões haviam surgido nos autos do homicídio de Henry. Stagger dera um jeito nisso, mas sabia que aquilo talvez não durasse para sempre. Provavelmente fora até Cincinatti, à procura de Jeff, para dizer que ele precisava se esconder. Ninguém poderia encontrá-lo.

– Foi o Stagger quem ajudou você a conseguir uma identidade nova como Ron Kochman?

– Foi.

– No fim das contas, você continuou vivendo uma mentira.

– Não, Kat. Um nome diferente, só isso.

– Mas agora você está vivendo uma mentira, certo?

Jeff ficou em silêncio.

– Nessas últimas semanas que passou comigo, você continuou guardando segredo. O que você pretendia fazer, Jeff? Quando a gente voltou, qual era o seu plano?

– Não tinha plano nenhum. No início, eu só queria ficar com você. Não estava me importando com mais nada, entende?

Kat conseguia entender, mas não queria ouvir.

– Depois comecei a me perguntar... – prosseguiu Jeff.

– Perguntar o quê?

– O que seria melhor? Viver uma mentira com você ou viver uma verdade sozinho?

Kat engoliu em seco.

– Então, encontrou uma resposta?

– Não. Mas agora nem preciso mais. A verdade está aí. Não existem mais mentiras.

– Simples assim?

– Não, Kat, com a gente as coisas nunca são “simples assim”.

Jeff foi para a cama e se acomodou ao lado de Kat. Não tentou abraçá-la nem nada. Nem tentou se aproximar. Kat também permaneceu onde estava. Ambos ficaram olhando para as paredes enquanto ruminavam os fatos: os segredos e as mentiras, os solavancos da vida, os anos de sofrimento e solidão. A certa altura, Jeff pousou a mão na cama, junto de Kat, e ela pousou a sua sobre a dele. Por um tempo razoavelmente longo, ficaram imóveis, apenas se tocando nas mãos, quase receando respirar. E, em algum lugar, talvez no rádio de um carro que passava na rua, talvez apenas na sua cabeça, Kat ouviu alguém cantando: “*I ain’t missing you at all.*”

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas, sem nenhuma ordem específica de importância, até porque nem lembro quem fez o quê: Ray Clarke, Jay Louis, Ben Sevier, Brian Tart, Christine Ball, Jamie McDonald, Laura Bradford, Michael Smith (sim, “Demon Lover” é uma canção de verdade), Diane Discepolo, Linda Fairstein e Lisa Erbach Vance. Em caso de reclamações, a culpa é toda deles. Afinal, são eles os especialistas, certo? Por que eu iria sozinho para a berlinda?

Caso seu nome não esteja nesta lista, por favor avise. Será incluído nos agradecimentos do próximo livro. Vocês sabem como sou esquecido.

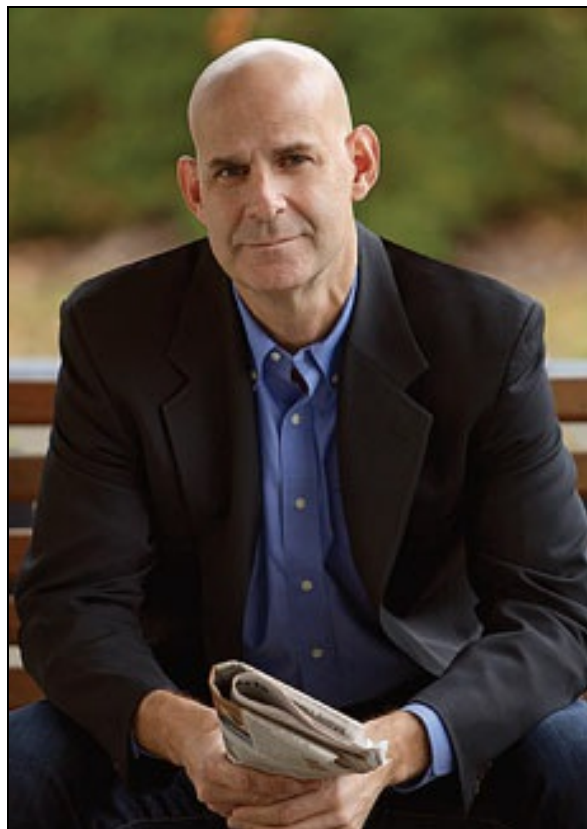
Agradecimentos também são devidos a:

Asghar Chuback
Michael Craig
John Glass
Parnell Hall
Chris Harrop
Keith Inchierca
Ron Kochman
Clemente “Clem” Sison
Steve Schrader
Joe Schwartz
Stephen Singer
Sylvia Steiner

Em troca de terem seus respectivos nomes incluídos nesta história, as pessoas acima – ou seus parentes imediatos – fizeram generosas doações às instituições de caridade da minha preferência. Os que quiserem participar da mesma forma em iniciativas futuras, acessem www.harlancoben.com ou enviem um e-mail para giving@harlancoben.com para obter mais detalhes.

Sobre o autor

© Claudio Marinesco



Vencedor de diversos prêmios, Harlan Coben é o único escritor a ter recebido a trinca de ases da literatura policial americana: o Anthony, o Shamus e o Edgar Allan Poe, todos por livros da série de Myron Bolitar. Suas obras já foram traduzidas para 41 idiomas.

Que falta você me faz ficou sete semanas na lista do Times, alcançando o topo, e teve os direitos vendidos para o cinema.

Aclamado na França, Coben é conhecido como “o mestre das noites em claro”. Seu livro *Não conte a ninguém* foi transformado no premiado filme homônimo estrelado por Kristin Scott Thomas e François Cluzet, disponível no Brasil em DVD.

Harlan nasceu em Newark, Nova Jersey. Depois de se formar em ciência política, trabalhou no setor de turismo. Hoje mora em Nova Jersey com os quatro filhos e a esposa.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DO AUTOR



Seis anos depois

Jake Fisher e Natalie Avery se conheceram no verão. Eles estavam em retiros diferentes, porém próximos um do outro. O dele era para escritores; o dela, para artistas. Eles se apaixonaram e, juntos, viveram os melhores meses de suas vidas.

E foi por isso que Jake não entendeu quando Natalie decidiu romper com ele e se casar com Todd, um ex-namorado. No dia do casamento, ela pediu a Jake que os deixasse em paz e nunca mais voltasse a procurá-la.

Jake tentou esconder seu coração partido dedicando-se integralmente à carreira de professor universitário e assim manteve sua promessa... durante seis anos.

Ao ver o obituário de Todd, Jake não resiste e resolve se reaproximar de Natalie. No enterro, em vez de sua amada, encontra uma viúva diferente e logo descobre que o casamento de Natalie e Todd não passou de uma farsa.

Agora ele está decidido a ir atrás dela, esteja onde estiver, mas não imagina os perigos que envolvem procurar uma pessoa que não quer ser encontrada.

Em *Seis anos depois* Harlan Coben usa todo o seu talento para criar uma trama

sensacional sobre um amor perdido e os segredos que ele esconde.



Não conte a ninguém

Há oito anos, enquanto comemoravam o aniversário de seu primeiro beijo, o Dr. David Beck e sua esposa, Elizabeth, sofreram um terrível ataque. Ele foi golpeado e caiu no lago, inconsciente. Ela foi raptada e brutalmente assassinada por um *serial killer*.

O caso volta à tona quando a polícia encontra dois corpos enterrados perto do local do crime, junto com o taco de beisebol usado para nocautear David. Ao mesmo tempo, o médico recebe um misterioso e-mail, que, aparentemente, só pode ter sido enviado por sua esposa.

Esses novos fatos fazem ressurgir inúmeras perguntas sem respostas: Como David conseguiu sair do lago? Elizabeth está viva? E, se estiver, de quem era o corpo enterrado oito anos antes? Por que ela demorou tanto para entrar em contato com o marido?

Na mira do FBI como principal suspeito da morte da esposa e caçado por um perigosíssimo assassino de aluguel, David Beck contará apenas com o apoio de sua melhor amiga, a modelo Shauna, da célebre advogada Hester Crimstein e de um traficante de drogas para descobrir toda a verdade e provar sua inocência.

Não conte a ninguém foi o livro mais aclamado de 2001, indicado para diversos prêmios, entre eles Edgar, Anthony, Macavity, Nero e Barry. Em 2006 foi adaptado para o cinema numa produção francesa vencedora de quatro Cesars (o Oscar francês), inclusive de melhor ator e diretor.



Confie em mim

A vida no subúrbio de Livingston parece perfeita. Ao olhar para aquelas mansões, todos acreditam que as pessoas que vivem ali são completamente felizes. Mas a verdade é que, como em qualquer lugar do mundo, cada uma daquelas famílias tem a sua tragédia particular.

Mike e Tia Baye, preocupados com seu filho Adam, resolvem invadir a privacidade do garoto e espioná-lo.

Betsy Hill sente-se culpada por não ter percebido as mudanças no comportamento de seu filho Spencer e por não ter feito nada que pudesse evitar seu suicídio.

Guy Novak cria sozinho Yasmin, mas, embora seja um pai extremamente dedicado, não consegue impedir que um infeliz comentário de um professor torne a infância da menina um inferno.

Lucas Loriman está gravemente doente e precisa de um transplante de rim, mas sua mãe Susan guarda um segredo devastador que pode arruinar a família.

Enquanto acompanha as dores, preocupações e angústias de cada um desses personagens, você vai mergulhar numa aventura emocionante e cheia de mistérios, em que todas essas histórias, aparentemente independentes, se conectam num final surpreendente e arrebatador.

Em *Confie em mim*, Harlan Coben nos faz pensar sobre como pais desesperados são

capazes de ultrapassar todos os limites na tentativa de proteger seus filhos.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros livros do autor](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)